

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL – PPGAS

**Um mundo em vários movimentos: uma etnografia
sobre futebolistas de base**

Júlio César Jatobá Palmiéri

São Carlos, agosto de 2015

Um mundo em vários movimentos: uma etnografia sobre futebolistas de base

Júlio César Jatobá Palmiéri

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar como requisito para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social

Orientador: Luiz Henrique de Toledo

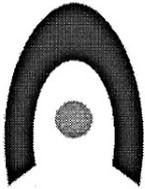
São Carlos, Agosto de 2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P179m Palmiéri, Júlio César Jatobá
Um mundo em vários movimentos : uma etnografia
sobre futebolistas de base / Júlio César Jatobá
Palmiéri. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
277 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2015.

1. Futebol de base. 2. Dom. 3. Valorização. 4.
Ecologia Esportiva. 5. Antropologia das práticas
esportivas. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
Via Washington Luís, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fone: (16) 3351-8371 - ppgas.coordenacao@ufscar.br



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
BANCA EXAMINADORA DA TESE DE DOUTORADO DE

Júlio César Jatobá Palmieri

07/08/2015

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Marcos Pazzanese Duarte Lanna
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Arlei Sander Damo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS

Prof. Dr. José Paulo Florenzano
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP

Submetida à defesa em sessão pública
Realizada às 14:00h no dia 07/08/2015.

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Marcos Pazzanese Duarte Lanna
Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior
Prof. Dr. Arlei Sander Damo
Prof. Dr. José Paulo Florenzano

Homologado na CPG-PPGAS na
_____ª Reunião no dia ____/____/____.

Prof. Dr. Geraldo Luciano Andrello
Coordenador do PPGAS

Aos meus avós e meus pais

Agradecimentos

Aos meus pais, por todo o cuidado, carinho, empenho e dedicação infinitos durante toda minha vida. Não fosse por eles, nada seria possível.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSCar (PPGAS-UFSCar) durante toda minha trajetória, desde o mestrado, e agora, no doutorado. Estendo os cumprimentos também à secretaria do programa. Em especial, agradeço ao Kike, por toda confiança e liberdade para trabalhar durante a longa trajetória. Findamos um ciclo nascido em 2005, na iniciação científica. Posso dizer que, ainda que tenhamos jogado no mesmo time, talvez estivemos um tanto afastados, como que cada um em uma banda do campo. Mesmo assim, quando nos aproximamos e jogamos juntos, a coisa parece ter fluído. Acho mesmo que toda vez que lhe passei a bola quadrada, dominou-a sem dificuldades, arrumou tudo e clareou a jogada. Obrigado. Agradeço também ao Prof. Marcos Lanna, pela companhia desde o mestrado, na qualificação de doutorado e agora na defesa. O que pude entender de Lévi-Strauss foi fortemente facilitado por suas aulas e reflexões. E ao Prof. Piero, presente na qualificação, pelas pertinentes dicas sobre alguns conceitos e bibliografia.

Obrigado aos membros desta banca de defesa por aceitarem o convite, pela leitura e esforço em ajudar-me a entender e enriquecer meu próprio trabalho. São eles: Prof. Dr. Osmar Souza, Prof. Dr. José Paulo Florenzano e Prof. Dr. Arlei Damo.

Devo agradecer também a todos aqueles que estiveram diretamente relacionados ao trabalho de campo e permitiram que a etnografia fosse realizada. Faço referência a toda gente do São Carlos FC, por me abrirem as portas deste clube: os diretores Flavinho, Rodrigo Ramos e Thomas Tinton, o advogado e diretor Marcos Rogério Zangotti, os treinadores André Bernal (sub 15), Vardão (sub 17) e Rodrigo Santana (sub 19), o preparador físico Válter, preparador de goleiros Éilton Brasília e o roupeiro Geraldinho. Vida longa ao futebol feito no estádio Luisão. Ao Clube de Regatas Vasco da Gama, representado nas figuras do coordenador geral Humberto Costa, Almir, seu Teixeira, Tornado e Cássio (treinadores), ao seu Gílson e seu filho João (caseiros do CT-fazenda em Itaguaí). Ao Clube Atlético Penapolense, por permitir que acompanhasse alguns treinamentos da equipe profissional e rever um de meus interlocutores, outrora um garoto mas que, naquela altura, já ocupava o espaço de um profissional do futebol. Ao Clube Atlético Paranaense, principalmente a seus diretores Pedro Martins e William Thomas, ao coordenador Gustavo Frago e o treinador Marcelo Vilhena. Devo agradecer também à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) pela abertura, ainda que dificultosa, e possibilidade de acompanhar treinamentos de suas seleções de base. Foi um tanto conturbado estabelecer contato, mas não posso deixar de agradecer ao coordenador Roberto Valdemar por toda atenção dispensada. Aos uruguaiois em geral, representados por Roberto Roo (Club

Nacional de Futebol) e Gustavo Machain (Danubio FC) e, especialmente, à Associação Uruguaia de Futebol (AUF), imprescindíveis e extremamente solícitos aos propósitos desta pesquisa. Não colocaram um só impedimento para que visitasse o *Complejo Deportivo Celeste* em duas oportunidades e acompanhasse de muito perto o cotidiano de treinamentos de suas equipes de base, sub 17 destacadamente. Seu treinador, Fabian Machado, obrigado pelas *charlas* sobre sua equipe e sobre futebol em geral, permitidas por Matias Faral, assessor de imprensa da AUF e pelo coordenador geral, Eduardo Belza. *Muchas gracias!* E obrigado também aos alemães Lutz Pfannestiel e Ingomar Weiss, pela agradável e sempre divertida companhia durante o Sul-Americano sub 17, na Argentina.

À UFSCar, por ter me acolhido nestes longos 12 anos e ser responsável por toda minha formação superior. Muito obrigado a todos os professores que muito me ensinaram dentro e fora das salas de aula. No espaço do campus desta universidade desfrutei um bocado neste tempo e só posso agradecer: biblioteca, RU, AT's, departamento, cerrado, gramado, lago, bosque, palquinho, quadrinhas, ginásio, piscina e campo (este, um relvado verde e plano, onde corri atrás da bola sob chuva e sol, defendendo a UFSCar). Certamente esta vivência ajudou-me ainda mais a tentar entender este esporte por outras vias. Devo mencionar também, seguindo esta linha, a querida e aguerrida equipe do curso de Ciências Sociais da qual fiz parte desde 2003. Aquele time de camisa cinza vai deixar saudades, não somente pelos campeonatos de 2007 (futsal) e 2011 (futebol de campo), senão por todas as vezes que se reuniu para treinar e jogar. Fomos e seremos ainda muito gloriosos.

Aos amigos, onde estiverem, agradeço pela ajuda e pela presença em discutir (e jogar) futebol, política, antropologia, filosofia, música, cinema, pessoas... sobre a vida. O que aqui escrevi tem suas enormes contribuições, acho que até mesmo maiores que as minhas, afinal, sois muitos. E aos meus familiares, pela presença e consideração, especialmente minha irmã, Lu, e meu avô Hilário, o direto responsável por me apresentar esse esporte – sinto enorme saudade de assistir um jogo a seu lado. E tia Marizete, por me receber em Curitiba, obrigado por tanta generosidade.

À FAPESP, que me concedeu bolsas no mestrado e no doutorado. Nada teria sido feito sem esse financiamento.

À Santa Maria e *Ilex Paraguariensis*, fundamentais no calor e no frio, responsáveis por alento e inspiração.

Por fim, agradeço a todos os garotos futebolistas com quem topei durante esta pesquisa. Esta tese é sobre vocês, para vocês, mas também feita por vocês. O escritor uruguaio Eduardo Galeano tem uma frase muito apropriada sobre o esporte que vocês consideram como sendo suas vidas. Ele diz: “A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever”. Pois felizes os que conseguem fazer do dever, ao menos um pouco, um prazer. Que suas viagens não sejam tão tristes.

O sentimento, ao final, é a gratidão.

Resumo

O tema desta tese é o futebol de base. Seus praticantes, os futebolistas de base, são possuidores de talentos variáveis, fator que os distingue numa escala mercadológica que dinamiza a troca no universo futebolístico. Em busca do futebol profissional, partem do dom futebolístico reconhecido e alimentado pelos que os circundam, agregando muitos outros valores, de ordem prática e simbólica, que dependem das relações estabelecidas dentro do enquadramento institucional desse esporte e que tem a ver com outros futebolistas, treinadores, dirigentes, torcedores, familiares, agentes e mídia especializada, mas também com todo o ambiente onde vivenciam essas experiências. Vislumbra-se, assim, a dinâmica de uma "ecologia esportiva" abordada a partir de uma perspectiva multi-situada onde apresento parte de um emaranhado produtor de superfícies em formação e em constante movimentação e instabilidade, cujas relações entre os atores são mobilizadas em torno daquilo que se define por produção de talentos esportivos, comumente estabilizada por algumas categorizações tomadas aqui por problemáticas, tais como as noções de projeto, carreira profissional e trajetória esportiva. O cenário considerado é o futebol de base no Brasil e parte da América do Sul (Uruguai e Argentina), entre clubes e seleções (sub 15 e sub 17), buscando entender como o mundo dos futebolistas de base é concebido e reproduzido, dentro e fora de campo.

Palavras-chave

Futebol de base. Dom. Valorização. Relações. Ecologia Esportiva. Antropologia das Práticas Esportivas.

Abstract

The theme of this thesis is the youth football. Its practitioners, the youth footballers, are possessed of varying talents, factors that distinguish them in a marketing scale that streamlines the exchange in the football universe. Looking for professional football, they start from the football gift recognized and nurtured by those

who surround them, adding many other values, in a practical and symbolic order, which depend on the relationships established within the institutional framework of this sport and that has to do with other players, coaches, directors, supporters, family members, agents and specialized media, but also with all the environment where they live those experiences. We can glimpse, thus, the dynamics of a "sports ecology" approached from a multi-sited perspective where I present part of some meshwork relations that produces surfaces in formation and constant movement and instability, whose relations among the actors are mobilized around what is defined by producing sports talents, commonly stabilized by some categorizations taken here by issues such as projects, professional career and sportive trajectory. The scenario considered is the youth football in Brazil and part of South America (Uruguay and Argentina), between clubs and national teams (under 15 and under 17), seeking to understand how the world of youth footballers is created and reproduced in and out of the pitch.

Key words

Youth Football. Gift. Valorization. Relations. Sports Ecology. Anthropology of Sports Practices.

Lista de Figuras

<i>Figura 1: Equipe sub 15 do Vasco, em treinamento em Itaguaí-RJ, 2012</i>	54
<i>Figura 2: Área atrás de uma das metas do estádio São Januário, Rio de Janeiro. Aos fundos, as instalações do clube social do Vasco, onde se encontravam, entre outros, os alojamentos e a escola</i>	55
<i>Figura 3: Futebolistas da equipe sub 17 do Vasco, em treinamento em Itaguaí-RJ, 2012</i>	58
<i>Figura 4: Em São Januário, garotos esperam pelos ônibus que os levariam até Itaguaí-RJ, 2012</i>	62
<i>Figura 5: Dentro do complexo onde fica o estádio São Januário estão também localizados algumas instalações do clube social do Vasco, dentre elas quadras de futsal. Rio de Janeiro, 2012</i>	63
<i>Figura 6: CT de Itaguaí-RJ, 2012</i>	63
<i>Figura 7: O campo principal do complexo vascaíno em Itaguaí-RJ. Partida entre Vasco x Friburguense, Campeonato Carioca sub 17, 2012</i>	64
<i>Figura 8: Hotel-alojamento do Atlético Paranaense, CT do Cajú, 2014</i>	69
<i>Figura 9: Campo auxiliar no CT do Cajú, Curitiba, 2014</i>	71
<i>Figura 10: Atletas do Atlético Paranaense em trabalho de recuperação na piscina, CT do Cajú, Curitiba, 2014</i>	75
<i>Figura 11: Seleção Brasileira sub 17, em treinamento em Itu-SP, Spa-Resort, 2013</i>	79
<i>Figura 12: Garotos da equipe sub 15 do Vasco chegam ao treinamento em Itaguaí-RJ e carregam o material do ônibus ao campo</i>	86
<i>Figura 13: Equipes sub 15 de Brasil e Peru prestem a entrar em campo em partida válida pelo Sul-Americano sub 15, Uruguai, 2011. Detalhe para as cores das chuteiras de ambas as equipes</i>	89
<i>Figura 14: A coloração das chuteiras no futebol atual. Fonte: www.globoesporte.com</i>	91
<i>Figura 15: Sala de troféus na sede do Nacional, Montevideú, Uruguai, 2011</i>	118
<i>Figura 16: Sede do Danubio FC, Montevideú, Uruguai, 2011</i>	119
<i>Figura 17: Nacional x Peñarol (subprofesionales), Montevideú, Uruguai, 2011</i>	120
<i>Figura 18: Familiares acompanham Liverpool x Nacional, Montevideú, Uruguai, 2011</i>	123
<i>Figura 19: Óscar Tabarez, treinador da seleção uruguaia adulta, concede entrevista no CDC, Montevideú, Uruguai, 2011</i>	125
<i>Figura 20: Entrada do prédio principal do CDC, Montevideú, Uruguai, 2011</i>	126
<i>Figura 21: Futebolistas da seleção uruguaia sub 17, em treinamento no CDC, Montevideú, Uruguai, 2011</i>	127
<i>Figura 22: Uruguai x Peru (sub 17), CDC, Montevideú, Uruguai, 2013</i>	133

<i>Figura 23: Familiares de atletas da seleção uruguaia sub 17 acompanham a partida contra o Peru ao lado do campo, CDC, Montevidéo, Uruguai, 2013</i>	135
<i>Figura 24: Familiares e futebolistas da seleção uruguaia sub 17 (os dois garotos de capuz) acompanham a partida contra o Peru no estádio Gran Parque Central, Montevidéo, Uruguai, 2013</i>	137
<i>Figura 25: Uruguai (sub 17) x Central Español (sub 20), CDC, Montevidéo, Uruguai, 2013</i>	139
<i>Figura 26: Brasil x Chile jogam pelo Sul-Americano sub 17, Estádio Malvinas Argentinas, Mendoza, Argentina, 2013</i>	154
<i>Figura 27: Após uma partida da seleção brasileira no sul-americano sub 15, Caio (de chuteiras laranjas) caminha até o alambrado para conversar com o pai (sentado, de branco, em primeiro plano). Outros atletas também conversam com familiares. Rivera, Uruguai, 2011</i>	168
<i>Figura 28: Brasil x Uruguai, Sul-Americano sub 17, San Luis, Argentina, 2013</i>	193
<i>Figura 29: Brasil x Argentina, Sul-Americano sub 17, San Luis, Argentina, 2013</i>	203
<i>Figura 30: Uli Weiss, acompanhando uma partida da fase final do Sul-Americano sub 17 ao lado de jovens garotos argentinos, San Luis, Argentina, 2013</i>	206
<i>Figura 31: Folha de avaliação da agência de jogadores Rogon</i>	211
<i>Figura 32: Palmeiras x São Carlos, I Copa São Carlos de Futebol Júnior, São Carlos, 2013</i>	224
<i>Figura 33: Torcida argentina em partida válida pelo Sul-Americano sub 17, San Luis, Argentina, 2013</i>	227
<i>Figura 34: Túnel que liga os vestiários ao gramado do estádio Luisão, São Carlos, 2014</i>	229
<i>Figura 35: Visão do túnel de acesso ao gramado do estádio Luisão, de onde assisti algumas partidas da Copa São Paulo de Futebol Júnior (2014), sempre ao lado do roupeiro Toninho. No banco de reservas somente podem ficar jogadores inscritos e membros da comissão técnica (roupeiro não se encaixa neste perfil. Antropólogos tampouco). São Carlos, 2014</i>	233
<i>Figura 36: Coritiba x São Carlos jogam pela Copa São Paulo de Futebol Júnior (2014), estádio Jorjão, Novo Horizonte, 2014</i>	235
<i>Figura 37: (Figura 26): Brasil x Chile jogam pelo Sul-Americano sub 17. Na foto, vemos alguns personagens: Caio (10), Ábner (6) e Vinícius (7), além do treinador à beira do campo e um grupo de familiares brasileiros no alto, nas arquibancadas, vestidos de amarelo e com bandeiras do Brasil. Mendoza, Argentina, 2013</i>	237

Sumário

i. Preâmbulo	13
ii. Introdução	16
Capítulo I: O Universo do Futebol de Base.....	35
I.I A construção do ser-futebolista e do mundo de um futebolista	36
I.II Um mundo em vários movimentos.....	45
I.III Aqui é trabalho.....	52
I.IV A casa	59
I.IV.I Etnografia de um caso: o Centro de treinamento do Atlético paranaense.....	65
I.IV.II Os cuidados do corpo	77
I.IV.III Treinando representações	82
I.V Coisas: material, chuteira, bola	84
Capítulo II: Dentro de Campo	98
II.I Do que é buscado.....	99
II.I.II Bugigangas eletrônicas e cuidados médico-fisioterápicos.....	107
II.I.III “Falar duro, chegar a porrada”	111
II.II O Projeto Uruguai.....	116
II.III Sobre certa linguagem do futebol.....	142
II.IV Crescimento.....	156
Capítulo III: Do que não é visto.....	159
III.I Acaso e apadrinhamentos	163
III.I.II Valinhos, Caio e suas andanças.....	167
III.I.III Hugo: o Gato de quatro anos	177
III.I.IV Valdir: o “Gato Oficial”	178

III.I.V Apadrinhamentos no Vasco	181
III.II Como vê um scout.....	183
III.III O som do ambiente	216
III.IV “Transver” o mundo.....	245
Considerações Finais.....	263
Referências Bibliográficas	270

i. Preâmbulo

Era mais uma manhã quente e abafada de abril em Itaguaí, interior do Rio de Janeiro. Sendo o Centro de Treinamento (CT) do Vasco da Gama também uma fazenda, localizado no bairro rural de Piranema, havia muitas árvores e sombras para todos os lados e ao redor de todos os campos. Numa destas, atrás de uma das metas, fato que parecia se repetir todos os dias, o coordenador das categorias de base do clube, seu Teixeira¹, sentava-se numa dessas cadeiras de plástico desmontáveis antes do treinamento. Sabia o nome de todos os atletas e “cornetava”² quase todas as jogadas, é dizer, exprimia sua opinião sempre que possível, quase a cada lance, seja para elogiar, seja para criticar o que havia se passado em campo. Os garotos o respeitavam, mas não perdiam a oportunidade de tirar sarro de seu jeito sério e turrão. Cultivando aquilo que para muitos que participam do universo do futebol atual seria um péssimo exemplo, fumava sem parar durante todo o dia de trabalho. Era comum uma cena na qual garotos se dependuravam em seus braços, a brincar, enquanto ele mantinha o celular grudado num dos ouvidos e o cigarro na outra mão.

Como o CT ainda estava em reformas, todos os dias dois ônibus deixavam São Januário, complexo administrativo e esportivo do Vasco da Gama, situado no bairro São Cristóvão, zona central da capital fluminense, em direção ao interior, sessenta quilômetros a oeste. Levavam tanto os “federados”, aqueles atletas com “situação regular” e inscritos em alguma competição que se aproximava, quanto aqueles

¹ Antônio José Teixeira era coordenador da equipe juvenil do Vasco desde 2007, com passagens pela seleção brasileira (2000 a 2002) e São Cristóvão (2001). Aproveito para esclarecer que utilizo os nomes verdadeiros de meus interlocutores em alguns momentos mas em outros eles estão alterados, por pedido dos mesmos. Quando apresentados, como neste caso, trata-se de seus reais nomes.

² Cornetar significa, no universo do futebol, expressar-se no sentido de, normalmente, criticar o que acontece dentro de campo. Como coordenador de uma equipe de base, as opiniões ou as “cornetadas” de Seu Teixeira serviam, supostamente, para ensinar os garotos e evidenciar um sentido de cobrança sobre o futebol daqueles jovens futebolistas. Torcedores, jornalistas, pais, dirigentes, enfim todos os personagens envolvidos no futebol “cornetam” jogadas deste esporte, uns mais, outros menos.

denominados de “experiência”³, atletas em fase de testes. Estes ficavam em treinamento por alguns dias e após um período variável, longo ou curto, algo impossível de se prever, e podiam ou não estabelecer algum vínculo mais permanente com o clube, tudo a depender de seus desempenhos técnicos nessa fase de experimentação ou teste.

A palavra teste tem um significado caro no futebol de base: uma atividade que gera tensão, preocupação, euforia e possibilidades. Um teste é um evento no qual jovens futebolistas são, como diz a palavra, testados e, a partir daí, confirmam expectativas (deles mesmo e de seus círculos) ou fracassos, a depender do resultado. Resultado este que pode não ser conhecido logo após seu término justamente porque um teste pode ser prolongado em vários dias, exatamente o que presenciei em Itaguaí, quando os “experiência” passavam dias em treinamento e sendo avaliados constantemente. No entanto, um teste pode durar apenas alguns minutos, realizado num único dia e, por isso mesmo, é possível que um futebolista nem consiga demonstrar toda sua capacidade. Daí as dificuldades e a enorme gama de possibilidades intrínsecas a um evento como este. Um teste também pode ser chamado de peneira, mas no limite possuem o mesmo significado prático: treinadores, olheiros, agentes e até mesmo dirigentes colocam-se na posição de analisar o jogar de jovens futebolistas e podem, muitas vezes, definir seus deslocamentos pelo universo do futebol de base, a depender de suas avaliações.

William, atacante em idade juvenil (sub 17) e que já havia passado por testes noutro clube carioca, o CR Flamengo, estava em observação. Era “experiência” e, como tal, aguardava sua chance para entrar no treinamento coletivo naquela manhã. Ele já havia sido repreendido pelo preparador físico por não portar as caneleiras, acessório obrigatório, e ficou de fora da atividade até os minutos finais, quando um companheiro que deixava o campo lhe emprestou a proteção. Naquele momento não restavam mais que cinco minutos de treinamento.

³ As expressões “federados” e “experiência” foram ouvidas no cotidiano em Itaguaí. Como dito, eram usadas para se referir aos dois grupos de atletas presentes no dia a dia do centro de treinamento vascaíno: os primeiros são aqueles com algum vínculo com o clube e já inscritos na Federação Carioca de Futebol, geralmente com algum tempo de casa; os segundos estavam em situação provisória, normalmente em testes ou avaliações e que ainda não possuíam vínculo com o clube. Embora em outros contextos ouvi outras expressões, apresentadas ao longo do texto quando pertinente, “federados” e “experiência” foram ouvidas apenas no ambiente do Vasco da Gama.

O auxiliar técnico que comandava o treino – Tornado⁴, o treinador, já estava à sombra junto a mim e ao seu Teixeira – revelou-nos o desconforto que havia passado com Willian num momento em que ao chamá-lo para entrar no jogo fora surpreendido com a seguinte resposta: “só agora?”. Tornado enervou-se e recusou a escalar o jovem atacante, dada a resposta irônica disparada. Dirigiu-se ao coordenador da base vascaína e disse que o garoto estava fora dos planos e que não precisava retornar no dia seguinte. E com o fato já deflagrado emendou ainda que conhecia aquele jovem atleta, ao menos parte de sua breve trajetória e suas “histórias” na base do clube rubro-negro, finalizando seu veredito com a retórica da rivalidade como justificativa complementar à dispensa de Willian. O fato de o garoto estar tentando construir uma carreira no Vasco após passar pelo Flamengo indica que sua primeira tentativa não foi de sucesso. Na verdade, a questão da rivalidade entre os dois clubes quase não interfere na dispensa justamente porque Willian, ainda um aspirante a jogador, não tem história nem peso no mercado do futebol. Não tendo obtido sucesso no Flamengo, tentava o Vasco, e isso poderia servir-lhe de fator positivo, pois quem não quer um bom jogador no clube mesmo que tenha passado por um clube rival? A rivalidade pode mesmo emperrar negociações, mas é algo situacional, a depender do potencial que jogadores podem ou não exibir. Talvez se Willian fosse mais disciplinado, assunto tratado ao longo da tese, teria melhor sorte e a questão da rivalidade entre os clubes nem aparecesse no discurso do treinador.

Após o treinamento, quando todos já se encaminhavam para os dois ônibus que levariam os grupos de volta ao estádio São Januário, vi seu Teixeira se dirigir ao bagageiro do coletivo onde William ajudava um colega a guardar o material. Trazia a ficha de registro do garoto e pisava duro; estava a caminho de transmitir-lhe seu incerto destino. Há cerca de três metros da cena eu esperava, ainda em pé do lado de fora, por um lugar vazio que sobrasse e me levasse também à cidade. Dali não podia ouvi-los, pois os dois ônibus da caravana já estavam com os motores ligados e o barulho geral da arrumação impedia que eu tomasse ciência dos termos da conversa. O que não me impediu constatar o óbvio, seu Teixeira entregar alguns papéis ao garoto (cópias de seus documentos oficiais e uma ficha de registro que o clube tem por costume utilizar quando recebe um futebolista para testes), pronunciar meia dúzia de palavras e se voltar

⁴ Tornado é o apelido de Kléber Henrique de Freitas (11/05/1964) nascido no Rio de Janeiro e ex-meio campista profissional. Atuou pelo Vasco, Ceará SC e União D. Leiria, de Portugal. Trabalhou como treinador nas categorias de base do Vasco entre os anos 2008-2012.

para tomar seu devido lugar. William, cabeça baixa e desolado, rumou na direção contrária, um tanto atordoado: subiu no ônibus errado, o da equipe infantil, onde permaneceu durante todo o trajeto. Teixeira passou por mim visivelmente incomodado com a atitude que teve de tomar e com expressão de poucos amigos. Mesmo afirmando tratar-se de um atacante promissor, com boas possibilidades de “vingar” no futebol – essas afirmações foram ouvidas por mim no início daquela manhã, quando o coordenador conversava com alguns membros da comissão técnica sobre alguns dos garotos em testes naquele dia – o experiente coordenador da base vascaína teve que preterir-lo do clube por uma atitude que não está diretamente ligada com o “jogar” do garoto. Aquele tipo de comunicado parecia ser praxe para alguém na posição de Teixeira, algo inerente ao cargo que ocupava, tamanha procura e escasso número de vagas⁵: na prática, seu trabalho pressupunha a possibilidade de acabar – ou ao menos adiar indefinidamente – [com] o sonho de um futebolista de dezesseis anos de idade. William, ao chegar ao bairro de São Cristóvão, desceu do coletivo vascaíno e caminhou sozinho até fora do estádio. Calado, esperou por outro ônibus que o levaria a sua casa. Durante todo o período que permaneci junto ao Vasco nunca mais vi William treinar por ali.

ii. Introdução

Este é apenas um fragmento dos inúmeros “cenários etnográficos” que se multiplicarão neste trabalho e que dirão respeito àquilo que comumente é chamado de futebol de base, isto é, o aprendizado de uma prática futebolística que está na linha direta de continuidade com o futebol profissional praticado em diversos contextos, coroado no denominado futebol profissional e de espetáculo – se levarmos em consideração as matrizes futebolísticas⁶ propostas por Damo (1997; 2008) – guarda peculiaridades e descontinuidades importantes. Nesse sentido, o futebol de base pode

⁵ “Calcula-se que, no Brasil, de 100 jogadores que atingem a categoria de juniores (a última antes da profissionalização), apenas 1 torne-se profissional, e 90% desses profissionais receberá como pagamento entre 1 e 4 salários mínimos. Dos 10% que sobram, ou seja, que recebem mais de 4 salários mínimos, calculo que apenas 1% transitará pelos grandes centros futebolísticos mundiais, e destes, apenas uns 500 receberão entre 400 mil a 40 milhões de euros anuais” (Rial, 2009: 204).

⁶ Matriz bricolada, espetacularizada, escolar e comunitária. Falo sobre tais matrizes, mais detalhadamente, na sequência do texto.

ser concebido como espécie de *devenir futebol profissional*, para aproximarmos cautelosamente da noção de devir (Deleuze e Guattari, 1995; 1997), ou seja, uma prática que embora produtora de sentidos e dilemas próprios só o faz se projetando em “outros” futebolistas, mas não somente no futebol profissional, uma vez que não o concebo como sendo tão somente uma etapa final dentro da trajetória percorrida e vivida pelos jovens aspirantes ao futebol profissional.

Os propósitos desta tese não são tomar o futebol de base simplesmente como uma etapa anterior de um futebol maior, ainda que a potência desse fato mobilize todos os atores aí envolvidos, de jovens pretendentes a jogadores, técnicos e dirigentes. Mas também não estaremos diante de um mero modelo reduzido, ou mesmo uma cópia ainda imperfeita de um futebol que virá a ser, ou ainda e tão somente um estágio inicial daquilo que futuramente se complexificará.

Logo de início assumo o futebol de base como sendo um arranjo tão complexo quanto aquele que se apresentará como seu desdobramento lógico, o futebol profissional. E assim não pode ser tomado como mero simulacro ou uma virtualidade no sentido de ser oposto à (dura) realidade do futebol profissional. Ele em si mesmo constitui suas durezas, dilemas, conflitos, incertezas tais como precocemente vividos por Willian, enfim, porções de realidade desses jovens que em continuidade com o futebol profissional tomado como devir produzirão suas próprias linhas e emaranhados de relações que conduzirão esses mesmos pretendentes a jogadores por muitos caminhos. Caminhos que não necessariamente os levarão rumo à profissionalização, glória e à fama que tanto fazem emular da prática em nível espetacularizado.

Dentro deste(s) universo(s) nota-se que alguns dos praticantes, a quem chamo simplesmente por futebolistas de base, estão inseridos num emaranhado de relações sociais que lhes são anteriores e lhes escapam, e aqui apresento uma leitura de tais relações. Antes, porém, procurarei delimitar o olhar imposto, já que o futebol de base é subdividido em algumas categorias prévias e que, no limite, impõem restrições e direcionam, de alguma forma, os deslocamentos dos futebolistas – bem como de alguns outros personagens – por este universo.

O que temos, então? Basicamente e por hora, no Brasil a base é formada por três categorias específicas: sub 15 ou infantil, sub 17 ou juvenil, e sub 20 ou júnior. Há clubes que ainda trabalham garotos desde o sub 11 ou pré-mirim, e sub 13, mirim,

notadamente os mais estruturados, mas em geral a nomenclatura das três primeiras categorias são as mais utilizadas porque grande parte dos clubes brasileiros não tem estrutura física e financeira para cuidar de garotos desde tão cedo. O verbo cuidar é utilizado aqui muito porque clubes de futebol mantêm-se, bem ou mal, na tarefa de cuidar, de alguma maneira, de jovens garotos que muitas vezes se deslocam pelo país em busca de se tornarem profissionais da bola: alojam, oferecem alimentação, matriculam os atletas em escolas, os fazem treinar para mantê-los aptos fisicamente na condição de atletas, mas também os fazem jovens comuns dentro de uma carreira que, mesmo que tudo dê certo no processo de profissionalização, é tão curta e cheia de percalços. A palavra cuidar, no entanto, não é utilizada pelos clubes quando mantém jogadores sob suas responsabilidades. É mais comum dirigentes e familiares utilizarem-se de outros verbos como “alojar” ou mesmo “morar”, entre outras variações: “João está alojado no São Carlos”, “Vinícius não fica alojado em Xerém [cidade-sede das categorias de base do Fluminense], ele mora em casa mesmo”, “Caio morou em São Januário, mas agora ele não fica mais alojado, não” são alguns exemplos usados pelos interlocutores quando questionados. O verbo cuidar, de fato, nos aproximaria a uma terminologia tradicional de parentesco ou algum “familismo”. Veremos que a transição do futebol de base para o profissional está fortemente amparada, ao menos em nosso contexto etnografado, nesse tal “familismo” ou, se pudermos nos aproximar aqui do conceito cunhado por Spaggiari (2014), na *família esportiva*, mais próximo de noções como relacionalidade proposto por alguns autores, entre outros, Carsten (2003).

São muitos os atletas de base registrados na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), mas, mais que isso, temos de considerar a seguinte realidade: a cada ano, entram e saem deste universo muitos novos atores. Digo principalmente em relação aos futebolistas, mas isso também vale para todos os demais personagens envolvidos: treinadores, preparadores físicos, médicos e fisioterapeutas, dirigentes, roupeiros e até mesmo torcedores, familiares e todo o entorno do que chamo de futebol de base. Um universo bastante complexo, como todos os demais e que se mostra, logo num primeiro olhar, articulado a muitas movimentações, circulação, lugares de idas e vindas causadas por diversos fatores que nem sempre são subsidiários das práticas cotidianas vivenciadas dentro do futebol. Há também uma variabilidade na definição dessas categorias de acordo com o local analisado por este trabalho: no Paraná, por exemplo, temos competições que definem a idade base como sub 19 e sub 23. Em escala mundial

também vemos essa variação, e aí os futebolistas são redistribuídos de acordo com a idade apresentada.

O recorte feito neste trabalho indica pensar numa certa *maioridade futebolística*, que é definida na passagem do infantil ao juvenil, já que aos dezesseis anos um garoto pode assinar seu primeiro contrato profissional, mesmo que não seja com seu próprio punho: como são ainda juridicamente considerados menores de idade, ou seja, ainda não atingiram a maioridade legal, são seus responsáveis – normalmente familiares – que assinam o contrato. Aos dezoito, então, poderão assinar o segundo contrato profissional⁷. Portanto, trago o que foi visto entre jovens futebolistas localizados, sobretudo, entre o sub 15 e o sub 17, em diversos contextos etnografados como competições, clubes e seleções. Ressalto que por vezes nos deslocaremos até o sub 20, já que segui o transcurso da carreira de alguns atletas na tentativa de saber o que aconteceu durante o percurso até bem próximo do profissionalismo. Algumas vezes este estágio é alcançado precocemente, pulando etapas, em outras, garotos chegam ao futebol adulto mas, como não estão ainda preparados de acordo com a leitura que fazem os profissionais envolvidos (treinadores, dirigentes e demais membros de comissões técnicas) retornam ao futebol de base temporariamente, mostrando que tais carreiras não são unidirecionais e que estão em movimento.

A experiência neste campo, e nestes campos, teve início com jogos oficiais da categoria infantil e limitei-me ao Campeonato Paulista. A imprensa esportiva em geral e os demais envolvidos que trabalham diretamente com futebol – treinadores, dirigentes, agentes – e ainda setores torcedores que acompanham com mais afincado apontam os campeonatos do eixo Rio-São Paulo como os melhores do país. Não está claro o real motivo para esta assertiva, que se encaixa melhor ao futebol profissional, mas que se estende por contágio às categorias de base. O fato é que a pujança econômica dos estados, sua alta densidade demográfica e um discurso recorrente que é produzido e alimentado exatamente a partir desta região – como se de “dentro para fora” – que permanece há décadas acaba por estabelecer os supostos parâmetros de excelência desses torneios estaduais sobretudo no sudeste e sul. Há que se notar que nestes locais

⁷ Chamo atenção aqui para este termo, que se refere à idade chave do futebol brasileiro de base. A chamada Lei Pelé (Lei n. 9615/1998) determina, entre diversas outras coisas, que um atleta só pode assinar contrato profissional com um clube quando completar dezesseis anos. Antes disso ele treina e joga sem vínculo trabalhista, mas, como estamos vendo, recebe salários ou ajuda de custo, algum montante financeiro que represente isso. A passagem dos quinze aos dezesseis anos, na prática do infantil ao juvenil, é muito importante e, talvez por isso, eleita como cenário de observação.

estão concentrados boa parte dos considerados grandes times brasileiros, o que leva nossos informantes a bem avaliarem, também, os torneios no Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais⁸.

Acompanhamos na sequência um pouco do que se passou no futebol de base carioca, influenciado pelo que vi na seleção brasileira sub 15 num torneio específico, o Sul-Americano sub 15 (2011): como indicado na nota 8, uma geração de bons jogadores daquele estado formou boa parte dos convocados para o selecionado da categoria. Intrigado, investi numa breve vivência neste ambiente. Também passei por competições que envolveram clubes de todo o país e outras disputadas por seleções do mesmo continente, como torneios sul-americanos de base. Desde já adianto que sempre me pareceu haver uma diferença clara quando assistimos um torneio estadual, como os Campeonatos Paulista e Carioca, e os torneios Sul-Americanos. Estes trouxeram os considerados “melhores jogadores” da geração 1996/1997, o que tornou o jogo e o escopo da própria observação quase outros. Em nível de seleções, a intensidade é diferente – os garotos parecem mais velhos e mais fortes –, a qualidade técnica é bastante refinada para atletas tão jovens e todo o aparato que cerca o torneio deixa tudo mais “espetacular”, digamos, sobretudo porque é aqui que mais fortemente noções mais reificadas de *nação* e *identidade* afloram: os uniformes oficiais com os nomes de cada jogador às costas, bandeiras, hinos nacionais, os idiomas diferentes e os sotaques variados. É possível sentir diferenças e, como propomos e será visto, estas diferenças foram notadas e estão apresentadas de acordo com variadas percepções, desde lugares distintos, com olhares peculiares.

Já fora de campo o clima é mais parecido com o que estamos acostumados a ver em gramados brasileiros em geral quando o assunto é futebol de base. O incentivo e energia despendidos por torcedores, dirigentes, treinadores e pais, desde as arquibancadas, é um processo intrínseco a este cenário. Assim, estivemos a observar, em algumas oportunidades, atletas de no máximo quinze anos de idade – alguns até mesmo com catorze – o que implicou, em alguns casos, na presença mais ostensiva de pais e mães juntos aos seus rebentos, mesmo bem longe de casa. Embora adolescentes

⁸ Uma breve ilustração que corrobora a assertiva: para o torneio sul-americano sub 15 (realizado no Uruguai, em 2011) foram convocados vinte atletas: treze atuavam por clubes cariocas, três por paulistas, mais três no Rio Grande do Sul e um da Bahia. E para o sul-americano sub 17 (realizado na Argentina, em abril de 2013), que abarca a mesma geração de atletas – aqueles nascidos entre 1996 e 1997 – foram convocados vinte e cinco atletas: eram oito cariocas, sete paulistas, sete gaúchos e três paranaenses.

já recebiam um salário que muitos brasileiros não imaginam receber, alimentação administrada por especialistas e vida regrada, contratos de patrocínio que sustentam, muitas vezes, os próprios familiares. Este parece ser um quadro interessante para pensarmos parte do contexto da dádiva no mundo do futebol, especialmente quando tratamos de garotos tão precoces. Pretendo tratar desta questão ao longo do texto, ou seja, como se daria a produção daquilo que pode ser chamado de dom futebolístico na série complexa de relações e vidas que se mesclam nesse contexto.

Sobre o Sul-Americano sub 15 em 2011, especificamente, adianto aqui que a seleção brasileira, dentro de campo, foi muito superior a seus adversários durante todo o torneio. Apenas um empate, logo na estreia, contra o time colombiano, vice-campeão. De resto somente vitórias, algumas facilmente conquistadas, ao menos aos olhos de quem viu de fora. O bom desempenho indicava, a princípio, além de uma geração de atletas talentosos, a dedicação a um trabalho realizado pela comissão técnica e, de modo mais geral, por toda coordenação do futebol de base da CBF, chefiados por Ney Franco, à época o treinador da equipe júnior (sub 20).

Este trabalho teve início ainda em 2010, quando de um novo ciclo na seleção brasileira⁹, após a eliminação na Copa do Mundo da África do Sul e a troca de Dunga por Mano Menezes no cargo principal de técnico. O discurso anunciado indicava que a entidade que comanda a seleção nacional e organiza, em grande medida, o futebol brasileiro procurava algo até então inédito: um trabalho conjunto, ordenado e unificado, buscando modelar a formação de jogadores de futebol na seleção brasileira. Foram organizados alguns seminários, encontros e palestras motivados pela presença de Ney Franco – também coordenador geral da base da seleção, recebendo diversos treinadores do futebol nacional em sua sede, em Teresópolis-RJ. A experiência e o conhecimento das comissões técnicas à frente das seleções profissional, juvenil e infantil permitiriam a troca de vivências e informações sobre os atletas e, sobretudo, sobre futebol de base. Os outros vértices deste triângulo eram Émerson Ávila como treinador juvenil (sub 17) e Marquinhos Santos no infantil (sub 15). Eles visavam conhecer mais a fundo os

⁹ É comum entre aqueles que acompanham o futebol de modo mais detido dividirem a vida da seleção brasileira de futebol de acordo com as Copas do Mundo, talvez o torneio de maior apelo. O discurso indica que a cada quatro anos inicia-se uma nova fase, com a disputa das eliminatórias e a preparação e busca pela vaga que leva ao mundial. Quando de uma troca de comando, como ocorrido – em dezembro de 2012 Mano Menezes foi demitido e um mês depois anunciou-se a contratação de Luis Felipe Scolari – a ideia de um novo ciclo também reaparece. Este trabalho indica um outro olhar para o mundo do futebol. De fato, não cíclico como tentarei mostrar no decorrer do texto.

campeonatos, os atletas e as categorias. Comentou-se entre os especialistas de futebol de base no Brasil que o projeto representava um início, um começo de trabalho que buscava algo já realizado em vários outros países: no próprio Uruguai, onde conheci pessoalmente o projeto e o apresentarei na sequência, na Espanha¹⁰, na Coreia do Sul¹¹, na Alemanha¹² (que em 2008/09 venceu simultaneamente os Campeonatos Europeus sub 17, sub 19 e sub 21, até então um feito inédito) e na França, já analisada por Damo (2007) e Juskowiak (2010). Tais comparações entre estilos e escolas de jogo são interessantes e, acredito, foram criteriosamente observadas e estão aqui descritas.

É possível notar certas mudanças ocorridas em relação ao fluxo de recursos e atenção gastos por clubes, dirigentes, treinadores e agentes no futebol de base no Brasil e também em partes do mundo. Não podemos estabelecer uma data precisa, mas ao longo das últimas duas ou três décadas este futebol tornou-se uma dimensão do futebol de espetáculo que despertou muita atenção, fazendo-o atingir muitos países e, conseqüentemente, se tornando mesmo muito rentável¹³. Assim, a profissionalização e a “cientifização” passaram a ser não mais prerrogativas do contexto profissional, senão também dinâmica observada nas categorias de base, exatamente estas tratadas por essa tese. Pois se é buscado e desejado que se tenha no futebol profissional equipes competitivas, seria no futebol de base, antes, que deveria haver investimentos.

No entanto, foram necessários dois anos até que a CBF contratasse os treinadores exclusivos para suas categorias de base – no caso, os já citados Marquinhos e Émerson, efetivados em março de 2012. Antes disso, no contexto brasileiro, essas

¹⁰ A Espanha iniciou um trabalho de coordenação em suas categorias de base em meados dos anos 1980. O primeiro fruto deste trabalho foi a conquista da medalha olímpica de ouro em 1992, em Barcelona. Em 1999 conquistaram o mundial sub 20 com vários jogadores que atualmente defendem a seleção principal bicampeã europeia (2008-2012) e campeã do mundo (2010).

¹¹ Na Coreia do Sul, diferentemente do Brasil, jovens futebolistas não iniciam suas carreiras em clubes profissionais. A introdução no mundo do futebol se dá através da esfera educacional, desde escolinhas de recreação até o ensino regular. De lá são encaminhados para as universidades e, só então, podem ser contratados por clubes de futebol.

¹² Desde o ano 2000 a Federação Alemã de Futebol (Deutscher Fussball-Bund) mantém seu Programa de Desenvolvimento de Talentos, que conta com cerca de 366 centros de treinamentos espalhados por todo o país, que recebem jovens futebolistas, alojando-os e matriculando-os em escolas públicas. O programa também forma treinadores (já são cerca de 1300 profissionais) e, segundo dados oficiais, foram mais de 10 mil visitas realizadas por equipes que contam com até quatro treinadores que viajam em uma das trinta viaturas fornecidas pela federação. Ao mesmo tempo, organizaram-se os torneios de base de modo a compatibilizá-los com o futebol profissional (até mesmo o *fair play* financeiro é praticado, evitando possíveis desequilíbrios entre as equipes).

¹³ A afirmação é válida tanto para o futebol profissional como para o futebol de base que, em geral, recebe os impactos de mudanças no primeiro com o passar do tempo. Dada a falta de bibliografia que trate do tema sobre o futebol de base, indico aqui uma abordagem que mostra, em parte, essa guinada do futebol rumo ao mercado e ao espetáculo: Coelho (2009).

equipes nunca haviam tido um técnico com carteira assinada, como de fato ocorre na seleção principal. Eis a fala de um ex-treinador da base da seleção nacional, sobre este cenário em transformação:

“Não temos nenhuma relação de trabalho com a CBF. Somos convocados e realizamos um trabalho de prestadores de serviços. Se eu realizar seis dias de observação, ganho por seis dias naquele mês. Como pode? (...) Você não pode ir ao prédio da CBF sem ser chamado para não implicar e ter que receber aquele dia. É o fim do mundo.”¹⁴

Podemos imaginar que se esta prática é peculiar ao mais alto nível do futebol de base brasileiro – a seleção nacional – nos clubes o que se vê não se distancia disso porque muitos profissionais não trabalham em regime de carteira assinada e os acordos são meramente verbais. Isso não exclui a ocorrência de inúmeros conflitos e este suposto jogo de confiança colocado nos termos da informalidade muitas vezes incita vários tipos de problema, como trocar treinadores à medida em que os resultados não aparecem. Aqui temos a declaração de um treinador da equipe sub 20 do São Carlos FC, em janeiro de 2014, sobre seu contrato: “não tenho contrato, não. É tudo na base da palavra”. Evidentemente, vários clubes brasileiros firmam contratos trabalhistas com seus profissionais, isso não é exceção e veremos, por exemplo, como isso acontece no Clube Atlético Paranaense. Mas a existência de práticas variadas em relação aos contratos firmados na formação das comissões técnicas aponta para um processo inacabado de valorização e profissionalização do futebol de base.

Acompanhando a repercussão sobre as seleções de base no ano de 2011, muito se especulava sobre as qualidades da geração 96/97¹⁵. A imprensa esportiva especializada e demais atores deste universo consideravam esta como “uma geração de ouro” para o futebol brasileiro, dada a quantidade de bons jogadores que despontavam e se espalhavam por alguns clubes brasileiros.

¹⁴ Declaração colhida em reportagem assinada pelo jornalista Dassler Marques para o *website* especializado em futebol de base <http://www.olheiros.net>, consultado no dia 14/03/2012.

¹⁵ É comum no meio futebolístico de base referir-se dessa maneira a certo grupo de atletas e reafirmando seu ano de nascimento. No caso, chamo de geração exatamente por abarcar dois anos seguidos. É comum também fazer referência ao jogador exaltando este marco: “Caio é 96”, por exemplo.

Como indiquei na nota 8, boa parte da seleção era formada por jogadores vindos de clubes cariocas, o que gerou algumas reclamações da parte de dirigentes e imprensa de outras regiões do país. As escolhas do treinador Marquinhos Santos teriam privilegiado os clubes e o próprio campeonato carioca em detrimento dos demais. Sabe-se que cada convocação de seleção produz um grau de exposição sem precedentes, submetendo os jogadores às movimentações de toda ordem: status, prestígio, visibilidade na mídia, alterando toda sorte de especulações em torno de suas carreiras, possíveis negociações contratuais trabalhistas etc.

E dentro dessa dinâmica as visões são variadas, pois clubes podem ver com bons olhos a convocação de um atleta para a seleção, o que o valorizaria, especialmente se este estiver com contrato profissional assinado e multa rescisória estabelecida, mas também uma convocação pode ser recebida pelos dirigentes de clubes com ressalvas, se o jogador ainda tiver menos de dezesseis anos – o que significa que ainda não tem contrato profissional – ou se já atingiu a *maioridade futebolística* e continua sem vínculo, situação na qual o clube teme a exposição precoce de jogadores que ficariam expostos às investidas de outros economicamente mais fortes, ou até mesmo de grupos de empresários que investem em jogadores de futebol, representando, ou não, um clube.

Foi o que aconteceu na Copa Nike sub 15 em 2012, considerada das principais, senão a principal, competição na categoria¹⁶. No total, oito dos grandes clubes do país não foram ao torneio (Cruzeiro EC, Atlético Paranaense, EC Vitória, São Paulo FC, CR Vasco da Gama, Fluminense FC, CR Flamengo e Botafogo FR). Os três primeiros clubes desta lista nem ao menos cederam atletas para a seleção brasileira infantil. Seguindo a imprensa especializada¹⁷ um dirigente carioca respondeu o seguinte quando perguntado sobre o motivo da não ida à competição infantil: “Com Corinthians, Internacional e Sonda¹⁸ por lá, a gente é que não iria (...) Até achamos que o acordo da

¹⁶ O discurso que aponta esta como uma das principais competições da categoria no país é produzido pelos organizadores (trata-se de uma das maiores empresas de material esportivo do mundo), reforçado pelos clubes (que exaltam suas performances quando vencedores) e pela imprensa especializada que acompanha mais detidamente este futebol.

¹⁷ Em matéria assinada pelo jornalista Dassler Marques no *website* <http://www.olheiros.net>, dia 22/05/2012. Já adianto aqui que procurei acompanhar de modo mais detido possível o que se reproduz entre os especialistas em futebol de base; este não é tão retratado e acompanhado como o futebol profissional, mas é possível seguir algumas histórias a partir do que relatam esses profissionais.

¹⁸ Em 2012, o grupo Sonda controlava a décima primeira maior rede de supermercados do país – eram vinte e quatro lojas e faturamento da ordem de R\$ 2 bilhões. Dentre outros, era dono da DIS Esportes e Eventos, terceira maior empresa do grupo que tem entre seus donos Delcir Sonda, gaúcho com amigos na diretoria do Internacional, de Porto Alegre. Sonda investiu dinheiro e ajudou o clube a assinar contrato

CBF vá melhorar as coisas, mas os empresários e os fundos de investimento não participam disso, então é incerto”.

O “acordo da CBF” citado pelo dirigente na fala acima diz respeito ao trato que clubes brasileiros firmaram em 2012. Eles o consideram como um “acordo de cavalheiros”, no qual se comprometeram a não contratar atletas da base que estejam em litígio ou em negociação com outros clubes. No decorrer do texto algumas histórias de vida de alguns de nossos informantes elucidarão o quadro. Na prática, este acordo foi cumprido. Em dada época, enquanto escrevia, por exemplo, o São Paulo estava sob “investigação” pelos demais assinantes do tal acordo, por conta de denúncias que envolviam seus funcionários e o assédio por eles praticados sobre atletas de outros clubes. Um destes casos envolveu um dos futebolistas observados durante a etnografia empreendida junto ao Vasco, o lateral direito Anderson Foguete. Dizem que a conduta do clube paulista “foi imoral, mas não ilegal”, já que o atleta estava sem receber no Rio de Janeiro e conseguiu a liberação judicialmente. Em outro caso o mesmo clube paulista foi acusado de “roubar” o lateral-esquerdo Bruno Dip, do SC Corinthians Paulista. O alvinegro afirmou ter informações concretas que indicavam o aliciamento do garoto por parte de José Geraldo de Oliveira, gerente das categorias de base do São Paulo, durante a Copa Votorantim sub 15, em janeiro de 2013. De acordo com a coluna “Prata da Casa”, do portal Terra, especializado em futebol de base, o jovem nascido em 1998 recebia R\$ 500 no Parque São Jorge¹⁹ e teria passado a receber R\$ 6 mil. O que se passa é que alguns clubes se aproveitam da fragilidade de uma situação específica – o litígio entre atleta e clube, já que muitas vezes não há ainda um acordo legal que os vincula ou multa rescisória que precisa ser paga para que se rompa o contrato e outro seja firmado

com o promissor Rafael Sóbis. Em 2006 o atacante foi vendido ao espanhol Real Bétis e a negociação envolveu somas no valor de R\$ 25 milhões. Diz-se que a DIS obteve lucro de mais de 100% na transação. Desde então não parou mais de investir no futebol. À época tinha participação no contrato de setenta jogadores de futebol, dentre eles Paulo Henrique Ganso (São Paulo), Neymar e André (Santos) e D’Alessandro (Internacional). A referência ao Corinthians e ao Internacional dá-se, sobretudo, por serem clubes que investem considerável quantia de dinheiro no futebol de base, se compararmos com a grande maioria dos clubes brasileiros.

¹⁹ Parque São Jorge é a sede social do Sport Clube Corinthians Paulista, localizada em São Paulo-SP. Compreende uma área construída de 158 mil metros quadrados, com diversas quadras poliesportivas, dois ginásios, restaurante panorâmico, a sede social e administrativa e um campo oficial, outrora utilizado. No discurso dos personagens do futebol, é a referência utilizada para alusão ao clube paulista.

– e levam jogadores promissores. A penalidade, nesse caso, se dá pelo boicote dos demais clubes em competições estaduais e nacionais²⁰.

Os campeonatos de base no Brasil são, em sua maioria, organizados pelas federações estaduais, filiadas à CBF. Esta ainda organiza torneios de caráter nacional, como Campeonato Brasileiro e Copa do Brasil para cada categoria em separado. Além disso, no calendário da base brasileira constam competições organizadas por empresas privadas que investem em futebol. Um exemplo ocorreu em março de 2013 no centro de treinamento do Desportivo Brasil, em Porto Feliz-SP, onde se disputou a Future Cup, torneio sub 17 financiado pela Mongeral, que pertence à Aegon – um grupo de seguradoras holandês que patrocina um famoso clube europeu, o Ajax FC. O torneio contou com a participação de Santos FC, São Paulo, Cruzeiro e Flamengo. O tricolor paulista saiu-se vencedor e algumas semanas depois disputou a versão europeia da competição, realizada no país natal da companhia patrocinadora. A supracitada Copa Nike sub 15 segue o mesmo receituário. São vários os torneios deste tipo que preenchem o calendário das equipes de base no Brasil. Percebemos, assim, que aliado ao processo de formação pelo qual passam estes futebolistas, do qual os campeonatos oficiais formam parte importante deste cenário, temos, concomitantemente, espaços nos quais eles são testados, como num torneio recheado de agentes e observadores de outros clubes e até mesmo empresas. Por vezes, estes torneios envolvem selecionados nacionais e o duplo caráter – de formação e de avaliação – também está presente, ou seja, não se procura, num primeiro momento, responder uma pergunta sempre atrelada a este futebol: “O que é mais importante no futebol de base: vencer campeonatos ou revelar jogadores?”. A resposta depende das necessidades que surgem durante o processo de formação de atletas.

Traçado este breve panorama, proponho que nos fixemos em alguns momentos específicos para saber como estava o quadro sobre o futebol de base no Brasil: em julho de 2012 Ney Franco foi liberado da CBF e contratado pelo São Paulo para ser o

²⁰ No início de 2014 o FC Barcelona foi punido pela FIFA pela contratação irregular de dez atletas para suas equipes de base. Eram todos menores e ainda amadores, portanto. A prática de contratar futebolistas tão jovens caracterizava-se por mantê-los em treinamento em sua academia – *La Masia* – e trazê-los junto da família, empregando-os. A FIFA, num primeiro momento, proibiu o clube catalão de contratar jogadores estrangeiros por dois anos, mas em maio de 2013 suspendeu a punição. No início de 2014 voltou a punir o clube, proibindo-o de contratar atletas, profissionais e de base, pelas próximas duas janelas de transferências (como são conhecidos os períodos do ano em que os clubes podem comprar, vender e trocar jogadores de modo oficial e regulado). Este foi apenas um caso dentre alguns que foram noticiados via imprensa esportiva nos últimos anos.

treinador da equipe profissional. Em setembro foi a vez de Marquinhos Santos, que assumiu o Coritiba FC. Émerson Ávila permaneceu como único treinador e em novembro do mesmo ano, com dois meses de antecedência, soube que seria o comandante da equipe sub 20, à qual nunca havia treinado, durante a disputa do torneio sul-americano em janeiro de 2013. Tratava-se de uma competição muito importante, pois os quatro primeiros colocados conquistariam vaga para o mundial da categoria. O sub 20 representa o último estágio antes do profissionalismo no futebol, ainda que muitos atletas menores de vinte anos já tenham atingido este estágio. O Brasil foi eliminado ainda na primeira fase.

Em fevereiro de 2013 a CBF anunciou a contratação de Alexandre Gallo²¹. Para a coordenação efetivou-se Bebeto, ex-atacante e então deputado estadual (PDT-RJ), além de membro do Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo de 2014. Alegando conflito entre seus interesses e compromissos, Bebeto deixou o cargo um mês depois, função esta que permaneceu vaga num primeiro momento, mas que depois foi ocupada por Gallo, que fundiu a coordenação geral das seleções de base com a função de treinador das equipes sub 17 e sub 20 – tendo o apoio de Caio Zanardi²², escolhido para comandar a sub 15.

Foram seis equipes visitadas e acompanhadas cotidianamente, umas mais, outras menos, durante quase quatro anos de andanças pelo país e pela parte sul do continente sul-americano. As pesquisas mais detidas foram realizadas em São Carlos, no clube homônimo da cidade, um lugar que já me era próximo desde o trabalho feito no mestrado²³ e também no Rio de Janeiro, no Vasco da Gama, por motivos que esclareço mais à frente. Também visitei o Clube Atlético Paranaense e o Clube Atlético Penapolense (CAP), seguindo alguns de nossos interlocutores de pesquisa. Concomitantemente, procurei me deter na apreciação do que acontecia em ambientes externos, como no Uruguai, quando conheci como dois clubes recrutam jovens futebolistas: o Club Nacional de Fútbol e o Danubio FC.

²¹ Alexandre Tadeu Gallo (29/05/1967) nasceu em Ribeirão Preto-SP. Atuou como futebolista profissional entre 1988 e 2001 (em clubes como Botafogo-SP, Vitória, Santos, Portuguesa, Guarani, São Paulo, Atlético-MG e Corinthians). Desde 2004 é treinador (foram doze clubes brasileiros, um japonês e um dos Emirados Árabes).

²² Caio Zanardi foi futebolista profissional entre 1986 e 1995, com passagens por São Paulo e Corinthians. Tornou-se treinador após aposentar-se dos gramados e tem trabalhos na base do Palmeiras, Pão de Açúcar e Paulista. Também tem experiência com futebol profissional na Lituânia e nos Emirados Árabes Unidos.

²³ Ver Palmiéri (2009).

Aproveito o gancho para falar também sobre o que vi em termos de selecionados nacionais. Ao mesmo tempo em que visitei os dois clubes uruguaios supracitados, conheci o projeto “*Institucionalización de los Procesos de las Selecciones Nacionales y de la Formación de sus Futbolistas*”²⁴, desenvolvido pela *Asociación Uruguaya de Fútbol* (AUF). Vi de perto como é o processo de formação de jovens futebolistas pela própria seleção nacional. Um projeto que apresenta características bem peculiares e que se distancia substancialmente do que vemos na seleção brasileira²⁵.

Também acompanhei a mesma geração de selecionáveis brasileiros desde 2011, quando os nascidos em 1996-1997 ainda atuavam pela categoria infantil. Segui-os de perto em dois campeonatos sul-americanos e em um curto período de treinamentos realizados em ambiente fechado – um Spa Resort no interior de São Paulo – em preparação para o Mundial sub 17, que teve lugar nos Emirados Árabes Unidos em finais de 2013, o qual acompanhei pela imprensa especializada. E alguns desses atletas foram vistos enquanto atuavam por seu clube, o Vasco, e durante torneios de base estaduais (Campeonatos Paulista e Carioca) e nacionais (Taça BH e Copa São Paulo de Futebol Junior).

As competições observadas foram diversas: Campeonatos Paulista e Carioca sub 15 e sub 17 (2011-2012), Copa São Carlos de Futebol Júnior (2013), Copa São Paulo de Futebol Júnior (ou simplesmente Copinha, 2010-2011-2012-2014), Taça BH (2012) e Sul-Americanos sub 15 (2011) e sub 17 (2013). Também acompanhei períodos de treinamentos das duas seleções: como dito, em 2013 com o Brasil sub 17; no mesmo ano, com o Uruguai, também sub 17, e ainda este mesmo grupo celestes, mas em 2011, quando conheci o projeto da AUF em Montevidéu.

Em todos esses cenários a postura adotada pela etnografia buscou um olhar o mais próximo possível, quero dizer, procurei sempre inserir-me o mais dentro possível do cotidiano dos clubes, das seleções e de parte da vida esportiva dos atletas. Centro de treinamentos, estádios, alojamentos, refeitórios, vestiários, arquibancadas, bancos de

²⁴ Em tradução livre: Institucionalização dos Processos das Seleções Nacionais e da Formação de seus Futebolistas.

²⁵ Quando perguntado sobre o que achava do papel das seleções brasileiras de base no processo de formação de futebolistas, o técnico da equipe principal, Luiz Felipe Scolari, respondeu: “Não somos formadores de atletas” (declaração dada ao Portal Terra em janeiro de 2013). Na opinião dos que comandam o futebol da CBF, as seleções de base representam o futebol do país em instâncias anteriores ao futebol adulto/profissional e buscam resultados positivos, a despeito do que pode acontecer, de fato, com a carreira de um jovem futebolista. Não pagam para contar com os atletas, que deixam seus clubes e suas rotinas temporariamente para jogar pela seleção brasileira.

reservas e o próprio gramado foram locais de onde pude realizar a pesquisa. Procuramos caminhar por todos esses lugares, ouvir o máximo possível e falar com todos os personagens, desde membros da comissão técnica e jogadores, até mesmo porteiros e demais funcionários dos clubes, pessoas que se num primeiro momento parecem distantes do que é produzido e colocado à prova dentro de campo, compõem de modo bastante significativo todas as emoções vividas e experienciadas no ambiente do futebol de base. Uma conversa com um massagista ou um médico forneceu informações e impressões que, talvez, se tentadas por outras vias, não seriam obtidas. O mesmo vale para dirigentes, treinadores e, obviamente, familiares, aqueles que estão sempre muito próximos de tudo e de todos, que acompanham e que incentivam, que ajudam e confortam nos mais distintos momentos seus filhos e parentes.

Houve relativa variabilidade no que tange aos acessos que tive entre os diferentes cenários. Ao longo do texto apresento tais peculiaridades que, acredito, dizem muito sobre como o futebol de base é feito. Entre os clubes parece ser mais fácil; já na seleção brasileira tudo se deu de uma maneira mais difícil e quase sempre negociada. E na seleção uruguaia as coisas se deram de um modo muito mais sensível e simples: não puseram quase nenhuma barreira às aspirações e aos desejos do trabalho de campo, apenas o idioma pareceu ser um obstáculo de início, algo que com o tempo foi superado de maneira bastante natural.

Empreender o apresentado olhar sobre a carreira de um futebolista permite captar melhor as tênues relações produzidas a partir do contato entre pessoas e coisas. Caminhar pelo que o sensível nos mostra, assim, implica buscar compreender como as forças empregadas em cada ato, cada chute, cada dia de treinamento pesado enfrentado pelos garotos sejam da seleção brasileira, sejam do São Carlos, sejam do Vasco influenciam na construção de suas vidas e as consequências deste aprendizado. Mas seguir este caminho não nos livra da complexa relação proximidade/distanciamento. Às vezes senti-me um pouco alheio a tudo isso, simplesmente pela postura desses atores do mundo do futebol: como era de se esperar, a presença de um antropólogo neste ambiente fazia da situação algo um tanto estranha. E mais, como, num primeiro momento, buscávamos uma visão que contemplasse um grande número de discursos (Mauss, 1993), até mesmo o passado era objeto de investigação, de saber onde tudo aquilo que os movia naquela altura de suas vidas tinha começado.

Remeto aqui a Lévi-Strauss quando nos aconselha que

“para penetrar nas sociedades de acesso difícil, o antropólogo deve se pôr muito no exterior (...) e também muito no interior, pela identificação do etnólogo com o grupo cuja existência ele divide, e pela importância que ele deve atribuir – na falta de outros meios de informação – aos menores matizes da vida psíquica dos indígenas” (Lévi-Strauss, 2012: 31-32).

O antropólogo francês está aqui a falar de *alteridades radicais* (Miceli, 1999) e, obviamente nosso contexto é outro, mas um trabalho que não escapa às armadilhas apontadas por Lévi-Strauss. Quero dizer que algo nos aproxima em relação a esse movimento metodológico do distanciamento e proximidade. Apesar da aparente familiaridade que se estabelece entre etnógrafo e esses jovens aspirantes a jogadores convido o leitor a pensar quão estranho possa ser a presença de um antropólogo especulando sobre a carreira de um jovem de quinze anos seja interpelando o próprio jovem, seja travando algum diálogo com familiares que atentamente o acompanham. E para esses informantes, o que seria um antropólogo? E o que ele quer com a vida do “meu filho”? Pergunta no mínimo razoável ouvida pelo pesquisador diante dos responsáveis e pais. Se fosse um jornalista, tais indagações seriam outras ou de outro teor, já que no contexto do profissionalismo e no imaginário do futebol este profissional estaria plenamente absorvido às engrenagens que participam da produção da imagem dos atletas e do seu dom. Está aí estabelecida, de pronto, uma distância. Um longo caminho que, como se sabe, é difícil de ser percorrido e que precisou ser repensado a todo momento.

Além de ser confundido com jornalista por diversas vezes, em outras eu era um estagiário de educação física em busca de um aprendizado prático. Havia certo constrangimento quando, perguntado, explicava minha real situação ali, ou seja, os motivos e os porquês de ser um antropólogo em pesquisa de campo, justamente num campo como aquele. Ainda mais quando as atividades estavam se iniciando e a intimidade sendo construída, ou seja, quando o pesquisador, recém-chegado e ainda muito distante do campo e dos personagens, tentava estabelecer os primeiros contatos. Com o tempo, evidentemente, as coisas foram melhorando. Prestavam atenção no meu discurso e pareciam estar sempre dispostos a checar se eu realmente “entendia de futebol”: faziam perguntas sobre episódios da história deste esporte, comentavam jogos e gols recentes, entre outras coisas. Senti-me um pouco testado, por vezes. Quando pude

vestir o mesmo uniforme que funcionários dos clubes, o que não ocorreu em todas as oportunidades, tudo pareceu um pouco mais simples, já que de alguma maneira estava aparentemente absorvido ao ambiente. Era uma situação tão extraordinária ao meio que as medidas adotadas variaram: nas seleções nem ao menos me propuseram a utilização de uniformes; nos clubes essa possibilidade apareceu em São Carlos e no Vasco, mas não nos demais.

A proposta, assim, traz uma abordagem multi-situada (Marcus, 1991; 1995; 2013 e Silvano, 2002; 2010), já que andei por diversos caminhos e cenários do futebol de base, tanto no Brasil como no exterior. Há que se considerar que foi preciso ficar atento às diferenças e semelhanças entre aspectos locais e globais que o futebol implica, entre outros, como fenômeno da vida social moderna. Etnografias que analisam “sociedades complexas” são obrigadas a abandonar pressupostos teóricos que se debruçam sobre a experiência vivenciada em nível local e adotam um ponto de vista global. Isso faz com que elas pensem como as identidades coletivas e individuais interagem nos lugares onde o pesquisador realiza sua pesquisa. Este parece ser o nosso caso: identidades são formadas e sua análise facilita a percepção de que “tudo [está] em todos os lugares, mas, ainda assim, diferente em cada lugar” (Marcus, 1991: 202). Como dito, esse esporte faz com que seus praticantes, seja em nível pré-profissional ou profissional, se movimentem por clubes, categorias, cidades e países diversos à medida que suas vidas correm.

Na verdade, gostaria de expandir um pouco o conceito de esporte e pensar em práticas esportivas²⁶. Transbordar esta fronteira nos parece legítimo, pois parte do aprendizado dos futebolistas está localizado exatamente fora do período em que passam no ambiente do futebol de base. É algo um tanto complicado de ser medido, mas vemos que, ao chegar num clube de base, garotos já trazem consigo uma boa dose de aprendizado das ruas, campos de várzea, escolas, brincadeiras que têm a participação da bola e que lhes dão, certamente, considerável aprendizagem no trato com esta coisa.

É possível, assim, aproximar eventos e relações e verificar como os personagens constroem suas carreiras e como estas são construídas. Como dito, trago a ideia de movimentação, algo intrínseco ao cenário, e, aliado a noção de que a aquisição de conhecimento se dá a partir da interação entre o homem e seu meio. Todos estamos

²⁶ Para uma breve abordagem, ver Toledo e Costa (Orgs., 2009) e Costa (2007; 2013).

inseridos num “oceano de materialidade” (Ingold, 2011) e não podemos nos pensar fora dessa relação entre matéria e materialidade. É por isso que não basta falar de técnica, preparo físico, relação entre agentes e familiares, jogadores e dirigentes; preciso falar também de bola, gramado, chuteira, alojamentos, comida, estádio, barulho da torcida etc.

Na verdade, o que trago aqui procurará se descolar da noção de *carreira*, não negligenciá-lo como categoria nativa, já que tão empregado neste meio, assim como o conceito de *trajetória*, mas percebê-los como produtores e produto de dinâmicas e usos que se escondem na formalização de seus enunciados, sobretudo por todos aqueles que estão mais à margem desse universo de práticas e experiências. Como veremos, estas duas palavras congelariam os deslocamentos dos personagens pelo mercado do futebol à medida que vemos uma trajetória do ponto de vista externo, tendo ela já sido feita por completo, finalizada, ou seja, como se as carreiras fossem formadas a partir de eventos sucessivos, lineares e seguidos numa linha espaço-tempo. Ao contrário, pensamos numa espécie de *ilusão biográfica* (Bourdieu, 1996a) e preferimos a noção de que as coisas se organizam de modo mais caótico e fluido, às vezes até mesmo frutos do *acaso* (Peirano, 1995) e de uma série de outras influências que descrevo na sequência.

À medida que seguimos alguns futebolistas percebemos rastros de vida que se acomodam em inúmeros lugares numa “ecologia esportiva” que vai além do futebol como ritual (DaMatta, 1982). Quando um plano como este é observado, vem à mente a ideia de que existem diferentes superfícies em nossas vidas, que seriam formadas por pontos que se ligam, as linhas. Muitas linhas juntas, como as fibras de uma costura, podem criar uma superfície. Numa metáfora, estendemos o conceito para a vida das pessoas e, claro, aos futebolistas. Nosso sistema nervoso bem como outros sistemas fisiológicos, são compostos e se estruturam a partir de linhas entrelaçadas. E linhas, de acordo com Ingold (2007), apresentam seu final em aberto – “*lines are open-ended*”. Todo futebolista de base, na busca pelo profissionalismo, está aberto a receber estímulos, impactos, forças que podem levá-los a inúmeros e por vezes imprevisíveis caminhos. Tais forças podem ser práticas, reais, objetivas, como choques físicos e que são sentidos de acordo com as experiências práticas do jogo. Mas também são subjetivas, que tomam lugar em outra esfera, a do pensamento, da experiência sensível e

da emoção. Diz Pep Guardiola²⁷, treinador espanhol reconhecido como um dos melhores do mundo nos últimos anos, sobre as incertezas preconizadas pelo futebol:

*“Un equipo es un camino, a veces novedoso, inédito y lleno de aventuras. En otras, es un camino conocido, repleto de rutinas necesarias y repetitivas. Un equipo necesita tener el rumbo claro, conocer los peligros potenciales y avanzar juntos, comprometidos. El camino del fútbol siempre vuelve a empezar porque no tiene final. El fútbol tiene muchas finales, pero nunca un punto final”*²⁸ (Perarnau, 2014: 423).

Assim, para além da perspectiva de mobilidade e movimentação que caracteriza o futebol de base, ele parece flutuar em níveis distintos de práticas, se nos dispusermos a olhar em outros níveis, por assim dizer. O futebol de espetáculo também pode apresentar esta característica, mas ficamos por aqui, que é a seara etnografada – a base. Há um controle do Estado, ou seja, sob o ponto de vista político temos um esporte que é disputado seguindo regras impostas por aquilo que, em boa medida, controla nossas vidas, impondo limites e prescrevendo direitos e deveres. Mas, ao mesmo tempo, escapa a estas amarras e permite práticas que não condizem com o que é visto como oficial, legal, normal. Em alguns momentos, trata-se de um futebol extraordinário, portanto. Procurarei mostrar ao longo do texto como isso foi visto pela etnografia e também esperamos conseguir trazer o significado do adjetivo empregado – extraordinário – para seu significado mais próximo, qual seja, de que se trata, de fato, de um jogo algo raro e singular e que, embora se aproxime do seu par posterior futebol de espetáculo em muitos momentos, em outros parece se distanciar consideravelmente.

É como se o futebol de base permitisse mais de uma lógica que o controla, assim nos parece: é disputado num plano estriado, marcado e metrificado, ou seja, segue regras, é regulado e parece ser estruturado de acordo com formações, padrões táticos e técnicos, conceitos e ideias que podem ir e vir durante o tempo. Concomitantemente,

²⁷ Joseph Guardiola i Sala (18/01/1971), ou simplesmente Pep Guardiola, nasceu em Santpedor, Espanha, e é ex-futebolista e atual treinador de futebol. Iniciou em 2007 no comando do Barcelona B e já no ano seguinte foi efetivado na equipe principal. Conquistou dezoito títulos nos últimos sete anos dirigindo seu ex-clubes, o catalão, e o atual, o alemão FC Bayern de Munique.

²⁸ Em tradução livre: “Uma equipe é um caminho, às vezes novo, inédito e cheio de aventuras. Em outras, é um caminho conhecido, repleto de rotinas necessárias e repetitivas. Uma equipe necessita ter o rumo claro, conhecer os perigos potenciais e avançar juntos, comprometidos. O caminho do futebol sempre recomeça porque não tem final. O futebol tem muitas finais, mas nunca um ponto final”.

exprime relações que escapam a estas amarras: é fluido, produz deslocamentos e permite que forças externas lhe penetrem e lhe alterem. É possível, então, irmos além do plano que parece ser uno e analisar de acordo com outra representação subjetiva e também espacial. Trago, ao longo da tese, exemplos que confirmarão esta hipótese central.

Portanto, e já encerrando aqui esta introdução, pretendo falar sobre futebol de base de modo a diferenciar perspectivas externas e internas ao campo de jogo, mas peço que tenhamos em mente a composição de um só universo que é, na verdade, fatiado em diversas superfícies. Nestas é que os acontecimentos se dão e, como tento mostrar, tais fatos por vezes fogem da esfera que, em alguma medida, parece lhe controlar – o Estado. O capítulo I trata de apresentar uma noção de como seria composto o universo do futebol de base – notemos que nesta introdução já explanei alguns dos mecanismos de funcionamento do campo analisado. Falo sobre a construção do ser-futebolista e como ele está localizado no seu mundo, o mundo do futebolista de base. Este é caracterizado por permitir deslocamentos por entre: há uma perspectiva de movimentação intrínseca ao cenário observado. Ao movimentar-se, futebolistas o fazem a partir de uma atividade que lhes é imposta e assim encarada como trabalho. Nesta seção também falo sobre os centros de treinamentos, tidos como suas casas e de que modo são controlados para que se comportem da maneira mais adequada ao ambiente, além de especular sobre como seriam as relações com as coisas que compõem esse ambiente, como o material, as chuteiras e a bola, primordiais.

No capítulo II passo a abordar aspectos relacionados ao jogar dos futebolistas de base, é dizer, ao que foi visto dentro de campo. Alguns aspectos de como são colocados em prática treinamentos sobre a parte técnica, física, tática, médica e psicológica: falo da preparação e no controle dos corpos, o instrumento de excelência na prática esportiva e também das relações entre os futebolistas, sobre como se parecem e como dividem gostos e práticas, a despeito das diferenças entre os cenários observados. Como mote de comparação, trago o que vi e foi realizado em dois clubes uruguaios e, principalmente, em suas seleções de base, a partir do que acompanhei durante dois campeonatos sul-americanos (sub 15 e sub 17). Tendo esta preparação como pano de fundo, proponho exercitarmos algumas concepções teóricas que visam apreender um tipo de comunicação entre os jogadores dentro do campo de jogo, ou seja, entender o futebol como uma espécie de linguagem: o passe seria como a palavra, isto é, o falar para se

comunicar e conseguir o objetivo principal, que é marcar gols e vencer partidas. À medida que vivem e ocupam o mundo ao redor, futebolistas de base caminham, se movimentam e, no limite, crescem.

O capítulo III é dedicado a analisar alguns aspectos que comumente não são vistos quando pensamos em futebol de base. Fatores que foram encontrados a partir do que foi experienciado pela etnografia: os casos do *acaso*, apadrinhamentos e manipulações de redes de relações vivenciadas no sistema futebolístico de base. Além disso, falo de como o aprendizado que se relaciona ao jogar futebol muitas vezes escapa às metrificações, medições, esquadrinhamentos e racionalizações que seus envolvidos preconizam – até mesmo o som produzido no ambiente do futebol é utilizado como ferramenta para compreensão desse mundo, para além do caso específico de profissionais diretamente envolvidos na busca por novos talentos; na verdade esse processo, assim nos parece, foge ao singelo entendimento e concepção e se mostra de modo mais sensível e subjetivo do que comumente imagina-se.

Capítulo I: O Universo do Futebol de Base

Um objetivo central desta tese é discutir o processo de formação de jogadores de futebol, que denomino aqui de ser-futebolista, no contexto das categorias de base do futebol profissionalizado. Levando em consideração processos mais adjacentes para além do primado da competitividade e da configuração institucional clubística que cerca e ampara a produção de jogadores aqui enfocada, tal processo é jogado tanto dentro deste campo esportivo, aferindo continuamente as competências de jovens atletas, quanto jogado em vários outros contextos que mais do que pano de fundo no amparo dessas pretendentes carreiras futebolísticas permitem entrever relações que permeiam decisivamente tais aspirações. E ainda que o futebol de base se apresente como um estágio anterior ao que conhecemos por futebol de espetáculo, não se pode concebê-lo com única via que conduzirá inexoravelmente alguns jovens à carreira, porque tais desempenhos dependerão sempre dos vários outros arranjos e circunstâncias pouco controladas pelo primado da técnica, se tomada como o núcleo mais decisivo na aferição dos desempenhos esportivos.

1.1 A construção do ser-futebolista e do mundo de um futebolista

Obviamente que um aspirante a jogador jamais começa a ser formado quando inicia seus treinamentos em um clube ou escolinha²⁹, pois as supostas aptidões para uma atividade dessa natureza são muito dependentes das técnicas corporais (Mauss, 2003) coletivamente compartilhadas e contextualmente estimuladas em vários domínios. Ao menos no contexto brasileiro, muitas vezes os primeiros chutes de um neófito passam por aprendizado lúdico precoce, possibilitando a aferição e reconhecimento da parte daqueles que estão próximos conduzirem a produção de juízos quase que cotidianos sobre o progresso desses meninos. A exibição descontinuada das destrezas com uma bola se somarão, com o avançar da idade, às rotinas de sociabilidade para além da esfera privada e colocarão à disposição do novo entusiasta de futebol as possibilidades de recrutamento na ampla esfera deste esporte.

Damo (2007) propõe pensarmos em quatro matrizes que comporiam os demais tipos de futebol existentes por onde historicamente escoaram as possibilidades de exercitar a prática do futebol em inúmeros contextos. Para além do mais conhecido e acompanhado, o futebol de espetáculo, temos o futebol bricolado, caracterizado por ser menos controlado ou menos limitante, e que teria sua expressão máxima no que comumente denominamos “pelada”, um tipo de jogo que permite diversas configurações em relação ao número de jogadores, regras, tempo de jogo e local onde este é realizado. Pode-se, inclusive, jogar descalço, sem camisa, muito à revelia das regras, mas sempre com a bola, é claro – ou ao menos com algo que faça o papel de bola (uma lata, uma bolinha de meia ou mesmo papel – as opções são muitas). É um futebol que foge das amarras institucionais, inclusive as da escola, onde este esporte é normalmente praticado seguindo pressupostos da ciência da motricidade humana – comumente chamada de educação física. Este seria o terceiro tipo de futebol, o futebol escolar, praticado no espaço das escolas e que teria como característica básica a inculcação de certo *habitus* esportivo (Bourdieu, 2005) e detentor de um controle por

²⁹ De acordo com Santos (2007), as escolinhas de futebol surgiram a partir de complexas transformações da realidade social brasileira relacionadas principalmente a aspectos ecológicos (especulação imobiliária que reduz espaços disponíveis), ocupação dos espaços urbanos de modo a segregar camadas populares dos centros das cidades, discurso ampliado da violência que reduz o entretenimento no domínio das ruas e certo discurso ufanista de modernidade pedagógica que indica que “tudo pode ser aprendido na escola”. Essa série de diversos arranjos indicariam, de acordo com Santos, os pressupostos que fizeram com que escolinhas de futebol adquirissem terreno fértil para se concretizarem no cenário de ensino e aprendizagem do futebol.

parte do Estado, dirigido por profissionais diplomados. É praticado num ambiente mais controlado que na matriz bricolada, portanto. O futebol comunitário, por sua vez, estaria entre os dois primeiros tipos – bricolado e profissional – por ser mais organizado e controlado sem ser, no entanto, tão ortodoxo como aquele preconizado pela FIFA. O “futebol de várzea” ou amador é seu exemplo típico, um ambiente que apresenta várias características do futebol espetacularizado: as regras, as competições, uniformes, árbitros e torcida, embora tudo isso seja visto em menor escala, como que funcionando a partir de pequenas adaptações que o assemelha ao futebol visto pela televisão ao mesmo tempo que o distancia deste.

Em algum momento parcelas desses jovens geralmente estimulados pelos pares, familiares e vontade pessoal, flertam ou tentam ingressar nas franjas do universo da prática profissional por intermédio de agentes que atuam na esfera do futebol de base em algum clube profissional. Portanto, qualquer um que se disponha à prática, ainda que dentro do domínio da ludicidade, carregará consigo elementos dispersos, mas não menos eficazes do ponto de vista do desenvolvimento das destrezas esperadas por um aspirante a jogador, vindos de matrizes diversas, tais como apontadas por Damo (Idem), seja a bricolada, a escolar, ou até mesmo elementos de um futebol comunitário muito comum em determinados contextos sociais, notadamente populares. Ainda que os limites da idade impeçam que esses meninos ingressem com menos de doze anos, por exemplo, nos campeonatos de várzea, cujos participantes compreendem adultos na sua quase totalidade, o partilhar de experiências muitas vezes vindas do contexto da vizinhança ou familiar também alimentam tanto a vontade de se tornarem jogadores quanto à transmissão de parcelas do conhecimento difundido nesses futebolis.

Entretanto, não nos propomos aqui analisar este pré-futebol de base, especificamente. Nossas observações permitem-nos somente tratar de um futebolista quando ele de fato já é um futebolista, ainda que de base. Vemos, então, a existência de um conjunto de indivíduos que, embora possam apresentar-se muito diferentes entre si em diversos aspectos (origens sociais, comprometimentos variados na condução da carreira etc.), em muitos outros acabam por compartilhar os valores esportivos que os fazem gravitar em torno do futebol profissional independentemente dos sucessos e fracassos que colherão na carreira, deixando paulatinamente as experimentações vindas da infância e de outras matrizes de futebol em segundo plano. Há considerável homogeneidade em relação aos comportamentos e regimes de atitudes dos jovens que ingressam nas categorias de base, experiências que muitas vezes se apresentam

aproximadas, os atingindo da mesma forma, mas que produzem consequências variadas. Mesmo assim a pesquisa de campo apontou para as peculiaridades de modo a não produzir generalizações no interior desse conjunto de jovens jogadores denunciando a “dificuldade em abordar o fenômeno a partir de um único local” (de Paula, 2013: 19).

Pensamos o ser do futebolista, então, a partir do que Heidegger propõe sobre o ser desde os primórdios da Grécia Antiga até os últimos dias da contemporaneidade: ser significa apresentar. “Presentar-se (‘ser’) é enquanto apresentar-se sempre, apresentar-se ao ser humano, na medida em que apresentar-se é um apelo que a cada instante chama o ser humano” (Heidegger, 1969: 42). O fato de ter presença, de expressar-se enquanto presença, faz com que um indivíduo exista: é na existência que a presença se manifesta. De acordo com o filósofo alemão, o terreno onde a questão do ser se coloca é a temporalidade. Esta não nos fornece ferramentas para trabalhar a questão do ser, mas funciona como um pano de fundo: trata-se de pensar no tempo como “horizonte de toda compreensão e interpretação do ser” (Heidegger, 2002: 45). Temos, assim, uma história do ser, uma historicidade, uma tradição que antecede o ser e antecipa seus passos.

O ser é como “unidade de vivência”, algo que não é coisa ou substância, mas uma unidade que se relaciona com outras vivências, outras vidas. Temos, assim, o ser e o lugar do ser, seu mundo. Ou simplesmente o que Heidegger chama de “ser-no-mundo”: “O mundo é, portanto, algo ‘em que’ a presença enquanto ente já sempre esteve, para o qual a presença pode apenas retornar em qualquer advento de algum modo explícito” (Ibidem: 119). Heidegger parece buscar localizar o lugar dos indivíduos – dos seres – num ambiente, num cenário, pensando, também, sobre o espaço:

“o ‘mundo circundante’ não se orienta num espaço previamente dado, mas a sua manualidade específica articula, na significância, o contexto conjuntural de uma totalidade específica de locais, referidos à circunvisão. Cada mundo sempre descobre a espacialidade do espaço que lhe pertence. Do ponto de vista ôntico, a possibilidade de encontro com um manual em seu espaço circundante só é possível porque a própria presença é ‘espacial’, no tocante a seu ser-no-mundo” (Ibidem: 152).

Desta maneira, se pensamos em indivíduos que detém seus lugares no mundo, ou “seres-no-mundo”, pensamos mais em seres que se encontraram com um espaço, com uma região, com um mundo, enfim, e assim o conceberam, do que em seres que num primeiro momento seriam destituídos de seu mundo e, por isso, projetariam si

mesmos num dado espaço. Antes, é o ser, o sujeito, o indivíduo, a presença que é espacial em seu sentido originário.

Onde identificamos este espaço no caso de futebolistas de base? O ambiente das cidades é onde tais histórias de vida são concebidas (neste ambiente seguimos, dentre outros, Magnani, 2000; Velho e Kuschmir, 2003b). A cidade molda a vida daqueles que nela vivem ao mesmo tempo que esses também a moldam à medida que procuram, na cidade, por coisas que lhes significam, isto é, coisas que formam o seu mundo. Como temos muitos indivíduos vivendo neste local, há um sem número de palcos, paisagens sociais, lugares nos quais vidas acontecem (Harvey, 2005). É como uma via de três canais, portanto: uma interação entre indivíduos, seu meio e eles consigo mesmos. Diríamos que este seria um exemplo que exprime bem três “lugares” para a vida: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana, configurando-se o que Guattari chama de ecosofia (Guattari, 1990). Subjetividades fundem-se, então:

“O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Com isso quero dizer que seus territórios etológicos originários – corpo, clã, aldeia, culto, corporação... – não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado” (Guattari, 1992: 169).

E o espaço das cidades é um dos locais-chave onde tais subjetividades são forjadas:

“As cidades são imensas máquinas (...) produtoras de subjetividade individual e coletiva. O que conta, com as cidades de hoje, é menos os seus aspectos de infra-estrutura, de comunicação e de serviço do que o fato de engendram, por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os aspectos em que se queria considerá-las (Ibidem: 172).

Guattari ajuda a entender como todas as “facetas afetivas, perceptivas, volativas, mnêmicas” do indivíduo assumem formas e ganham corpo e vida neste ambiente citadino e contemporâneo. Clubes de futebol e ainda escolinhas estão inseridos, substancialmente, neste cenário, ou seja, seus cotidianos e suas consequentes reproduções permitem que os indivíduos ali construam suas vidas e ali se relacionem com o meio – estádios, centros de treinamentos, partidas oficiais, testes e peneiras etc., inclusive por atrair aqueles que parecem estar fora: é possível que garotos surjam desde a zona rural, por exemplo, mas que tão logo sejam “descobertos”, passem a viver nos

clubes e, assim, permaneçam nas cidades. Para compreender este mundo é preciso seguir os passos daqueles que o fazem:

“people in modern metropolitan societies find themselves in environments built as assemblies of connected elements. Yet in practice they continue to thread their own ways through these environments, tracing paths as they go. I suggest that to understand how people do not just occupy but inhabit the environments in which they dwell, we might do better to revert from the paradigm of the assembly to that of the walk³⁰” (Ingold, 2007: 75).

Voltando ao que diz Guattari:

“A psique, em essência, é a resultante de componentes múltiplos e heterogêneos. Ela envolve, sem dúvida, o registro da fala mas também meios de comunicação não-verbais, relações com o espaço arquitetônico, comportamentos etológicos, estatutos econômicos, relações sociais de todos os níveis e, ainda mais fundamentalmente, aspirações éticas e estéticas” (Ibidem: 200).

Guattari está tentando apresentar sua definição de subjetividade, outra palavra para apreendermos o ser enquanto ser-no-mundo. Para ele, subjetividade seria “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (Ibidem: 19). Simplificando seu argumento, Guattari está aqui a falar de mundos, isto é, daquele espaço-tempo ocupado e compartilhado por indivíduos e grupos e sua incrível variedade de outras subjetividades. Esta espécie de “território social” que seriam tais subjetividades é formada de acordo com três pressupostos básicos: as relações dos indivíduos com seus pares e tudo o que isso produz de significados, ou seja, familiares, escola, meio próximo e práticas cotidianas como trabalho, artes e esportes; elementos fabricados pela indústria da informação, através dos meios de comunicação, e que reproduzem partes do mundo dos indivíduos; e, por último, demais significações e denotações que escapam à dimensão propriamente linguística e se reproduzem dentro do próprio grupo, enquadrando os indivíduos em “classes” ou subgrupos que se expressam da mesma maneira.

³⁰ Em tradução livre: “Pessoas em sociedades modernas e metropolitanas encontram-se em ambientes construídos a partir da associação de elementos conectados. No entanto, na prática elas continuam a traçar seus próprios caminhos por esses ambientes, formando trajetos à medida que se locomovem. Eu sugiro que para entender como as pessoas não simplesmente ocupam mas habitam os ambientes nos quais vivem, nós devemos reverter o paradigma da associação para o da caminhada/locomoção”.

Acredito que em toda a tese estarei descrevendo acontecimentos que seguem justamente esta ideia de subjetividade, ou do mundo que é formado a partir da figura do futebolista de base: a) com quem se relacionam, e aqui trazemos toda sua *entourage* de pessoas a coisas; b) como estes relacionamentos são reproduzidos, e no geral a indústria da informação tem importante papel na (re)produção de tais histórias à medida em que extrapola a dimensão local onde se dão os acontecimentos e, mais, comparam e colocam em relação este universo com outros, sobretudo o do futebol profissional:

“mídia e sociedade moderna não podem ser entendidas como departamentos autônomos, independentes entre si: a sociedade moderna é, em última instância, um sociedade ‘mídiatizada’. A mídia seria, assim, um espaço privilegiado de produção de discursos sociais e dos espetáculos esportivos modernos como um dos emblemas mais visíveis deste processo de ‘mídiatização’ dos eventos culturais” (Helal, Soares e Lovisololo, 2001: 151).

E c), de que maneira esses relacionamentos parecem expor uma forma peculiar de comunicação, extrapolando as dimensões meramente linguísticas, o que mostraremos quando falarmos para além de uma comunicação verbal (resenha): falo da comunicação não verbal – o passe como sendo a palavra.

Nesses termos, uma característica básica da vida seria a hibridez, também expressa pelo conceito de fluxo. De uma etnografia multi-situada percebemos que podemos associar a um grupo a ideia de liberdade e movimentação: os limites, atualmente, não colocam fronteiras mas, na verdade, pressupõem que tais bordas sejam atravessadas. Falamos de uma espécie de “fluidez cultural”: “se deveria examinar as civilizações ‘não como objetos estáticos, mas como processos limitados de fluxo no tempo’” (Kroeber, 1952: 404 *apud* Hannerz, 1997). E mais: “na medida em que são enredadas nessas diversificadas correntes de cultura presentes em seus habitats, as pessoas, como seres culturais, provavelmente estão sendo moldadas, e modelam a si mesmas, por peculiaridades de sua biografia, gosto e cultivo de talentos” (Ibidem).

Temos, assim, que futebolistas de base podem ser alocados em um único grupo, um grupo que divide gostos e interesses, mas os motivos que fizeram com que chegassem até ali podem ser os mais diversos possíveis, tendo, no entanto, um elemento em comum: o fato de jogarem futebol e se construírem como pessoas a partir desta prática. Como vem e vão dentro de superfícies de um universo comum, podemos dizer que este universo acaba por chocar-se com outros, vizinhos e, ao fim,

“hoje todos os lugares se encontram em relação, directa ou mediatizada, com o exterior, e, por isso, pode afirmar-se que a construção do espaço identitário integra, sempre, a relação com o exterior. A questão da identidade deixa assim de ser limitada ao espaço da comunidade em estudo para passar a integrar as interações que este estabelece com outros espaços” (Silvano, 2010: 95).

A etnografia, dessa maneira, “reflete o encontro circunstancial entre a deslocação voluntária do antropólogo e o ‘outro’ involuntariamente localizado” (Appadurai, 1988 *apud* Silvano, *Ibidem*: 104). A estabilidade das relações entre as pessoas, no caso entre os futebolistas e os que os rodeiam, está sujeita a essa dinâmica, exatamente porque cada vez mais a ideia de mobilidade se faz presente. As formas de identificação mostram-se mais fluidas e menos congeladas: há um processo de pluri-identificação que pode ligar pessoas a clubes e seleções de todas as partes do mundo. Assim procuramos nos colocar nesta etnografia para conceber o mundo de um futebolista de base.

Pensar então sobre o ser futebolista de base é uma tarefa que pode ser ajudada por alguns conceitos metodológicos já trabalhados pelo pensamento sócio antropológico e que de fato aparecem no discurso nativo. *Projeto* (Velho, 2003a), por exemplo, pode ser utilizado como base para se compreender como eles pensam, tomando-os como seres individualizados, mas que têm sempre alguém ao redor, sua *entourage*, que os ajudam a construir sonhos. É verdade, no entanto, que olhando mais de perto percebemos que não basta estipular objetivos e buscar atingi-los: nem sempre, quiçá quase nunca, esses personagens conseguem manipular todas as forças em seu proveito de modo a concretizar aspirações que os alimentam e os fazem mover. Como diz Velho, baseando-se em Shutz, projeto “é a conduta organizada para atingir finalidades específicas” (Velho, 2003a: 40). Ao apresentar alguns desses projetos, o autor vai mostrando como estes, num primeiro momento individuais, vão interagindo uns com outros, como que se chocando, num enorme *campo de possibilidades*.

Caso tomemos um momento posterior, no futuro, talvez a ideia de *projeto* apareça de modo definido e completo, mas, como estamos propondo desconstruir a noção de *carreira*, mostraremos ao longo do trabalho exemplos que fogem desta noção unidirecional de *carreira*. O *campo de possibilidades* não se apresenta como um invólucro e, mais uma vez, é preciso entender que a produção de suas fronteiras é

manipulada todo o tempo pelos agentes que cercam as carreiras desses jovens – treinadores, dirigentes, companheiros, família:

“o projeto é o instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo” (Velho, *Ibidem*: 103).

Como quaisquer outros atores sociais estes jogadores de base utilizam-se da memória para organizar suas trajetórias e dar consistência às suas biografias, mas o fazem a partir da tentativa de antecipação do futuro ao estabelecerem objetivos e fins, projetando seus lugares no cenário esportivo e no imaginário do futebol. Todo o manejo destas categorias que remetem ao tempo e ao espaço na constituição dessas carreiras, na prática, levam-nos a constituir identidades, ainda que fugidias nesse processo de formação. Velho reconhece que os *campos de possibilidades* onde surgem esses projetos “estão profundamente afetados por uma dimensão irracional e não-consciente” (*Ibidem*: 104) e veremos na sequência como a ideia de *acaso*, por exemplo, contempla tais pressupostos no contexto desses jovens futebolistas.

Nossos interlocutores não costumavam falar abertamente em projetos, ao menos não utilizam esta palavra com tanta frequência. Sabemos e vimos, no entanto, que tal noção está plasmada, por exemplo, em categorias como *sonho*, ou expressões como *sonhar* ser jogador, *vingar*, *chegar*, ditas e alimentadas desde que os primeiros indícios de reconhecimento das potencialidades de se tornar um jogador se insinuam no contexto em que situam suas práticas. Sendo assim o *sonhar* como projeto “(...) não seria somente um conjunto de prospecções e antecipações do futuro, mas ainda uma forma de classificar e ordenar a memória que tem por características a fragmentação. Isso implica em dar sentido à trajetória e estabelecer uma continuidade” (de Paula, *Ibidem*: 88).

Quando encontrei, posteriormente, um dos meus interlocutores – que havia iniciado a carreira no Vasco da Gama e estava em outro clube, de menor expressão (Caio), pude ouvir de seu pai algo a respeito de uma certa indecisão em relação ao futuro do filho atleta, que ainda esperava por novos testes: “O Caio tá aqui dando um tempo, né. Enquanto isso vão aparecendo algumas coisas”. No sub-capítulo III.I.II veremos com mais detalhes as histórias de Caio, seu pai e suas andanças pelo mercado do futebol: parece que os jogadores exercem tanto um papel central na condução de suas

carreiras como também estão em posição de sujeição nas relações travadas com familiares mais próximos, dirigentes, treinadores, colegas e, um pouco mais raro, agentes. A figura dos agentes está fortemente imbricada no meio futebolístico, mas ao menos em relação ao cenário do recorte desta pesquisa ela parece ser substituída, em quase todos os casos, pela figura do pai e da mãe, talvez pela pouca idade de meus interlocutores. Noto também que a ideia de família está abarcada nas noções de projeto familiar e mobilidade juvenil, como indica também Spaggiari (2014): “a mobilidade faz parte da construção do projeto familiar” (Idem: 390). Trago ao longo deste trabalho alguns exemplos dos deslocamentos realizados pela família ao acompanhar futebolistas e suas andanças, uma dupla movimentação e um processo intenso de atualização dos arranjos familiares e dos sonhos.

Evidentemente, não é possível prever os acontecimentos. Se olharmos uma carreira futebolística quando já terminada, aí sim podemos selecionar este ou aquele evento e estabelecer uma leitura que indique quais fatores foram decisivos na condução de seu projeto, escolhas e decisões. Mas como esta etnografia está apresentando algumas histórias de vida de futebolistas de base, vidas que foram sendo constituídas no momento em que observávamos, e que assim seguiram, não podemos reificar a noção de *projeto*, nem a perspectiva linear na formação de uma carreira.

O universo desses jovens pode ser melhor percebido se levarmos em conta algumas das etapas que, embora não sejam seguidas à risca até mesmo porque evocam uma artificial linearidade, podem oferecer didaticamente um esboço generalizado e resumido da trajetória canônica de um aspirante a atleta de base. Seguindo Paoli (2007), que nos traz uma versão mais estável dessas trajetórias, mas que nem sempre é condizente à realidade, teríamos primeiro a “oportunização”, quando clubes oferecem a oportunidade para garotos se apresentarem e ter acesso ao futebol, através de convênios com escolinhas, testes, peneiras ou mesmo indicação. Depois a “detecção”, que se daria quando há descoberta de novos atletas, sendo que estes estão fora do ambiente do futebol de base e, a partir daí, adentram-no; em seguida a “seleção”, quando analisam o “jogar” de um garoto através de processos esparsos ou continuados; mais adiante a “promoção”, a partir de atividades como treinamentos e jogos que se dão em ambientes típicos (CT’s e estádios) e permitem deslocamentos por entre as categorias; daí à “exposição”, etapa na qual o futebolista pode demonstrar suas capacidades, normalmente em competições; e, por fim, a “comercialização”, quando há troca de

clube mediante contraprestação monetária – não é raro haver negociação entre clubes envolvendo futebolistas de base.

Lembro que as vias de transição por entre as categorias seguem dois critérios básicos: idade e capacidade, e partirão das necessidades momentâneas dos clubes as definições sobre qual destes dois critérios serão adotados para estabelecer se um futebolista “sobe ou desce” de categoria. Estes movimentos serão melhor analisados a seguir.

I.II Um mundo em vários movimentos

Ao tentarmos captar os percursos desses jovens aspirantes à carreira futebolística a noção de movimento parece mais do que uma metáfora. O movimentar desses jovens, o que poderia trazer consigo a noção de *trajetória*, parece mais complexa que a unilinearidade que este último evoca quando enunciado por muitos outros atores. Estes jovens se movimentam em linhas mais tênues e não há um único deslocamento a definir seus destinos no futebol. Daí pensarmos na multiplicidade de movimentos que, como um compósito, vão delineando suas experiências e enunciando linhas em relação. Por isso a dimensão da incerteza permeia os traçados movediços que envolvem esses jovens no campo do futebol de base. Escolhas prévias são desmentidas, vocações surgem inesperadamente, deslocamentos são feitos no transcurso das relações que estabelecem com treinadores, dirigentes, agentes, mas também com clubes, centros de treinamento e alojamentos, condições materiais que irão balizar histórias de sucesso ou fracasso. Daí os cuidados com o uso do termo *trajetória*, espécie de *ilusão biográfica* (Bourdieu, 1996a) que supõe retrospectivamente alguma coerência no encadeamento dos acontecimentos explicados no presente.

Numa das muitas conversas que tive com meus interlocutores em campo, pude ouvir de um preparador físico o termo “rodar”, utilizado na tentativa de expor os caminhos que esses jovens trilham na busca pela carreira, categoria observada por Rial (2003; 2008): “Tem que estar sempre rodando, rodando, para aprender as coisas. Sempre agregar”. Nota-se que a instabilidade é uma marca definidora da situação desses jovens que percorrem inúmeros clubes, centros de treinamentos e campeonatos a fim de se firmarem na busca pelo profissionalismo. E isso não acontece somente com futebolistas.

Demais membros de comissões técnicas também entram neste sobe-e-desce, como mostra a fala deste preparador físico da equipe júnior do São Carlos, à época de um torneio sub 19. Mário falou também sobre os contatos, ou o que já abordamos em outra oportunidade³¹ ao ouvir a frase que diz “futebol é relacionamento”. Roberto Santana, o treinador e líder daquela comissão técnica do São Carlos fora jogador profissional e trabalhou com Mário em Santa Catarina. Quando “pendurou as chuteiras”³² tornou-se treinador e chamou o preparador físico para fazer parte de sua equipe no São Carlos. Após a última edição da Copa São Paulo de Futebol Júnior acompanhada por este trabalho – em janeiro de 2014 – ambos foram alçados à equipe profissional e trabalharam como auxiliares durante a disputa do Campeonato Paulista da série A3. No meio do torneio Santana assumiu de modo efetivo o comando após demissão do primeiro treinador; depois da campanha, foi contratado pelo CA Juventus, levando consigo o companheiro Mário, além de um auxiliar técnico que conheceu durante esta passagem pela cidade do interior paulista³³.

É comum também que treinadores acompanhem a mesma geração de atletas à medida que crescem e mudam de categoria. Fabian Coito Machado³⁴, um de nossos interlocutores no Uruguai, deslocou-se entre o sub 17 e o sub 20 da seleção de seu país em três anos (2011-2014). Isso foi visto no São Carlos, no Vasco, no Atlético Paranaense e, na teoria, era para ter acontecido também nas seleções brasileiras de base. Como vimos na introdução³⁵, o projeto foi abandonado após a saída do coordenador e levou-se um tempo considerável até que Alexandre Gallo fosse efetivado no cargo.

³¹ Ver Palmiéri (Idem).

³² Expressão utilizada no meio futebolístico que indica quando um jogador profissional para de jogar e deixa os gramados, ao menos como atleta. Pode, a partir daí, assumir outras funções, que se relacionam ou não com o futebol. No geral, a vida de um futebolista profissional termina um tanto cedo, ao redor dos 35 anos de idade.

³³ Mais um breve exemplo de como a movimentação é intensa no futebol de base a ponto de aproximar instâncias que parecem, a princípio, muito distantes entre si: quando iniciei minhas observações junto ao São Carlos, um dos treinadores era Guilherme Dalla Déa, que comandou a equipe sub 17 (2008), sub 20 (2010 e 2011), além de uma breve passagem pela equipe profissional. Em seguida, foi contratado pelo São Paulo e dirigiu a equipe sub 15 por três anos. No início de 2015, foi o escolhido pela CBF para comandar a seleção brasileira sub 15.

³⁴ Fabian Coito Machado nasceu em 17/03/1967, em Montevidéu, Uruguai. Jogou profissionalmente até 1999 com passagens por clubes uruguaios e chilenos, além de atuar em Honduras, Perú, México e Chipre. Como treinador, trabalhou no Central Español, Peñarol e desde 2007 na seleção uruguaia (2007-2009 no sub-15 e desde então no sub-17).

³⁵ A escolha de Ney Franco como coordenador geral das seleções brasileiras de base a o posterior abandono do trabalho quando o treinador aceitou o convite para ser treinador da equipe profissional do São Paulo FC.

O cenário são-carlense estava consideravelmente alterado quando retornei a visitá-lo (em novembro de 2013) na tentativa de reestabelecer os contatos. Por conta da observação de outros contextos etnográficos havia quase um ano que não frequentava as dependências do estádio Luisão³⁶. A intenção era ver de perto o trabalho de preparação para a referida competição e, para conseguir autorização, vi que quase todos os funcionários do clube haviam sido substituídos. Era como se chegasse num clube novo e o protocolo me instruíra que me apresentasse outra vez, expusesse novamente as intenções da pesquisa, passasse pelos anseios que cercam essas ocasiões, pedisse e esperasse para estabelecer novos contatos.

No Vasco aconteceu o mesmo. Meu primeiro contato se deu através da figura do coordenador das categorias de base, Otávio Costa, no início de 2012. Quando retornei ao Rio de Janeiro seis meses mais tarde, tentando reestabelecer e completar a etnografia iniciada, fui barrado na porta do CT de Itaguaí porque simplesmente não tinha autorização. Tentando justificar-me, disse que Costa já me conhecia e já havia me autorizado: “O Otávio nem trabalha mais no Vasco. Agora é o Mauro Galvão³⁷. Você tem que falar com o Mauro Galvão lá em São Januário”. Tive de voltar à sede do clube, em São Cristóvão, e enfrentar todo o processo novamente: marcar uma entrevista, esperar algumas horas e finalmente ser recebido na sala do coordenador da base, sob as arquibancadas do antigo estádio vascaíno. Novos laços, novas cumplicidades precisariam ser criadas. O que aconteceria com este trabalho se as portas não fossem abertas cada vez que as pessoas se movimentassem?

Mas a noção de movimento implicada na tese conjuga várias formas de deslocamento no espaço social do futebol de base, seja o deslocamento espacial ou ecológico que impõem aos jogadores buscarem melhores condições e oportunidades, seja num outro plano que diz respeito ao deslocamento técnico imposto pela

³⁶ Como também é conhecido o estádio Prof. Luis Augusto de Oliveira. De propriedade do município, foi construído entre os anos 1950 e 1960 e foi utilizado pela antiga equipe da cidade, o Grêmio Esportivo São-Carlense, que fechou as portas em 2003 e deu lugar ao novo clube, o São Carlos Futebol Clube. Passou por inúmeras modelagens e atualmente tem capacidade para não mais que 10 mil torcedores.

³⁷ Mauro Geraldo Galvão (19/12/1961) é ex-futebolista profissional, tendo jogado como zagueiro entre 1979 e 2002. Atuou no Internacional, Bangu, Botafogo, Lugano (Suíça), Grêmio e Vasco da Gama. Pela seleção brasileira, disputou vinte e seis partidas, inclusive os Jogos Olímpicos de 1984 e a Copa do Mundo de 1990.

materialidade do próprio jogo, onde o deslocar-se faz parte da pedagogia e dos fundamentos do jogo.

Em relação aos futebolistas, principais interlocutores da pesquisa, movimentação implica em pensar no estatuto da corporalidade, seguindo a fórmula *maussiana*, e também levar em conta a materialidade que cerca o movimento desses atletas. Como indica Sautchuk (2007), seguindo o sociólogo francês, pensamos que

“assim, Mauss toma o corpo humano enquanto um elemento a ser abordado pela tecnologia (leia-se estudo da técnica), considerando a técnica enquanto fator de transformação do ponto de vista morfológico (tendões, ossos) e do comportamento, dado pelo *habitus* (Mauss usa como exemplo sua dificuldade para se desvencilhar de seus próprios gestos). Além disso, ele mostra uma visão não utilitária, evidenciando a técnica como um modo de atuação em diversas esferas, não necessariamente produtivas (relativiza assim a ideia de eficácia), e a considera como algo que varia segundo as tradições e que passa por um processo de transmissão” (Sautchuk, *Ibidem*: 10).

Descentraliza-se, assim, o sujeito cognoscente que aprende técnicas (Mauss, *Idem*), mas que, ao mesmo tempo, ganharia certa autonomia diante da materialidade do mundo. De uma perspectiva bem mais recente, a *ingoldiana*, as relações com o mundo se dão de modo mais tênue ou tenso, e percebe-se a produção de relacionamentos que se apresentam múltiplas. Ou seja, futebolistas se movimentam dentro de campo, afirmação um tanto óbvia, mas que traz implicações no que se refere à dinâmica de incorporação das técnicas necessárias ao aprendizado dos fundamentos e, ainda, notamos que tais técnicas não estão dissociadas do contexto e interação que se estabelecem entre os jovens, suas capacidades aprendidas e o contexto em que são manipuladas.

Márcio, um canhoto aspirante a volante e capitão da equipe juvenil do Vasco em 2012, deixou a família no interior do Pará para morar em São Januário. Muito calmo e sempre com sorriso nos lábios, parecia sempre disposto a treinar e jogar. Segundo me confidenciou o coordenador da equipe, uma vez por ano, se tanto, o garoto retornava àquela que era tida, segundo histórias que ele mesmo contava, como sua violenta cidade natal no interior do Pará.

Daniel Pessoa, atacante, era outro a atravessar o país para jogar futebol. Deixou seu estado, o Amazonas, aos onze anos para fazer um teste no Vasco. Foi aprovado e desde então vinha sendo artilheiro do time em diversas competições. Aos dezessete anos era forte, rápido e demonstrava refinamento ao tocar na bola. Peça que mantivemos seu perfil na memória quando falarmos mais sobre ele, um pouco adiante.

Outro deslocamento, observado num outro contexto da pesquisa – desta vez em São Carlos – era realizado pelo atacante Lucão, que deixou os pais em Araraquara para defender o clube da cidade vizinha, o São Carlos. As duas cidades estão muito próximas – cerca de quarenta e cinco quilômetros, num percurso que poderia ser feito diariamente. Todavia, não para seu pai: “Ah, não dá. Ele tem que fazer parte do grupo, né. Tem que estar no dia a dia, senão é como se não estivesse aqui”. Havia outros ainda que vinham a São Carlos, semanalmente, de cidades vizinhas como Itirapina, Descalvado e Ibaté.

Correr e deslocar-se são atividades inerentes aos que praticam este esporte, porém, tais deslocamentos podem ser percebidos como sendo mais profundos, colocados à prova num outro plano, como numa troca de posição, e aqui deslocamento e movimentação sugerem troca de aptidões e sujeição aos sentidos (táticos) do jogo.

Bruce chegou ao clube cruz-maltino³⁸ com apenas doze anos de idade para ser atacante. Difícil imaginar o camisa três, que desarmava os adversários e ganhava quase todas as bolas aéreas, jogando como atacante e vestindo a camisa nove. Bruce foi recuado, moveu-se lá da linha de frente para a dos defensores, o penúltimo bastião de segurança que tem uma função tão importante quanto básica: evitar que o time seja vazado. O mesmo aconteceu com Anderson Foguete: também de atacante a defensor, mas este vestia a camisa dois dos laterais-direitos. Muito rápido e habilidoso, fazia jus à alcunha: partia para cima dos adversários sem pestanejar aproveitando-se da leveza de suas pernas curtas. Parecia ser bem difícil alcançá-lo. Suas atuações pelo Campeonato Carioca e seleção brasileira lhe proporcionaram uma grande mudança, quando deixou seu estado natal para viver em Cotia-SP, no centro de treinamento das categorias de base do São Paulo. Seu treinador na seleção brasileira infantil (2011), Marquinhos Santos sempre recorria ao inicialmente lateral esquerdo Yan Peter, titular da seleção brasileira no sul-americano sub 15, quando intentava fazer alguma alteração durante as partidas. Trocava atletas e alterava o sistema de jogo, mas seguia com o garoto do Internacional no time: hora ele atuava na linha dos volantes, do lado esquerdo, hora na linha de três meio campistas, também na mesma faixa, além da lateral, sua posição de origem até então. Curiosamente, Yan foi pré-convocado para o sul-americano sub 17 na Argentina (2013). Seria uma boa oportunidade para vê-lo atuar, até mesmo porque ele, à

³⁸ A expressão se refere à cruz de malta, símbolo católico que há muito tem ligações com os portugueses, o grupo de imigrantes majoritário envolvido na fundação do Vasco da Gama. O símbolo está presente no escudo do clube e estampado na camisa.

época, jogava como atacante, posição para a qual foi chamado; no fim acabou preterido pelo treinador e ficou de fora da lista final.

Caio, que em 2011 vestiu a camisa dez da seleção brasileira sub 15, jogava no centro da linha de três meio campistas desta mesma equipe comandada por Santos. Era um dos responsáveis por alimentar o ataque e estava quase sempre próximo ao gol. Dois anos depois o jogador realizou outra função na equipe juvenil do Brasil, mais recuado, como volante. Seu treinador na seleção sub 17, responsável direto pela mudança, explica:

“Eu acho que o Caio vai ter que se reinventar como jogador. Ele não pode ser meio campista porque não tem velocidade e corpo para jogar de costas para a marcação. Você imagina se tem o Danilo [volante, companheiro de Caio no clube, o Vasco, e na seleção] marcando ele? Não vai jogar. Aí o que ele faz: começa a recuar e se aproxima dos volantes para buscar o jogo, porque ele gosta de jogar com a bola. Abre-se um espaço muito grande entre nosso meio e o ataque que é impossível para ele preencher. Eu já conversei isso com o Sorato [técnico da equipe sub 20 do Vasco da Gama]”.

Caio, atuando como volante, teve desempenho abaixo do esperado. O capítulo III trará maiores detalhes sobre este que foi um dos meus principais interlocutores. Este mesmo capítulo traz, em detalhes, como o treinador da seleção brasileira sub 17 propunha que seus jogadores de meio campo se movimentassem muito e trocassem de posições durante uma mesma partida.

Há ainda outra movimentação observada: aquela por entre as categorias de base. Essas divisões ou classificações podem se mostrar extremamente rígidas, impedindo idas e vindas e exigindo que requisitos sejam cumpridos à risca, principalmente quando analisamos competições oficiais e as condições impostas pelos limites de idade. Mas a depender da conjuntura alguns garotos podem pular etapas e passar do infantil ao júnior, por exemplo, mesmo que temporariamente. De acordo com o discurso hegemônico podem ocorrer ganhos e perdas, o que influenciaria, em alguma medida, o futuro desses jogadores.

Os exemplos, mais uma vez, são inúmeros: no início de 2012, quando acompanhei os juvenis do Vasco, parte daquele grupo debutava na categoria – aqueles nascidos em 1996. Os nascidos em 1995 já estavam no segundo ano de sub 17. Durante o ano alguns daqueles, os mais novos, como Caio e Danilo (ambos 96), disputaram

torneios na categoria acima, o sub 20. Defenderam o clube no Campeonato Brasileiro sub 20 e na Copa São Paulo 2013, competição que nesta edição limitou a participação de atletas com até dezenove anos de idade. É muito comum, e isso foi visto tanto no Vasco como no São Carlos e Atlético Paranaense, jogadores neste estágio (juniores, portanto sub 20) “subirem” e depois “descerem” de categoria, defendendo os profissionais nalguma competição, mas que tão rápido retornam à base, seja pela falta de espaço no elenco maior, seja pela falta de preparo físico, técnico e até mesmo psicológico, algo que é lido e definido por aqueles que trabalham no dia-a-dia do clube. A seleção sub 17 reunida em Itu contava com vinte e cinco jogadores em setembro de 2013; destes, onze já estavam integrados ao elenco profissional em seus respectivos clubes. Vejamos a opinião do coordenador das categorias de base do Vasco, seu Teixeira:

“Isso é uma transição muito complicada. Se você não tiver cabeça para lidar com a cabeça desses meninos nessas transições você acaba os prejudicando. Por qual motivo digo isso? Pelo fato do menino viver outro ambiente quando sobe para o profissional. Ele começa a viver outra realidade, outro ciclo, outro glamour e quando esse garoto tem que retornar para a base, seja para os juniores, seja para o juvenil, isso causa para ele um incômodo muito forte. Eu acho que tem que ser muito bem trabalhada essa transição, como a gente vem fazendo agora com o Caio e Danilo. Eles estão no juniores, mas não perdem contato com a gente (...) Acho que esse ir e vir é muito produtivo para que eles comecem a se ambientar dentro dessa nova realidade e não se ‘achem’³⁹ dentro dessa nova realidade.”

É preciso ter em mente que tais circulações não são meros movimentos livres. Em contrário, tudo parece estar sendo cuidado e medido para que nada aconteça fora do planejado – o que, como veremos nesta tese, nem sempre é alcançado. Quando visitamos o CT do Caju, casa do Atlético Paranaense em Curitiba, intentávamos o contato com dois atletas que este trabalho acompanhava há algum tempo desde outros cenários: Valdir e Nathan, ambos jogadores das seleções brasileiras de base (sub 15 e sub 17 para o primeiro, sub 17 e sub 20 para o segundo). Mas eles não estavam

³⁹ O verbo “achar”, aqui, tem o sentido de indicar que os futebolistas podem pensar sobre si mesmos de maneira à sobrevalorizá-los ou sobrevalorizar suas próprias capacidades por, momentaneamente, ocuparem um lugar entre os profissionais do futebol. É, digamos, um estágio acima do futebol de base, mas ainda um período transitório, sem a garantia que ali permanecerão e não mais voltarão a descer degraus. Por isso o cuidado da comissão técnica e diretores para que esses jovens não deixem essa condição “subir-lhes” à cabeça e possivelmente prejudicar todo o processo de construção e sequência da carreira.

presentes nos treinamentos daquela semana; incorporados ao elenco profissional, viajaram à Bolívia, onde o Atlético jogaria pela Copa Libertadores da América e se ambientava à altitude de La Paz naquela semana. Tratavam-se de jogadores com idade para jogar em equipes sub 20 mas, dada suas capacidades e as necessidades da equipe adulta, foram alçados ao profissional. O companheiro de clube Marcus Guilherme seguiria o mesmo caminho meses depois. Mesmo ainda com dezessete anos, disputou o segundo turno do Campeonato Brasileiro (2014) pela equipe profissional e logo depois “desceu” para a base, a defender a seleção brasileira durante o sul-americano sub 20 (2015).

I.III Aqui é trabalho

Em meio a tais deslocamentos jogados em vários planos no *métier* da profissão, qual o conjunto de atividades que sustenta a vida desses futebolistas? Certamente treinam, jogam, descansam e estudam, mas, na prática, como equacionam tais atividades visando otimizar suas carreiras? Como são classificadas as tarefas e obrigações cotidianas?

No geral, o futebol no Brasil é classificado como a coisa mais importante dentre as menos importantes, sendo associado, por vezes, ao lazer e à alguma forma de alienação. Assim, para alguns é a atividade principal de suas vidas que, inclusive, dela dependem, enquanto que, para outros, embora motivo de grande atenção, não passaria de um “lazer sério” (Helal, Soares e Lovisolo, *Ibidem*). O futebol de base, não obstante, assume característica de trabalho. Quando iniciei a pesquisa de campo soava-me estranho ouvir futebolistas de quatorze e quinze anos de idade dizendo “vamos trabalhar, galera!”. Logo me acostumei. Numa das primeiras incursões em campo, acompanhava a delegação são-carlense (infantil e juvenil) em viagem até Limeira, para disputa de uma rodada do Campeonato Paulista das duas categorias. O jogo entre os sub 15 de Internacional e São Carlos começaria em minutos e todos se preparavam nos vestiários do estádio Major José Levy Sobrinho. Em dado momento, o treinador Dedé (André Bernal), ao tratar da maneira como a equipe jogaria aquele dia (postura, escalação, detalhes sobre jogadas de bola parada, etc.), tratou aqueles jovens garotos como verdadeiros profissionais, no sentido de terem um trabalho a fazer naquela manhã,

bem como todas as atividades que foram realizadas durante a semana. Dedé, em pé e em frente a uma lousa móvel que sempre carregava consigo em treinamentos e jogos, disse àqueles garotos que eles possuíam duas obrigações na vida: estudar e trabalhar. Na mesma toada, alertava que as categorias de base seriam o lugar de “ralar”, um sinônimo mais duro comprometido com a esfera do trabalho e que deveria anteceder ou se sobrepor a outras atividades, hierarquizando outros valores alocados, por exemplo, em atividades como estudar.

Numa manhã de quinta-feira no CT-fazenda em Itaguaí os juvenis do Vasco do Gama se atrasaram e apenas os comandados de Cássio⁴⁰, treinador do infantil, haviam chegado. Mais uma vez à sombra das árvores, em pé, junto à comissão técnica, ouvia atentamente as palavras do treinador que tratavam da atuação da equipe no sábado anterior; naquele dia fariam um coletivo⁴¹ e os “erros e acertos da partida” – nas palavras de Cássio – precisavam ser revistos. Numa das pausas para checar alguns dados com a comissão técnica, o coordenador Luís aproveitou-se e fez um balanço sobre como andava parte da vida extracampo daquele grupo. Quando perguntado sobre quantos haviam ido à escola no dia anterior, não mais que quinze deles levantaram as mãos, seguidos por um contido riso geral – naquele dia havia, entre “federados” e “experiência”, cerca de quarenta e cinco atletas.

Na sequência, antes do término daquela pequena reunião, o zagueiro Ricardo foi se levantando, talvez empolgado com o coletivo que se aproximava. Sem ter a permissão, foi indagado pelo treinador: “Onde vai, Ricardo? Quer falar alguma coisa?” O garoto respondeu, em meio às risadas dos colegas e evidente embaraço de sua parte, um tanto constrangido: “Vamos trabalhar, professor?” Todos logo iniciaram o aquecimento.

⁴⁰ Cássio Alves de Barros (17/01/1970) nasceu no Rio de Janeiro e foi lateral esquerdo. Atuou pelo próprio Vasco, Santos, Fluminense, Goiás e Stuttgarter Kickers (Alemanha). Como disse, à época Cássio era o treinador do infantil e no ano seguinte passou a comandar a equipe juvenil do Vasco.

⁴¹ Coletivo é a atividade que configura uma simulação de uma partida oficial: são onze jogadores de cada lado, divididos entre a equipe reserva e a titular, que se enfrentam. Normalmente é realizado pouco antes de uma partida, para treinar situações reais de jogo.



Figura 1: Equipe sub 15 do Vasco, em treinamento em Itaguaí-RJ, 2012

O Vasco mantinha, à época e desde 2003, uma escola dentro de São Januário⁴². Durante anos e anos muitos garotos que jogaram pelo clube e ali estiveram alojados estudaram dentro do estádio, logo ao lado de onde dormiam. Antunes (1994), bem como Guedes (1977), mostra um pouco dessa mescla entre lazer, moradia e trabalho e como tais diferentes atividades ocupavam espaços contíguos nos inícios da prática futebolística no Brasil, na virada dos séculos XIX-XX. Alguns clubes cariocas, como o Bangu Athletic Club, nasceram exatamente a partir de indústrias e fábricas que incentivavam seus funcionários a praticar o futebol, certamente inspirados pelos padrões ingleses que lhes apresentaram o esporte. Tal incentivo “seria uma forma de domesticar seus corpos para o trabalho e infundir neles um sentimento de grupo, identificado com a empresa” (Antunes, Idem: 105).

Podemos pensar que, no caso dos garotos vascaínos em São Januário, por esta logística, seria fácil controlá-los e fazê-los frequentar o colégio nos horários determinados. Uma breve história contada por um pai de atleta, no entanto, mostra algo

⁴² Há uma portaria no estado do Rio de Janeiro que dispõe sobre a adequação aos princípios legais da Lei Federal n 8.069/00 (Estatuto da Criança e do Adolescente) por entidades esportivas que mantêm em suas instalações atletas profissionais e amadores com idade inferior a dezoito anos. Diz o artigo 91 da Lei: “a entidade de prática desportiva providenciará, obrigatoriamente, as matrículas dos adolescentes na rede oficial de ensino, zelando pela frequência dos mesmos nas atividades escolares, em todos os níveis, bem como acompanhamento do seu desempenho”.

diferente: Valinhos, pai de Caio, contou-me que certa vez encontrou o filho, no final da manhã e num horário em que deveria estar na escola, assistindo ao treinamento da equipe profissional desde as arquibancadas. Mesmo morando no Rio de Janeiro, Valinhos havia optado por deixar o jovem alojado junto aos companheiros. Após o flagrante, decidiu-se por levar o garoto de volta para casa e matriculá-lo em outro colégio fora do estádio. Este breve exemplo nos remete a outra característica do futebol de base, o controle sobre os futebolistas, algo de que trataremos na sequência.

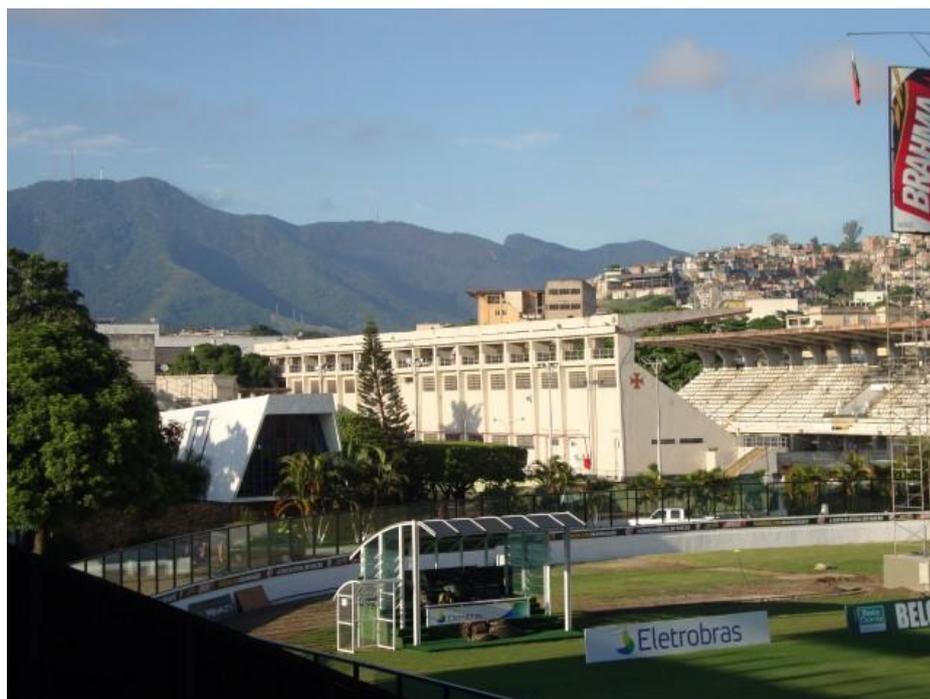


Figura 2: Área atrás de uma das metas do estádio São Januário, Rio de Janeiro. Aos fundos, as instalações do clube social do Vasco, onde se encontravam, entre outros, os alojamentos e a escola

O São Carlos costuma matricular em alguma escola pública da cidade os atletas que mantém alojados no estádio Luisão. Em relação aos juvenis, opta por matriculá-los no período noturno, evidenciando que o dia é sempre ocupado com atividades estritamente relacionadas ao preparo e treinamentos. No geral, os garotos estão na mesma classe, pois são do mesmo ano de nascimento, quase sempre, o que significa dizer que ficam juntos praticamente o dia todo: dormem no mesmo local, alimentam-se juntos, treinam e jogam juntos e, à noite, vão à escola. Faltas e baixa frequência nas aulas são notados e o clube, de modo geral, não cobra de maneira efetiva que os garotos compareçam ao colégio. Na verdade, toda cobrança incide sobre o “jogar”. Vez ou outra pude ouvir comentários sobre o desempenho escolar dos futebolistas a partir da figura de dirigentes e treinadores, mas sempre foi algo muito raro.

Não há muitas referências científicas em relação à observação do desempenho escolar de futebolistas de base, no entanto e de acordo com um dos poucos estudos realizados (Melo, 2010), nota-se que, para a amostra observada (para o estado do Rio de Janeiro), jovens jogadores apresentam maior escolaridade em relação ao restante da população de mesma idade, embora defasados do ponto de vista da idade correta para a série cursada. Há relação direta entre progressão através das categorias (sub 15, sub 17 e sub 20) e migração do período diurno para o noturno. Isso significa, na prática, menos tempo na escola e ensino supostamente de pior qualidade no momento de adentrar o ensino médio, ou seja, a idade-chave em que conquistam a *maioridade futebolística* aos dezesseis anos.

É óbvio que nesse contexto o tempo dedicado ao futebol (treinamentos, jogos, viagens e deslocamentos) é maior que o tempo dedicado à escola e futebolistas parecem se manter no colégio seguindo uma certa pressão social de que é preciso estudar para conseguir emprego no mercado de trabalho, o que faz com que a própria escola acabe situada numa escala de valores que a ajusta em oposição ao futebol e como atividades concorrentes o sucesso de uma parece depender do fracasso de outra. Essa pressão vem muitas vezes dos círculos familiares que geralmente não tomam a escola como projeto, seja individual ou coletivo de ascensão social e oportunidade de adquirir ferramentas para enfrentar o mundo e, nesse caso o diploma se torna mera formalidade. Optando pelo corpo como ferramenta que os levarão a se projetarem no mundo social a escolaridade básica não tem importância substancial e é muito provável que os que se dedicam mais tempo ao futebol obtenham mais êxito profissional.

Esta forma de cobrança sobre a prática futebolística diária é condizente com um ambiente no qual o alto rendimento é buscado a todo momento. Apresentamos alguns breves flagrantes do cotidiano em Itaguaí, simples exemplos que esclarecem o nível de cobrança a que esses garotos são submetidos. São episódios corriqueiros e que acontecem diversas vezes num dia de treinamento. Um dos médicos do clube, ao comentar alguns atos cometidos pelos jogadores quando não querem realizar alguma atividade – o famoso “migué”⁴³, disse-me: “Porra, isso aqui é trabalho. Eles ganham

⁴³ “Migué” é uma gíria que demonstra a forma evasiva de lidar com situações adversas, voltadas ao interesse próprio. Justificativa descabida, às vezes de conotação sarcástica, é uma palavra muito utilizada por futebolistas.

para estar aqui. Se eu falto, não tem treino. Ninguém treina sem médico. E eles? Isso aqui é o Vasco. Outros mil garotos queriam estar aqui hoje”.

Durante um coletivo, o meio campo Luquinhas (que cultivava um cabelo pixaim crescido, peculiar e um tanto pitoresco – era alvo de brincadeiras por parte dos companheiros o tempo todo) assumiu a lateral-direita momentaneamente, pela saída do titular Anderson Foguete, lesionado. Logo em sua primeira jogada, foi à linha de fundo com muita volúpia e velocidade. Quando seu cruzamento parou nas mãos do goleiro e ele estacionou fora do campo, bufando de cansaço, vi o preparador físico André se levantar de onde estava e caminhar em direção a Luquinhas, aos gritos: “E a volta?! Eu quero ver a volta! Não quero nem saber da ida!”, cobrando certa dose de responsabilidade defensiva do meio campista que, por hora, cobria a posição de lateral. A cobrança se deu sobre o comportamento deste lateral, que além de atacar pelo lado do campo, deve recompor-se junto à linha defensiva após a investida. O garoto, mesmo exausto e desacostumado com aquela obrigação, pôs-se a tentar iniciar o caminho de volta a sua linha de defesa, aos trotes. Ainda no mesmo treinamento, o mesmo Luquinhas cobrou um escanteio e mal realizada a primeira cobrança, teve de repeti-la. Mais um insucesso e, sob silêncio de todos os companheiros que aguardavam dentro da área pela bola, bateu o terceiro tiro de canto. O treinador Tornado gritou de longe: “Capricha, Luquinhas! Vamos trabalhar sério!”. O garoto bateu, ao todo, sete escanteios, até acertar.

No início de uma semana de treinamentos o fato de maior relevância ocorrido em certa manhã foi a bronca levada pelo atacante Daniel de seu treinador Tornado. Enquanto os demais ouviam as explicações sobre uma atividade de chutes a gol, o garoto brincava com a bola, tentando mantê-la no alto, controlando-a, e pousá-la atrás da cabeça, sobre a nuca – tudo isso de costas para o treinador. Quando se iniciaram as movimentações e Daniel não sabia exatamente o que fazer, ouviu-se o chiado bravo de seu superior. Na semana seguinte, ao ensaiar escanteios defensivos com a equipe titular (a defesa deveria tirar a bola da área e tentar iniciar um contra-ataque rápido), o mesmo Daniel, acompanhando de Luquinhas, mantinham-se fora da área como os dois jogadores mais adiantados. Esperavam por uma bola que lhes chegaria vinda da defesa. Mas os escanteios não estavam sendo bem cobrados por um jogador da equipe reserva e eles, àquela altura, não tinham muito a fazer a não ser esperar e esperar. Pois em dado momento decidem por tomar uma bola que estava ali perto, estacionada, e puseram-se a

“brincar” (nas palavras do treinador), mesmo em meio às atividades. Vejamos que o que foge da alçada do trabalho comandado pelo treinador é considerado “não trabalho” e, por isso, condenado e punido. Dada a reincidência, Tornado obrigou, aos gritos, que Daniel corresse quatro voltas ao redor do gramado, penalizando-o.



Figura 3: Futebolistas da equipe sub 17 do Vasco, em treinamento em Itaguaí-RJ, 2012

Numa outra atividade que contemplava chutes a gol surgiu uma bola espirrada após a defesa do goleiro e que subiu até muito alto, tomando a direção de um grupo de atletas sentados atrás do campo. O preparador físico André gritou, então, encorajando-os: “Domina! Domina!” O meio campo Danilo, ainda sentado, tentou domar aquela difícil bola com bastante efeito e, não conseguindo, a fez escapar para ainda mais longe. André gritou: “Vai buscar agora!”, seguido por uma gargalhada geral.

Bruce, zagueiro poupado da segunda parte de um coletivo na antevéspera de um jogo, iniciou um treinamento de cabeçadas frontais, auxiliado por um companheiro que lhe alçava bolas e mais bolas. Ao meu lado, Tornado perguntou a André em voz baixa: “Você mandou o Bruce fazer aquilo?” Após a negativa do preparador físico, Tornado esbravejou com o garoto: “Bruce, para com essa porra! O que você tá fazendo? Eu te tirei para te poupar e tu fica aí pulando e cansando a perna? Pode parar!” Voltando-se ao seu entorno, já em tom mais ameno mas ainda inconformado, disse: “Porra, qual é? Esses garotos têm que trabalhar só o que a gente mandar”.

LIV A casa

Estádios de futebol e Centros de Treinamento necessariamente acabam ocupando muitas vezes o lugar da casa. Convivem sob arquibancadas em alojamentos coletivos em grandes quartos mobiliados por beliches e barulhentos ventiladores de teto; com sorte, pode haver um aparelho de televisão e um dos garotos pode compartilhar um *videogame*. Este cenário é encontrado em muitos clubes do futebol de base. No São Carlos esta casa é o estádio Luisão e sob as arquibancadas estão os quartos, o refeitório, banheiros e, ao final do corredor, os vestiários. Uma cena cotidiana que se repetiu várias vezes na minha presença, ao chegar nas imediações do estádio, foi encontrar os jovens passando o tempo em frente à entrada principal do estádio, telefones celulares nas mãos, sentados ao lado do porteiro na bilheteria ou mesmo soltando pipas no gramado. Alguns circulavam por todos os setores, beliscavam um petisco com as “tias” da cozinha ou então caminhavam pelo bairro, em idas a supermercados ou passeios pelas avenidas dos arredores. Essa aparente falta do que fazer nesses entremeios de tempo à espera das rotinas dos treinamentos só reforçaria a centralidade do futebol como trabalho.

No caso do São Carlos constata-se que a estrutura física do clube não é das melhores, mesmo se levarmos em consideração outros clubes pequenos Brasil afora. Em alguns momentos, inclusive, o clube teve de alugar seus jogadores em outro lugar da cidade, alugando um novo espaço. Interdições da vigilância sanitária também já ocorreram, mas em todas as oportunidades que por lá estive havia garotos alojados no estádio. Durante o primeiro semestre, quando da disputa do Campeonato Paulista das séries A2 e A3, até mesmo alguns profissionais viveram ali, formando um ambiente dúbio entre time de baixo e time de cima⁴⁴ que reforçava ainda mais essa lógica de movimentação que permeia o futebol de base. Se por motivos de contusão, por exemplo, faltava um atleta do elenco adulto para o treinamento, era rápido e prático convocar um garoto para que a atividade pudesse ser realizada da maneira adequada. Reservas potenciais, mas ainda não jogadores no sentido estrito, esses jovens da base estavam ali à disposição de situações conjunturais que de certa maneira os

⁴⁴ Time de baixo e time de cima são categorias nativas utilizadas pelos diretos envolvidos em diferentes situações: podem significar time profissional e time de base, ou ainda equipe titular (ou equipe A) e equipe reserva (ou equipe B).

ambiguizavam, mas que talvez mal estivessem preparados para assumi-las. Ainda assim, vemos que tais deslocamentos intermitentes acabam por caracterizar o processo de formação de jovens futebolistas, pois não se sabe quando, em que condições e por quais motivos eles subirão ou descerão de categoria.

Em 2014 o São Carlos desejava juntar as gestões de ambas as equipes da cidade (São Carlos e Clube Atlético Paulistinha). Estava fazendo a pesquisa de campo quando as tratativas foram iniciadas; o São Carlos disputaria a série A3 do Campeonato Paulista e o Paulistinha, a série B, que representa a quarta divisão do futebol no estado. Disse-me o diretor Paulo Mayeda sobre as intenções da Águia da Central⁴⁵:

“Eu mirei a estrutura deles. Lá tem três campos, dois grandes e um pequeno, e tem alojamento. Não dá pra fazer futebol sem alugar os jogadores. Sem alojamento você só consegue manter os da cidade. Aí o garoto volta pra casa, vai pra balada, não se cuida, se estiver na reserva o pai já vem encher o saco. Não dá.”

A variabilidade da configuração de alojamentos em clubes é de fato muito grande. Num primeiro momento podemos pensar que num clube pequeno como o São Carlos a improvisação é onipresente – pelo fato de alugar juvenis e profissionais juntos – e que um clube grande, diferentemente, separaria tais categorias, distanciando-os. Não é bem assim e encontramos distintas configurações. Em Penápolis, quando visitei o CT do clube, garotos das equipes juvenil e júnior ocupavam uma das casas de uma antiga fazenda; era como se ocupassem uma das alas que haviam ali. Havia mais três no total: um refeitório e uma academia, que todos podiam utilizar juntos, e uma casa separada para os profissionais. Estavam separados porém juntos, a depender de onde olhávamos e o que procurávamos. As refeições, por exemplo, eram realizadas no mesmo local por todos, do porteiro aos atletas, e a configuração das mesas podia variar substancialmente: flagrei meninos da equipe sub 17 almoçando ao lado de jogadores profissionais, garotos do sub 15 ao lado do segurança e do porteiro etc. Caio, de recém-completados dezoito

⁴⁵ Como também é conhecido o São Carlos FC.

anos e vindo do Vasco sob litígio jurídico, vivia com o pai e a mãe numa casa alugada no centro da cidade⁴⁶.

Percebe-se, então, que os arranjos e situações de acomodação e viabilidade nesse momento da carreira podem se apresentar de diversas maneiras, embora predomine a configuração dos alojamentos como supostamente ideal para manter os atletas “dentro” dos treinamentos mesmo em situações cotidianas. Aliás, subtrair as atividades do cotidiano, que geralmente tendem a mobilizar e ao mesmo tempo dispersar as energias desses jovens parece uma das intenções viabilizadas pela lógica do internato que ampara os alojamentos, o que somente reforçaria a centralidade das atividades do futebol se comparadas às outras como frequência à escola, desfrute do tempo de lazer etc. Como vimos na fala do diretor Mayeda, supracitada, o discurso dos diretos envolvidos (dirigentes, treinadores, agentes e até mesmo familiares) mostra que para o futebol de base o regime de concentração é prática intrínseca. Não há como fazer futebol de base sem manter jovens futebolistas em regime de concentração e total cuidado. Isso foi visto em todos os clubes e seleções etnografados e distancia-se, substancialmente, do que vemos no ambiente profissional: um jogador deste futebol não precisa viver dentro do clube – vive fora, em sua casa ou apartamento, junto da família, geralmente – e são enclausurados em concentrações ou hotéis apenas em véspera de jogos. Esta prática, inclusive, tem sido revista e clubes brasileiros tem seguido o receituário de seus pares europeus: os jogadores ficam em casa e apresentam-se a seus empregadores horas antes de uma partida oficial.

No Vasco estive presente no exato momento de transição entre a casa mais tradicional, na capital fluminense, e o CT-fazenda em Itaguaí, no interior do estado. A etnografia realizada teve início em meados de 2012, a partir da linha 362 do coletivo desde o centro do Rio de Janeiro até o bairro de São Cristóvão, pela manhã e no contra fluxo de um pesado tráfego, somado a uma rápida caminhada que separa a movimentadíssima Avenida Brasil da entrada da casa vascaína, o estádio São Januário.

⁴⁶ O sub capítulo III.II traz detalhes da vida de Caio e nele explicarei mais detalhadamente sua saída do Vasco por meios jurídicos e como ele vivia em Penápolis ao lado dos pais.



Figura 4: Em São Januário, garotos esperam pelos ônibus que os levaria até Itaguaí-RJ, 2012

Um percurso que permitiu capturar alguma dinâmica dessa porção da cidade: ruas acanhadíssimas e apertadas que abrigam uma sociabilidade típica de bairro popular com muitas pessoas circulando, cachorros fora dos espaços privados dos quintais, transportes como carroças, carros, motos, ônibus e caminhões dividindo os estreitos espaços com diversas barracas dispostas nas calçadas vendendo de verduras a aparatos eletrônicas. Incontáveis bares a cada esquina, a maioria com o escudo da nau vascaína onde, por fim, pude visualizar, ainda que de modo bastante suavizado, o que pode ser chegar como visitante àquele estádio num dia de jogo⁴⁷. Entre idas e vindas, percorri este caminho por cinco vezes em dez dias – entre 04 e 14 de março de 2012.

Estádio este que foi inaugurado em 1927 e ostenta uma fachada em estilo neocolonial tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em forma de ferradura – com as arquibancadas formando a letra “U” – ao entrar eu logo o imaginei todo fechado, e pensei se esta concepção não seria mais bem adaptada ao propósito de um estádio de futebol. Mas foi preciso retomar o olhar mais periférico e para além do placar eletrônico para afastar completamente aquela ideia, pois atrás de uma das metas vê-se o morro do Corcovado com o Cristo Redentor no cume. O gramado estava extremamente bem cuidado, a cor era verde reluzente e trazia a sua volta muitos operários envolvidos em pequenos reparos. Entrei pela entrada principal, onde se encontra a tribuna de honra. Embaixo, na altura do gramado, toda a passagem do corredor que o delimita com as cadeiras está assentada com ladrilhos estilizados com nomes de ilustres vascaínos.

⁴⁷ Para uma abordagem mais próxima e intensa, sobretudo por retratar o cenário em dia de jogo, ver Toledo (1996).



Figura 5: Dentro do complexo onde fica o estádio São Januário estão também localizadas algumas instalações do clube social do Vasco, dentre elas quadras de futsal. Rio de Janeiro, 2012

Foram duas reuniões com a coordenação do futebol de base do clube até conseguir autorização para conhecer as instalações em Itaguaí, cidade portuária distante sessenta quilômetros a oeste da capital. Também uma antiga fazenda, o CT vascaíno em Itaguaí apresenta-se de modo bastante adequado à primeira vista. Àquela altura, havia ainda muitas reformas, que pareciam caminhar a passos lentos. Um mês após a primeira visita o clube pode, enfim, levar todos seus garotos desde o estádio São Januário até o interior, separando a base do profissional e movendo uma de suas alas para longe – foi como um desmembramento: manteve-se o vínculo, aumentou-se a distância física.



Figura 6: CT de Itaguaí-RJ, 2012

Um ambiente bastante tranquilo e silencioso se comparado à sede barulhenta do bairro São Cristóvão. Lá vive “seu” Gílson, caseiro que cuida do lugar com sua família e mais sete cachorros. Há ainda alojamento para cerca de setenta atletas, quartos, refeitório, piscina e salas de convivência, logística muito distinta da que observamos no time do São Carlos. No total são sete campos, quatro dentro das medidas permitidas para se ter um campo oficial, todos com um gramado que recebe dedicado tratamento diário de João, filho do caseiro. No principal deles há telas de alambrado e uma pequena arquibancada, além de vestiário e cantina, mantida pela mulher de Gílson e que somente abre as portas em dias de partida. O Vasco manda ali seus jogos nas categorias de base.



Figura 7: O campo principal do complexo vascaíno em Itaguaí-RJ. Partida entre Vasco x Friburguense, Campeonato Carioca sub 17, 2012

O coordenador da base, Teixeira, ilustra a mudança ocorrida no futebol do Vasco:

“Nós não tínhamos um centro de treinamento para poder desenvolver o nosso trabalho. A gente então trabalhava no Caxias, trabalhava nos quartéis, ou seja, estávamos sempre buscando lugares para treinar. Hoje por conta do centro de treinamento conseguido graças a uma parceria do Vasco com o Pedrinho⁴⁸, nós temos quatro campos de treinamentos prontos, um refeitório,

⁴⁸ A parceria citada refere-se ao acordo entre o proprietário da fazenda, o ex-jogador Pedro Luís Vicençote (22/10/1957), também chamado no Vasco de Pedrinho (com passagens por SE Palmeiras, CR Vasco da Gama, Bangu AC e Calcio Catania, da Itália) e o clube carioca. Mediante aluguel, mantém desde meados de 2012 aquele lugar como sede de suas categorias de base.

fisioterapia, caixa de areia, espaço para recreação, musculação, alojamento. Hoje nós temos uma estrutura física de qualidade para fazer um trabalho de maior qualidade. Acho que essa foi a grande mudança que aconteceu. Estamos todos concentrados num só espaço e num espaço que oferece para gente uma infraestrutura onde a gente pode desenvolver um bom trabalho. Eu acredito que a médio prazo a gente vai estar colhendo muito mais frutos do que vinha colhendo. Tudo isso em função da qualidade do trabalho que hoje vem sendo executado”.

I.IV.I Etnografia de um caso: o Centro de treinamento do Atlético paranaense

O Atlético Paranaense, clube fundado em 1924, é certamente o mais bem estruturado de todos que pude visitar. Talvez esta assertiva faça sentido se olharmos para quase todos os demais clubes brasileiros. Ali futebolistas de base e profissionais dividem o mesmo ambiente e relatos via imprensa especializada davam conta de que o CT do Caju oferecia o que de melhor havia em termos de infraestrutura na formação de jovens futebolistas. Mas o que a mídia queria dizer quando empregava a palavra “melhor”? Trata-se de um lugar com oito campos oficiais, um hotel com capacidade para alojar mais de oitenta jogadores, restaurante, centro de recuperação física e fisioterápica, e ainda outros inúmeros elementos que vamos elencar ao longo desta seção, não sem comparar com o que vimos nos outros clubes etnografados e no contexto das seleções brasileira e uruguaia. O que vi em Curitiba aproxima-se, na verdade, do tratamento destinado aos jogadores convocados para a seleção brasileira, ou seja, seguindo rotinas só encontradas no futebol profissional, com requintes como estadias em hotéis e resorts de luxo; o mesmo foi visto no *Complejo Deportivo Celeste*, entre os uruguaios. É como se todos ali já fossem profissionais e estivessem capturados pela atmosfera glamourosa que caracteriza a cena esportiva moderna. Para além da estrutura física, mostraremos que há uma metodologia especial e uma abordagem que, segundo os próprios envolvidos no projeto, indicam que o Atlético Paranaense estaria na vanguarda do futebol de base no Brasil na atualidade. Vejamos⁴⁹.

Cheguei ao CT do Caju pouco depois das 9h numa manhã ainda fresca de terça-feira, embora o céu todo azul e a quase ausência de vento já indicava o dia quente que se aproximava. Era janeiro de 2014. Após me identificar na portaria, recebi o crachá e a

⁴⁹ Bittencourt (2009), que traz uma etnografia realizada neste clube, serviu-nos de guia para compor este cenário.

indicação de dirigir até o final da rua de pedras, virar à esquerda e estacionar o carro. A minha frente veria, segundo o segurança, o prédio principal do complexo onde ficava a recepção, dentre vários outros setores. Cumpri então as instruções e logo ao entrar vi campos de futebol com gramados impecáveis, de cor verde reluzente, em ambos os lados da rua. A sobreposição das cores e dos alambrados, bem como de traves fixas e móveis, dava a falsa impressão de que eram incontáveis. Na verdade eram oito em tamanho oficial e mais alguns com medidas menores e que servem para trabalhos específicos. Em todos eles, sem exceção, predominavam quero-queros, a ave que parece adorar colocar seus ovos em relvados limpos e extremamente bem cuidados. Disputando lugares com os agressivos e barulhentos bichos voadores acinzentados vi alguns funcionários do clube a verificar a qualidade do gramado, vestidos com jalecos brancos que mais lembravam a indumentária estereotipada de cientistas. Esta foi a primeira impressão do lugar.

Na recepção, após um telefonema, aguardei cerca de vinte minutos até Pedro Martins, meu contato via e-mail de semanas antes, recepcionar-me. Ele se desculpou pela demora, pois estava em reunião. Subimos até a sala onde funciona o comando do futebol de base e profissional do clube paranaense. Pedro me apresentou a seu companheiro de trabalho, Willian Thomas, e começou a falar sobre o DIF, o Departamento de Inteligência de Futebol, pelo qual respondiam à época e desde o início de 2013. Entre os clubes, portanto, esta abordagem do Atlético com relação ao futebol de base e profissional é algo totalmente inédito. Veremos que, em alguma medida, o que é realizado pela seleção uruguaia apresenta alguns pontos semelhantes, muito embora o fato de tratar-se de uma seleção nacional e ser desenvolvido em outro país distancia os dois projetos.

Pedro é formado em administração e está na segunda passagem pelo clube. Na primeira, quando a presidência era ocupada pelo “perfeccionista e centralizador” Mário Celso Petráglio – nas palavras de Pedro – trabalhou até que aquela gestão terminasse. Foi então para Inglaterra, onde fez MBA em gestão esportiva na Universidade de Liverpool. Quando Petráglio retornou ao comando do clube, chamou-o de volta, convite que aceitou prontamente. Com o *know-how* adquirido no exterior, colocou em prática uma visão cientificista, racionalista e extremamente especializada, trabalhando em conjunto todas as categorias de futebol do clube: sub 15, sub 18 e sub 23, além do

profissional⁵⁰. Já Willian é preparador físico formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e trabalhou nesta área no Grêmio antes de se dedicar à gestão esportiva.

Entre cafezinhos e apresentações de funcionários que passavam a todo momento por nós, os dois iam me explicando paulatinamente a forma como faziam futebol no clube, não sem questionar meu trabalho e minhas intenções com aquela visita. Deixaram-me muito à vontade e estiveram sempre solícitos para que eu conhecesse o CT e o projeto que ali desenvolviam diariamente. Como, então, funciona, na prática, o DIF?

Em primeiro lugar, notamos que existem diretrizes a serem cumpridas à risca por todos ali, desde funcionários aos profissionais que trabalham diretamente com os jogadores. Pedro explicou que foram buscar na história do clube as características que marcaram as equipes vencedoras. Nas paredes por todo o complexo foi possível perceber a exposição gráfica de lemas muito presente em ambientes de trabalho que visam estimular e equalizar as expectativas dos trabalhadores às metas de gerenciamento e produtividade dos patrões, tais como as palavras “competitividade”, “comprometimento”, “responsabilidade” e “profissionalismo”, apelando para uma subjetivação do processo de trabalho. A gestão Petrágli imprimia tais métodos aplicados desde sua primeira passagem na direção do clube, iniciada em 1995, quando propôs o desafio de ser campeão brasileiro em dez anos. O fez em seis, quando a equipe comandada pelo então técnico Geninho conquistou o almejado título nacional em 2001; em 2005, o Atlético foi vice-campeão da América. Mais uma vez na presidência, desde 2012, propôs outro objetivo desafiador, no mesmo prazo de uma década: ser campeão do mundo.

O clube possui uma comissão técnica para cada categoria e um coordenador geral que é o responsável pela harmonia entre elas. Este trabalho é realizado por Gustavo Fragoso, gaúcho de Porto Alegre e alguém com larga experiência no futebol,

⁵⁰ Uma peculiaridade com relação às categorias de base no Paraná: diferentemente do que acontece no restante do Brasil, que divide suas categorias em sub 15, sub 17 e sub 20, nesse estado o futebol de base é assim organizado. Na prática, a categoria sub 23 já é profissional: compõem o elenco das equipes jogadores que não figuram no grupo principal dos profissionais e são utilizados, normalmente, para a disputa do Campeonato Paranaense, e assim, como um laboratório, são testados com vistas a serem alçados ou não à equipe principal, aquela que disputa a primeira divisão do Campeonato Brasileiro ou a Copa Libertadores da América. Mais um exemplo de como o futebol de base pode apresentar uma configuração fluida.

principalmente no Grêmio, tendo sido treinador da base do clube azul, preto e branco por vários anos. Assim que fomos apresentados, colocou-se à disposição para mostrar-me todas as dependências do CT, visita que realizamos um pouco mais tarde, antes do almoço. Na ampla sala subdividida entre os departamentos de futebol trabalhavam várias pessoas, cada uma à sua função: era jogo nacional e internacional sendo visto no computador, análises e relatórios sendo escritos para esta ou aquela comissão técnica sobre atletas, de base ou profissionais, treinamentos sendo montados pelos treinadores em seus *notebooks* etc. A harmonia citada na fala de Gustavo é buscada através da interação entre os distintos setores do futebol do clube. Como veremos nesta seção, as coisas funcionam de modo a agregar as categorias e os profissionais em um ambiente uno.

Pedro destacou que o Atlético não cometia loucuras na hora de contratar um atleta. Não estouravam orçamentos e procuravam analisar os jogadores “friamente”, segundo suas palavras, o que significa dizer que não bastava ao potencial contratado fazer um bom torneio para fazer valer o investimento. Se perceberem um bom desempenho em determinada competição, passam a analisar e monitorar os jogos daquele atleta. Disse William:

“Um jogador vai bem na Copa São Paulo, por exemplo. Fez cinco jogos muito bons e todo mundo já fala nele. São só cinco jogos, certo? Isso não pode justificar um investimento muito grande. É preciso ter cuidado. Tem clubes por aí e grupos de empresários que não pensam assim, não”.

Pedro complementou, firmemente: “Preferimos errar com propriedade a arriscar sem critério”. Um banco de dados é montado e então a rede de *scouts*⁵¹ é acionada para o acompanhamento detalhado. São seis profissionais deste tipo espalhados pelo Brasil: um no nordeste, um em São Paulo, um em Santa Catarina, um no Rio Grande do Sul e

⁵¹ Baseado no sentido de “explorar”, a palavra em inglês *scout* indica o profissional que trabalha no futebol em busca de informações, a depender de sua função, se olheiro ou agente, a serviço de clubes ou ainda empresas que investem em futebol. É verdade que a palavra *scout* também é utilizada no meio futebolístico para se referir aos números, de maneira geral. Por exemplo, vi em campo alguns assistentes técnicos fazerem o “scout da partida”: anotavam o número de faltas cometidas e sofridas, finalizações, passes errados, cartões, entre outros. No intervalo, aquele trabalho era convertido numa análise com o treinador e posteriormente discutido com os atletas. Veremos especificamente como é o trabalho de um *scout* no capítulo III.

dois no Paraná, sendo que um destes fica responsável pela região metropolitana de Curitiba. Pedro explica uma peculiaridade em relação aos jovens “capitados”:

“Isso é algo que a gente vem percebendo já há algum tempo: nossos melhores jogadores são aqueles que captamos aqui perto. Me parece que é menos doloroso para eles ficarem longe de casa, não sei. Jogadores do Paraná ou mesmo da região sul apresentam menos problemas em permanecerem fechados aqui”.

Pedro indica que fatores de ordens culturais, climáticos (tendo em vista que Curitiba é a capital mais fria do país) e distância da família (já que ficam alojados em período integral) resumiriam esses problemas. Ainda assim, o conforto exibido pelos corredores do complexo impressiona qualquer visitante. Foi Gustavo Fragoso quem percorreu todo o CT para me mostrar a infraestrutura. No que chamam de hotel, os jogadores dividem dois a dois quartos equipados com camas que parecem bem confortáveis, televisão, ar-condicionado, banheiro privado e internet (que é controlada: o acesso é permitido até as 0h – “senão eles não dormem, e o descanso faz parte do treinamento”, disse o coordenador). Todos eles, desde a base até o profissional, dispõem e dividem esses espaços e equipamentos.



Figura 8: Hotel-alojamento do Atlético Paranaense, CT do Cajú, 2014

Outra peculiaridade é apresentada no restaurante: todos os funcionários almoçam juntos, sem exceção, do porteiro que me atendeu pela manhã até o craque do elenco

profissional. Almocei numa mesa composta pelo próprio Gustavo, além do fisioterapeuta da base, o preparador de goleiros da equipe sub 23 e o ex-jogador e então treinador desta, o sérvio Dejan Petkovic⁵². Todos conversavam, contavam histórias sobre o futebol e compartilhavam experiências vivenciadas em campos pelo Brasil e pelo mundo. Segundo Gustavo, isso ajuda para que mantenham a amizade, a harmonia entre os setores e contato no cotidiano do clube. Presenciei, naquele momento, uma rápida triangulação entre o treinador da equipe sub 18, Marcelo Vilhena – de quem falo na sequência –, o coordenador Gustavo e Petkovic. Discutiam calmamente o aproveitamento de alguns jogadores que, aos olhos do primeiro, não teriam condições técnicas de subirem à equipe de cima, dirigida pelo ex-jogador sérvio. Disse Marcelo:

- “Tem quatro jogadores que já se recuperaram de contusão e, ao meu ver, não devem continuar. Você precisa dar uma olhada neles. Sabe aquele lateral esquerdo 96? Tem um 97 aí que tá na frente dele. A gente só estava esperando eles se recuperarem para liberar. Você dá o aval?”

Pet respondeu:

- “Amanhã meu treino acaba às 11h. Então às 11h30 a gente senta e conversa. Sem problemas.”

Essa integração e constante contato entre os treinadores das diferentes categorias permite, segundo os que trabalham no DIF, melhor avaliação sobre os atletas e, como consequência, melhor aproveitamento na formação de jovens futebolistas.

Na ocasião da pesquisa os alojados eram cerca de trinta e cinco atletas da equipe infantil, trinta da juvenil, mais trinta da sub 23 e vinte e seis da profissional, ausente naquele dia por conta do compromisso pela Copa Libertadores da América na Bolívia – frequentei o CT do Cajú por cinco dias consecutivos. Além dos campos e das salas especializadas – fisioterapia, médica, nutrição, fisiologia – há uma piscina aquecida e coberta, sala de musculação, vestiários e rouparia separados (base e profissional). Boa parte dos exames médicos necessários são feitos ali mesmo, em salas equipadas com aparelhos de tecnologia condizente a tal fim. A cada abrir de portas, Gustavo interrompia o trabalho de alguém para mostrar-me o local.

⁵² Dejan Petkovic (10/09/1972) é ex-futebolista profissional, com passagens por Real Madrid, Vitória, Flamengo, Vasco, Fluminense, Goiás, Santos e Atlético Mineiro. Retirou-se dos gramados em 2011 e em 2013 foi anunciado pelo clube paranaense como treinador da equipe sub 23.

Na parte externa, mostrou-me alguns locais de treinamentos específicos: “aquelas quadras servem para variar um pouco a prática esportiva: tem tênis, basquete, handebol. E lá os atletas podem refinar algumas deficiências” [diz ao apontar um muro que tem um retângulo pintado simulando uma trave, todo quadriculado, onde cada subdivisão indica uma pontuação se a bola ali é acertada. Há também um arco que serve para melhorar a pontaria nos chutes e passes].



Figura 9: Campo auxiliar no CT do Cajú, Curitiba, 2014

Em dado momento passamos por uma sala envidraçada que exibia, expostas ao sol, muitas chuteiras e alguns pares de tênis. Segundo explicou o coordenador, os jogadores são os responsáveis pelos seus calçados, ou seja, o material de trabalho. Assim, quando retornam do treino, têm de lavar e limpar, para que não se acostumem com muito conforto. No entanto, não precisam carregar mais nada além daquele instrumento de trabalho: todo o material é levado ao campo pela Kombi branca do clube. Após a atividade, é só descer o caminho marcado por pedras brancas até o restaurante e esquecer de todo o resto, algo bastante diferente do que vimos em São Carlos e Itaguaí, mas semelhante à seleção brasileira no resort em Itu.

Após o almoço, esperei até às 14h30, quando se realizou um treinamento da equipe sub 15. Enquanto aguardava, e à espera de Gustavo, vejo o treinador Marcelo Vilhena se aproximar e perguntar com curiosidade: “Você está fazendo doutorado, é?” O professor de Educação Física da PUC-MG, àquela época licenciado da universidade, estava em Curitiba desde setembro de 2013. Com trabalhos realizados na base do

Cruzeiro, Vilhena cordialmente acompanhou-me até o campo 5, onde foi realizado o treino que a pedido do coordenador teria uma reunião naquela hora. Mostrou-se interessado em meu trabalho e confessou que também fazia doutorado na UFMG, e tentava conciliar o projeto à distância com o trabalho no CT do Caju.

Quando lhe perguntei o motivo de trocar Minas Gerais pelo Paraná e como ele havia sido admitido no novo local, detalhou-me uma espécie de processo seletivo pelo qual havia passado, algo que levou cerca de um mês, e que evidencia, mais uma vez, o caráter cuidadoso imposto pelo DIF: primeiro foi contatado via *e-mail* por Willian, que perguntou-lhe sobre o interesse de trabalhar em Curitiba e, quando tomou a decisão, começou a ser avaliado já no aeroporto, quando foram lhe buscar. Passou por avaliações psicológicas, com vistas a identificar seu perfil, se doutrinador ou democrático; foi questionado sobre seus conhecimentos específicos em motricidade humana, professor de educação física que é; e depois foi submetido a “um teste top”, descrito do seguinte modo:

“Me colocaram naquela sala de projeções que você viu lá, com uma cadeira e um monte de papel. Puseram um jogo da equipe sub 18 do Atlético do ano anterior, só o primeiro tempo. Depois pediram para que eu desse minha leitura de jogo: o que eu vi de certo, de errado, como o time atacava, como defendia. Pediram também para que eu expusesse o que falaria no intervalo e o que eu ia propor de treinamento durante a semana com base naquele primeiro tempo que vi”

Depois ainda passou por uma entrevista com o diretor geral de futebol, o ex-treinador Antônio Lopes⁵³: “Ele é durão, tipo delegado mesmo, sabe? Depois da entrevista dele eu fiquei meio com medo, achei que não fosse dar. Mas no final deu certo”. Pedi que falasse mais sobre as diferenças em relação às categorias:

⁵³ Antônio Lopes dos Santos nasceu em 12/06/1941, no Rio de Janeiro. Teve curta carreira como jogador profissional (dois clubes em quatro anos). Atuou também como preparador físico e dedicou-se a funções fora do futebol, como detetive e delegado de polícia. De volta ao esporte, tornou-se treinador no início dos anos 1980 até 2011, tendo trabalhado em diversos clubes, como Vasco da Gama, Flamengo, Fluminense, Goiás, Grêmio, Coritiba e Corinthians. Em 2013 tornou-se diretor geral de futebol do Atlético Paranaense.

“Quanto mais baixa a idade, maior se mostra a diferença entre os mais novos e os mais velhos. Por exemplo, agora na Copa São Paulo [diz sobre a participação do Atlético na competição disputada em janeiro de 2014. O Atlético foi eliminado na primeira fase. A equipe foi composta por atletas nascidos em 1996, 1997 e 1998, mas quase todos os adversários levaram elencos formados por atletas nascidos entre 1994 e 1995, na prática a idade limite do torneio] ficou bastante claro: nossos atletas já perdiam a bola na disputa corporal. Mesmo que tecnicamente nosso time fosse melhor.”

Vilhena ainda descreveu o funcionamento de um *software* adquirido pelo clube rubro-negro havia pouco tempo. Seguindo à risca a ideia de informatizar o processo de captação, observação e formação de futebolistas, o Atlético comprou por cerca de R\$ 250 mil um programa de computador capaz de esquadrinhar uma partida de futebol por completo. Todas as partidas que envolvam alguma equipe do Atlético, seja da base ou profissional, são filmadas e arquivadas digitalmente. Este acervo fica à disposição dos profissionais do clube que recorrem aos arquivos para analisar o rendimento de seus atletas nos jogos. Seguindo requisitos que foram elencados previamente, os treinadores tem a possibilidade de analisar pedaços da partida em separado: por exemplo, podem observar quantos ataques sua equipe sofreu pelo lado esquerdo da defesa; quantos cruzamentos de linha de fundo foram realizados pelo lateral direito; quantos desarmes foram realizados pelo volante etc. Ao escolherem o foco da análise, os profissionais tem acesso às imagens daqueles lances desejados, exatamente porque o programa filma toda a partida e permite a visualização de acordo com o que foi escolhido pela análise prévia.

Pedro Martins indica que não foi difícil convencer o presidente do clube a adquirir o programa. Quando perguntado sobre o preço, Petrágliá respondeu: “Pode comprar. Isso é o salário de um mês de alguns jogadores do profissional. Pode comprar agora”. Os gestores do DIF afirmam que outros clubes já adquiriram o mesmo *software*. No entanto, compraram versões que não são completas como a observada ali naquele contexto do clube paranaense.

Pode-se comparar o trabalho realizado pelo clube paranaense ao que se pratica em ambiente profissional da mais alta especialização, tais como em clubes europeus como o Bayern de Munique, que disputa algumas das competições mais prestigiadas do

futebol mundial: a liga nacional alemã (Bundesliga) e UEFA Champions League⁵⁴. O jornalista catalão Martí Perarnau acompanhou desde dentro todo o primeiro ano do treinador e compatriota Pep Guardiola no comando da equipe. Conta que antes de um jogo considerado “normal”, Guardiola e seus auxiliares analisam cerca de seis ou sete dos últimos jogos do próximo adversário – em jogos mais importantes, como na competição continental, chegam a analisar até doze partidas. Em média, cinquenta ou sessenta jogadas são separadas para que se tenha uma noção de como atua a equipe adversária. Preparam informes e discutem, junto do treinador, como aplicar os treinamentos durante os dias que antecedem o próximo embate. Já durante os confrontos, gravam todo o jogo e recortam as imagens a fim de estabelecer uma análise densa, algo semelhante ao que vimos no Atlético Paranaense:

“Desde la tribuna, el grupo de analistas tiene la cámara de grabación conectada al iPad de Torrent [preparador físico], al ordenador del despacho de Pep y al ordenador del vestuario, que a su vez está conectado a una pantalla. Planchart [auxiliar técnico] selecciona en vivo aquellas acciones que le parecen relevantes y envía directamente algunas de ellas, en tanto anota y selecciona otras. Cinco minutos antes del descanso, archiva el programa y completa el primer tiempo desde el despacho de Pep. En los partidos fuera del Allianz Arena [estádio do Bayern], logicamente no posee la misma red de conexiones y tiene que desplazarse al vestuario con su propio ordenador⁵⁵” (Perarnau, Ibidem: 277).

⁵⁴ UEFA Champions League é o torneio que congrega equipes que obtiveram bom desempenho (de primeiro a quarto lugares, a depender do país) em campeonatos nacionais nos países europeus. É considerada a principal competição de clubes em todo o mundo, pelo alto nível técnico, organizacional e financeiro.

⁵⁵ Em tradução livre: “Desde as arquibancadas, o grupo de analistas tem uma câmera de gravação conectada ao iPad de Torrent, ao computador do escritório de Pep e ao computador do vestiário, que por sua vez está conectado a uma tela. Planchart seleciona diretamente aquelas ações que lhe parecem relevantes e as envia diretamente, ao mesmo tempo que anota e seleciona outras. Cinco minutos antes do intervalo, arquiva o programa e completa o primeiro tempo desde o escritório de Pep. Nas partidas fora do Allianz Arena, logicamente não possuem a mesma rede de conexões e precisa se deslocar ao vestiário com seu próprio computador”.



Figura 10: Atletas do Atlético Paranaense em trabalho de recuperação na piscina, CT do Cajú, Curitiba, 2014

Já mais descontraído por estar conversando com um colega doutorando, Vilhena confessou-me, apressadamente e um tanto receoso em expor todas suas ideias, que sua pesquisa de doutorado em motricidade humana buscava analisar, através de um aparato tecnológico baseado em inúmeras câmeras de filmagem, quanto tempo um futebolista de base demora para responder aos estímulos da bola que vai em sua direção. Mais que isso, através de filmagens em câmera lenta, busca entender qual a leitura do atleta em relação ao espaço, aos companheiros de equipe e aos adversários, e em relação à bola, na medida em que interage com todos esses elementos nos segundos que participa da partida de modo mais ativo. Mesmo que não tenhamos maiores detalhes sobre como de fato esta pesquisa está sendo realizada, a metodologia utilizada por Vilhena e pelos demais membros do DIF indica o caráter cientificista e especializado que tem sido aplicado ao futebol de base atualmente, ou seja, no estágio anterior ao futebol profissional, que prepara e produz novos jogadores que, no futuro próximo, o alimentarão e comporão seus quadros. Como dito ainda na introdução, trata-se de um *devir futebol profissional*.

Em cenários como o do São Carlos ou Vasco da Gama não se encontram estruturas, logística, investimentos e capacitação profissional capazes de fazer frente a esse grau de especialização como o verificado no Atlético Paranaense. Mas o que precisa ser destacado é que estes cenários são muitos diversos no universo do futebol de base, produzindo diferenciações na formação de atletas que ao se enfrentarem em

campeonatos colocam à disposição dos demais atores, tais como dirigentes, olheiros, agentes e empresários a lógica da competitividade e busca por esses novos jogadores ainda em fase de experimentações e mais sujeitos às estratégias de aliciamento que movimentam o futebol de base. A fluidez é uma característica intrínseca desse futebol.

O Atlético Paranaense não promove testes ou avaliações dentro do CT do Caju e mantém uma parceria com outro clube menor de Curitiba, o Clube Andraus Brasil, desde abril de 2013. Diz uma notícia no *website* oficial do Atlético:

“O acordo entre os dois clubes tem como objetivo manter o CT do Caju como Centro de Excelência e promover o trabalho no CT do Andraus para capacitação e formação de atletas. Ou seja, não haverá em um mesmo ambiente a convivência de jogadores definitivamente contratados com aqueles considerados em avaliação, testes e adaptação.”⁵⁶

Portanto, dentro do CT são mantidos apenas aqueles atletas que já passaram pelo crivo de avaliações, testes e peneiras⁵⁷, isto é, apenas os ditos “capacitados”, mantendo-se, assim, o caráter de excelência do lugar, de acordo com o discurso proferido. Lá só ficariam os que jogam em nível considerado de excelência. Ainda assim, o controle dos jogadores pareceu rígido mesmo no cotidiano.

Cabe lembrar que as avaliações formam um processo continuado e que o *status* de qualquer jogador pode ser alterado na percepção dos profissionais envolvidos, seja por motivos estritamente técnicos, de saúde ou comportamentais. Gustavo ainda complementou dizendo que, para sair do complexo esportivo, os garotos tinham “total permissão”:

⁵⁶ Nota divulgada em 12/04/2013, <http://www.atleticoparanaense.com>. Vejamos que o Atlético emprega uma abordagem diferente do Vasco, que mantém os “federados” e os “experiência” juntos em treinamentos.

⁵⁷ No geral, podemos diferenciar avaliações e testes das peneiras. As primeiras são normalmente realizadas em vários dias, processo no qual futebolistas podem até mesmo ficar alojados nos clubes realizadores da empreitada – o caso dos “experiência” no Vasco é um exemplo que se encaixa bem aqui, bem como o exemplo dado no corpo do texto sobre o Atlético PR. São mais comuns em grandes clubes, aqueles com maior e melhor estrutura para receber grande número de futebolistas. Peneiras são mais informais, normalmente realizadas por clubes menores e sem grande estrutura, onde se juntam muitos garotos a serem avaliados senão num único dia, numa única vez, isto é, são mandados a campo e devem jogar e demonstrar suas capacidades apenas por alguns minutos.

“Eles vêm até mim e pedem para sair. Eu pergunto o que vão fazer, onde vão, essas coisas. Falo com o treinador e escrevo um papel, autorizando. Eles entregam na saída para o porteiro, que os libera. Agora, se atrasar, se não chegar na hora, e se arrumar confusão lá fora, aí tem punição”.

I.IV.II Os cuidados do corpo

Chamamos atenção aqui para o cuidar e o vigiar dos corpos dos jovens atletas. Baseio-me no que Foucault chama de corpos dóceis: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 2006: 118). Cuidar dos corpos, então, pressupõe uma abordagem especializada e individualizada, que privilegia a eficácia e a precisão dos movimentos e esquadrinha o tempo e o espaço de modo a maximizá-los. Tais métodos são chamados pelo autor de “disciplinas”: “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças em termos políticos de obediência” (Ibidem: 119). Ao analisar práticas disciplinadoras em alguns ambientes específicos, como manicômios e hospitais, Foucault mostra que é através dos corpos que um certo poder controlador pode atingir determinado grupo de indivíduos. Isso é característica dominante no cenário futebolístico de base e profissional – haja vista os regimes de concentração em períodos preparatórios ou pré-jogos – e flagrado em todos os ambientes percorridos (clubes e seleções)⁵⁸.

Não estamos aqui colocando lado a lado o *panoptismo foucaultiano* e a agenda imposta pelos clubes de futebol aos seus quadros de atletas, pois, de fato, tratam-se de configurações muito distintas, de um lado a arquitetura empregada na construção de prisões e alojamentos e de outro os centros de treinamentos futebolísticos. Não é disso que se trata, todavia é certo que a disciplina e o controle exercidos sobre indivíduos compartilham certas disposições disciplinares. Disciplina que é “permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível” (Ibidem: 176). O que logicamente as diferenciaria seria uma espécie de

⁵⁸ É justamente nesse sentido que se dá a análise de Florenzano (1998) sobre certo processo de disciplinarização dos corpos através das práticas esportivas desde o nível escolar – por exemplo, a adoção de exercícios físicos pelos educadores em colégios. Analisa, assim, a figura do jogador que foge a esse processo, o jogador-rebelde, nas figuras de Afonso e Edmundo.

servidão voluntária a que são submetidos esses jovens, cuja noção de projeto não os afastaria da condição de assujeitamento que se verifica, obviamente, nos contextos prisionais. Embora futebolistas de base não sejam controlados por completo e a todo momento, fora de campo precisam seguir regras claras e limitantes; e dentro de campo o cuidado também se faz presente, de modo específico e metucioso. O fato é que a disciplinarização dos corpos e sua conseqüente docilidade por vezes escapa ou é aprisionada de distintas maneiras, produzindo hora inibições no comportamento dos atletas, hora mecanismos de constrangimento que se subjetivizam na figura dos futebolistas. Vejamos alguns exemplos.

A timidez exibida por atletas como Ewandro (atacante do São Paulo) e Alisson (atacante do Internacional) na seleção brasileira juvenil, exposta pelo seu treinador quando da preparação para o Mundial – em setembro de 2013 – pode ser um caso revelador de que esses processos de inculcamento não são mecânicos e deterministas. Quando interpelado sobre o desempenho destes atletas, que normalmente apresentavam bom rendimento em seus clubes mas não na seleção, submetidos quase sempre à condição de reservas, o treinador, à época, afirmou:

“Eu conversei com o Menta [treinador da equipe sub 17 do São Paulo FC] e ele me disse que lá o jogador [Ewandro] resolve os jogos para ele. Mas aqui não. O garoto sente a camisa, sente jogar na seleção. O mesmo vale para o Alisson Azul [apelido do jogador]. Você vai assistir um jogo do Internacional e o garoto resolve. Na seleção é diferente”.

Naquela mesma semana de treinamentos, (setembro de 2013, preparação para o Mundial sub 17) flagramos a seguinte cena: após um belo gol de fora da área anotado pelo atacante Joanderson (jogador do São Paulo, à época), seu companheiro Gabriel (também conhecido como Gabigol, do Santos) aconselhou o companheiro a arriscar mais chutes com a perna esquerda, sua perna forte, sempre quando a oportunidade aparecer: “Abriu, bate! Tem essa bomba no pé, tem que bater”. Bem ao lado do alambrado, onde os jogadores descansavam e conversavam entre si, vi Gabriel proferir suas palavras num tom de voz bastante baixo, longe dos ouvidos da comissão técnica, reunida no centro do gramado. Minutos antes foi pedido mais toque de bola às equipes titulares e reservas, mas o atacante canhoto preferiu escolher outra maneira de definir a

jogada; aqui a rebeldia e a alteração no comportamento teve de ser exposta de modo t nu , sem que os “que mandam” ouvissem a conversa.



Figura 11: Seleção Brasileira sub 17, em treinamento em Itu-SP, Spa-Resort, 2013

Mais tarde, durante o banho p s-treino, ouvi uma conversa entre os atletas que ca oavam de um companheiro num ep s dio pitoresco: o garoto foi motivo de chacota porque confessou não se masturbar durante uma competição internacional de modo a salvar energia para os jogos, uma atitude previamente aconselhada pela comissão técnica da equipe, que exigia o máximo vigor físico quando em campo⁵⁹.

De fato, o tema sexual   dos mais tratados entre jovens futebolistas. Inseridos num contexto de experimentação, muito pela idade que apresentam, os garotos sempre falam sobre tentar ou manter relações sexuais com garotas. Aqueles mais experientes acabam conseguindo mais respeito dos demais. Flagrei por diversas vezes tais conversas e, em alguns casos, exemplos claros da abordagem deles sobre garotas bem como o contrário, o assédio de jovens meninas sobre os futebolistas. A fala de um médico das categorias de base do Vasco, profissional que acompanha todos os treinamentos e jogos das equipes e mant m relação bastante próxima aos futebolistas, indica: “[esses garotos] comem todas as garotas que ficam ali em São Januário”. Isso nos evoca algo flagrado em outro momento, desta vez na pesquisa de campo que fiz junto ao São Carlos FC e suas equipes infantil e juvenil. Numa cena ocorrida em Limeira após uma partida pelo

⁵⁹ Aproximamo-nos, aqui, do relato interessante de Wacquant (2002) sobre como a prática do sexo, em períodos de competições oficiais (no caso, na proximidade de uma luta de boxe) pode afrouxar a corporalidade viril do atleta.

Campeonato Paulista das categorias infantil e juvenil de 2011, os jovens atletas são-carlenses flertavam com garotas que os esperavam na porta do vestiário do estádio Major José Levy Sobrinho. Elas assistiram à partida da equipe juvenil e se posicionaram logo na saída dos vestiários após o jogo. Os garotos do time sub-15 logo perceberam sua presença e mudaram o comportamento: alguns mudaram o penteado (cabelos espetados, gel, moicano), outros arregaçaram as mangas das camisas para exaltar os braços que, embora ainda franzinos, apresentam certo torneamento condizente com a malhação semanal que lhes é imposta; falavam ao celular, ouviam músicas em seus aparelhos de MP3 e circundavam as garotas. Alguns chegaram a flertar com elas, recebendo tratamento irônico dos colegas, dado o insucesso. As garotas estavam à espera de jogadores do time do Independente, adversário do São Carlos naquele dia.

Algo parecido aconteceu em Rivera, Uruguai, durante a primeira fase do sul-americano sub 15. Garotas uruguaias se colocaram em frente ao hotel onde a seleção paraguaia estava hospedada para o torneio. Presenciei uma cena de contemplação por partes das jovens que se puseram a gritar escandalosamente quando alguns atletas saíram às sacadas. Elas nem ao menos conheciam os garotos, já que se tratava de jovens jogadores menores de dezesseis anos e que haviam jogado apenas uma partida do torneio. Evidentemente, o fato de serem paraguaios, o que os configurava como estrangeiros em Rivera, sendo, portanto, diferentes, contribuiu para exagerada “devoção”. Mas sabemos que estes garotos possuem um potencial de ídolos a ser ainda desenvolvido, algo que estava em ação naquele momento.

Voltando ao São Carlos, num outro cenário e contexto – Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2014 – o grupo sub 19 treinava numa manhã enquanto eu conversava com Brasília, o preparador de goleiros, ao lado do treinador Roberto Santana e do fisioterapeuta Maurício. Soube, então, que o goleiro Leandro, que havia sido substituído na primeira partida após uma trombada com o atacante adversário, não se recuperaria a tempo e estaria fora da próxima partida. Flagrei a seguinte proposição de Brasília a Maurício: “Pode trabalhar com ele, tá. Ele tá com dor, não tá se sentindo bem, eu só trabalho com o 100%. Ele tá fora do jogo”. Leandro ficou durante todo o treinamento daquele dia aos cuidados do fisioterapeuta, que lhe mandava exercitar tudo aquilo que não incomodava, na tentativa de rastrear a dor e localizar a contusão de modo a tratá-la da forma mais eficaz possível. Para o jogo do dia seguinte, no entanto, não havia tempo hábil.

De repente, vi Brasília se aproximar. Ele deixou o outro extremo do campo, onde trabalhava seus dois outros pupilos, e veio até nossa direção, onde estávamos eu, Maurício, o goleiro Mariano (o quarto do elenco), também em tratamento, e Leandro. E disse ao fisioterapeuta: “Não é pior trabalhar o que ele tá sentindo? Ele tá sentindo e ficar aí chutando essas bolas não é pior?” Brasília cuidava de seus goleiros desde muito longe. Vejamos que ele, lá do outro lado, atentava-se para saber qual o trabalho que era realizado pelo seu outrora titular, então lesionado. Contrariado pela forma com que Leandro posicionava a perna esquerda machucada, ou seja, a perna do apoio para o chute, indagou Maurício:

- “Ele tá batendo com a perna esticada. Deve tá sentindo, não tá? Melhor parar, hein”.

- “Mas eu só estou trabalhando o que ele não tá sentindo. Ele tá com receio, mas não tem dor”.

Brasília, resignado, desistiu da discussão e voltou para lançar mais bolas a Guilherme e Lucas, seus dois outros especialistas.

Mariano, o outro goleiro em tratamento, enfrentava havia algum tempo uma contusão rara e de difícil solução: uma lesão muscular mal curada no bíceps femoral da coxa esquerda que acabou por calcificar-se e o impedia de exercer sua profissão regularmente.

- “Mas como isso aconteceu?” lhe perguntei.

- “Ah, foi uma lesão mal curada. Mal curada porque eu não podia parar, né. Só tinha dois goleiros e eu não podia ficar parado. Então eu jogava, treinava e fazia gelo, não esperava para sarar de vez.”

No dia seguinte Mariano iria de carro até Marília, acompanhado de seu pai, visitar um médico especialista, sem qualquer amparo do clube: “É, eu vou por conta, né. Vou com meu pai”, relatou o jovem goleiro, evidenciando que no futebol de base essas ingerências são muito comuns: os atletas podem escapar dos cuidados e da vigilância do clube e resolver seus problemas fora da esfera de ação de seu empregador, ainda que, ao mesmo tempo, sejam todos extremamente vigiados.

Evidentemente, isso depende das condições estruturais e financeiras do clube. Quando o motivo da vigilância escapa dessas condições, como no caso um exame muito

detalhado e, certamente, de alto custo, o futebol de base permite que seus atletas lhe escorreguem e busquem refúgio em outras esferas – aqui, a primeira delas, a família. Em nenhum momento Mariano contestou o fato de que, naquele momento, estaria desamparado pelo clube.

Nesse caso parece que estamos diante de um exemplo que também nos aproximaria da concepção deleuzeana de poder, que na sua manifestação não seria essencialmente repressivo, já que incita, suscita e produz, e além de ser é exercido antes de ser possuído e que passaria pelos dominados tanto quanto pelos dominantes. Poder que condicionado e imposto por uma óptica científica e tecnológica inerente ao esporte de alto rendimento, acaba por controlar os corpos de modo capilar, em instâncias tão difusas e tênues que acabam por passar despercebidos pelos sujeitos controlados. É algo tão institucionalizado e obedecido que foge ao olhar externo, algo que esta etnografia tenta trazer ao leitor. Voltando ao que diz Foucault, temos a seguinte característica do poder exercido:

“O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia (...) O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também exercê-lo (...) Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles” (Foucault, 2005: 35).

I.IV.III Treinando representações

Mas processos modernos de gerenciamento e amparo científicos na produção de jovens atletas, tais como os observados sobretudo a partir do caso do Atlético Paranaense, tendem a trazer à tona as controvérsias a respeito das representações que historicamente alimentaram as narrativas sobre o futebol brasileiro.

Pode-se estabelecer a passagem dos anos 1960-1970 como marco tangível de mudanças na preparação e nos cuidados com os futebolistas no Brasil. Antes acreditava-se que os brasileiros exibiam um estilo de jogo técnico único ditado pela noção algo difusa de improvisação e individualismo, ou seja, um estilo de jogo (Toledo, 2002)

amparado em narrativas que de alguma maneira se tornaram eficazes e representativas da auto percepção do jogo (Guedes, 1977; Da Matta *et al*, 1982; Toledo, 2002). Tais noções, sobretudo a ideia de “malícia”, “malandragem”, individualização e improvisação contrastavam com o modo que, também a partir do Brasil, se notava o futebol jogado pelos europeus, certamente um futebol que investia mais no domínio e obediência táticas e preparo físico.

Após a seleção brasileira ser eliminada na primeira fase do mundial de 1966, o discurso corrente na mídia especializada culpou a falta de preparação mais acurada dos atletas (Florenzano, *Ibidem*) e aos poucos se estabeleceu uma nova mentalidade que reposicionaria o futebol brasileiro mais abaixo no cenário mundial: então a técnica dita improvisada e tão essencializada em muitas narrativas não mais bastaria para superar a preparação física e inculcação tática dos europeus – hoje estendemos essa “evolução” europeia também à técnica, antes uma característica tida como quase que exclusiva dos sul-americanos. No entanto, entendemos que o futebol europeu sempre exibiu sua técnica, algo diferente do que entre brasileiros, argentinos e uruguaios, para definir um estilo sul-americano de jogar futebol. Diferenciavam-se, sobretudo, no que para eles significava o belo no futebol, já que primavam pela tática muito bem treinada, isto é, posicionamento e obediência a certo padrão de jogo pré-definido, e pelo preparo físico muito apurado, para que pudessem exercer no momento do jogo tais padrões.

Na Copa do Mundo do México, em 1970, a seleção brasileira sagrou-se campeã exibindo um jogo vistoso e técnico, de muita qualidade e efetividade. De acordo com Florenzano (*Ibidem*), o time estava muito bem preparado fisicamente, tendo treinado por três meses seguidos antes da competição – essa visão foi confirmada após a vitória; se não a tivessem conquistado, evidentemente que toda essa preparação seria criticada e possivelmente apontada como mal realizada. Mas o controle sobre os treinamentos passou a extrapolar as questões relacionadas à dimensão física: “mas além dos exames destinados a esquadrihar o corpo, existiam também os exames encarregados de perscrutar a alma incluindo-se os psicotécnicos e até psiquiátricos” (*Ibidem*: 123). A subjetividade cada vez mais aparecerá como a esfera a ser mensurada e levada em alta conta na preparação dos atletas.

Um jogador pode ser um pouco sonolento, por exemplo; é preciso então ajustar o controle entre corpo e alma de modo a formar um futebolista dentro de um patamar de

normalidade, ou seja, ele não pode ser nem explosivo nem muito tranquilo. Busca-se um ótimo emocional para que, ao lado da técnica e da parte física, renda o máximo possível. Voltemos mais uma vez ao contexto do time do São Carlos para mostrar que durante uma preleção do treinador Roberto, minutos antes de uma partida, o especialista da função de goleiro Brasília aproximou-se e sussurrou indignado em meu ouvido, evitando que fosse ouvido: “Olha a cara do meu goleiro reserva?” Percebi, então, em Guilherme, ex-titular que havia perdido a posição para o novato Leandro durante aquela semana, o quanto roia suas unhas e mantinha uma visão perdida como se estivesse longe, diferentemente de todos os demais atletas que permaneciam atentos ao treinador a discutir jogadas e possíveis problemas que enfrentariam em alguns minutos.

I.V Coisas: material, chuteira, bola

A postura adotada na pesquisa de campo aqui apresentada nos sugeriu buscar compreender os futebolistas através daquilo que venho denominando uma perspectiva ecológica, se pudermos estender algumas proposições desse paradigma ingoldiano ao futebol:

“Ingold argumenta que tanto a produção do conhecimento quanto sua transmissão são indissociáveis do engajamento dos sujeitos no mundo e da sua ação criativa no presente. O foco no presente e na atividade confere centralidade aos processos perceptivos como guias fundamentais da comunicação e da aprendizagem como qualidades comuns a todos os seres que habitam o mundo. Estes processos são comuns à experiência de todos os seres humanos e não humanos que, atravessados pelas forças vivas no ambiente, criam suas formas de vida” (Steil e Moura Carvalho, 2012: 8).

Materiais, fluxos, substâncias, luz, som, líquidos e texturas são coisas vivas que conjuntamente com os homens coabitam o mundo e o produzem. Não seria diferente que a cultura esportiva não levasse tal máxima em alta conta. Se estiver frio, é preciso alongar os músculos de modo mais intenso e cuidadoso, já se o campo estiver molhado faz muita diferença na relação entre a movimentação dos corpos e o trato da bola,

custando ao jogo modificar seu encaminhamento. Se a bola quicar antes do goleiro, então... Condições que se colocam ainda mais sensíveis ou decisivas no domínio do aprendizado dos jovens em competição por um espaço tão restritivo que são as categorias de base, onde as avaliações sobre as competências são rigorosas e vão muito além da incorporação de técnicas corporais.

Para pensar sobre o mundo do futebol de base é preciso considerar todas as outras coisas que “habitam” este mundo, os entes intramundanos. Estas coisas estão em relação com o homem e se mostram como instrumentos, isto é, são de alguma maneira utilizados pelos homens. Podemos compreender essa relação através do que vemos como signos: “o nosso ser no mundo não é só ou principalmente um estar no meio de uma totalidade de instrumentos, mas um estar familiarizados com uma totalidade de significados” (Vattimo, 1987: 31). Caminhamos neste sentido e ao invés de procurar interromper os fluxos de substância que dão vida às coisas e procurar pelas interações entre as coisas que cercam esses neófitos. Coisas que, de acordo com Ingold (2012), não são fechadas em suas superfícies “externas e congeladas” porque estariam vivas, em movimento⁶⁰. Pensar em coisas significa pensar que algo acontece ali: antes de existirem elas ocorrem, atuam e sofrem ações. Falemos, então, de algumas dessas coisas inerentes à prática futebolista.

Alvo certo de reclamações, o material de uma equipe de futebol de base é tão útil para qualquer treinamento diário quanto, por vezes, indesejado. Normalmente é carregado pelos atletas mais jovens ou por aqueles que por algum motivo estão a pagar um castigo por uma atitude indevida. Grandes bolsas pesadas são colocadas ao lado do campo, levadas novamente aos vestiários, seguindo nos ônibus ou vans para onde o time estiver indo. Seu regular responsável é o massagista que leva desde suprimentos médicos – bandagens, spray para dor, esparadrapos e faixas – a outros materiais que servirão para a realização de atividades práticas, como cones, bolas, chuteiras, estacas e fitas. Em alguns casos até mesmo um pacote de bolachas escondido ou uma garrafa térmica de café. É também um ponto de encontro, um lugar para onde todos se dirigem quando se permite uma pausa ou término do dia de treinamentos. Um lugar de significados, portanto.

⁶⁰ Distanciamos-nos, portanto, da visão proposta por Gell (1998; 1999). Adotamos, ao invés, uma postura que privilegia a configuração do humano e seu engajamento corporal num dado contexto técnico, seguindo, entre outros, Sautchuk (Idem).



Figura 12: Garotos da equipe sub 15 do Vasco chegam ao treinamento em Itaguaí-RJ e carregam o material do ônibus ao campo

Como todas as outras criaturas vivas, os seres humanos não existem no outro lado da materialidade, mas estão inseridos ou submersos num oceano de materiais. Nesta seção veremos como o material acaba por ser visto como algo em movimento, em fluxo, em variação. Assim, se intentamos entender o material e as matérias que compõem o universo futebolístico de base foi preciso segui-los de perto. É como se os materiais exibissem vida ativa na medida em que se relacionam, ou estão em contato, ao se misturarem. Eles vazam pelos caminhos que tomam ou são levados, “contaminando” as relações entre as pessoas.

Ingold (2011) sugere que ao invés de pensarmos na materialidade dos objetos, ou seja, de que são feitos ou formados, deveríamos nos atentar às suas propriedades. Tais propriedades, sendo constituintes do meio em que vivemos, não são fixas, mas processuais e relacionais: “*every property is a condensed history. To describe the properties of materials is to tell stories of what happens to them as they flow, mix and mutate*” (Ingold, Idem, p.30). E mais: “*the properties of materials, in short, are not attributes but histories*”⁶¹ (Ibidem: 32).

Entre os cenários que caminhamos, clubes e seleções, o material pode mostrar-se de diferentes maneiras. Em São Carlos e em Itaguaí os garotos tinham que carregar

⁶¹ Em tradução livre: “Toda propriedade é uma história condensada. Para descrever as propriedades dos materiais é preciso contar as histórias sobre o que acontece com elas à medida que vagam, se misturam e se alteram (...) As propriedades dos materiais, em resumo, não são atributos mas histórias”.

tudo, já no Atlético Paranaense ou mesmo nas seleções nacionais, como veremos mais adiante, o conforto é um pouco maior: tudo já está preparado e levado pelos profissionais responsáveis, sob a sombra, à espera dos atletas que chegam cansados para se refrescar; os garotos são responsáveis apenas por suas chuteiras, que devem ser limpas e mantidas higienizadas, concebidas que são como instrumento de trabalho. Na seleção brasileira sub 17 havia frutas e isotônicos à vontade: quando de uma pausa via-se os jogadores repondo as energias gastas com melancias, abacaxis e bananas, além das onipresentes garrafas de bebidas multicoloridas.

Chuteiras e caneleiras são instrumentos onipresentes no material. Não é algo fácil de ser medido, mas trazemos aqui a ideia de que há algum tipo de relação entre um futebolista e um instrumento de trabalho como sua chuteira. A começar porque é talvez o objeto mais caro a ser adquirido, sobretudo para quem está no início da vida no esporte. É comum que agentes e familiares presenteiem futebolistas com chuteiras novas e que serão utilizadas diariamente.

A depender do cenário, contratos com marcas de material esportivo são buscados pelos atletas e seu *staff* e, assim, não precisam gastar dinheiro com isso; ao contrário, recebem este material e são até mesmo pagos para utilizar os produtos – os fabricantes buscam divulgação a produzir uma simbiose entre jogador, modelo do calçado e a marca. Foi o que vi em Itaguaí com alguns jogadores do Vasco. Um ou outro exemplo mais extremo apontava que mesmo em se tratando de atletas menores de idade alguns já possuíam acordos com uma empresa de material esportivo: chegavam a receber um cartão de crédito com limite entre R\$ 3 mil e R\$ 5 mil para gastar na loja oficial da marca.

Além disso, recebiam roupas, bonés, tênis, sapatos, bermudas e calças. Aproveitavam os brindes adquiridos na loja e presenteavam amigos e parentes ou mesmo vendiam os produtos. Não obtive a confirmação oficial se esse ou aquele jogador desfrutava de fato dos produtos, mas ficou claro que certamente os que costumavam servir a seleção brasileira eram os que chamavam a atenção: na oportunidade que cito, Caio, Danilo e Anderson Foguete acabavam de retornar de uma excursão à Espanha e Catar. À época, tinham acabado de deixar o infantil e estreavam no juvenil, recém-campeões sul-americanos; foram incessantemente atormentados pelos companheiros que pediam brindes e presentes quando da próxima viagem.

Na prática, observei um retrato que está pintado da seguinte maneira: quase todos aqueles atletas que vi diariamente em treinamento portavam chuteiras muito específicas, produtos desenvolvidos especialmente para aquela atividade – dotados, inclusive, de alguns atributos para esta ou aquela posição. Alguns exemplares eram réplicas de modelos utilizados por profissionais, mas fabricados com materiais mais simples e mais baratos. Conservavam, porém, cores, cortes e formato. O lateral-direito Anderson Foguete portava o último lançamento a entrar no mercado de chuteiras: tratava-se de um modelo Nike *Speed*⁶², numa cor que se assemelhava ao rosado salmon. Danilo também usava a mesma chuteira, que poderia ser vista em qualquer jogo pela televisão nos pés do atacante Neymar, ícone recente do futebol espetacularizado. Era um modelo tratado pela propaganda feita pela multinacional norte-americana como sendo ideal para jogadores mais velozes e dribladores, notadamente, atacantes, portanto. Como dito, o garoto é lateral, mas seguia à risca o receituário e a “alma” do calçado: leve, rápido e habilidoso, abusava das jogadas ofensivas e driblava sem pestanejar.

No Sul-americano sub-15, esses atletas selecionáveis receberam artigos esportivos tidos como de luxo, brilhantes, coloridos e quiçá exclusivos, aqueles portados também pelos profissionais, e que acabou os diferenciando dos demais adversários até, sobretudo quando falamos de peruanos e bolivianos. Estes vestiam uniformes fabricados por empresas nacionais que não têm a inserção no mercado mundial como as maiores e mais conhecidas marcas – Nike e Adidas⁶³. Portavam modelos mais antigos e já quase fora do mercado esportivo da moda, nada, portanto que se aproximasse da exibição dos últimos e mais recentes produtos oferecidos pelas lojas. Um degrau acima, no sub 17 de dois anos depois e, portanto, já mais próximos do profissionalismo, essa diferença já não existia: as dez seleções trouxeram o que havia de mais recente no mercado da época, sem exceção. O mesmo pode ser dito das grandes competições de base do futebol brasileiro. Nos campeonatos regionais, em

⁶² A Nike contava com quatro modelos diferentes de chuteiras, todas com características específicas para cada necessidade da posição ocupada pelo atleta em campo: *Speed*, para velocistas e jogadores habilidosos, que abusam dos dribles; *Accuracy*, para precisão no passe e lançamentos; *Control*, que indica maior controle de bola e *Touch*, para atletas preocupados com a sensibilidade ao tocar na bola. A Adidas, outra multinacional gigante do meio esportivo, utilizava-se de estratégia parecida, com algumas pequenas diferenças; seus modelos eram subdivididos nas seguintes categorias: *Speed*, *Power*, *Heritage* e *Classic*. Puma, Umbro e Mizuno são outras marcas esportivas a seguir este exemplo. A prática segue em uso, mas as companhias sempre alteram o nome da coleção, renovando a nomenclatura e alterando a composição e o desenho dos artefatos.

⁶³ A Adidas, por exemplo, tem contrato com mais de duzentos jogadores em nível nacional, em diversas categorias. Informação veiculada por reportagem do www.globoesporte.com (consultado em 24/02/2014), segundo declarações do gerente da Adidas Brasil, Daniel Schmid.

contrapartida, por haver muitos clubes pequenos – um lugar onde a capilaridade das grandes empresas ainda não é suficiente para reproduzir o que acontece no futebol profissional – há muito mais dificuldade em fornecer tanto material assim. Logo veremos.



Figura 13: Equipes sub 15 de Brasil e Peru prestes a entrar em campo em partida válida pelo Sul-Americano sub 15, Uruguai, 2011. Detalhe para as cores das chuteiras de ambas as equipes

No cotidiano vascaíno em Itaguaí percebi um pequeno conflito sobre um assunto específico. Havia alguns membros das comissões técnicas das equipes de base, notadamente aqueles com mais tempo de trabalho no futebol, e que por isso mesmo traziam um espírito mais saudosista, acostumados que estiveram à simplicidade de classe hoje traduzida na materialidade do couro e nas cores básicas que compunham os uniformes tradicionais, criticarem as cores brilhantes ou mesmo extravagantes do novo material esportivo.

Um membro da comissão técnica da equipe infantil, ao ver Anderson Foguete deitado ao lado da chuteira e com um pouco de gelo sobre o tornozelo direito – havia recebido uma pancada minutos antes – perguntou, de modo escrachado: “Porra, um negão desses de chuteira rosa?!” O preparador físico da equipe juvenil, André, aproveitou a deixa e ilustrou em voz alta: “Mermão, Vasco x Flamengo domingo passado, profissional. Eu contei. Sabe quantas chuteiras pretas em campo? Sabe quantas? Nenhuma! Nenhuma, mermão! O futebol de hoje é assim”, olhando,

resignado, para o garoto estirado na grama verde. Anderson Foguete parecia nem ouvir a conversa.

Numa reportagem veiculada em meados de 2014⁶⁴, disse o zagueiro Wallace, revelado pelo Vitória-BA e já profissional, sobre as diferenças entre antes e atualmente:

“Lá na base do Vitória tinha um lance de que zagueiro não poderia usar outra cor e tinha que ser sem trava. Na época em que eu estava lá, era camisa por dentro, sem brinco, cabelo cortado e chuteira preta, era meio exército mesmo (risos). Os treinadores falavam que a chuteira para os torcedores ia chamar muita atenção, e eles iam dizer: ‘Aquele de chuteira branca errou de novo’. Como desde os 11 anos acabei pegando esse costume, me sinto até um pouco estranho usando outras cores”.

Mais atualmente o uso da cor preta conota um senso de seriedade, algo muitas vezes evitado no futebol de base mas, como este futebol caracteriza-se por ser uma espécie de *devir profissional*, segue de muito perto aquilo que está sendo oferecido entre os profissionais mais sujeitos às grandes marcas que ditam tanto o suporte material para exercício da técnica quanto o sentido mais plástico evocado na moda esportiva. Princípios como espetáculo, representação e aparência nos remetem ao que acontece neste chamado futebol moderno: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens (...) A realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente” (Debord, 1997: 14-15). Neymar, por exemplo, traz escrito nas chuteiras duas palavras: ousadia num pé, alegria no outro e quase sempre atua com chuteiras coloridas⁶⁵.

⁶⁴ www.globoesporte.com, matéria publicada em 24/02/2014.

⁶⁵ As considerações sobre o tema do espetáculo relacionado ao futebol estão baseadas, também, em Damo (2007) e Baudelaire (1996), além do citado Debord (Idem).



Figura 14: A coloração das chuteiras no futebol atual. Fonte: www.globoesporte.com

A supracitada reportagem também traz alguns números interessantes: durante as primeiras cinco rodadas de quatro campeonatos estaduais (paulista, carioca, mineiro e gaúcho), em 2014, dentre 1559 pares de chuteiras utilizados, apenas 210 eram de cor preta – média de 3,75 por partida. O fato é que modelos de chuteiras do tipo colorido dominam o mercado desde o início dos anos 2000. É verdade, também, que há um sem número de exemplares, de várias marcas e cores, à venda em lojas reais e virtuais, mas as mais vendidas são as mais chamativas, coloridas e extraordinárias, isto está claro mesmo se acompanharmos o futebol apenas pela televisão, como a maioria das pessoas o faz. A quantidade de mercadorias produzidas e à disposição no mercado multiplicou as possíveis escolhas. Disso subentende-se que até mesmo a insatisfação tornou-se mercadoria, já que o fato de haver inúmeras outras opções, acaba fazendo daquela escolhida algo com tempo de vida limitado e, em geral, bastante curto.

Evidentemente, se verificarmos o material de trabalho utilizado em clubes profissionais, o quadro se pinta exatamente como o descrito. E nas categorias de base isso também é visto: os produtos utilizados são os mesmos. O lateral-esquerdo vascaíno Lorrán, como mais um exemplo, utilizou três diferentes modelos de chuteira durante o período que acompanhei sua equipe. Treinou na primeira semana com um modelo Nike *Control* (azul). Num jogo contra o Friburguense, pelo Campeonato Carioca, portava um modelo Nike *Accuracy* (laranja e preto) e, na segunda semana de treinos, o mesmo modelo do jogo, mas em outra cor (azul e preto). No Atlético Paranaense e nas seleções de base viu-se o mesmo. O que normalmente acontece é que os jogadores que possuem contrato com as empresas de material esportivo escolhem apenas o modelo preferido e recebem as chuteiras em vários modelos, quase sempre coloridas. É um cenário dominado e sob a égide dessas empresas, que se apegam à imagem para tentar fazer com que seus produtos atinjam o maior número de consumidores, no caso, potenciais clientes. Mas se nos atentarmos para clubes menores, como o São Carlos, as coisas diferem um pouco.

Como um agrado, a diretoria do clube paulista deu a seus atletas da equipe júnior um par de chuteiras para cada um pouco antes do início de uma edição da Copa São Paulo 2014. Eram de uma marca de material esportivo não muito expressiva no mercado, um produto relativamente mais barato que os mais famosos de que falamos há pouco. A parceria entre clube e a empresa se concretizou na tentativa de expor e divulgar a marca na competição que se aproximava. A maioria dos atletas gostou muito de receber aquela prenda e as utilizavam especialmente nos treinamentos, guardando as preferidas, aquelas que já possuíam e já utilizavam havia algum tempo, para as partidas oficiais. Logo no terceiro dia flagrei o zagueiro Rodolpho mancando e tentando chegar até o banco de reservas para trocar o calçado, já que o recém-adquirido material havia rasgado as costuras na região do calcanhar. A chuteira estava como que aberta e completamente inutilizável. O garoto fez questão de mostrar ao diretor da equipe que, àquele dia, assistia à atividade à beira do campo. Quando perguntados, afirmaram: “Ah não dá nem pra usar no treino. É ruim, hein!” e riam exibindo as chuteiras que chegaram em dois modelos: brancas e pretas.

A prática faz com que os futebolistas diferenciem e hierarquizem os produtos, classificando-os como coisas. Não podemos medir exatamente, mas é fato que para eles o material da chuteira A é melhor que o da B, mais confortável, mais leve, mais

ajustado aos propósitos buscados. Mas a incorporação das qualidades de determinado material se dá também em níveis subjetivos, algo que eles internalizam, concebem e depois compartilham com os companheiros. Isso parece fazer parte do próprio fazer dos atletas enquanto atletas: eles conversam sobre as qualidades e defeitos daquelas coisas, treinam com a chuteira alheia para provar e sentir, e depois comentam e produzem um discurso que só alimenta tais pensamentos ao mesclar práticas e ideias.

Isso não acontece somente no futebol. Cada prática esportiva tem, atualmente, um calçado, uma roupa, equipamentos próprios e especiais para cada atividade. E, como estamos vendo, é possível encontrar vários tipos para uma mesma prática. Propomos, então, pensarmos em uma espécie de *tecnocultura*, onde temos “um mundo de redes entrelaçadas – redes que são em parte humanas, em parte máquinas; complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como ‘natural’ e ‘artificial’ para a lata do lixo” (Kunzru, 2013: 24).

Ao aceitarem as características deste ou daquele material, os jovens futebolistas estão como que assumindo uma nova identidade, ou afirmando uma nova característica, daí em diante própria: “a tecnologia não é neutra. Estamos dentro daquilo que fazemos e aquilo que fazemos está dentro de nós. Vivemos em um mundo de conexões – e é importante saber quem é que é feito e desfeito” (Ibidem: 32).

Tal processo também é influenciado pelo material de que é feito o produto. Não é só de cores que falamos, é também de textura e de suas propriedades. Se antes eram feitas de couro, um material mais rústico, firme, que leva mais tempo para se moldar ao formato dos pés, atualmente temos um tipo de plástico sintético que é muito mais fino, mais elástico e também mais fácil de ser trabalhado, moldado, seja no formato, seja nas cores. Como é algo mais frágil, essas chuteiras duram muito menos tempo e é por isso, também, que vemos uma enorme quantidade de novos modelos ano após ano oferecidos num mercado, além do mais, ávido por consumo.

Uma cena comum em um ambiente futebolístico “de antigamente” era ver um massagista ou roupeiro andando para lá e para cá com a chuteira de algum atleta nos pés. A intenção era amaciar o calçado de modo a deixá-lo pronto para o uso quando de uma partida. A televisão mostrou o roupeiro da seleção caminhando com o par de chuteiras prateadas utilizadas pelo atacante Ronaldo na Copa do Mundo de 1998. Hoje

em dia isso não é mais necessário: o material é tão flexível e moldável que se ajusta aos pés do jogador quase que imediatamente.

Vimos uma diferença bastante significativa entre clubes e seleções de base, portanto: quando treinavam no Spa Resort em Itu, vi os garotos da seleção sub 17 saírem dos vestiários com caneleiras ainda nas embalagens, envoltas em plástico, carregando-as nas mãos. Era o primeiro dia de treinamento com bola. Assim que chegaram à lateral, despiram o produto e enfiaram-nas por sob os meiões logo antes de iniciar o aquecimento. Ali eram todos patrocinados e presenteados com rouparia de passeio e de trabalho, artigos exibidos em tempo integral seja fora, seja dentro de campo. Algo que em alguma medida faz com que atraíssem mais gente ao redor: estão sempre muito bem vestidos, é dizer, vestem artigos têxteis que estão de acordo com o gosto de boa parte da população (que “seguem a última tendência”), valores que se reproduzem por várias mídias e que atingem muitas pessoas e, é a partir daí também que se pode estabelecer relações com amigos, parentes e familiares.

Esses produtos são como coisas que podem facilitar ligações e conectar pessoas através de sua posse e cessão, troca. Coisas porque trazem história e significado que, de alguma maneira, ligam futebolistas à sua *entourage*. Assim vimos no Uruguai e na Argentina, quando os familiares dos futebolistas brasileiros assistiam a todas as partidas travestidos com roupa de seus filhos: eram agasalhos, camisas com os nomes às costas, calças, camisas de treino, uma rouparia que os identificava já de longe. Flagrei crianças argentinas que viam os jogos das arquibancadas, a pedir um exemplar para os pais de Vinícius e Caio, ou simplesmente perguntar sobre quem eram os garotos, qual o vínculo que aquelas pessoas tinham com os atletas que corriam em campo logo abaixo.

Em Itu, quando esta mesma seleção treinava em preparação para o Mundial, um dia vi chegar ao Spa Resort um garoto da equipe do Ituano, que completaria o elenco do selecionado brasileiro por um simples motivo: alguns jogadores não participariam do coletivo naquela tarde, por lesões, e o jovem lateral direito, acompanhado de seu treinador, faria parte dos onze reservas. Muito tímido, sentado no confortável sofá da recepção do lugar e à espera de que a atividade começasse, o garoto trazia as chuteiras nas mãos e, em cada uma, um nome grafado: Stefany e Maria – sua irmã e sua mãe, como vim a saber posteriormente. De alguma maneira o jovem futebolista carregava sua família, ou parte dela, junto de si, nos pés, na prática um de seus instrumentos de

trabalho, algo que ele utilizava todos os dias em busca de tornar-se um profissional da bola. Atitude muito distinta da exibição dos garotos que já estavam aparentemente mais consagrados na seleção e que se comprometiam com as marcas e os signos de um novo status oferecido pelo mercado multinacional esportivo. O jovem da equipe do Ituano, ainda preso às incertezas da profissão, apegava-se à família, primeiro arrimo da carreira, reconhecido por ele no uso dos nomes da mãe e irmã na materialidade de suas chuteiras.

Evoco, por último, um exemplo mais extemporâneo ao contexto da pesquisa, e que diz respeito a minha vivência no futebol universitário. Um jogador da equipe sub 20 do Palmeiras presenteava alguns amigos com chuteiras que sequer saíam das embalagens. Patrocinado pela Puma, recebia exemplares e mais exemplares e os doava. Alguns destes chegaram até os pés de um atleta da equipe de futebol de campo de minha universidade. Equipe que, inclusive, fiz parte durante o período de meu vínculo acadêmico com a instituição. Era uma espécie de artefato muito desejado pelo estudante-atleta e que sempre o remetia ao amigo futebolista.

Pensemos, agora, na bola, o instrumento principal desse esporte, que inclusive compõe o conjunto de regras do futebol. A bola é uma coisa que possui diversas propriedades, processuais e relacionais e à qual cada jogador se dedica a prever seus reboliços, seus efeitos desconcertantes e suas trajetórias múltiplas. Coisa, para Ingold (2012), seria como um “agregado de fios vitais”: ele quer dizer que algo acontece ali, que se temos uma coisa isso significa que não é fechada para o exterior, mas que acontece, e pressupõe que outros acontecimentos se entrelacem. Um objeto, ao contrário, seria um fato consumado em suas superfícies “externas e congeladas”. A bola, assim, é uma coisa que entra em ação no momento em que é tocada. Se tomada num momento isolado, estacionada sobre o relvado, nada mais é que um objeto. Mas ao rolar, ser chutada, lançada e reivindicada pelo jogo, interage com o gramado, com os pés dos atletas, com o vento e a chuva e então temos um cenário onde as coisas acontecem, eventos, *hecceidades*⁶⁶. Ou seja, trata-se de apreender as histórias dos que se

⁶⁶ Seguindo Deleuze e Guattari, este conceito se relaciona à noção de movimento, de devir. Tudo pode afetar e ser afetado. Hecceidade representa “relação de movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado (...) Uma hecceidade não tem começo nem fim, nem origem nem destinação; está sempre no meio. Não é feita de pontos, mas apenas de linhas. Ela é rizoma” (Deleuze e Guattari, 1997: 47; 50). Este conceito está aqui aproximado a um outro, o de linhas. Acredito que ao longo do texto esta reflexão ficará implícita num programa teórico que aqui ainda considera as ideias de Tarde (2003).

envolvem já que, como estamos seguindo Ingold, dentre outros, a capacidade para fazer algo é adquirida por qualquer ser vivo à medida que se relaciona com seu meio.

A bola é tema de tantas especializações e “cientificidades” como as chuteiras de que falamos há pouco. A cada ano surgem novas bolas, novos materiais empregados, novas costuras e, em geral, mais velocidade e mais imprevisibilidade em seus deslocamentos, tudo em favor do aumento no número de gols, a maior emoção no futebol. Gostaria de adicionar aqui justamente uma discussão em torno dessa expressão, qual seja, a da emoção. Autores clássicos como Elias & Dunning (1992) centram-se na noção de “processo civilizatório” fundamentado numa série de adestramentos morais e corporais colocados em prática, em grande medida, por elites ocidentais durante o século XIX. A partir daí definem um *esporte*, futebol incluso, como forma institucionalizada e controlada de práticas corporais nas quais excitação e experimentação de emoções são controladas através do processo de oficialização de normas e regras. Em contrário, teríamos o que Huizinga (1993) define como *jogo* atividades condicionadas à informalidade e adaptabilidade de práticas que não possuem um corpo oficial regrado e normatizado. Seria, portanto, uma forma mais espontânea na busca pela emoção, lócus onde elementos lúdicos e de prazer teriam espaço privilegiado em práticas não sérias⁶⁷.

Normalmente vemos goleiros reclamando do peso e da qualidade das bolas, mas de fato é um tema não tanto discutido. No dia a dia de um clube de base, por exemplo, pouco se fala sobre as qualidades de uma bola. Com a bola que há, é com ela que vão treinar e jogar. Não se contesta muito, não se coloca a culpa pelo erro na bola – a culpa é do jogador, é do morrinho no campo, é do vento. A bola é o artefato principal e sem ele não há futebol.

Por tudo isso é o objeto mais desejado, embora em muitos momentos ela simplesmente esteja fora de qualquer atividade. Longe, estacionada e imóvel, é cobiçada por futebolistas quando em trabalho físico. O fato é que ser jogador de futebol não implica em “jogar bola” continuamente e quando quiser. Pelo contrário, boa parte das atividades realizadas semanalmente não agrada aos atletas porque não permite que entrem em contato com a bola. A simples relação com esse artefato maior do futebol é

⁶⁷ Sobre jogo x esporte, ver também Toledo (2002).

decisiva na aferição dos desempenhos, na continuidade dos treinamentos e parece sintetizar todas as etapas pelas quais os jovens passam para estabilizar suas trajetórias.

Numa manhã de segunda-feira, ainda doloridos pelo esforço físico da partida do sábado anterior, toda a equipe juvenil do Vasco corria, saltava e fazia zigue-zagues numa caixa de areia sem nenhuma bola por perto. Assim que pôde brincar com uma, mesmo sentindo dores no joelho, o atacante Daniel Pessoa não pestanejou. Eu assistia ao treinamento da equipe infantil ao lado do massagista; estávamos sentados sobre o material, conversando. Eis que Daniel veio até nós em busca de gelo, mancando e descalço pelo trabalho na areia. Uma bola apareceu à sua frente, rolando mansamente e ao fundo os goleiros do infantil se revezavam entre saltos e defesas e um deles acenou em nossa direção, pedindo a bola. Daniel não pensou duas vezes: tirou o saco de gelo do joelho, apressou-se nuns quatro passos até a bola e chutou com toda força, na direção do companheiro mais novo, que a segurou com tranquilidade. Na mesma hora ouviu-se o grito do massagista turrão: “Porra, muleque! Tú não tá machucado? Não tá com dor?” E Daniel lhe responde com tranquilidade: “Doendo tá, mas dá pra chutar né”.

São muito frequentes, também, os momentos entre uma atividade e outra em que se vê jogadores fazendo embaixadinhas⁶⁸, controlando a bola no ar (sozinho ou passando-a a um companheiro), ou simplesmente tentando passá-la por entre as pernas do próximo. É por essa ânsia em brincar com a bola que a todo o momento se escutava uma das frases mais proferidas por algum membro da comissão técnica de ambas as equipes do Vasco: “Pára a bola!” Entre uma série de abdominais e outra, saltos e mais saltos na areia, corridas e mais corridas em volta do campo, qualquer um daqueles meninos punha-se a brincar com a primeira bola que lhe rolava à frente.

Ainda que existam treinamentos que separem totalmente jogador e bola, atualmente esta metodologia tem sido deixada de lado. O que temos são atividades intensas do ponto de vista aeróbico, ou seja, que no senso comum são tidas como meramente físicas, mas que propõem a presença do artefato entre uma corrida e outra. São exercícios de posicionamento e de manutenção da posse de bola em que os atletas pensam que não estão a correr, exatamente porque o fato de haver uma bola e a

⁶⁸ Embaixadinhas ou simplesmente embaixadas são movimentos coordenados de controle de bola nos quais o atleta mantém o artefato no ar, entre um toque e outro – seja com os pés, cabeça, joelhos, peito, ombro, até mesmo nuca – e tidos como exibidores de elevada técnica e habilidade. Embora fazer embaixadas não signifique diretamente saber jogar futebol, futebolistas normalmente exibem muita destreza na realização de embaixadas.

necessidade de se relacionar com ela muda toda a situação, como que tapando suas vistas para o que está sendo realizado de fato. Sobretudo em época de competição, quando não há tempo hábil de se treinar a parte física durante a disputa, são realizados somente treinamentos que se dedicam ao desenvolvimento da parte técnica e tática. O preparo físico é tema forte no período de preparação.

Pois se estamos a falar de bola, passemos a falar da relação entre esta e os futebolistas, entre operador e operado, ou seja, entre os que intentam controlar aquilo que é fundamental para que este esporte aconteça, para que seja feito. Uma palavra expressa tal relação, uma palavra um tanto cara para o pensamento antropológico: técnica. Antes, porém, adicionamos alguns elementos imprescindíveis à discussão, fatores que são considerados como tangíveis e compõem as áreas tidas como fundamentais no cotidiano de um futebolista de base: falamos de técnica, mas falamos também de preparo físico, de tática e do conhecimento médico e psicológico cada vez mais decisivos na preparação dos atletas.

Capítulo II: Dentro de Campo

Neste capítulo apresento alguns fatores intervenientes para o desenvolvimento dos jovens futebolistas dentro de campo. Performances que são buscadas, prescritas e esperadas por aqueles que investem no futebol de base. Assim, analisando o conjunto de recomendações da FIFA que buscam universalizar a produção de jogadores em escala ampliada, pode-se falar em fatores técnicos, táticos, físicos, psicológicos e sociais, discriminados mais a seguir que, de fato, adquirem muita plasticidade a depender do contexto. Apresentarei o projeto desenvolvido pela seleção uruguaia como mote de comparação ao que encontrei naquilo que pude etnografar no contexto brasileiro, tanto em termos de clubes como também nas seleções de base. Veremos como o desenvolvimento do jogar indica se pensar em crescimento dos futebolistas. Também trago uma contribuição para tentar entender o universo de um futebolista através de certa linguagem que é desenvolvida e que tem lugar dentro de campo, quando do jogar.

III.1 Do que é buscado

Como abordou Toledo (2002), a difusão dos esportes foi acompanhada pelas divulgações da prática na forma escrita fixada nos manuais técnicos. Especificamente no Brasil tivemos uma das primeiras publicações datada de 1903, que esmiuçava tanto questões relacionadas à prática do futebol como esporte, como também sua fruição do ponto de vista espectador. À medida que se tornavam mais conhecidos e praticados, os esportes foram ganhando cada vez mais publicações que lhes eram dirigidas mas, ainda, muito restritas às camadas mais favorecidas. Somente com o rumo da profissionalização tomado é que os manuais tornaram-se mais acessíveis e populares, principalmente a partir dos anos 1930.

Caso aceitemos a argumentação deste autor, veremos que as publicações em formas de manuais seguiram o caminho da análise sobre formas e padrões de como jogar futebol. Neste desdobramento baseamo-nos aqui em um documento da FIFA consultado a partir de Thiengo (2011)⁶⁹, que indica alguns dos fatores esperados para que um futebolista obtenha sucesso devem cumprir os seguintes requisitos: habilidade e excelente domínio técnico, sentido tático apurado (capacidades cognitivas), elevada capacidade psicológica, bom perfil antropométrico (estatura média entre 1:70 e 1:85 centímetros), grande capacidade de recuperação cardiorrespiratória (VO_2 máximo entre 60 e 65 $ml.kg.min^{-1}$), potência muscular, velocidade de execução e precisão nos movimentos. Assim configura-se um quadro supostamente completo que na atualidade discrimina tais capacidades em quatro categorias: física; técnica e tática; psicológicas; e sociais, configurando-se assim, convenhamos, numa miscelânea de pressupostos:

Capacidades físicas

- ✓ Capacidade de coordenação.
- ✓ Fatores relacionados à condição física (resistência, força, velocidade, flexibilidade).

Capacidades técnicas e táticas

- ✓ Domínio técnico.
- ✓ Sentido tático (capacidades cognitivas).
- ✓ Conhecimento dos princípios básicos do jogo.
- ✓ Conduta tática coletiva.

⁶⁹ O autor indica que consultou o manual intitulado “Manual de Dirección Técnica (FIFA Coaching)”, elaborado pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA).

Capacidades psicológicas

- ✓ Inteligência de jogo (sentido de atenção, percepção, antecipação e visão global).
- ✓ Personalidade aberta.
- ✓ Atitude mental clara e positiva.

Capacidades sociais

- ✓ Sentido de pertencer à equipe: jogar para o resto da equipe.
- ✓ Mentalidade e espírito desportivo.
- ✓ Comunicação: sentido para as relações humanas (manifestando respeito, sociabilidade, cooperação e capacidade para ouvir).
- ✓ Saber aproveitar os momentos de ócio.

Como se vê, a FIFA preconiza uma série de fatores racionalizados, positivos e pré-definidos para que um futebolista torne-se profissional. Em alguma medida tais pressupostos são seguidos pelos atores que atuam neste esporte e isso, de alguma maneira, faz-lhe sentido. Queremos dizer que contemplar parte destes fatores é o que de fato acontece com boa parte dos que chegam a ser futebolistas profissionais e podemos dizer que tais disposições seriam da ordem dos saberes institucionais, isto é, aqueles que dispõem os profissionais nas esferas conceituais (saber), procedimentais (saber-fazer) e de atitude (saber-ser). Por exemplo, Thiengo (Idem) mostra que é esperado dos treinadores que sejam centrados, equilibrados, de boa fala e comunicativos, centralizadores e com ares de comando sem, no entanto, ferir a liberdade dos demais, além dos gestores. É esperado, também, que para ser um treinador é preciso certa vivência no ambiente futebolístico, propondo uma “quase regra”: que tenham sido futebolistas profissionais. Conhecemos, no entanto, casos de treinadores que não atuaram dentro das quatro linhas (mais raro), ou tiveram uma vida profissional sem tantas glórias e excelência nos desempenhos.

Dos atletas, como nos mostram os pressupostos elencados acima, são esperados uma série de características que perpassam diferentes esferas do conhecimento que foram observadas no Centro de Treinamento do São Paulo FC, neste trabalho que cito, e também nas pesquisas de campo que empreendemos e que apresentamos aqui, seja nos clubes, seja em seleções. Até mesmo agências de atletas, em busca de revelações, preconizam regras e padrões através do trabalho de prospecção sob a figura dos *scouts*, que apresentarei no capítulo III.

Ao mesmo tempo, gostaria de chamar atenção para a existência de outras lógicas que operam neste esporte e que também cerceiam e definem as fronteiras do ser futebolista que estão para além dessas condições objetivadas propostas nas cartilhas pela FIFA. As mais de 5000 horas de formação de um futebolista (Damo, 2007) não são os únicos índices responsáveis pela aquisição dessas qualidades necessárias para a formação do atleta, como bem mostra no trabalho citado, e nem tudo aquilo que foi apreendido é fruto de planejamento e sistematização. O que quero apresentar, também, e sobretudo, são saberes que se relacionam às experiências encontradas na vida desses jogadores, o que colaboraria para matizar, inclusive, as experiências adquiridas de outros futebolistas como experiências anteriores ao projeto profissional a que muitos garotos se entregam.

Do que vimos em campo durante a pesquisa etnográfica, trazemos agora algumas considerações sobre técnica. Domínio que quanto mais incorporado e inculcado pelos futebolistas, mais respostas terá diante das situações de jogo. Somente à medida em que se tenha certa vivência no futebol, no trato com a bola, diz-se, é que se dimensiona o que pode representar o domínio da técnica. E não se pode, ao menos não facilmente, determinar exatamente quando e quanto um futebolista precisa adquirir e apresentar em seu repertório de técnicas para fazer valer a ideia de que é um profissional formado, uma vez que o futebol é um campo entrecortado de outros intervenientes, difusos, sensíveis e subjetivos.

Não se pode determinar quando a técnica começa a ser desenvolvida, mas sabe-se que é algo adquirido por longa duração, além de poder ser pensada como um processo de aprendizagem que se mantém constantemente à medida que o futebolista segue atuando. Lembremo-nos de Telê Santana⁷⁰, treinador em duas Copas do Mundo e conhecido por revelar diversos e bons jogadores, uma figura de primeiro escalão no futebol brasileiro, que costumava obrigar seus atletas a pegar uma bola, cada um, assim que adentrassem o campo de treino e começar a chutá-la, tocá-la, correr conduzindo-a com os pés, praticar embaixadas, tentar controlá-la antes mesmo do início dos treinamentos formais porque, dizia o treinador, cada vez que se toca numa, aprende-se algo, espécie de calibragem ou afinação que longe de definir a mecânica do jogo em si

⁷⁰ Telê Santana da Silva (1931-2006) atuou como jogador profissional entre 1951 e 1963; seguiu no futebol como treinador, entre 1969 e 1996. Foi o técnico da seleção brasileira em duas Copas do Mundo (1982 e 1986).

mesmo possibilitava a cada atleta e à esmo produzir uma sinergia com o que iria acontecer no próprio treino, como se pudesse decifrar a natureza do artefato, tomar contato com a natureza da própria coisa e domesticá-la, num certo sentido.

Diz o preparador físico espanhol Lorenzo Buenaventura, que acompanha o treinador Joseph Guardiola, seu conterrâneo – ambos no time alemão do FC Bayern de Munique:

“A pesar de la edad hay aspectos en que puedes mejorar. El técnico es uno de ellos (...) A los jugadores que han llegado al Barça, dada la metodología tan especial que tiene, les cuesta mucho adaptarse. Recuerdo los primeros entrenamientos de David Villa⁷¹. A pesar de que es un tío rápido, dinámico y que conocía a ocho o nueve compañeros de la selección, le costó mucho coger la dinámica. Los jugadores tienen la capacidad de mejorar la técnica y sentido táctico a pesar de tener más de 30 años, eso es indudable⁷²” (Perarnau, Ibidem: 118)

Por ser algo que ocorre e se mantém como técnica inacabada, um devir-técnica, já que praticada e trabalhada durante toda a vida útil de um futebolista, tal concepção reivindica que livremos das definições pré-concebidas. Gostaria de ilustrar duas situações básicas no futebol. A primeira diz respeito a estar com a posse da bola: são inúmeras as maneiras de encaixar o pé na bola e direcioná-la para onde, milésimos de segundos antes, já se previu; são inúmeras as direções e os objetivos procurados – um passe, um lançamento, uma finalização, um mero chute⁷³. A segunda, sem a bola: prever como esta pode chegar aos pés confere enorme vantagem a um futebolista, pois seu corpo e disposição já estarão preparados, posicionando-se no espaço – para dar

⁷¹ David Villa é futebolista espanhol (03/12/1981). Atuou por diversos clubes espanhóis e também pela seleção de seu país, na qual, a certa altura, ocupou o posto de maior artilheiro da história, com 59 gols marcados em 97 partidas oficiais.

⁷² Em tradução livre: “Apesar da idade existem aspectos em que podem melhorar. A técnica é um deles (...) Dentre os jogadores que chegaram ao Barça, dada a metodologia tão especial que têm, custa muito adaptar-se. Lembro-me dos primeiros treinamentos de David Villa. Apesar que é um rapaz rápido, dinâmico e que já conhecia a oito ou nove companheiros da seleção, custou-lhe muito dominar a dinâmica. Os jogadores têm a capacidade de melhorar a parte técnica e o sentido táctico apesar de ter mais de trinta anos, sem dúvida”.

⁷³ Chute é um chute caracterizado por isolar a bola, ou seja, mandá-la para bem longe no intuito de se evitar um perigo eminente – um ataque muito perigoso do adversário, um momento de quase-gol. Não é caracterizado por exibir destreza ou técnica justamente porque pode ser realizado de qualquer maneira, ou seja, não importa de que modo a bola será isolada; da maneira que for possível o atleta precisa encaixar o pé na bola e chutar com muita força, de modo a enviá-la para bem longe, normalmente para fora dos limites do campo.

sequência à jogada, seja lá qual for. Sim, porque o domínio do espaço (e do tempo) é um pressuposto técnico⁷⁴ no sentido emprestado de Mauss ao abordar e inventariar algumas das *técnicas corporais*, portanto, um fato social constrangido pelas ações do corpo em movimento na coletividade de jogadores em situação de jogo, que torna o espaço uma dimensão discreta e objetivada na prática. Espaço seccionado, repartido em zonas de interesse, especulado na movimentação dos jogadores, hierarquizado, numa palavra, classificado na ordem simbólica da competição⁷⁵. Assim, temos que a técnica está relacionada à boa execução de uma tarefa: significa, portanto, efetividade, bom funcionamento, excelência. Parece-nos válido dizer que o futebol nos últimos anos tornou-se

“progressivamente, mais científico, estratégico, coletivo, físico (pela velocidade e intensidade, e não pelo contato corporal), mais técnico e menos habilidoso (...) No passado, predominava a habilidade. Agora, é a técnica, individual e coletiva, de fazer as escolhas corretas durante a partida e de executar, com precisão, o que foi planejado”⁷⁶.

Futebolistas de base sejam sub 15, sub 17 ou sub 20 são muito técnicos. Na prática, significa dizer que todos ali estão níveis e níveis acima de qualquer outro jovem que pratica o futebol amador alocado numa das matrizes já citadas aqui. Como é dito no senso comum do futebol, a respeito de quem é profissional ou chega perto do profissionalismo, esses “são diferentes”.

⁷⁴ Nesse sentido é significativa as considerações de Décio de Almeida Prado num texto intitulado Tempo (e espaço) no futebol: “A linguagem futebolística do momento, no entanto, destaca apenas uma [entre aquelas que intrinsecamente participam do futebol, ou seja, tempo e espaço]. É que o espaço, de entidade física, transformou-se em metáfora, uma das grandes metáforas da era moderna (ou pós-moderna, ninguém sabe ao certo). Se publicitários e astros de televisão, políticos e manequins, entrevistadores e entrevistados, empresários e feministas, só pensam em abrir espaço (desde que Pierre Cardim abriu o seu), conquistar espaço, ocupar espaço, sinônimos, ora de status social, ora de independência de espírito, por que não fariam o mesmo os habitantes desse universo menor que é o futebol? (Almeida Prado, 1997:215). Pierre Cardim, citado, foi o responsável pela tradução das regras do futebol no Brasil.

⁷⁵ A propósito do caráter “social” dessas categorias universais como tempo e espaço consultar Pinheiro Filho (1996), *A mente do todo: o encontro da sociologia durkheimiana com a questão do tempo*. O inventário das categorias foi questão crucial para a escola sociológica francesa, da qual Mauss foi juntamente com Durkheim o mais emblemático dos sociólogos.

⁷⁶ Tostão, em coluna do Jornal Folha de S. Paulo, 22/02/2015. Eduardo Gonçalves de Andrade (25/01/1947), ou Tostão, nasceu em Belo Horizonte-MG. Jogou futebol profissionalmente por dez anos entre 1963 e 1973 por Cruzeiro, América MG e Vasco, além da seleção brasileira. Após um problema oftalmológico (descolamento de retina), abandonou os gramados e formou-se médico. Atualmente é colunista e comentarista esportivo.

Isso pode se mostrar um tanto óbvio num primeiro momento, mas é algo muito importante e que precisa ser notado. Sua familiaridade com a bola é muito mais presente, uma relação muito mais intensa do que aquela verificada com qualquer outro garoto. São muitos os programas esportivos televisivos a mostrar a infância de um grande jogador de futebol e como ele vivia atado a bola e como a entrega ao futebol “naturalmente” o conduziu até a carreira, onde aí sim explorar todas as suas possibilidades técnicas. Tais imagens, muito comuns na produção das biografias esportivas (narrativas escritas ou visuais) tentam justamente naturalizar a técnica ou fazer coincidi-la com o dom futebolístico.

Há uma gama considerável de exemplos que poderíamos elencar aqui, mas fiquemos com um bastante breve observado em Itaguaí que, esperamos, ilustre um pouco as considerações sobre técnica. Igor, meio campo da equipe juvenil do Vasco da Gama, à época reserva do time que disputava o Campeonato Carioca da categoria, dezesseis anos, pôs-se a bater escanteios para treinamento defensivo do time titular, à pedido do treinador. Foram quinze cobranças ao todo e o garoto bateu sete delas com o pé esquerdo, que parecia ser o “pé bom” – ele é canhoto – e outras oito com o pé direito. Essas duas categorias são muito utilizadas pela fala nativa – pé bom e pé ruim, ou ainda perna forte e perna fraca.

Todos os escanteios chegaram à área no local pré-combinado, com força e efeito, características que fazem a cobrança ser considerada a bola boa do escanteio, como dizem no futebol. Tornado, o treinador, elogiou. Chamou-me atenção o fato de Igor, canhoto como disse, cobrar alguns dos tiros de canto com extrema eficiência mesmo com a perna ruim. No geral, jogadores canhotos apresentam certa dificuldade para utilizar a outra perna⁷⁷. Compensam esta carência apresentando extrema habilidade na perna boa, uma desenvoltura sem igual para, por exemplo, driblar no espaço curto; o controle de bola apresentado por jogadores canhotos também é normalmente mais apurado que entre destros, que não tem tantas dificuldades em treinar a outra perna, ao contrário dos primeiros. Mas Igor, como vimos, fez diferente; creio ser possível imaginar quão difícil é cobrar um tiro de canto fazendo lançar uma esfera de couro cheia de ar cerca de trinta metros adiante e acertar repetidas vezes o “alvo”. Seu Teixeira, o coordenador, disse sobre Igor: “é, ele tem as duas pernas. Ele é tranquilão”, sobre o jeito tímido do esguio meio campista.

⁷⁷ Ver Santos (Idem), para uma interessante discussão sobre a preeminência do pé direito.

Podemos aqui lançar mão do conceito de capital futebolístico, seguindo Damo (Idem) sob notória influência *bourdiana*, que auxilia pensar na posse de “um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle da bola – malabarismos, floreios etc.” (Damo, *Ibidem*: 112). E por “disposições sociais” podemos considerar o universo de relações no ambiente futebolístico, que se efetuam e se atualizam em vários espaços, tais como escolinhas e clubes, viabilizando a co-presença entre amigos, familiares, agentes, olheiros e membros da diretoria de clubes, ocasionalmente profissionais da mídia.

O episódio dos escanteios com o jovem Igor nos indica que o garoto é possuidor de boa técnica individual e controle de bola. No entanto, somente isso não basta. Trata-se também de focar no domínio do jogo, isto é, na capacidade de se impor e lograr ação no campo, que diz respeito a performance continuada com intensidade e efetividade, e não apenas exibir qualidades que o permitem realizar pequenos truques com a bola. Também é preciso estar atento à percepção tática e como um atleta consegue extrapolar suas qualidades individuais para o grupo que faz parte e certo controle psíquico que o faz superar adversidades sem maiores desgastes. Em resumo, é preciso que futebolistas exibam, além de técnica, criatividade e condições funcionais e emocionais consideradas esperadas para aferir seus desempenhos.

O jornalista espanhol Juan Pablo Meneses, autor de “*Niños Futbolistas*” – um livro que traz suas andanças por toda a América Latina e a busca por entender como se produzem jovens futebolistas – apresenta as seguintes palavras de um treinador peruano sobre as qualidades de jovens jogadores: “*Que sea rápido. Si es rápido puede llegar, si es lento no. El problema es la mente, eso es clave. Todo lo físico y técnico se puede trabajar, la mente no, y la rapidez tampoco*”⁷⁸ (Meneses, 2013: 15). Quando conversei sobre este assunto com um *scout*⁷⁹ em meio a uma competição de base sul-americana – eventos que apresento mais detalhadamente no capítulo III – tentei extrair sua ideia de técnica. Ele me respondeu sobre o que procura observar especificamente num atleta:

⁷⁸ Em tradução livre: “Que seja rápido. Se é rápido pode chegar, se é lento não. O problema é a mente, isso é chave. Tudo que se relaciona à parte física e técnica pode ser trabalhado, a mente não, e a rapidez tampouco”.

⁷⁹ Como indica a nota 51, *scout* pode tanto significar uma ferramenta de registro de informações sobre o que acontece numa partida ou num treinamento como uma função específica de uma pessoa que registra o desempenho de futebolistas em determinadas competições, com vistas a propor possíveis investimentos a serem realizados por clubes ou agências na contratação desses futebolistas em avaliação.

“em um jogador jovem, o mais importante é ser rápido, ou seja, rápido em pensar e em fazer. E, para isso, a técnica é muito importante”. Desse ponto de vista a técnica seria a mediação entre o pensar e o executar, repertório de gestos e ações incorporados à mecânica do movimento. Em outro momento perguntei sua opinião sobre o camisa 10 da seleção brasileira e personagem importante deste trabalho, Caio. Este sempre foi visto como um jogador de grande talento, tanto no Vasco, seu clube, como na seleção brasileira – o atleta foi constantemente convocado desde a categoria infantil, exceto para aquele profissional, que justificou sua resposta da seguinte maneira:

“Ele tem bom passe e ótima visão de jogo, mas é lento para tocar a bola, para fazer o time jogar. Além disso, repare na quantidade de passes rasteiros que ele dá: são poucos. A bola sempre chega quicando aos pés do companheiro, isso atrasa o jogo e pode impedir uma boa jogada”.

Num paralelo, recorreremos mais uma vez a mídia especializada⁸⁰ e trazemos a visão de outro *scout*, Sandro Orlandelli, que é um brasileiro com experiência de trabalho no londrino Arsenal FC e Santos; quando instado a descrever sua função baseou-se em muitos números, citando-os de maneira extremamente natural, sobre por exemplo o que ele chamou de “quantidade de ações” numa partida de futebol, que seriam cerca de mil.

Mas o que ele quer dizer com ações? Um lance ou uma jogada trabalhada e construída por uma equipe a partir do momento em que toma a posse da bola da outra equipe e tenta controlá-la com vistas a concluir em gol. Pois bem, dessas mil, cerca de trezentos e cinquenta são realizadas pelos jogadores com apenas um toque na bola; outras cento e cinquenta com dois toques na bola e as quinhentas restantes com três ou mais toques. Há ainda ações que acontecem sem que o atleta toque na bola. Citou os números para mostrar como um jogador é exigido para que não erre e tenha o máximo aproveitamento possível na partida, já que essas ações são muito rápidas. Segundo Orlandelli, “é preciso observar quantos suaves e precisos toques ele [o jogador] dá na bola até colocá-la no chão, dominá-la, portanto. No geral o tempo disponível para receber uma bola e dar sequência na jogada é de um segundo, às vezes menos”. Vejamos como a fala dos dois *scouts* se aproximam com relação ao futebol de Caio. É basicamente disso que se trata, de acordo com o ponto de vista daqueles que se dedicam

⁸⁰ Trata-se do programa “Segredos do Esporte”, do canal televisivo ESPN, comandado pelo jornalista Paulo Calçade e pelo ex-tenista profissional Fernando Meligeni. O programa foi ao ar no dia 08/05/2013 e é possível assisti-lo na internet (www.espn.com.br).

ao desenvolvimento da capacidade técnica de jovens atletas de futebol: é preciso estabelecer se um jovem futebolista mostra-se altamente capacitado para exercer esta função, o que indica falarmos em um alto nível de cobrança sobre seu desempenho e excelência na realização desta empreitada.

II.1.II Bugigangas eletrônicas e cuidados médico-fisioterápicos

Futebolistas de base também são muito fortes, o que significa dizer que apresentam, no geral, um condicionamento físico muito mais aprimorado que qualquer outro garoto não futebolista. Fatores como resistência, força, velocidade, flexibilidade, capacidade de recuperação cardiorrespiratória e potência muscular são exigidos, mas a forma como são medidos foge completamente aos propósitos da etnografia realizada. São análises que competem a profissionais como os preparadores físicos ou fisiologistas, personagens com quem conversamos mas sem a devida profundidade para uma análise mais embasada.

O que vimos é que atividades aeróbicas são muito utilizadas, sobretudo corridas. A capacidade cardiorrespiratória é motivo de intenso preparo, assim como potência muscular. Academias com aparelhos de ginástica, portanto, são lugares muito frequentados por futebolistas de base, quase que diariamente, tanto para aumentarem a força como também em caso de recuperação após o esforço realizado num treinamento ou num jogo. Academias são parte importante da estrutura de um clube. Vasco, Atlético Paranaense, Penapolense e seleções brasileiras e uruguaias mantinham uma academia recheada de aparelhos especializados. O São Carlos, diferentemente, exercitava seus atletas em uma academia privada através de um convênio. Os garotos podiam utilizar as instalações todos os dias, em vários horários, sempre prescritos pela comissão técnica.

Na prática vimos que características como peso e altura são realmente levadas em consideração no momento de analisar as reais capacidades de um jovem atleta. Isso é medido em testes, peneiras, treinamentos e jogos e fazem parte de um quadro geral que é esperado: por exemplo, é esperado que goleiros sejam altos e ágeis; que zagueiros sejam igualmente altos e fortes; laterais rápidos e que podem ter estatura mediana ou baixa e assim por diante; no entanto, isso não é regra e exceções existem. Mas é fato que antes mesmo de ver um garoto em campo, membros de comissões técnicas, hoje

mais atentas ou dependentes dos parâmetros científicas que amparam a produção de jogadores, se apegam à imagem física antevendo as possibilidades desse mesmo corpo se expandir para cumprir determinadas rotinas dentro de jogo. Desse modo, as carreiras futebolísticas cada vez mais são norteadas por esses atributos físicos que sempre foram mais determinantes em outras modalidades esportivas ou outras culturas esportivas, alterando as representações de um futebol mais improvisador e moldado pelas determinações culturalistas que nortearam as percepções do futebol no contexto brasileiro.

Como Latour (1997) discute num outro contexto, toda a fenomenotécnica na produção de um experimento que chegará a um resultado tangível (um remédio, por exemplo) é dependente das máquinas, medições, da quantidade de amostras, mas também das relações entre os profissionais aí envolvidos, das políticas de divulgação de novas pesquisas etc, que participam ativamente no processo da descoberta científica. Ou seja, aquilo que será sintetizado ou descoberto só passa a existir em função desse artificialismo ou configuração muito específica viabilizada por razões de outra ordem (econômicas e políticas, sobretudo) impostas às rotinas científicas nos laboratórios. Sem querer tecer comparações *vis à vis*, a maior ingerência logística e tecnológica na formação de atletas parece cumprir desígnios semelhantes à medida em que cada vez mais os usos de *scouts*, equipamentos, rotinas, medições, teia de relações sociais que envolvem esses jovens atletas passam a determinar a velocidade do sucesso ou o fracasso desses jovens nas carreiras esportivas.

Por isso há também enormes diferenças entre o que é realizado em clubes grandes e pequenos. A infraestrutura de um CT, por exemplo, nos mostra que no Atlético Paranaense a racionalidade e científico empregados são incomparáveis ao que vimos no São Carlos e até mesmo no Vasco. Na seleção brasileira sub 17 os garotos levavam sob a camisa uma cinta elástica na altura do peito que prendia um aparelho de GPS (*Global Positioning System*) e que media todas as movimentações realizadas em campo. Com o auxílio de um programa de computador, os especialistas da área física analisavam e montavam um banco de dados após cada seção, o que lhes permitia “ler” o jogar dos garotos a serviço da seleção. Em 2013, quando estive no resort em Itu acompanhando a equipe, até mesmo alguns atletas se surpreenderam com a tecnologia: o atacante Gabriel, do Santos, perguntou ao fisiologista o verdadeiro motivo do uso daquela “bugiganga eletrônica”. Após a explicação, foi indagado se o método não era

utilizado em seu clube, ao que respondeu: “Às vezes a gente usa. Mas a gente só faz rachão⁸¹. É foda né, véio. Tem jogo quarta e domingo, não dá tempo de treinar. Só rachão”, disse o garoto de dezessete anos, que já compunha o elenco profissional de sua equipe e convivia com o calendário apertado de partidas oficiais do futebol profissional brasileiro.

Os cuidados com alimentação e nutrição estão presentes também e esta é uma prática mais semelhante entre as equipes. Normalmente os futebolistas comem nos clubes, em refeitórios coletivos e seguindo um programa que é montado e organizado a partir dos conhecimentos dessas áreas científicas. São controlados os excessos com relação aos alimentos e componentes que não condizem com a construção e manutenção de um corpo que deve ser intensamente exigido do ponto de vista do rendimento físico. Em todos os cenários percebemos o alto cuidado nesta área. Evidentemente, diferenças existem: na seleção brasileira havia frutas diversas e bebidas isotônicas refrigeradas e que ficavam logo ao lado do campo; tão logo uma pausa era realizada, os garotos se refrescavam e, como diziam, repunham as energias gastas com o que havia de mais adequado. No São Carlos, diferentemente, flagrei o momento em que o que era esperado simplesmente não havia: certo dia ouvi alguém reclamar que o malto⁸² estava acabando. O zagueiro Caíque então respondeu: “É porque hoje só veio a metade, teve que dividir com o profissional”, ilustrando a dura rotina e a estrutura um tanto precária daquela equipe de base. Em outro exemplo, após a classificação para a segunda fase da Copa São Paulo de Futebol Júnior, os mesmos garotos comemoravam enquanto cantavam em uníssono o que teriam de almoço no dia seguinte: “Churrasco, churrasco, churrasco”. Foi combinado que, se obtido o êxito, ganhariam uma folga na manhã do dia seguinte e poderiam se esbaldar comendo carne no almoço. E ainda neste mesmo cenário, certo dia eu havia chegado um pouco atrasado a um treinamento pela manhã e levei alguns pães de queijo, a serem repartidos pela comissão técnica da equipe. Os jogadores corriam em volta do gramado, aquecendo-se. Ao verem o roupeiro Toninho provocá-los comendo a iguaria mineira, três jogadores simplesmente deixaram a atividade e insistiram para

⁸¹ Rachão é um tipo de treinamento que pressupõe movimentação com bola e que pode ser empregada para treinar-se a tática e a técnica em uma equipe. Distancia-se, portanto, de uma atividade puramente física, esta sim a responsável por trazer avaliações como a citada na passagem.

⁸² Maltodextrina, ou simplesmente malto, é um carboidrato complexo, proveniente da conversão enzimática do amido de milho. Sua absorção pelo organismo é gradativa e lenta, pois contém polímeros de dextrose. Estes polímeros acabam sendo metabolizados lentamente, o que faz com que ela forneça energia durante uma atividade física que necessita de resistência e de longa duração, pois ela vai liberando a glicose gradualmente no sangue. É muito utilizada no ambiente futebolístico, tanto em treinamentos como em jogos.

ganhar um pedaço. Levaram uma enorme bronca do preparador Mário e tiveram de retornar à corrida imediatamente.

Após a classificação para as oitavas de final da Copa São Paulo 2014, ainda no hotel em Novo Horizonte-SP, fui convidado a jantar com a delegação antes de voltarem para a cidade de São Carlos. O cardápio trazia massas e carnes, além de salada. Mário instruía os jogadores a comer bem e depois descansar. Antes de montarem seus respectivos pratos, no entanto, fizeram fila na mesa do preparador para ter em mãos cápsulas de creatina⁸³, sendo que todo o grupo de vinte e cinco jogadores estava dividido de acordo com cada necessidade específica: tomaram um, dois ou três comprimidos. Isto também foi visto nos vestiários, quando os atletas se preparavam logo antes de entrarem em campo.

Para além desta preparação e manutenção dos corpos para a prática futebolística há o cuidado para não machucá-lo e prevenir um possível problema. É aí que a importância dos médicos se faz notar, personagem importante, mesmo que em alguns clubes ele não esteja plenamente integrado às engrenagens cotidianas das comissões técnicas. Em São Carlos há médico apenas em dia de jogo – inclusive não foi raro presenciar em jogos oficiais das categorias de base atrasos porque a ambulância não havia chegado (é regra imposta pelas federações que organizam torneios a presença do aparato de emergência antes do início de um jogo). No dia a dia, quem faz este trabalho é o fisioterapeuta, esta sim uma figura completamente inserida na dinâmica dos treinos: assim como preparador físico, preparador de goleiros e treinador, sempre encontrei um fisioterapeuta nos clubes que etnografei. Seu trabalho é tanto prevenir contusões, quando o cansaço muscular acusa fadigas, como dirimir um problema já existente. O médico entra em ação quando há a ocorrência de problemas mais graves e já deflagrados: por exemplo, uma contusão que necessite de procedimento cirúrgico.

No Vasco a presença de um médico nos treinamentos é algo obrigatório. No início de 2012 o garoto Wendel Junio Venâncio da Silva, então com catorze anos, morreu por problemas cardíacos após iniciar um treinamento físico no CT de Itaguaí. O episódio ocorreu pouco antes de minha chegada ao clube. Natural de São João

⁸³ Creatina é um composto de aminoácidos presente nas fibras musculares. Atua no organismo diretamente nas mitocôndrias, que são organelas das células do organismo humano. Ela fornece energia e aumenta a quantidade de água na célula, de modo a fornecer volume celular. Consequentemente, há uma expansão nas células, resultando, assim, em maior densidade muscular e força física. É muito utilizada no ambiente futebolístico como preparação dos corpos para a prática deste esporte.

Nepomuceno (MG), Wendel treinava havia poucos dias, vindo de uma escolinha de propriedade do ex-futebolista profissional Marco Aurélio Ayupe, que jogou pelo Vasco e mantinha relações com o antigo clube. Como podemos imaginar, não houve exames médicos mais detalhados para que o garoto começasse a treinar em Itaguaí. Ele ainda era um “experiência” e, como tal, não estava registrado e completamente integrado ao quadro de futebolistas infantis do Vasco. Depois do trágico episódio e em meio a disputas judiciais, interdições do local, depoimentos e investigações para apurar se houve negligência por parte do clube⁸⁴, o Vasco contratou cinco médicos que cuidavam de todas suas categorias de base, revezando-se diariamente nos treinamentos e durante os jogos, aos finais de semana. Conheci três destes profissionais, que acabavam sendo muito requisitados para qualquer manifestação ou desconforto, pancada no joelho, no tornozelo, gripe, dor de garganta, dores no abdômen, etc. De acordo com a fala de um deles, nem sempre os problemas eram verídicos: “Esses moleques são foda! Dão migué em treino, em jogo, na escola”, indicando que para evitar trabalhar, inventavam problemas de ordem médica, segundo a leitura destes profissionais. Desde o primeiro dia que cheguei ao CT-fazenda sempre havia um médico presente, carregando sua indefectível bolsa de remédios e um aparelho desfibrilador para eventuais emergências mais graves.

Como vimos no exemplo do goleiro Mariano, do São Carlos, o futebol de base permite que, às vezes, esse cuidado médico escape às amarras impostas pelos clubes. A depender da situação financeira e estrutural de uma equipe, a saúde de jovens futebolistas pode ficar a cargo da família, mesmo que este seja um campo tão especializado e detentor de conhecimentos científicos muito aprimorados. Mais uma vez percebemos que o mundo do futebol de base permite uma gama bastante variável no que diz respeito ao cuidar de jovens futebolistas, a depender do cenário observado – clubes e seleções.

II.I.III “Falar duro, chegar a porrada”

⁸⁴ No dia 18/04/2012 a justiça interditou o CT de Itaguaí, proibindo o clube de utilizar o local. Menos de um mês depois o Vasco conseguiu uma liminar que revertia aquela decisão. Quatro meses após a morte do garoto, divulgou-se o laudo médico oficial: constatou-se que Wendel apresentava, de fato, problemas cardíacos que causaram o mal súbito, levando-o a óbito.

As questões táticas se referem à outra esfera muito trabalhada num ambiente futebolístico dentro de campo. É algo estudado, esquadrinhado, medido e previsto intensivamente. No geral, cabe à comissão técnica e, sobretudo, ao treinador definir e escolher a melhor maneira de sua equipe atuar, ou seja, a melhor forma de dispor os jogadores nas posições mais adequadas, formando a equipe mais forte possível, em todos os setores. Em conversa com um treinador da seleção brasileira sub 17, em setembro de 2013, discutimos as principais diferenças entre as três categorias de base, quais sejam, sub 15, sub 17 e sub 20. Na sua opinião, a oscilação em relação ao desempenho de um futebolista tende a diminuir com a idade.

O sub 15 representaria o apogeu da instabilidade, muito por fatores fisiológicos, ou seja, as alterações hormonais e de outras substâncias que influenciam nos metabolismos e disposições psicológicas de adolescentes nesta idade. Citei uma entrevista para um canal de televisão na qual o treinador havia afirmado estar aprendendo bastante no trabalho com jovens futebolistas, já que sua experiência, até então, se dava somente em relação ao ambiente profissional. Ele disse que a diferença principal era em relação ao sub 15, onde o tratamento precisava ser um pouco diferenciado, dada a precocidade física e mental dos jogadores. A partir do sub 17 o tratamento é semelhante ao utilizado entre os adultos. “Aqui no 17 eu tenho que falar duro com eles, chegar a porrada”, disse o treinador, que se utilizou do sentido figurado ao mesmo tempo que bateu o punho direito contra a mão esquerda espalmada, apontando para o amadurecimento precoce de futebolistas de base no cenário atual. Do grupo que estava reunido ali em Itu – vinte e cinco atletas – onze já treinavam e/ou jogavam entre os profissionais em seus clubes. “No meu tempo, as coisas começavam a mudar no sub 20. Hoje não, já se trabalha parte tática no sub 13. O Barcelona trabalha tática no sub 13⁸⁵”.

⁸⁵ Em entrevista ao jornal espanhol *El País*, no final de outubro de 2013, o atacante mexicano Giovani dos Santos, que jogou no FC Barcelona entre 2002 e 2008 – desde o sub 17 até o profissional – afirmou, sobre as condições de jogar no clube catalão, confirmando as palavras de Alexandre Gallo: “*me sorprendió que, con 12 años, te trataban como un profesional: te lavaban la ropa, te daban botas, el neceser, la comida, íbamos al cole todos juntos... mientras en México no había duchas, campos de tierra... Al principio fue complicado: se asocian más y es mucho más rápido. La escuela del Barça te exige muchísimo. En México no me exigían controlar bien o no me daban la bronca por un mal pase. En La Masia te exigen la perfección. La competencia es máxima*”. Em tradução livre: “me surpreendeu que, com 12 anos, te tratam como um profissional: lavam sua roupa, te dão chuteiras, coisas de banho, a comida, íamos em ônibus todos juntos...enquanto no México não havia chuveiros, jogávamos em campos de terra...No começo foi complicado: tocam mais a bola e é muito mais rápido. A escola do Barça te exige muito. No México não me exigiam controlar bem ou não me davam bronca por um passe errado. Em La

Formas e padrões de jogo não constam nas regras deste esporte e, por isso mesmo, a maneira como uma equipe joga pode variar bastante. Assim, de acordo com treinamentos, concepções teóricas, técnicas e físicas, um treinador define a maneira como dividirá seus dez jogadores de linha situando-os, comumente, em três fatias do campo: defesa, meio de campo e ataque. Como diz Toledo (2002), as regras seriam uma característica de primeira natureza no futebol, porque são universais, sendo aplicadas e seguidas ao redor de todo o globo. Formas e padrões de jogo seriam características de segunda natureza, adjacentes a uma terceira, que é percebida nos diferentes estilos de jogo, ou o que o autor denomina por *formas-representação* (como a escola gaúcha, a carioca, a brasileira, a italiana). Dessa maneira, definir um esquema tático para uma equipe indica pressupor itinerários prévios aos atletas em campo, que precisam cumprir deveres relacionados ao posicionamento e funções em sincronia com seus companheiros, também atentos às configurações apresentadas pelo adversário.

No caso da seleção brasileira sub 17, a equipe costumava ser escalada no 4-2-3-1. O treinador confessou que buscava certa padronização, algo também visto entre os uruguaios: havia, sim, recomendação de se atuar da mesma maneira em todas as seleções de base do Brasil. Na sua visão, essa era a mesma forma de jogar utilizada por Luiz Felipe Scolari na seleção adulta e por grande parte dos times profissionais de futebol em todo o mundo. Para ele, na prática, este esquema proporcionava um posicionamento no 4-3-3 com a posse da bola e, sem ela, no 4-5-1, ou seja, os jogadores que atuam no meio de campo, pelas laterais, teriam que voltar para recompor o meio e marcar os avanços dos adversários nesses setores.

Aqui vemos quatro subdivisões do gramado, e não as três mais conhecidas. Esta é uma nova maneira de se pensar tática no futebol e de dividir o campo de acordo com linhas de jogadores. É muito comum pensar o futebol separando-se em três os setores de armação de uma equipe: defesa, meio de campo e ataque, como dito. Temos, assim, um vasto número de esquemas pré-montados e pensados para o posicionamento de um time: 4-4-2, 4-3-3, 3-5-2, 3-4-3, etc. De alguns anos para cá surgiu uma nova maneira de dividir o campo, acrescentando mais uma linha de jogadores a preencher os espaços: é então daí que apareceram esquemas assim concebidos: 4-2-3-1, 4-4-1-1, 3-4-2-1, 3-4-1-2, 3-1-3-3, etc. Daí a aparente confusão em estabelecer se o esquema adotado pelo

Masia [como é conhecida o local onde treinam as equipes de base do Barcelona] exigem sua perfeição. A competição é máxima”.

treinador era o 4-3-3, 4-5-1 ou 4-2-3-1; até mesmo o próprio treinador enumerou os três esquemas quando falava de sua equipe. Assim, vemos que existem diferentes maneiras de se “ler” uma partida e interpretar o posicionamento dos atletas em campo.

Na prática, com o movimentar das equipes e as necessidades que surgem durante um jogo, pode-se interpretar a forma de atuar tanto pelo modo mais antigo, com três linhas, como também pelo mais atual, quando são quatro as subdivisões em campo. Vejamos:

“Algo similar ocurre con los esquemas numéricos que pretenden reproducir la colocación de los jugadores en el campo. Guardiola los desprecia: ‘Solo son números de teléfono’. Uno de sus mentores, Juanma Lillo, va más lejos: ‘No están colocados en esas posiciones ni siquiera en el saque inicial’. Pero para facilitar la comprensión utilizamos dichos esquemas. Si en España decimos que Guardiola juega siempre con un 4-3-3, en Alemania diremos que es un 4-1-4-1. Parece muy diferente, pero es exactamente lo mismo: cuatro defensas, un mediocentro, dos centrocampistas interiores más dos extremos y, por delante de todos, un delantero. Ninguno de estos esquemas puede resumir la complejidad del juego de un equipo”⁸⁶ (Perarnau, Ibidem: 47).

Jornalistas especializados também se confundem e podem ser reproduzidas análises muito distintas sobre um mesmo jogo. A este trabalho coube a função de tentar interpretar essas reproduções e buscar o que pode significar isso para os envolvidos diretos: treinadores e jogadores. Se nos debruçarmos sobre o modo de jogo utilizado pelo treinador no Sul-Americano sub 17, percebemos que embora sua equipe tenha quase sempre mantido o esquema tático, seus atletas exerceram variadas funções em campo, especialmente os meio-campistas, que precisaram se adaptar às exigências momentâneas de um jogo de futebol. Numa mesma partida uma equipe pode atuar, a partir do padrão tático apresentado, de diferentes maneiras. Buscamos analisar e anotar sempre a escalação e o esquema tático utilizado, de modo a buscar entender como essa

⁸⁶ Em tradução livre: “Algo parecido ocorre com os esquemas numéricos que pretendem reproduzir a colocação dos jogadores em campo. Guardiola os despreza: ‘São somente números de telefone’. Um de seus mentores, Juanma Lillo, vai mais longe: ‘Não estão colocados nessas posições nem sequer no pontapé inicial’. Mas para facilitar a compreensão utilizamos os ditos esquemas. Se na Espanha dizemos que Guardiola joga sempre com um 4-3-3, na Alemanha diremos que é um 4-1-4-1. Parece muito diferente, mas é exatamente o mesmo: quatro defensores, um volante, dois meio campistas internos mais dois abertos e, à frente de todos, um atacante. Nenhum destes esquemas pode resumir a complexidade do jogo de uma equipe”.

seara é estruturada, montada e colocada em prática. E isso foi visto, sobretudo, em relação às seleções brasileiras – trazemos tais análises no capítulo III.

A flexibilidade dos laços em clubes, diferentemente, é tamanha que uma equipe pode ter toda sua comissão técnica alterada em questão de meses, reconfigurando todo o trabalho de manutenção e desenvolvimento de uma forma específica de jogar. Não vimos qualquer intenção ou planejamento neste sentido nos clubes etnografados, tanto brasileiros – São Carlos, Vasco e Penapolense – como uruguaios – Danubio e Nacional (de que trato na próxima seção). A perspectiva de intensa movimentação que é intrínseca ao cenário do futebol de base, como apontado, talvez seja a responsável por evitar que um planejamento desta natureza seja colocado em prática, já que não é somente os atletas que se movimentam, senão todos os demais membros de comissões técnicas.

O Atlético Paranaense é o único a diferenciar-se, em alguma medida. Uma metodologia aplicada pelo DIF indicava aos treinadores das equipes de base que propusessem maneiras de jogo semelhantes às utilizadas pela equipe profissional. A análise aqui não avança em maiores detalhes porque isso não foi percebido de modo mais profundo: os discursos se contradisseram algumas vezes – entre os membros extracampo do DIF, representados pelos diretores Pedro Martins, William e Gustavo Fragoso – e aqueles que trabalhavam diretamente no campo – caso dos treinadores Dejan Petkovic e Marcelo Vilhena. Pareceu-me em alguns momentos que os últimos não quiseram expor maiores detalhes com relação a forma de suas respectivas equipes jogarem, coisa que foi ouvida pelo etnógrafo da boca dos diretores.

Em relação à seleção uruguaia, o projeto coordenado pelas seleções de base indica que todas as equipes atuem da mesma forma. Há certa liberdade para que cada treinador escolha o esquema preferido, mas há como um modelo na seleção adulta, o quase imutável 4-4-2, que geralmente é seguido. Além de toda questão técnica, tática e física que se relaciona àquilo que acontece dentro de campo, assunto tratado até aqui, há ainda todo um enorme compêndio de relações a que cada um de nós está sujeito, e com estes atletas não é diferente, como estamos tentando demonstrar ao longo deste trabalho. Mostraremos como num outro contexto de produção futebolista outras lógicas podem ser acionadas na produção de novos atletas. No Uruguai, nossas observações se deram em dois clubes, Nacional e Danúbio, mas principalmente nas seleções de base sub 15 e

sub 17 – a mesma idade e geração acompanhada entre os brasileiros. Veremos agora como isso foi colocado em prática, destacando-se também as questões psicológicas e sociais, que igualmente fazem parte do conjunto de preceitos que abrangem na atualidade a formação de jogadores em “regime profissional de base”.

II.II O Projeto Uruguaio

Atravessei o território uruguaio de norte a sul entre os meses novembro e dezembro de 2011. Após o Campeonato Sul-Americano sub 15, buscamos aproximarmo-nos de clubes e seleções de base daquele país, de modo a comparar com o que ví no Brasil. Pude ver ao longo do percurso estâncias e mais estâncias com gado, carneiros, cavalos e até avestruzes, que sugerem a forte presença de uma economia pastoril. Uma imensidão de terras com pecuária extensiva, o vazio dos pampas verdes até onde a vista não mais alcança e a certeza de um país subocupado. Sua densidade demográfica é bastante baixa – 19,2 habitantes por quilômetro quadrado, apenas o 157 no mundo. São cerca de 3,3 milhões de habitantes, a média de idade está em 33,7 anos e cerca de 22% são ainda menores⁸⁷. Iniciei a viagem no extremo norte, em Rivera. De lá segui para Trinidad, a pequenina capital do departamento de Flores, no centro do país, onde foi jogada a fase final do torneio sul-americano sub 15. Somente depois rumei para a capital, mais ao sul, com o intuito de descobrir um pouco mais o futebol azul-celeste.

O esporte naquele país tem suas origens em finais do século XIX e começo do XX principalmente pela presença de imigrantes britânicos, que representavam quase a metade da população da cidade de Montevideu em meados de 1880 – eram cerca de 300 mil, numa cidade de 700 mil habitantes. Também pudera: o capital britânico estava presente em diversos setores da economia uruguaia à época, como linhas férreas, sistema de abastecimento de água, energia, gás, telefonia, bancos e serviços. Esta “elite” foi a responsável por introduzir alguns costumes e a prática esportiva foi somente um deles. Começou com o críquete, depois rúgbi e por fim o futebol. *El juego de los ingleses*⁸⁸ foi sendo praticado pelos nativos e não parou mais. Entre 1905 e 1915

⁸⁷ Os números seguem o censo de 2011 realizado pelo *Instituto Nacional de Estadística*, o órgão estatal oficial do país.

⁸⁸ Em vários jogos que acompanhei pelo território uruguaio – foram vinte e três no total, para além dos treinamentos de clubes e seleções uruguaias – ouvi incontáveis vezes termos proferidos na língua inglesa

diversos clubes foram fundados e se enfrentavam em mais de uma liga, numa enorme profusão de novas cores, uniformes e escudos. (Reyes, 2002; Luzuriaga, 2009).

Em Montevideu viviam, à época, cerca de 1,5 milhão de pessoas e lá também estavam concentrados quase todos os clubes profissionais de futebol (em 2011, por exemplo, dezesseis dos dezoito clubes que disputaram a primeira divisão do torneio nacional tinham sua sede na cidade). Empreendi uma etnografia em dois clubes: primeiro visitei a sede do Club Nacional de Fútbol em três oportunidades, onde conversei com o coordenador das categorias de base Roberto Roo, ex-jogador profissional, e assisti algumas partidas. Dias mais tarde visitei, por duas vezes, a sede do Danubio FC, um clube pequeno, porém com histórico de conquistas e vários grandes jogadores revelados para o futebol daquele país. O também coordenador da base e ex-jogador Gustavo Machain recebeu-me para uma conversa numa tarde quente de dezembro. O tempo de estada no país era curto após o Sul-Americano sub 15 e escolhi esses dois clubes por dois motivos principais: primeiro, a ideia era conhecer clubes com práticas distintas, ou seja, um clube grande (no caso, o Nacional) e outro menor (Danubio); em segundo lugar, por uma questão meramente prática: dentre vários contatos que tentei estabelecer, estas foram as duas equipes que obtive pronta resposta para conhecer suas instalações e conversar com seus profissionais.

O Nacional divide com o CA Peñarol a preferência de quase todos os uruguaios. Sobram poucos torcedores para os demais times, que neste quesito estão muito atrás dos dois gigantes. É na Avenida *Ocho de Octubre* que está a sede do tricolor uruaio, estrutura que toma toda uma quadra e mais alguns terrenos na rua de trás. Algumas idas e vindas, muita espera e somente no dia seguinte conseguimos falar com Roberto Roo. As salas do departamento de futebol de base do clube ficam no andar de cima da sede principal e para acessá-las foi preciso passar pelo andar térreo, onde se encontrava a sala de troféus: uma enorme área envidraçada exibia taças, copas, flâmulas e lembranças de mais de cento e dez anos de história. Ao final deste “museu” estava a loja oficial do clube que vendia diversos *souvenirs* a torcedores.

que se referiam a alguma jogada específica. Palavras gritadas pelos torcedores que dificilmente são ouvidas em estádios brasileiros e que denotam a forte influência britânica que ainda hoje se mostra presente: *off-side*, *foul*, *match*, dentre outras.



Figura 15: Sala de troféus na sede do Nacional, Montevideú, Uruguai, 2011

No Danubio fui recebido pelo senhor Machain, ex-zagueiro de passagens por diversos clubes uruguaios, dois peruanos e um japonês. Então com quarenta e seis anos, Machain era coordenador geral de futebol do clube. Fundado em 1932, filiou-se a AUF nove anos mais tarde e gaba-se por ter sido campeão em todas as categorias, etapas e torneios do futebol uruaio, desde os primórdios amadores até os dias de hoje. Durante a fase moderna, sagrou-se campeão em quatro oportunidades (1988, 2004, 2006 e 2007). Iniciaram por seus campos importantíssimos jogadores daquele país, como Juan Burgueño, Raul Betancor, Ruben Sosa, Alvaro Recoba, Marcelo Zalayeta, Fabián Carini, Walter Gargano e Édinson Cavani.

Não foi difícil perceber a diferença básica entre o pequenino e alvinegro Danubio e o gigante de três cores Nacional. Mesmo que já soubéssemos disso, apenas por acompanhar de longe o futebol uruaio, bastou chegar até ambas as sedes para constatar o fato. A sede do Danubio é muito mais humilde: um prédio simples, com uma pequena secretaria e uma singela sala de troféus. Da rua vê-se uma pequena bandeira e o escudo com as iniciais DFC em meio ao intenso comércio da avenida. Mesmo assim, a estrutura dedicada às categorias de base impressiona pelo tamanho e qualidade dos campos do complexo esportivo do clube. A sede do Nacional é bem mais ampla e vistosa e há muito mais pessoas que trabalham no clube. Esta diferença, em parte, pode

ser explicada pela maior popularidade do clube *bolsonero*⁸⁹, que divide com o Peñarol a preferência de quase todos os uruguaios⁹⁰, e pela história de ambos: o Nacional foi fundado em 1899 e o Peñarol, em 1891, enquanto que o Danubio apenas em 1932. No entanto, no que dizia respeito ao então momento vivido pelas equipes, não se diferenciavam tanto assim quando a questão tratada é o futebol de base. Ambos necessitavam negociar atletas para se manterem ativos.



Figura 16: Sede do Danubio FC, Montevideu, Uruguai, 2011

Machain recebeu-me muito bem apesar de não dedicar atenção exclusiva: a todo momento seu telefone tocava, assim como o da sede do clube, ou então ele se levantava para conversar com alguém. Nada muito distante do que vivenciei durante todo o trabalho no Brasil. Mesmo assim, pude colher muitas informações. O clube conta com uma infraestrutura física que tem uma sede social humilde, é verdade, na qual estive, e um estádio para até quinze mil pessoas. Os profissionais contam com quatro campos oficiais e um centro de musculação. Para as categorias de base, há um centro esportivo com três campos de treinamento e um campo oficial. Pude ver este local quando fui até o *Complejo Celeste*, o “quartel general” da seleção uruguaia. Como veremos a seguir, fica fora da cidade, bem próximo a uma das rodovias que ligam a capital ao norte do

⁸⁹ O Nacional carrega consigo o apelido de *Bolso*, *Bolsonero* ou ainda *Bolsilludos*, que faz referências as suas primeiras camisas, que portavam um pequeno bolso na altura do peito.

⁹⁰ Há diversas pesquisas e dados quantitativos sobre a divisão entre torcidas de times uruguaios. Todas apontam maioria esmagadora de torcedores do Peñarol e Nacional, que dividem 90% da preferência uruguaia, sendo que esta divisão é bem parelha. Os cerca de 10% restantes se dividem entre os demais clubes do país.

país. Eram cento e vinte garotos entre quatorze e dezenove anos de idade, sendo que vinte e quatro destes ficam alojados ali mesmo no clube, que contempla as seguintes categorias: sub-14, sub-15, sub-16, sub-17 e sub-19. Ainda há o que ele chamou de *subprofesionales*, com até vinte e dois anos de idade, e os profissionais. Eram cinquenta e cinco jogadores com algum tipo de contrato, entre profissionais e amadores.

Alguns dias antes daquela conversa presenciei um encontro entre Nacional e Peñarol pela segunda divisão nacional. Embora seja o maior clássico do país, naquele jogo disputado no estádio Charrua, no Parque Rivera, antiga casa da seleção celeste, o clima era ameno e nada tenso: não tínhamos em campo os profissionais, quero dizer, não jogavam as equipes principais dos dois maiores clubes do país – estas disputavam a primeira divisão – mas, sim, os chamados *subprofesionales*, pela última rodada do campeonato 2011. Esta categoria, que não existe no Brasil, é formada por atletas que já deixaram a base, mas que ainda não chegaram ao profissional. São jogadores que possuíam contrato assinado com o clube, embora seja um acordo menos rentável que para os profissionais. Representa, na prática, o último estágio para que o futebolista engrene de vez na profissão. No Brasil, essa linha divisória existe até o sub-20; a partir daí, são dois os caminhos: o profissionalismo ou a desistência.



Figura 17: Nacional x Peñarol (*subprofesionales*), Montevideu, Uruguai, 2011

Os gastos mensais de um clube como o Danubio giravam em torno de U\$ 230 mil e a receita, segundo Machain, dependia basicamente de um meio: a venda de

atletas⁹¹. Havia remuneração nos jogos, com ingressos, por exemplo, mas isso quase não gerava receita, dado o pequeno público que se faz presente no estádio *Jardines del Hipodromo*. Não havia como cobrar entradas mais caras e que renderiam mais porque a torcida é muito pequena. Tampouco havia trabalho de *marketing* que se dedicasse a vender produtos e serviços relacionados ao futebol do Danubio. A televisão não costumava pagar altas quantias para transmitir os jogos, diferentemente do que acontece no Brasil: por aqui, desde 2011 as emissoras negociam separadamente com os clubes os valores a serem pagos para transmitirem as partidas. Dividiu-os em quatro grupos e paga valores distintos para cada um: o grupo 1, por exemplo (composto por Flamengo, Corinthians, São Paulo, Internacional e Atlético Mineiro), recebeu cerca de R\$ 980 milhões, enquanto o grupo 2 (Santos, Cruzeiro, Palmeiras, Grêmio e Vasco) angariou R\$ 722 milhões⁹². O patrocínio na camisa, também uma das receitas mais gordas dos clubes brasileiros, é pouco representativo, o que os obriga a vender ao menos um atleta por ano. Em média, vendem dois por temporada. O último havia sido Matias Jones, para o FC Groningen, da Holanda, por cerca de U\$ 800 mil. Outros atletas também foram negociados durante o ano, o suficiente para atender a todos os gastos do clube em 2011.

No Nacional o cenário era parecido, com seis categorias contempladas: sub-14, sub-15, sub-17, sub-19, sub-22 (*subprofesionales*) e profissionais. Em média, o clube mantinha contrato profissional com cerca de trinta jogadores. Na base havia cerca de cento e setenta atletas, sendo que destes, apenas alguns moravam nos alojamentos mantidos na sede que visitei, ao lado do estádio – cerca de trinta deles. Comparando os dados, percebemos que os dois clubes não se distanciavam tanto. Apenas o número de atletas da base é um pouco diferente (cento e setenta contra cento e vinte⁹³), exatamente pela maior receita exibida pelos tricolores. O Nacional conseguia observar, em treinamentos, mais garotos do interior do país se comparados ao Danubio, pelas maiores estrutura e quantidade de funcionários, o que facilitava a captação de jovens jogadores.

⁹¹ Como comparação, vemos a enorme distância financeira entre clubes brasileiros e uruguaios: em 2012, o São Paulo gastou R\$ 38,4 milhões somente com formação de atletas; o Vasco da Gama gastou R\$ 18 milhões e o Atlético Paranaense, R\$ 4,2 milhões (fonte: <http://www.globoesporte.com>, de acordo com os números oficiais divulgados pelos clubes, a matéria mostra que de 2011 a 2012 houve aumento do investimento na formação de atletas em relação ao ambiente profissional: 26% de aumento nos gastos contra 15% em contratações).

⁹² Fonte: <http://www.lancenet.com.br>

⁹³ O São Paulo FC, que dentre os times brasileiros é um dos que mais gasta dinheiro com o futebol de base, mantém em seu centro especializado em Cotia-SP cerca de cento e cinquenta atletas. Vemos, portanto, que esses números são muito próximos entre clubes brasileiros e uruguaios do mesmo tamanho. O São Carlos, por exemplo, nunca chegou a ter tantos atletas: em suas três categorias de base (sub 15, sub 17 e sub 20), de uma única vez, nunca houve mais que oitenta jogadores.

Ao cabo a revelação e, posteriormente, a negociação de atletas era a principal fonte de renda dos clubes uruguaios. Em 2011 o Nacional negociou quatro atletas: Sebastian Coates, para o inglês Liverpool FC; Santiago Garcia, para o brasileiro Atlético Paranaense, além de dois outros jogadores para o futebol argentino.

No estádio *Gran Parque Central*, sede do Nacional, conversei por algumas horas com Roberto Roo, que iniciou sua vida nesse esporte aos quinze anos de idade jogando, curiosamente, pelo Danubio. Atuou profissionalmente até os vinte e sete, passando por outros clubes uruguaios menores e também pela seleção celeste juvenil – vestiu a camisa 10 durante um torneio sul-americano nos anos 1970. Teve de abandonar a carreira por problemas nas *rodillas* – operou os dois joelhos. Fez um curso de dois anos para ser técnico de futebol, algo que no Uruguai é obrigatório, exerceu a função por mais alguns e depois se tornou gerente de futebol, cargo que ocupava já a quinze, cinco deles no Nacional. Estava com cinquenta e dois anos, mas aparentava muito menos. Enquanto conversávamos em sua sala nos interrompeu um funcionário do clube à procura de documentos de atletas. Quando Roo apresentou-me, explicando o motivo de minha presença ali, ele logo perguntou, ironicamente, se eu era agente de Neymar. Em seguida, fixou no mural de parede às costas de Roo uma foto do ex-jogador Paolo Maldini e saiu às gargalhadas. Roberto é, de fato, muito parecido com o ex-lateral e zagueiro italiano.

Aproveitando o gancho, instei-o a falar sobre os agentes de atletas. Ele se irritou: “quase todos não foram jogadores profissionais, portanto não sabem o que se passa com seus atletas”. Um tanto saudosista em relação à carreira de jogador, parecia se aproveitar de sua posição para se mostrar um pouco ranzinza. Em cinco dias viajaria com a delegação sub-17 do clube para Belo Horizonte, para disputar um campeonato de nível internacional: participariam equipes brasileiras, japonesas, uruguaias, argentinas e europeias. Havia alguns meses estivera em Porto Feliz-SP, na sede do Desportivo Brasil – é amigo do ex-jogador Darío Pereyra⁹⁴, uruguaio com larga história no futebol brasileiro e que, à época, trabalhava para a empresa que gerenciava o clube.

⁹⁴ Afonso Darío Pereyra Bueno (20/10/1956) nasceu em Montevideu, Uruguai. Como futebolista, atuou profissionalmente pelo Nacional, São Paulo, Flamengo, Palmeiras e Matsuchita Eletronic (Japão). Disputou trinta e quatro partidas pela seleção uruguaia. Após retirar-se dos gramados, exerceu cargos na gerência de clubes, além de treinador de futebol.

Na tarde do dia seguinte Roo acompanharia algumas de suas equipes que disputavam o campeonato nacional e jogariam contra o Liverpool Fútbol Club. Convidou-me, o que aceitei de pronto. Debaixo de muito sol em Montevideu, foi necessário tomar um ônibus que atravessou a cidade até o estádio Belvedere, sede do clube que tem em suas cores o azul e o preto e em nada lembra o primo rico britânico. Uma *cancha* apertada, numa rua mais apertada ainda, num bairro bastante populoso e distante do centro, mas com gramado perfeito. Em campo, as categorias de base do time da casa e do Nacional: os visitantes venceram em todas elas (sub 15, sub 17 e sub 19). Roo esteve muito agitado já no primeiro jogo. Ele narrou as jogadas da arquibancada, exigindo o máximo dos garotos. Vibrou bastante nos gols da equipe e os parabenizou por cada boa ação. O ambiente era muito parecido com o que vimos no Brasil: poucas pessoas no estádio, quase todos eram familiares ou então companheiros de clube que jogariam mais tarde; também assistiam ao jogo do momento, esperando a hora exata para irem aos vestiários se trocar, enquanto tentavam encontrar algum lugar que os poupassem de sentir o sol lhes queimar a pele.



Figura 18: Familiares acompanham Liverpool x Nacional, Montevideu, Uruguai, 2011

No final daquela semana fui até a sede da *Asociación Uruguaya de Fútbol*, que fica num prédio bastante alto no centro de Montevideu. Primeiramente recebido por Matias Faral, o assessor de imprensa pediu um e-mail explicando as intenções e motivos da visita. Três dias depois tinha um encontro marcado com o coordenador geral das seleções Eduardo Belza, ex-goleiro de mãos enormes e muito tranquilo. Jogou pelo Nacional e por diversas equipes espanholas – Club Atlético de Madrid, CD Tenerife,

UD Las Palmas, Rayo Valecano SAD e RCD Mallorca. Ele havia chegado à capital uruguaia no dia anterior, vindo da Itália, onde havia passado alguns dias conversando com jogadores de sua seleção nacional que atuavam na Europa, num trabalho realizado durante toda a temporada⁹⁵. Bastante educado e com fala mansa, respondeu a todas as questões, mostrando-se simpático aos anseios apresentados. Tão logo perguntado sobre a possibilidade de acompanhar alguns dias de trabalho no complexo esportivo da AUF com a seleção uruguaia sub-17, que se encontrava reunida naquela semana, telefonou para o treinador da equipe, Fabian Coito Machado, à minha frente, que autorizou sem maiores restrições. Na verdade, Belza receberia Machado ali mesmo, naquela sala, em poucos minutos. Assim, pedi para que esperasse um pouco e já conhecesse o treinador, combinando o dia exato da visita, o que aconteceu numa manhã chuvosa de dezembro.

Naquele dia foi preciso pedir ao motorista do ônibus intermunicipal que me deixasse no km 27 da *Ruta* 101, já no Departamento de Canelones, fora da capital. Havia, entretanto, uma enorme placa indicando o *Complejo Deportivo Celeste*, que fica ao lado do também vistoso complexo do Danubio. Menos de quinhentos metros separam a rodovia da entrada do “QG celeste”. Para surpresa, assim que adentrava o local vi, à direita, um senhor de cabelos brancos sentado numa cadeira em frente a uma câmera e um microfone da televisão nacional uruguaia. Falava para o país, vestido com calça do agasalho da seleção nacional, um par de chuteiras das mais simples que existem no mercado – enquanto os demais companheiros de comissão e todos os jogadores portavam os últimos modelos Nike e Adidas, como já mencionado, as duas gigantescas companhias de material esportivo que mais investem no futebol –, uma camisa também da seleção charrua⁹⁶ e um relógio antiquíssimo no pulso esquerdo. O vento que batia lhe bagunçava os poucos cabelos e levava suas palavras para longe. Embora assistisse pelo vidro transparente, era impossível ouvi-lo desde dentro do prédio e decidi, então, sair. Alí estava sentado Óscar Tabaré, experiente treinador de futebol que desde 2006 dirigia a seleção uruguaia, a quem levou ao quarto lugar na Copa do Mundo de 2010.

⁹⁵ Em 14/11/2011 o Uruguai venceu por 1 a 0 a Itália em amistoso realizado no estádio Olímpico, em Roma. Belza permaneceu por mais alguns dias no país.

⁹⁶ Charruas eram índios que habitavam a região compreendida entre ambas as margens do Rio Uruguai, nordeste argentino e sul do Rio Grande do Sul. Os uruguaiois orgulham-se de sua ascendência charrua, que teria lhes fornecido caráter “raçudo”, indômito e indomável.



Figura 19: Óscar Tabarez, treinador da seleção uruguaia adulta, concede entrevista no CDC, Montevidéu, Uruguai, 2011

Alguns minutos se passaram até revermos o dirigente que primeiro havia me recebido acenar, indicando que o treinamento do time sub-17 começaria e teria lugar no campo um, com grama artificial, o mais próximo à entrada do complexo. São quatro campos oficiais de grama natural e mais este de grama sintética. Belza fez questão de me mostrar dois deles, os melhores, que são utilizados somente pelos profissionais em preparação para jogos oficiais. Pássaros ciscavam aos montes no relvado verde e plano contrastando com o branco das redes e balizas e o vermelho dos bancos de reserva patrocinados pela Coca-Cola: linhas de um lugar que parecia perfeito para se jogar futebol. Havia ainda uma sede central que contava com *comedor* (refeitório), cozinha, vestiários, apartamentos para quarenta pessoas, ginásio e sala de musculação; e mais um prédio para receber equipes visitantes, com vestiário.

É naquele local que se reúnem, semanalmente, todas as categorias da seleção para treinamentos de dois ou três dias, cada equipe. No restante da semana os atletas são devolvidos a seus clubes, onde complementam suas atividades. Duas categorias podem ocupar o local, porém quando a seleção *mayor* (adulta) está por lá o lugar é todo deles. Tudo parecia simples e sem pompas, porém limpo, bem construído e equipado.

Assisti à movimentação e tirei algumas fotos. Após a citada entrevista, Tabaréz caminhou até o campo, conversou com companheiros de *staff* e assistiu à atividade, não sem cumprimentar aos que cruzavam seu caminho (“*hola, buenos dias*”, dizia). Um pouco mais tarde e acompanhado de outros parceiros de trabalho, foi visitar um prédio

vizinho ao campo, já fora da área da AUF, mas que parecia lhe pertencer e, quem sabe, ser parte de instalações futuras. Liderava a pequena comitiva numa lenta caminhada matinal, analisando o galpão abandonado.



Figura 20: Entrada do prédio principal do CDC, Montevideo, Uruguai, 2011

A movimentação durou pouco tempo. Quando retornava ao prédio central, vi o treinador Fabian Coito Machado chegar de carro – ele se atrasara por conta de outros compromissos profissionais e a atividade foi comandada por seu auxiliar. Logo veio ao campo cumprimentar os garotos e demais membros da comissão técnica. Mais tarde, esperei um pouco na secretaria principal e fui recebido por Machado, num bate-papo que durou cerca de uma hora. Fomos interrompidos algumas vezes e, numa delas, um simpático assessor das seleções uruguaias se interessou por aquela conversa e, para minha surpresa, conhecia alguma coisa de antropologia. Citou Lévi-Strauss, Malinowski e perguntou se estava ali para uma “*investigación etnográfica*”.

Machado falou sobre seu trabalho de observação dos garotos uruguaios. A geografia e a distribuição dos clubes profissionais pelo país facilita muito. Não lhes custa observar as categorias de base da maioria dos times, já que praticamente todos estão em Montevideo. São observados em campeonatos que ocorrem ao longo do ano, assim como os que vivem no interior – em menor frequência, no entanto. O que eles fazem, então? Convocam aqueles que julgam ser os melhores para períodos de treinamento no *Complejo*, exatamente o que estava ocorrendo naquele dia. Os garotos que vi em campo horas antes eram, na verdade, jovens atletas de quinze anos de idade

que, em 2013, disputariam o Sul-Americano sub-17 da categoria – etnografado por este trabalho. Obviamente nem todos aqueles estiveram de fato no torneio, mas assim é o trabalho de formação de uma seleção nacional que se faz no Uruguai.



Figura 21: Futebolistas da seleção uruguaia sub 17, em treinamento no CDC, Montevideú, Uruguai, 2011

Seguindo um plano de trabalho que me foi descrito por Eduardo Belza ainda na sede da AUF, os garotos são inculcados a respeitar uma “filosofia de formação social e futebolística”⁹⁷ que vai além do campo de jogo. Como já dissemos, o projeto denominado “*Institucionalización de los Procesos de las Selecciones Nacionales y de la Formación de sus Futbolistas*” contempla quatro seleções: sub-15, sub-17, sub-20 e profissional. Esta coordenação tem uma forma piramidal, encabeçada por Óscar Tabaré. São seis áreas contempladas pelo corpo técnico uruguaio: técnica, tática, física, médica, psicológica e social. Assim, os garotos são trabalhados nestas seis áreas desde a categoria mais jovem, da mesma forma. Tudo é coordenado desde cima para que os atletas recebam a mesma formação.

Estamos falando sobre questões técnicas, táticas e físicas. As partes médica e psicológica também são comumente trabalhadas em clubes brasileiros, principalmente se levarmos em consideração aqueles de maior estrutura, como Vasco e Atlético Paranaense. Estão atentos à prevenção e tratamento de contusões, além de trabalhar “aspectos mentais” em ambientes que reúnem garotos de diferentes lugares, com origens diversas e problemas compartilhados. O caso vascaíno foi o que pude observar

⁹⁷ A expressão “*filosofia de formación social y futbolística*” foi dita por Eduardo Belza, quando me descrevia o projeto aplicado nas seleções uruguaias de futebol.

mais de perto. Lá estagiárias supervisionadas por profissionais acompanham as categorias pré-mirim (sub 11) e mirim (sub 13), enquanto as equipes sub 15, sub 17 e sub 20 têm, cada uma, uma psicóloga exclusiva, já formadas. Vivan havia chegado ao clube em 2008 e em 2012 era a responsável por acompanhar o cotidiano dos juvenis. Em dois dias na semana se deslocava até Itaguaí para ver de perto o treinamento, o que chamou de “trabalho coletivo”, já que lidava com todo o grupo. Nos outros três dias ficava em São Januário e, quando necessário, trazia alguns garotos para uma conversa individual. As dificuldades apareciam, segundo relatou-me, porque alguns garotos eram muito tímidos, fechados. Ainda assim, pareceu ser muito querida entre aquele grupo: inúmeras vezes presenciei uma cena na qual os garotos vinham em sua direção para conversar e pedir fotos, sempre sorridentes e entre brincadeiras que demonstravam a proximidade daquela relação – Vivan carregava sempre uma câmera digital e organizava um arquivo de fotos e vídeos que eram disponibilizados ao final de cada temporada. Ela conhecia todos os atletas infantis, juvenis e juniores, já que seu trabalho era ali desenvolvido há pelo menos quatro anos. Acompanhava, de perto, as idas e vindas entre as categorias daqueles que mantinham suas vidas ligadas ao clube vascaíno.

Mas, e no Uruguai, o que fazem com respeito à área social? Belza explicou que os garotos são orientados a tratar os colegas com respeito, já que todos são iguais; precisam manter-se matriculados em escolas e o cuidado com a educação não pode faltar; são instruídos a se comportar num hotel de luxo e num aeroporto internacional, por exemplo, e a dar entrevistas que serão vistas, quem sabe, no mundo todo; e ainda são orientados a respeitar os adversários e cumprimentá-los numa derrota que, invariavelmente, acontecerá em algum momento.

Há, portanto, na noção de “social” uma perspectiva pedagógica, de algo que deve ser aprendido, testemunho de um processo de ressocialização ou socialização de atitudes e hábitos que se aproximariam tanto de uma noção durkheimiana de “social” quanto da noção eliseana de processo civilizatório. Um social que viria de “fora” em processos de inculcação e regulação (coerção das pulsões individuais como atesta Elias, apesar de censurar o caráter metafísico da noção de sociedade, ou coerção como mecanismo de introjeção das representações coletivas enunciado pelo durkheimianismo). O que contrastaria com autores mais contemporâneos em que o abandono da noção de social ou sociedade como entidade, e que problematiza a

separação epistemológica entre o social e o individual, projetariam o indivíduo no regime da *socialidade*, sendo que esta deve ser concebida como “inerente à definição de pessoa” (Strathern, 2014: 236), quer dizer, fruto de relações intrínsecas e não extrínsecas à sua condição⁹⁸.

Pensar a formação desses jovens futebolistas, portanto, seria submetê-los ao regime de socialidade específico que levaria à pessoa futebolista. No entanto, o que variaria seriam justamente as dimensões valorativas na produção dessa pessoa, que mais do que inculcar técnicas e manejos de etiquetas sociais parecem comprometer esses jovens em regimes cujas experiências brasileira e uruguaia contrastam de maneira significativa.

Em dados citados de cabeça, o coordenador geral da seleção uruguaia se debruçou sobre a mesa e, num pequeno caderno, desenhou e descreveu todo o projeto: afirmou haver, àquela altura, cerca de sessenta mil garotos registrados pela AUF. A entidade faz com que seus coordenadores, em cada categoria, viajem a todas as províncias uruguaias para dar palestras, conversar com os jogadores e clubes e passar a filosofia de trabalho da seleção para captação e preparação de novos atletas. Mais do que trabalhar as chamadas seis áreas específicas (técnica, tática, física, médica, psicológica e social), Belza nos disse que é preciso fazer com que os garotos entendam o que significa vestir a camisa celeste e representar o país jogando futebol.

II.II.I Comparando experiências

Como vimos, a metodologia aplicada por nossos vizinhos se diferencia substancialmente do que é realizado no Brasil. A CBF não tem o número oficial de futebolistas de base registrados. No período em que treinava a seleção sub 17 em Itu-SP, o treinador afirmou que esse universo era de pouco mais de trinta mil jovens, mas tratava-se de uma estimativa. Ainda assim, percebamos a enorme diferença, já que o Uruguai tem o dobro, mesmo em se tratando de um país com muito menos habitantes.

⁹⁸ “Assim, ao considerarmos as pessoas como objeto de estudo antropológico, não podemos concebê-las como entidades individuais. Infelizmente, a culpada disso é a nossa própria ideia de sociedade. A consequência lamentável de termos concebido a própria sociedade como entidade foi fazer as relações parecerem secundárias e não primárias para a existência humana” (Strathern, 2014: 239).

Com uma população pequena, não podem se dar ao luxo de excluir um garoto que desponte, mesmo que ele em princípio seja fisicamente menos apto. Isso será trabalhado com o tempo, paralelamente com as outras áreas visadas por essa filosofia de formação de jogadores.

Além disso, a seleção uruguaia coloca em prática um projeto que visa formar atletas para servirem suas equipes, ao contrário do Brasil que, ao invés, capta jogadores de destaque pelos clubes e os reúne em determinados períodos para treinamentos que, no geral, ocorrem logo antes de uma competição oficial. Ou seja, o intuito e a prática indicam que formam equipes de base para vencer campeonatos. Os uruguaiois procuram formar equipes e, seguindo seu discurso, cidadãos comprometidos com a seleção nacional.

Ressaltamos aqui a pertinência de seguir acompanhando a mesma geração de jogadores uruguaiois pelas categorias, exatamente o que pretendemos fazer com os brasileiros. Ainda que a incursão não tenha sido tão profunda – como quando pude completar o trabalho com as observações nos clubes e por torneios nacionais – creio que esta pesquisa de campo nos permitiu elaborar comparações entre as formas de se fazer futebol de base nos dois países e tentar entender como é a vida de jovens futebolistas em diferentes cenários dentro do mesmo universo do futebol, multi-situando nossa etnografia (Marcus, Idem; Silvano, Idem). Embora muito próximos, Brasil e Uruguai se diferenciam e muito na questão. São duas escolas que pensam e praticam o futebol de modo distinto, mas que se enfrentam e estão em contato em diversas instâncias do futebol. Já trouxemos partes dessa análise em outros momentos e tentamos agora aglutinar tudo aquilo que foi etnografado.

Dois anos mais tarde, em abril de 2013, reencontrei Fabian Machado nas arquibancadas do estádio Juan Gilberto Funes em La Punta, cidade vizinha a San Luis, Argentina. Era o início da fase final do Sul-americano sub 17 e naquele dia ensolarado o Brasil enfrentaria sua equipe. Machado estava suspenso por haver sido expulso na rodada anterior – discutiu com o árbitro da partida. Um tanto surpreso pelo encontro, não pestanejou quando questionado sobre a possibilidade de uma nova visita à Montevideu: “*Ojala nos clasificamos y entonces te va tranquilo*”⁹⁹, disse o treinador de fala mansa sobre o objetivo central naquele torneio – os quatro primeiros colocados

⁹⁹ Em tradução livre: “Oxalá nos classificamos e então você pode ir tranquilo”.

garantiriam vaga ao Mundial da categoria, feito alcançado junto de Brasil, Argentina e Venezuela.

Com a permissão do treinador, procurei contatar novamente a AUF da mesma forma que dois anos antes. O assessor de imprensa Matias Faral seguia trabalhando com a seleção celeste e foi ele quem deu seguimento às aspirações. Descobri, então, que em meados de setembro a equipe de Machado faria três jogos amistosos na capital do país: dois contra o Peru e um terceiro jogo contra uma equipe uruguaia, em preparação para o Mundial da categoria.

Impressionou-me como a vida parece correr devagar no Uruguai. Tudo parecia como antes. O atendimento ao público na sede da AUF iniciava-se somente após as 14hs, informação recebida pelo mesmo segurança que por lá trabalhava em 2011. Fomos recebidos novamente por Eduardo Belza, que seguia sisudo e tranquilo, embora com mais cabelos brancos que na outra oportunidade. O trabalho seguia, as pessoas que o coordenavam eram as mesmas e os resultados, ao que parece, seguiam sendo logrados. Notamos um único detalhe diferente na sala de troféus do edifício: uma flâmula da FIFA então recém-conquistada na Copa das Confederações – quarto lugar.

O CDC também estava como antes: a sede estruturada e rodeada por um belo jardim, os campos bem tratados, sendo o primeiro deles em grama sintética e os demais de grama natural, o *comedor*, o ginásio e os alojamentos. Numa quinta-feira de céu ameaçador, mas que não despejou uma só gota acompanhei o primeiro de dois jogos-amistosos entre uruguaios e peruanos. Os adversários de mais ao norte não se classificaram para o mundial da categoria, embora tenham participado da fase final do sul-americano sub 17 visto na Argentina.

Uruguai 2 x 1 Peru

Local: *Complejo Deportivo Celeste*, 12/09/2013.

O jogo estava marcado para as 15h e como cheguei um pouco adiantado tive de esperar por cerca de quarenta minutos ao lado de fora, em conversa com o simpático porteiro. Enquanto ele fazia perguntas, curioso sobre o motivo daquela visita, iam chegando alguns personagens da partida: os árbitros, alguns pais de jogadores da seleção, a ambulância. Um deles, no entanto, chamou a atenção como nenhum outro: dirigindo seu próprio veículo, sozinho, vimos passar num automóvel grande e preto o

treinador Oscar Tabaréz. Chamado de maestro por todos os compatriotas, ouvi do porteiro uma nova alcunha para o comandante da seleção charrua, não menos imponente: pelo rádio ele comunicou ao companheiro que fazia a segurança do interior do local: “*Central, llegó Don Tabaréz*”¹⁰⁰.

Às 15h em ponto permitiram minha entrada. O porteiro ainda me disse que a partida ocorreria na *cancha* 4 e pediu-me para avisar alguns familiares de atletas que se concentravam à frente do campo 1. Caminhamos até o local do jogo e pude perceber que se tratava de um amistoso com pompas de jogo oficial: ambas as equipes vestiam seus uniformes oficiais, havia árbitros e tiraram fotos antes do embate. O jogo em si também seguiu esta característica à risca: muito disputado, com faltas e mais faltas, reclamações por parte das duas equipes ao árbitro, vários cartões amarelos e um vermelho. Os peruanos mantiveram a mesma formação com que disputaram o sul-americano meses antes: três zagueiros, um meio de campo recheado de jogadores e um só atacante. Já o Uruguai seguiu atuando como a seleção adulta e também em todas suas categorias de base: duas tradicionais linhas de quatro jogadores e dois atacantes à frente¹⁰¹. O placar final apontou a vitória dos donos da casa por dois gols a um.

¹⁰⁰ Em tradução livre: “Central, Don Tabaréz chegou”.

¹⁰¹ Na verdade a equipe de Fabian Machado apresentou uma pequena variação na linha ofensiva: ou atuava com dois atacantes que jogavam lado a lado (4-4-2) ou com um atacante um pouco mais recuado e o segundo mais à frente, ambos centralizados (4-4-1-1). Foi assim no Sul-Americano sub 17, nestes amistosos etnografados e também no Mundial sub 17. O treinador confirmou essa variação quando perguntado.



Figura 22: Uruguai x Peru (sub 17), CDC, Montevideu, Uruguai, 2013

Pouco antes do início daquela partida encontrei-me com Matías Faral, nosso primeiro contato na AUF. Ele perguntou se tudo estava bem e forneceu uma lista com os atletas presentes naquele amistoso. Depois seguiu rumo ao banco de reservas e de lá assistiu à partida fotografando os movimentos. Na sequência vi atravessar o campo ao lado de onde o jogo se realizaria “Don Tabaréz” e toda a comitiva de sua seleção adulta, que o rodeava. “*El maestro*” caminha com dificuldades por conta de um problema físico, mas não deixa de acompanhar a nova geração de jogadores que, quem sabe, servirão sua seleção principal algum dia. Cumprimentou a comissão técnica dos juvenis e se dirigiu para a parte de trás de uma das metas, um pouco mais elevada, onde se sentou em um banquinho de madeira, sob o sol tímido e vento gelado. Assistiu a toda partida. Pensemos, então, sobre o significado da presença do treinador da seleção principal, que recém havia conquistado uma grande vitória pelas eliminatórias para a Copa do Mundo: dois dias antes a seleção adulta venceu a Colômbia no estádio Centenário (2 a 0) e manteve as chances de classificação¹⁰²; num contexto mais amplo, alterou uma situação muito adversa, já que vinha brigando pela quinta posição, que dava direito à repescagem, depois de um início claudicante.

¹⁰² Assisti a esta partida no estádio. Pouco antes do início o sistema de som anunciava a escalação das equipes e, concomitantemente, apareciam no telão fotos dos atletas. Quando o nome do treinador foi anunciado, viu-se e ouviu-se ovação e muito barulho por parte dos torcedores numa clara manifestação de carinho.

Tabaréz estava no comando da seleção *mayor* desde 2006, quando o projeto que apresentamos há pouco foi colocado em prática com a ajuda de toda uma equipe na qual também figura Eduardo Belza. É alguém muito respeitado no futebol e também experiente: treinador desde 1980, tem passagens por diversos clubes uruguaios, CA Boca Juniors (Argentina) e AC Milan (Itália), além de seleções de base de seu país. Para aqueles garotos juvenis a presença do treinador em um simples jogo-treino contra uma equipe que não conseguiu a classificação para o mundial que se aproximava poderia servir como um estímulo a mais. A dedicação e o empenho demonstrados em campo confirmam a assertiva. A vontade exalada em cada dividida era notória. E, como estamos vendo, ele é presença carimbada no trabalho das seleções de base celestes e participa de quase tudo, dentro e fora de campo – como na oportunidade em que caminhava até as cercanias do terreno do CDC para analisar de perto uma área a ser comprada e a consequente ampliação das instalações.

Acompanhei o jogo caminhando ao redor do campo 4, fotografando e tentando perceber a partida de diferentes pontos de vista. O gramado era quase todo cercado por um tipo de pinheiro, plantados três a três, e tal configuração permitia vários lugares para se ver o jogo ao mesmo tempo que limitava a escolha por um melhor ângulo; os bancos de reservas, em outro exemplo, ficavam em lados opostos, daí minha tentativa de escutar o que ambos treinadores falavam aos atletas; e entre um deslocamento e outro encontrava familiares de algum jogador da seleção uruguaia com suas indefectíveis cuias de mate¹⁰³. A maioria vinha de táxi desde Montevideu, outros compartilharam um carro para poder ver os filhos em ação naquela tarde de quinta-feira.

Aqui trago uma questão interessante que nos mostra claras diferenças sobre as preparações celeste e verde-e-amarela: o acesso é bem mais fácil por lá. O que quero dizer com isto? Quase na metade da segunda etapa da partida houve um escanteio para o Uruguai. Enquanto o meio campo Kevin Mendéz dirigia-se até a região lateral para efetuar a cobrança um garoto lançou-lhe a bola e disse entusiasmado: “*Dale, Kevin!*”¹⁰⁴.

¹⁰³ Uruguaios e argentinos tem por costume tomar mate, uma bebida resultante da infusão de erva mate (folhas desidratadas e moídas de *Illex paraguayensis*) e água fervente em cuias, muito semelhante ao chimarrão gaúcho. É comum entre os uruguaios carregar uma garrafa térmica com água quente, que é despejada numa cuia cheia de erva, e tomar inclusive em áreas públicas (como praças, parques, eventos públicos em geral e, neste caso, pelos pais que acompanhavam seus filhos em campo). Na Argentina, ao contrário, costuma-se fazer uso da bebida em recintos fechados, geralmente em casa.

¹⁰⁴ A expressão “*Dale*” é muito utilizada por uruguaios e argentinos. Em *castellano* pode assumir, dentre outros, o significado de um alento, um incentivo, algo do tipo “vamos, Kévin”. É muito utilizada neste meio futebolístico, sendo ouvida a todo momento.

O pequeno era irmão do goleiro Thiago Cardozo, companheiro de Mendéz. Ele assistiu ao primeiro tempo atrás da meta defendida pelo irmão mais velho. O pai estava ao lado em dado momento, numa das laterais do campo, tomando mate e conversando com familiares do atacante Gonzalo Latorre e do volante Gaston Faber.



Figura 23: Familiares de atletas da seleção uruguaia sub 17 acompanham a partida contra o Peru ao lado do campo, CDC, Montevidéu, Uruguai, 2013

A seleção brasileira, por sua vez, se fechou em um resort de luxo no interior de São Paulo. Há que se considerar alguns fatores intrínsecos à situação e as circunstâncias específicas: como falado, quase todos os jogadores uruguaio vivem e jogam em Montevidéu e, assim, seus familiares podem acompanhá-los de muito perto, quase sempre. Quando perguntei ao então treinador brasileiro sobre os motivos da escolha do Spa em Itú ele respondeu-me que a princípio a intenção da comissão técnica era utilizar a sede de treinamentos da CBF em Teresópolis-RJ mas que, pelas reformas, só estaria apta a partir de fevereiro de 2014. Mesmo assim, o local escolhido permaneceu fechado e só era possível acompanhar os trabalhos mediante prévia autorização, caso desta pesquisa. Para conseguir acesso às instalações e atividades das seleções uruguaio de base bastou apenas um primeiro contato e uma simples conversa, onde pudemos expor os desejos e os anseios que caracterizariam aquelas observações. Já em relação às seleções brasileiras a dificuldade esteve onipresente, inclusive nas vezes em que uma simples entrevista foi pedida – negada pela comissão técnica liderada por aquele treinador. Somente após conseguir o contato de um coordenador da CBF pudemos acompanhar seções de treinamento num recinto fechado. Assim, o tratamento dispensado por ambas seleções diferenciava-se muito, sobretudo na questão da proximidade e interesse.

Terminada aquela partida tínhamos então outro jogo entre os adversários sul-americanos dois dias mais tarde. Naquele momento eu suspeitava do real aproveitamento da pesquisa etnográfica por fatores estritamente meteorológicos: anunciava-se na imprensa alertas sobre o tempo, *rojo y naranja* (os piores), acerca de tormentas e a passagem de um ciclone extratropical por todo o país. Foram três dias de chuva intensa, trovoadas, ventos fortes e baixíssima temperatura. Alguns treinamentos da equipe de Fabian Machado foram cancelados e pouco se pode fazer em Montevideu até o tempo abrir e firmar-se definitivamente no dia 18, exatamente quando tínhamos o terceiro e último amistoso daquela série preparatória. Assim, não pude acompanhar as atividades da seleção uruguaia juvenil entre os dias 15 e 17 de setembro simplesmente porque elas não ocorreram. Por hora, no entanto, fiquemos com o segundo jogo contra o Peru, disputado no dia 14 no estádio do Nacional, um dos dois gigantes do futebol uruguaio, quando as tempestades ainda não haviam chegado àquela cidade portuária.

Uruguai 1 x 1 Peru

Local: Estádio *Gran Parque Central*, dia 14/09/2013

O estádio do Club Nacional de Fútbol é de fácil acesso: fica bem próximo a uma das maiores e mais movimentadas avenidas da cidade, *Ocho de Octubre*, às costas de sua sede. Foram quinze minutos de ônibus desde o centro e outros cinco de caminhada. Às 10h30 os termômetros marcavam 5°C. Assim que cheguei ao muito bem conservado estádio tricolor percebi que os atletas que disputaram o amistoso de dois dias antes não jogariam, sentados nas arquibancadas centrais que estavam, muito agasalhados. Junto a si tinham seus pais, mães, irmãos e outros familiares, que traziam até mesmo cobertores e garrafas térmicas com água quente para espantar o frio bebendo mate. Em campo estavam o outrora zagueiro titular e então capitão da equipe, Fabrizio Buschiazzo, junto ao atacante Márcio Benítez, que trocavam bolas com o irmão do goleiro Cardozo, numa cena que me lembrou o episódio da outra partida. Os laços se mostraram mesmo estreitos naquele grupo, naquela seleção nacional de jovens futebolistas.



Figura 24: Familiares e futebolistas da seleção uruguaia sub 17 (os dois garotos de capuz) acompanham a partida contra o Peru no estádio *Gran Parque Central*, Montevideú, Uruguai, 2013

Foram a campo pelo Uruguai, então, onze diferentes jogadores. O Peru manteve quase o mesmo time – apenas um atleta substituído. A boa atuação da equipe vermelha e branca também se repetiu, impondo dificuldades aos donos da casa. Saíram à frente com um belo gol de falta, mas tiveram um jogador expulso. Mais uma vez o jogo foi muito truncado e faltoso, cheio de reclamações e empurrões entre os jogadores. Com um jogador a menos os peruanos não suportaram a pressão e a ofensividade do oponente, que tentou o empate a todo custo até conseguir, já no final, com um belo gol do atacante Francis D’Albenas, muito aplaudido pelas arquibancadas.

Nos camarotes, logo acima de onde eu e quase todos os que enfrentaram o frio daquela manhã assistíamos à partida, estavam mais uma vez toda comitiva da seleção adulta. Protegidos por vidros grossos e sentados em confortáveis poltronas pude ver Oscar Tabaréz e outros membros da comissão técnica, além de Matías Faral. Quando faltavam poucos minutos para o início do amistoso vi chegar também Eduardo Belza, que se dirigiu para junto dos colegas de seleção.

Nesta partida atuou como volante titular Rodrigo Medina Ancheta. O jovem atleta defendia o brasileiro e gaúcho Grêmio, sendo o único que não jogava em seu país. Àquela altura eram vinte e seis atletas convocados e cinco seriam cortados da relação

que iria ao Mundial de outubro, nos Emirados Árabes Unidos. Ancheta foi um deles. Antes titular, perdeu espaço na reta final de preparação. Temos aqui um raro exemplo de futebolista que já atuava fora do próprio país, mesmo ainda muito jovem. E o caso se deu exatamente no Uruguai, que se caracteriza por ter e manter seus atletas por perto: como já demonstrado, quase todos aqueles jogadores viviam e jogavam na capital Montevideu, fato que permitia aos treinadores das seleções de base observá-los e trabalhá-los semanalmente. O futebol de base parece ser operado, assim digamos, por distintas lógicas, como estamos propondo.

Ao final, mesmo diante de muito frio, os atletas uruguaios permaneceram em campo e se estiraram no gramado verde para o necessário trabalho de alongamento. Junto às grades pude ver seus pais que admiravam o trabalho pós-jogo e conversavam com membros da comissão técnica daquele selecionado juvenil. Quatro dias mais e teríamos outro jogo amistoso, desta vez contra uma equipe uruguaia.

Uruguai 3 x 1 Central Español

Local: *Complejo Deportivo Celeste*, dia 18/09/2013

O sol finalmente apareceu após dias seguidos de tormenta, embora ainda com baixas temperaturas. Tomei o ônibus com destino à cidade de Pando no terminal Rio Branco. O trajeto já conhecido até o CDC foi tranquilo e dentro do horário previsto, como de costume. Cheguei ao local e pude ver ambas as equipes já se aquecendo no primeiro campo, que exibia um gramado sintético em excelente estado. A seleção de branco, desta vez com seu uniforme de treinamento, e o adversário de azul escuro com detalhes vermelhos, também com trajes não oficiais. Seria realizado ali o amistoso entre os selecionados celestes e a pequena equipe de Montevideu.

Mais uma vez um grande número de familiares dos atletas esteve presente. A maioria permaneceu dentro dos automóveis, já que o estacionamento fica bem em frente àquela cancha e parecia não haver ideia melhor para enfrentar o vento gelado que assistir ao jogo abrigado e com onipresentes cuias de mate. Como não tinha carro procurei um lugar ao sol para ver a partida, tirar fotos e anotar tudo aquilo que via em campo e ao redor. Passava das 11h da manhã quando a bola rolou.

Fabian Machado mandou a campo quase a mesma equipe que iniciou o primeiro confronto contra o Peru, na semana anterior, ali mesmo no CDC. Configurou-se, assim,

a prática de rodar todo o elenco que se preparava para o Mundial da categoria: na segunda parte do amistoso todos os atletas foram substituídos. A maneira de jogar também seguiu a mesma: duas linhas e quatro e dois atacantes (4-4-1-1). Com apenas três minutos de jogo o meio campo Kevin Mendéz, talvez o mais talentoso e inventivo jogador daquele elenco, marcou um bonito gol após cobrança de falta frontal¹⁰⁵. Após o tento, o mesmo Mendéz sofreu um pênalti e posicionou-se para a cobrança, segurando a bola sob os braços. Tecnicamente ele parecia ser o dono do time, mas veio então a influência de outra natureza, a força da hierarquia, representada na figura do zagueiro e capitão Buschiazzo, que lhe tomou a pelota e efetuou a cobrança, anotando o segundo gol do selecionado celeste. Poucos minutos depois este mesmo zagueiro cometeu um pênalti após entrada dura no adversário. O chute subiu e a bola deixou as instalações do CDC, caindo no terreno em frente, após cruzar a estrada de terra pelo alto. Havia alguns moradores daquela região rural na estrada, assistindo a partida desde o alambrado: divertiram-se com a bizarra cobrança e foram buscar a bola.



Figura 25: Uruguai (sub 17) x Central Español (sub 20), CDC, Montevideu, Uruguai, 2013

No geral o jogo mostrou-se muito menos disputado que os amistosos contra o Peru. Talvez isso se deva ao fato de o adversário ser claramente mais fraco – estamos falando de um confronto entre o selecionado nacional e um clube muito pequeno – e também porque os outros dois amistosos se deram frente à outra seleção nacional, um

¹⁰⁵ Kevin Mendez foi o grande destaque do Uruguai no Sul-Americano sub 17 disputado em abril de 2013, na Argentina. Após esta competição viu-se na imprensa especializada notícias circulando que davam conta do interesse do FC Barcelona em contar com seu futebol. No entanto, o jogador seguia vinculado ao CA Peñarol.

rival sul-americano que costuma disputar as mesmas competições em nível continental e, às vezes, mundial. Mesmo assim foi tomado como mais uma importante atividade na preparação para o Mundial, segundo confessou-me o treinador Machado. Em relação ao jogo em si, a seleção uruguaia dominou as ações durante quase todo o tempo e mesmo depois das trocas realizadas no pós-intervalo ainda ampliou o placar (3 a 1).

A história do atacante Mendéz na seleção de seu país teve parte de seus atos vivenciados e acompanhados por este trabalho. Em 2011 a fase final do torneio sul-americano sub 15 aconteceu na pequenina cidade interiorana de Trinidad, capital da província de Flores, onde vivem cerca de 22 mil pessoas. Foi naquele tranquilo município no centro do país que Kevin viveu com seus pais e seu irmão até os treze anos de idade. Foi chamado para jogar num dos grandes clubes do país, o tradicional Peñarol, e morar na capital, junto a outros jovens futebolistas. Era notória a empolgação daquelas pessoas no estádio Lavalleja quando o garoto moreno e um tanto desengonçado pegava na bola, ou ainda quando era chamado pelo treinador para entrar no jogo, no banco de reservas que estava. Seu retorno à cidade natal se deu em grande estilo, vestindo a camisa azul-celeste da seleção de seu país. Dois anos mais tarde, manteve-se entre os escolhidos pelo treinador da categoria acima, os sub 17, e disputou o sul-americano na Argentina em grande estilo¹⁰⁶, além do Mundial nos Emirados Árabes. Durante esta última competição a FIFA publicou uma matéria especial em seu *website* oficial contando um pouco sua história de vida. Relatou as dificuldades de mudar-se para Montevideú, um deslocamento necessário para os futebolistas inseridos no mercado do futebol de base e que por diversas vezes foi também perseguido, em alguma medida, e apontado neste trabalho:

“Foi duro, sem dúvida que foi duro. Tive de deixar tudo. Meus pais, meu irmão e gente muito querida para ir para Montevideú. O primeiro ano foi muito complicado, por tudo o que se passa com um garoto de 13 anos, que sente falta deste afeto (...) mas depois fui me adaptando. Hoje em dia ainda sinto falta deles, mas se aprende a viver. Só trato de jogar o futebol da melhor forma, esperando que eles também fiquem bem (...) o futebol ajuda muito. É algo de que você gosta

¹⁰⁶ Kevin Mendéz marcou quatro gols e foi considerado o melhor jogador do torneio pela Conmebol. Além disso, figurou na lista do *scout* Uli Weiss como *top player* e um dos sete atletas de maior destaque na competição. No próximo capítulo trago detalhadamente o que vi no torneio, bem como a apresentação do citado *scout*.

bastante, com o qual quer seguir em frente. Então o que se passa ali cobre um pouco essa ausência, te desvia um pouco dessa saudade.”

Mesmo que apresente consideráveis diferenças em relação ao futebol brasileiro, como o acesso e a filosofia de formação de jogadores, percebemos que a perspectiva de movimentação e de flexibilidade dos laços entre futebolistas e clubes, no Uruguai, por vezes se mostra bem próximo ao que vimos no contexto das etnografias brasileiras. A necessidade de deixar a casa dos pais, de mudar-se para outra cidade, às vezes outro país, é característica inerente ao futebol de base por lá também. Vemos, portanto, movimentação, moradia em clubes e CT's, trabalho, preparação e vigilância dos corpos. Estes são os fatores comuns que aproximam um e outro cenário.

O que os diferencia é que no caso das seleções uruguaias, há um projeto de formação de atletas já em andamento e, há alguns anos, centralizado, cujo epicentro é a seleção uruguiaia, produzindo uma proximidade entre seleções e clubes. Embora observemos implementadas as ditas seis áreas (técnica, tática, física, médica, psicológica e social) que instruem a produção de jogadores e que constam nas recomendações da FIFA, valores mais intangíveis como o “social”, plasmado aqui na noção de “cidadão uruguaio”, parecem fazer valer certas estratégias que diferenciam Brasil e Uruguai. Seguindo Damo (Idem), podemos aqui diferenciar produção e formação de atletas, embora no futebol de base os dois processos podem aparecer de modo sobrepostos, é dizer, ao mesmo tempo em que se forma também se produz. No Brasil, nos selecionados nacionais, busca-se, basicamente, produzir jogadores incitando a conquista de títulos o que gera, conseqüentemente, mercadorização de atletas e lucratividade. No Uruguai, para além desta perspectiva, aproximam-se de uma abordagem muito mais formadora, ligada às mentalidades, inculcação e incorporação de ideias no e pelo sujeito, enfim, abstrações que à princípio não nos aparecem mas que dizem respeito, assim entendi, à alimentação de uma forma de como se jogar futebol pelas seleções uruguaias.

Feita esta breve comparação entre como se organizam o futebol no Brasil e no Uruguai, ao nível de suas seleções de base e a relação com alguns clubes, seguimos tratando do que ocorre dentro de campo. Será apresentado agora, ao menos em parte, como se dá a comunicação entre os principais envolvidos no “jogar futebol”: treinadores

e atletas. Início o próximo sub-capítulo com uma breve retomada para então seguir com a tese.

II.III Sobre certa linguagem do futebol

Tendo como pano de fundo o universo do futebolista, composto pelo ambiente, material e práticas cotidianas ligadas ao que ocorre dentro e fora de campo, passo agora a expor o que pode ser entendido como mais um aspecto desta “ambiência futebolística”. Antes de nos adentrarmos no tema principal desta seção – a relação entre linguagem e futebol, e mais, entre a palavra e o passe – voltamos ao que já foi exposto.

O cenário observado é aquele que se mostra sob o nome de futebol de base, contíguo ao futebol de espetáculo ou futebol profissional no qual garotos entre doze, às vezes menos, e vinte anos repactuam suas relações mais imediatas, familiarizando e desfalimiarizando relações, objetivando muitas expectativas, disciplinados pelas rotinas num viver intenso muitas vezes sob as arquibancadas de estádios que servem de casa e centros de treinamento, no apuro da técnica e na produção de corpos competitivos.

Quais as potencialidades de se tornar um futebolista, então? Além de bem jogar futebol almeja, muitas vezes, ser reconhecido, tornar-se famoso, ídolo, rico, protagonizando ao menos em fragmentos algumas das histórias muito conhecidas e sucesso vividas por uma minoria. Jovens que muito se parecem, a despeito das condições pequenas e diversas, se atuando por um pequeno ou grande clube. Aqueles que jogam por clubes pequenos buscam os clubes grandes; os que já se estabeleceram num clube de maior potencial buscam o profissionalismo. “É dali para cima”, como dizem.

Portam-se de maneiras semelhantes, cultivam hábitos parecidos em relação ao consumo de itens como vestuário, compartilham gostos e interesses comuns, dividem problemas e pequenas conquistas. O sonho também é o mesmo e a dificuldade, quando superada, o é quase sempre da mesma forma, ao se voltarem para a família retribuindo parte daquilo que foi amealhado. O que permite esse sobe-e-desce, ou essas idas e vindas é a relação entre clubes durante os campeonatos que disputam em sucessivas temporadas. Mesmo clubes que parecem muito distantes podem se aproximar por conta

de seus atletas. As movimentações são várias e intensas, em muitas direções, configurando-se um emaranhado de vidas que se entrecruzam desde tão cedo. Apresentamos, assim, ainda que de modo bastante breve, um pedaço do universo do futebol de base.

Entre os diversos rastros de vida que podíamos seguir e trazer à discussão propomos tentar entender, em alguma medida, como se dá a comunicação entre os personagens do futebol. O trabalho seria mais rico se conseguíssemos abordar, neste pequeno espaço, mais conversas e mais relações tecidas nessa malha de interações. O verbo utilizado neste meio para definir uma simples conversa é *resenhar*. Resenhar vem de resenha, a expressão utilizada para definir as conversas que os sujeitos, notadamente jogadores e membros da comissão técnica, mantêm entre si. Por exemplo, resenha é a palavra utilizada para definir a conversa que um treinador empreende antes de um treinamento, num dia normal de trabalho; o tranquilo bate-papo tomado entre os atletas quando num momento de folga também é chamado de resenha; e a expressão também é empregada para indicar uma conversa informal, tomada num momento de relaxamento e que pode ter como assunto principal qualquer temática, seja relacionada ou não ao futebol, e tudo parece convergir para uma resenha, simplesmente. Em campo estive presente em muitas preleções e presenciei inúmeras vezes uma situação de resenha; em muitas outras ocasiões, fiz parte das resenhas, como que alimentando-as.

A resenha pode ter lugar durante a preleção, quando o treinador explicita e esclarece o que quer de seus atletas em campo, minutos antes de uma partida. No Vasco da Gama o treinador Tornado, da equipe sub 17, alertava os laterais, tranquilizava os zagueiros, pedia simplicidade aos volantes, criatividade aos meio campistas e elogiava os atacantes, passando-lhes confiança antes de cada jogo. Durante a semana, quando enxergava algum problema, reunia os atletas antes ou depois das atividades diárias, normalmente sob o sol quente de Itaguaí, e falava por cerca de trinta, quarenta minutos.

Roberto Santana, do São Carlos sub 19, também se utilizava do recurso da fala para tratar com seus jogadores. Certa vez, durante a primeira fase da Copa São Paulo (2014), perguntei se Roberto conhecia bem o time que enfrentaria – embora sob o nome de Piauí, aquela era uma equipe de Santos, terra natal do treinador, e que jogava a competição com a vaga de outra equipe¹⁰⁷, representando o estado de mais ao norte na

¹⁰⁷ A vaga era do Piauí, conquistada em campo segundo critérios da organização do torneio – Federação Paulista de Futebol. No entanto, nesta competição, não é raro que equipes que detém o direito de disputá-la abrirem mão em função de outras, que arcam com os custos da participação. Como abrange todo o

competição nacional apenas pelo nome. Fiz essa pergunta por que durante a preleção Roberto demonstrou conhecer, e muito bem, seu adversário. Apoiado por um *software* e exposto numa televisão num dos quartos do alojamento do clube, esquadrinhou sua própria equipe e detalhava as ações a serem realizadas: posicionamento defensivo e ofensivo, marcação, saída de bola etc. Para minha surpresa, depois do bate-papo, respondeu-me: “Eu não conheço, não. Eu trabalhei em Santos mas só conheço a parte profissional. Da base não sei nada”, esclareceu. Durante a palestra, entretanto, deu claros exemplos aos atletas de como conhecia o adversário:

“As informações que eu tenho são de que o time deles joga muito a bola para a área. O treinador deles é motivador, paga churrasco se ganha, então vamos entrar ligados porque eles vão vir com tudo, mas sem qualidade (...) Os dois volantes saem bastante para o jogo, mas eu duvido que com qualidade. Então vamos ter atenção a essa subida, para também aproveitar o espaço vazio”.

Essas e outras informações foram passadas ao grupo na fala serena de Roberto. Eu mesmo senti muita confiança ao lhe ouvir; percebi que jogando em casa e com a qualidade demonstrada nos treinamentos, algo refinadamente exaltado pelo treinador – digamos que nas entrelinhas, de modo suave – aquele dia teria um adversário duro pela frente, porém possível de ser batido. A intenção do treinador era exatamente essa: tranquilizar seus atletas e mostrar que vencer, naquela tarde, seria algo normal. Depois, em entrevista à imprensa local, Roberto mais uma vez confirmou sua “farsa”: “O nosso maior temor era não conhecer o time deles, mas fizemos um bom jogo e até um placar elástico”, disse ele sobre a vitória por quatro gols a zero.

O treinador da seleção brasileira juvenil também reunia os convocados antes de todo treinamento, numa sessão semanal em 2013, para explicar-lhes as atividades e depois, para indicar os passos do dia seguinte. Numa dessas conversas, já no último dia de treinamentos, elogiou a semana de atividades e confirmou que todos ali presentes já estavam convocados para o próximo período de trabalho: mais dez dias em Cotia, no centro de treinamento do São Paulo, em preparação para o Mundial da categoria. A impressão era de satisfação de toda a comissão técnica. O treinador não poupou elogios

território nacional, nem sempre equipes de regiões mais distantes (sobretudo norte e nordeste) conseguem financiamento para enviarem delegações até o estado de São Paulo e ali permanecerem durante todo o período de disputa do torneio.

à entrega dos atletas e o bom comportamento exibido. A exceção ficou por conta do terceiro goleiro Juliano, do Atlético Paranaense. Seu treinador informou ao garoto, ao ouvido de todos, que ele não poderia ir aos Emirados Árabes porque a FIFA permite que um atleta dispute apenas um torneio mundial nas categorias de base. Como Juliano ainda tinha idade para atuar na equipe sub 15 do Brasil, ele treinaria com os infantis, exatamente para não queimar etapas e deixar de estar à disposição da seleção na sua respectiva categoria num futuro próximo. O treinador afirmou confiar no potencial do garoto e disse que sua hora ia chegar. Tão logo se encerrou aquele bate-papo, o preparador de goleiros Eduardo Bahia retirou Juliano de perto dos demais e sentou-se com ele ao lado para uma resenha. O garoto parecia um pouco abatido com a notícia e, depois, foi cumprimentado por diversos companheiros.

Intervalos de partidas também são momentos em que a conversa é intensa, na tentativa de consertar o que saiu de errado e reforçar o que foi feito corretamente. Evidentemente, nem sempre o clima é tranquilo. Presenciei discussões ríspidas e um tanto nervosas, seja entre atletas, seja entre estes e membros das comissões técnicas. Nos quinze minutos de descanso o que mais se vê são jogadores tentando descansar ao mesmo tempo que escutam o treinador, o auxiliar, o preparador físico e até os companheiros. É um momento de intensa comunicação.

Mas, para além desta comunicação proponho nos dedicarmos nesta seção apenas ao que se passa dentro de campo, isto é, às falas e às ideias que tomam corpo no jogar dos futebolistas, o estágio mais cru e mais intenso que um atleta precisa vivenciar e transpor para tornar-se um profissional da bola. Antes de falarmos em comunicação no futebol, no entanto, falemos de comunicação em geral. Diz Foucault sobre a linguagem:

“As palavras receberam a tarefa e o poder de ‘representar o pensamento’. Mas representar não quer dizer aqui traduzir, dar uma versão visível, fabricar um duplo material que possa, na vertente externa do corpo, reproduzir o pensamento em sua exatidão. Representar deve-se entender no sentido estrito: a linguagem representa o pensamento como o pensamento se representa a si mesmo” (Foucault, 1987: 93).

Assim, temos que falar é sinônimo de comunicar. Comunicamo-nos a partir da fala e, assim, a língua utilizada forma como um sistema de signos que não

necessariamente precisa ser uma língua escrita-falada. A teoria geral dos signos, de Saussure (1995), nos permite estender a um sistema de signos não linguísticos algumas das características da própria linguística, como a pintura, o cinema, a moda:

“Em suma, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência (*não dá razão, mas apenas do tomar-consciência-de-si da razão*) andam lado a lado. Acrescente-se que não só a linguagem serve de ponte entre um ser humano e outro, mas também o olhar, o toque, o gesto; o tomar-consciência das impressões de nossos sentidos em nós, a capacidade de fixá-las e como que situá-las fora de nós, cresceu na medida em que aumentou a necessidade de transmiti-las a *outros* por meio de signos” (Nietzsche, 2012: 222).

O futebol também pode ser visto dessa maneira, assim nos parece: mirando o que acontece neste campo esportivo, vemos que há comunicação entre seus praticantes em seus mais variados níveis. Pois, antes, o ser humano se comunica entre si em todas as esferas de sua vida.

Aprofundando um pouco o debate, temos que desde há muito, com o processo de “parlamentarização da vida pública” (Elias e Dunning, 1992) e a regularização de diversas atividades coletivas que o corpo social tem por costume praticar, ainda que falamos aqui apenas do que comumente se denominam por “sociedades ocidentais e modernas”, é preciso considerar o grau de especialização e profissionalismo atingidos e praticados através das atividades humanas em geral. Isso também é visto no esporte, que passa a ser diferenciado e nomeado como “esporte de alto rendimento”: essa comunicação é bastante intensa e, ao que nos interessa aqui em especial, peculiar.

A peculiaridade que busco apresentar versa sobre as falas que ocupam lugar dentro das quatro linhas que delimitam um campo de futebol. Estamos aqui na tentativa de estabelecer como, dentro do jogo, os futebolistas se comunicam através do próprio jogo. Obviamente, atletas se utilizam da fala articulada para se comunicar e trocar ideias, mas não é a essa forma de comunicação que me refiro. Na verdade, trata-se de saber como, de fato, seus pensamentos dialogam entre si, mesmo sem a fala. A hipótese é a de que o papel da fala aqui é tomado pelo passe, resumido pela manutenção da posse de bola e pelo conduzir do artefato desde lá detrás até vazar a meta adversária e celebrar o gol, aquilo que dá a vitória no futebol. Vejamos:

Como estamos procedendo quando buscamos relacionar o falar e o jogar através do pensamento? Mais uma vez recorreremos ao filósofo francês que, aqui, nos serve de guia para se embrenhar na mata fechada da filosófica motricidade humana. Diz ele:

“As palavras não formam, pois, a tênue película que duplica o pensamento do lado de sua fachada; elas o lembram, o indicam, mas primeiramente em direção ao interior, em meio a todas estas representações que representam outras. Muito mais do que se crê, a linguagem clássica está próxima do pensamento que ela é encarregada de manifestar; não lhe é, porém, paralela; está presa na sua rede e tecida a trama mesma que ele desenvolve. Não é efeito exterior do pensamento, mas o próprio pensamento” (Foucault, *Ibidem*: 94-95).

Quando futebolistas trocam passes isso pode ser tomado como a expressão de uma forma de linguagem? Jogar futebol possibilita, então, comunicar-se, falar, expressar-se através da articulação do pensamento? De que modo? Estas são algumas das muitas questões que surgem e todas elas serão inicialmente respondidas por sentença bem simples: a linguagem é uma espécie de sistema de sinais que os seres humanos escolheram e organizaram, impondo-a a coletividade. A linguagem, assim,

“não se opõe ao pensamento como exterior ao interior, ou a expressão à reflexão; não se opõe aos outros signos – gestos, pantomimas, versões, pinturas, emblemas – como o arbitrário ou o coletivo a natural e ao singular. Opõe-se, porém, a tudo isso, como o sucessivo ao contemporâneo. Ela está para o pensamento e para os signos como a álgebra para a geometria: substitui a comparação simultânea das partes (ou das grandezas) por uma ordem cujos graus se devem percorrer um após o outro. É nesse sentido estrito que a linguagem é análise do pensamento: não simples repartição, mas instauração profunda da ordem no espaço” (*Ibidem*: 98).

Recorrendo ao que se é dito sobre o futebol entre aqueles que já jogaram e que agora tratam de analisar desde fora o que acontece lá dentro, percebemos uma inclinação destes em estabelecer um sentido ao que se vê em campo, ou seja, no jogar. Este jogar, por ser acompanhado, produz visão, produz significado. E significado produz história. Nosso método aqui se baseia exatamente na história deste esporte

através do que seus personagens nos contam: episódios que são lembrados, histórias e causos das mais diversas naturezas que, tendo tido lugar dentro do futebol, formam a base “moral e ideológica” que o rege. Mais do que assistir às partidas oficiais dos mais diversos lugares do planeta, sobretudo América do Sul e Europa, parte de seus personagens dedica-se a procurar pelos confins abstratos do futebol a chave para se compreender, em alguma medida, como pensam e como agem os ditos seres humanos mais bens dotados para a prática do esporte mais popular do planeta. É um bocado concorrido, portanto, entrar nessa seara, neste “pequeno universo”, tão grande e tão complexo, como todos os outros. Diz Santiago Solari¹⁰⁸, ex-jogador profissional e atual comentarista/jornalista: *“El pase es como la palabra. El pase es lo que te permite armar la oración. Ahora, si tocas sin sentido la frase no dice nada. Mucho toque y no se entiende nada. El sentido, en el fútbol, es el gol. De lo contrario, tocar es hablar por hablar”*¹⁰⁹.

É preciso que tenhamos em mente o objetivo básico do futebol: fazer mais gols que o adversário para vencer a partida. Como é possível fazer gols? Tendo a posse da bola. Daí que mantendo a posse da bola aumentam as chances de se marcar, aumentando-se as chances de ganhar. É verdade que existem ainda outras possibilidades de se vencer o adversário mesmo com pouco ou quase nenhuma posse de bola: “basta” armar-se uma equipe para se defender majoritariamente, tomar a posse da bola próximo à meta adversária e colocá-la entre os paus; é possível também marcar gols após um erro bizarro de quem detém a bola e entrega ao adversário, num erro mortal. Mas, substancialmente, é preciso ter a bola consigo para marcar. E como se mantém a posse da bola? (1) Ou dribla-se o adversário quando este está prestes a roubar-lhe o artefato, algo que é extremamente difícil já que são onze jogadores de cada lado, todos posicionados e atentos a cumprir funções previamente definidas e inculcadas por longos períodos de treinamento; além disso, a marcação e o uso do contato corporal que visa terminar uma jogada é arma muito utilizada por sistemas defensivos altamente capacitados para recuperar a posse da bola ou simplesmente destruir tentativas. É raro, pois, marcar um gol apenas através de dribles. (2) Mantém-se a bola, também, através

¹⁰⁸ Santiago Solari (07/10/1976) nasceu em Rosário, Argentina. Jogou futebol profissionalmente por dezesseis anos em clubes como River Plate, Atlético Madrid, Real Madrid e Internazionale de Milão, além da seleção de seu país.

¹⁰⁹ Artigo intitulado “Al toque”, veiculado pelo jornal espanhol “El País”, dia 15/03/2013. Em tradução livre: “O passe é como a palavra. O passe é o que te permite construir a oração. Agora, se tocas sem sentido a frase não diz nada. Muito toque e não se entende nada. O sentido, no futebol, é o gol. Do contrário, tocar é falar por falar”.

do passe – curto ou longo, este chamado de lançamento, mas que mantém a essência do que é denominado passe. Oras, se o passe é bem executado, significa dizer que mesmo quando a bola viaja entre um e outro jogador do mesmo time, ela está temporariamente inalcançável pelo adversário, já que a força e a direção empregados na bola foram suficientes para fazê-la chegar ao companheiro “sã e salva”, por assim dizer. A posse da bola é mantida, em outras palavras. Aqui o domínio da técnica nos parece fundamental. Philipp Lahm¹¹⁰ aclara:

“Los jugadores deben tener la cabeza al cien por cien en esa situación, porque cada pase es importante. Piensa que cuanto más rápido va el balón, menos contacto del rival recibes y, naturalmente, los movimientos son importantes para dejar espacios libres a tus compañeros. Creo que lo decisivo llega cuando uno entra en la zona de tres cuartos, cerca de la portería. Es importante la distribución del espacio y se necesitan jugadores capaces, que sean muy buenos técnicamente y que quieran tener siempre el balón”¹¹¹ (Perarnau, Ibidem: 413).

Ainda diz Solari: *“lo que distingue a los jugadores buenos de los muy buenos es precisamente entender el sentido que tiene cada pase”¹¹²*. Claro que não é só isso que define um bom futebolista, mas peço que nos mantenhamos atentos à essência do passe como domínio primordial nesta análise. Manuel Pellegrini¹¹³, experiente treinador chileno, disse ao mesmo periódico esportivo, já em 2014:

“El pase está relacionado con la posesión y el que tiene el balón está más cerca del gol. Sin balón no hay gol. Bueno, se lo pueden meter ellos, pero no suele suceder. Jugar contra el balón aumenta la posibilidad de perder, porque el ser humano tiene una cierta limitación de energía.

¹¹⁰ Philipp Lahm (11/11/1983) nasceu em Munique, Alemanha. Joga profissionalmente desde 2001 pelo VfB Stuttgart e Bayern de Munique. Pela seleção alemã disputou três Copas do Mundo (2006, 2010 e 2014).

¹¹¹ Em tradução livre: “Os jogadores devem ter a cabeça ao cem por cento nessa situação, porque cada passe é importante. Pense que quanto mais rápido vai a bola, menos contato do rival recebe e, naturalmente, os movimentos são importantes para deixar espaços livres para seus companheiros. Creio que o decisivo chega quando um jogador adentra a zona de três quartos [intermediária ofensiva], próximo do gol. É importante a distribuição do espaço e é necessário jogadores capazes, que sejam muito bons tecnicamente e que queiram ter sempre a posse da bola”.

¹¹² “O que distingue os bons jogadores dos muito bons jogadores é precisamente compreender o sentido que cada passe tem”, em tradução livre.

¹¹³ Manuel Pellegrini (16/09/1953) nasceu em Santiago, Chile. Engenheiro civil, jogou futebol profissionalmente por treze anos pela Universidad de Chile e pela seleção de seu país. Após retirar-se dos gramados, tornou-se treinador com passagens por clubes chilenos, equatorianos, argentinos e espanhóis. Atualmente é treinador do inglês Manchester City FC.

El futbolista se cansa de correr, el balón no, nunca. Está probado. La energía la puedes gastar creando o destruyendo. El pase es lo que equilibra la energía de la parte destructiva con la constructiva”¹¹⁴

Quando vemos uma jogada sendo criada e que resulta, ao seu final, em gol, a impressão que é criada em nossa mente indica certa fluidez no desenrolar dos fatos. A bola é levada, muito através dos passes, desde longe até bem próximo do objetivo, por vezes de modo mais rápido e fatal, por outras mais lento e dificultoso. É como ordenar um monte de ideias díspares num único foco, na busca de um único e definido alvo. Uma partida de futebol tem a potência de se exprimir como um discurso, sendo que as “palavras futebolísticas” podem se combinar de diversas maneiras a partir da ação de suas unidades, que são os jogadores (Cornelsen, 2006). É preciso que haja acordo entre todos eles já que cada um ali, qualificados e em busca do mesmo objetivo – a vitória – pensam de modo bastante particular. Como se consegue isto? Através da comunicação, ou como estamos aqui propondo, através do passe, o falar da linguagem corporal “futebolista”.

Com a posse da bola é preciso domar uma série de atributos técnicos que fazem com que o operador, ou seja, o jogador, se relacione de modo bastante íntimo com o operado, o artefato, a bola. Mas sem a bola também se joga, não é verdade? Para ter a bola é preciso recuperá-la e, para isso, é preciso dominar ainda outros atributos, físicos e táticos, mas também técnicos, que se relacionam mais com a dimensão espacial que está envolvida nesse jogo. Os atletas precisam prever como a bola lhe chega aos pés; ao fazê-lo, podem obter enorme vantagem para dar seguimento à jogada, seja lá qual este for. Como vimos, o domínio do espaço é um pressuposto técnico. Deter este domínio também é uma forma de se expressar ou, como estamos vendo, de se comunicar com os companheiros:

¹¹⁴ Entrevista concedida ao jornal espanhol “El País”, publicado em 16/02/2014. Em tradução livre: “O passe está relacionado com a posse e quem tem a bola está mais próximo do gol. Sem a bola não há gol. Bom, eles podem marcar contra, mas isso não costuma acontecer. Jogar sem a bola aumenta a possibilidade de perder, porque o ser humano tem uma certa limitação de energia. O futebolista se cansa de correr, a bola não, nunca. Está provado. A energia se gasta criando ou destruindo. O passe é o que equilibra a energia da parte destrutiva com a parte construtiva”.

“Los que juegan bien al fútbol parten de ideas claras y las plasman en la cancha de manera que quien lee las entienda sin esfuerzo. Lo hacen ver tan natural que parece que estuviera al alcance de cualquiera. No hay nada más difícil que jugar fácil. Por ejemplo jugar como Zidane, que en vez de parar la pelota con el pecho la dejaba pasar y la recibía con el empeine, a un metro y medio del césped, para dejar a contrapierna a los rivales y orientarse hacia donde provocaba más peligro. Zidane, que convertía la cancha en un tapete de gimnasia artística, movía su cuerpo en relación con la pelota y el espacio de forma tal que sus controles parecían la única solución posible, haciéndonos sentir cercanos a una genialidad que era exclusivamente suya. Nos dejaba pensando: “¿Cómo no se me ocurrió eso a mí?”. Y no, chaval, es más fácil que se te ocurra hacer algo así si tienes la técnica para resolverlo, de la misma forma que es más sencillo elaborar conceptos nuevos a partir de conceptos anteriores”¹¹⁵.

Solari fala de Zinedine Zidane¹¹⁶, um dos grandes jogadores da história deste esporte, alguém tido como extremamente bem capacitado para exercer a função de se jogar futebol. Ver Zidane jogar, assim como muitos outros excelentes futebolistas, nos passa a impressão de fluidez, de contiguidade, de conversa entre os envolvidos; há conexão e as ideias parecem ligar-se e sobrepor-se umas às outras na busca pelo objetivo: definir a jogada marcando o gol. Da mesma maneira temos esta impressão quando estabelecemos uma conversa com alguém, ou ouvimos alguém falar e conversar e expor pensamentos de modo ordenado, sensível e compreensível. Faz sentido e a partir daí a percepção é enriquecida e constantemente insuflada por aqueles que a praticam e, porque não, por aqueles que a acompanham. Isso parece acontecer, também, no futebol.

Nos dias atuais, e já há alguns anos – talvez nos últimos trinta, embora não seja possível precisar com exatidão – o futebol e seus praticantes atingiram níveis de

¹¹⁵ Artigo de Santiago Solari (“Al toque” [“El País”, dia 15/03/2013]). Em tradução livre: “Os que jogam bem o futebol partem de ideias claras e as refletem no campo de modo que quem as enxerga pode compreender sem esforço. Fazem-no de modo tão natural que parece que está ao alcance de todos. Não há nada mais difícil do que jogar fácil. Por exemplo, jogar como Zidane, que ao invés de dominar a bola com o peito a deixava passar e a recebia com o peito do pé, a um metro e meio do gramado, para deixar o pé de apoio aos rivais e orientar-se para onde provocava mais perigo. Zidane, que fazia do gramado um tablado de ginástica artística, movia seu corpo em relação com a bola e o espaço de modo tal que seus controles pareciam a única solução possível, fazendo-nos sentir próximos de uma genialidade que era exclusivamente sua. Nos deixava pensando: ‘como isso não me ocorreu?’ E não, rapaz, é mais fácil que te ocorra fazer algo assim se tens a técnica para resolvê-lo, da mesma forma que é mais simples elaborar conceitos novos a partir de conceitos anteriores”.

¹¹⁶ Zinedine Zidane (23/06/1972) nasceu em Marselha, França. Jogou profissionalmente entre 1988 e 2006 pela seleção de seu país e por clubes como Cannes, Bordeaux, Juventus e Real Madrid. Foi eleito o melhor jogador do mundo em três oportunidades (1998, 2000 e 2003).

especialização e profissionalismo nunca antes vistos. Para além dos atributos técnicos, desenvolveu-se, como já apontado ao longo desse texto, a aplicação de conhecimentos de variados campos científicos ao esporte, desde a base até o profissionalismo, como psicologia, preparação física, nutricional e médica. Tamanha vigilância e controle sobre corpos e mentes (Florenzano, Idem; Foucault, 2006) é um processo inerente ao futebol que se faz hoje em dia em clubes espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

Sendo assim, diz-se com aparente propriedade que o futebol atual é mais disputado que nunca, já que não sobram tantos espaços no campo pelo fato de que os futebolistas correm muito mais e ocupam o campo de modo mais abrangente que antigamente. Até mesmo uma rasa polêmica é criada, sobre se os jogadores do passado, notadamente os mais técnicos e mais habilidosos, jogariam hoje da mesma forma que há quarenta ou cinquenta anos. Não é possível obter esta resposta. Mas sabemos que o jogo agora é outro, mais intenso e mais corrido, ainda que compartilhe as mesmas regras e os mesmos objetivos. A imprensa especializada, com a ajuda de recursos tecnológicos inéditos, consegue monitorar as distâncias percorridas pelos atletas, suas áreas de movimentação e deslocamento etc. O fato é que atualmente se trocam muitos passes com vistas a furar o bloqueio adversário na busca pelo gol.

O número de passes também é vítima desse intenso controle, assim como a posse da bola, aqui dois de nossos maiores interesses nesta seção. Os passes dados num jogo de futebol, atualmente, parecem ser de outra natureza que os de outrora. Seguimos Tostão, ex-jogador e hoje comentarista:

“Hoje, há mais disciplina tática, marcação, movimentação e velocidade. Os espaços entre os setores são menores, e existe mais pressão no jogador que está com a bola. Predomina o passe, embora ainda existam grandes dribladores. O passe representa a técnica, o jogo coletivo e solidário (...) Hoje, há mais preocupação em dar o passe correto, com a parte interna do pé, de chapa, para não perder a posse de bola. No passado, era mais comum o passe de curva, de trivela, de rosca, fazendo a bola contornar o corpo do adversário, para cair nos pés do companheiro. Além de eficiente, era mais bonito. Os jogadores arriscavam mais o passe decisivo”¹¹⁷.

¹¹⁷ Artigo intitulado “Nada será como antes”, publicado no jornal Folha de S. Paulo (29/12/2013).

Como indica o ex-jogador do Cruzeiro e da seleção brasileira, hoje vemos que a manutenção da posse de bola é algo muito buscado pelos clubes de futebol. Isso é trabalhado desde a formação de futebolistas, aqui mais, acolá menos – basta vermos as diferenças e peculiaridades que as inúmeras *formas-representação* (Toledo, 2002) futebolísticas nos permitem analisar. Os praticantes desse dito futebol moderno tiveram de se adaptar. Como aponta o recorte de jornal, aprenderam uma nova forma de passar a bola: agora ela vai rasteira, colada ao chão, e entra em movimento a partir de um toque “de chapa”, com a parte interna do pé, numa ação rápida que, aliado ao movimentar dos atletas, permite encontrar espaços onde parecia não haver. Parece não haver mais tempo para lançamentos e floreios que rebulicam a bola em curvas e que a fazem encontrar espaços às costas da defesa, antes que o goleiro chegue a tempo de cortar a trama, ou interromper a comunicação. Agora é preciso envolver o adversário em movimentos que parecem simples, mas que são rápidos e que evidenciam um alto domínio técnico, isto é, um grau de intimidade e de previsão de movimentos entre atletas e bola muito desenvolvidos e, no geral, bem treinados¹¹⁸. Como havia mais espaço em campo, antigamente, os jogadores podiam utilizar-se de outros recursos técnicos para “conversar” entre si, ou seja, para construir jogadas e tentar marcar gols. A fala utilizada era diferente. Podemos pensar que, talvez, o sotaque era outro. Mas, na essência, as coisas ainda permanecem, já que os futebolistas continuam precisando conversar e trocar ideias ao jogarem. O estilo é que mudou, apenas. Talvez esta seja uma seara instigante a ser investigada.

Vimos a importância dada ao controle deste fundamento para a promoção de jovens jogadores pelo cenário do futebol de base. A fala de um *scout* sobre as qualidades do meio campista Caio (subcapítulo III.I) indica que, em seu ponto de vista, os atributos técnicos do canhoto e habilidoso brasileiro não eram necessários para bem avaliá-lo. Quando questionado, apontou outro atleta do elenco nacional na disputa do Campeonato Sul-Americano sub 17 (2013): àquela altura, para ele, o melhor jogador brasileiro na competição era o lateral esquerdo Ábner, que havia errado poucos passes durante o torneio e dado duas assistências, além de exibir força e volúpia tanto na defesa

¹¹⁸ Não se quer dizer aqui que o futebol atual não mais permite passes curvos, com efeitos, que fazem com que a bola contorne uma dada linha defensiva e chegue ao atacante deixando-o em condições de marcar o gol. Lances como este, na verdade, ocorrem semanalmente mundo à fora. O que se quer dizer é que como os espaços são menores – porque os jogadores correm mais que antigamente – e como o jogo é mais rápido – há menos tempo para ter o domínio da bola e decidir o que fazer com ela – no geral há maior quantidade de passes e estes são mais rápidos, sem arriscar tanto, mantendo-se a bola quase sempre no chão e sob controle.

como no ataque e possuir um porte físico privilegiado para a idade. Mesmo não sendo um jogador tecnicamente primoroso, o que faz com que não chame muito a atenção daqueles que assistem aos jogos, figurava como *top player* na lista do profissional que ali estava em busca de novos jogadores, exatamente por cumprir bem uma das funções principais nesse esporte: o fundamento do passe. O *scout* baseava-se em suas anotações para apontá-lo como o melhor brasileiro na competição. O jogador não foi ao sul-americano sub 15 em 2011, no Uruguai, por um motivo peculiar: disse Marquinhos Santos, o treinador da seleção à época, que via Ábner um pouco deslumbrado pelo seu desempenho dentro de campo. Consultando pessoas que acompanhavam de perto o cotidiano do Coritiba, seu clube, Marquinhos decidiu-se por não levar o garoto por seu comportamento extracampo, ainda que dentro das quatro linhas já apresentasse bom rendimento desde a categoria infantil. Vejamos que um aspecto puramente extracampo definiu a não convocação do atleta e a chance de disputar uma competição internacional defendendo seu país mesmo que, dentro de campo, o garoto já justificasse sua nomeação.



Figura 26: Brasil x Chile jogam pelo Sul-Americano sub 17, Estádio Malvinas Argentinas, Mendoza, Argentina, 2013

Esta característica do futebol, no geral, pode passar incólume por aqueles que o acompanham de perto e, em alguma medida, se relacionam com este esporte. Um jogo dura noventa minutos e é possível que não se veja um gol sequer em tanto tempo, ao contrário, por exemplo, de esportes como vôlei ou basquete, onde a pontuação acontece a todo momento. Daí que a ideia de (im)produtividade pode surgir e fazer com que passemos a ver um jogo como uma série de eventos rotineiros, mesmo que a emoção de um gol seja, de fato, arrebatadora. No entanto, como estamos propondo, devemos perceber que todas essas ações carregadas de aparente monotonia, como deslocar-se,

preencher espaços, driblar, desarmar e passar a bola são, na verdade, sua essência, a essência que este esporte nos oferece quando nos dedicamos a analisá-lo. Muitas vezes o placar é injusto ao não indicar, com fidelidade, o que acontece em campo, tamanha variabilidade de destinos que estas ações essenciais podem levar um jogo de futebol.

Apoiando-se em Wisnik (2008), aqui vai mais uma pequena contribuição no sentido de tentar entender o futebol como expressão de uma linguagem e, ainda, o passe como fala. Ao seguir de perto o italiano Pasolini, o músico e ensaísta brasileiro apresenta duas formas de enxergar o futebol, ainda que esta seja uma visão alicerçada na beleza e leveza do jogar apresentado pela seleção brasileira em 1970, no mundial do México, após derrotar de forma acachapante a seleção italiana. Como já dissemos neste capítulo, o futebol atual está mais mesclado e menos engessado na fórmula que descreveremos a seguir. Ainda assim, faz algum sentido. A primeira delas recebe o nome de “futebol como prosa” e estaria associada ao jogar dos europeus, de modo geral: aqui reina o

“jogo coletivamente articulado, buscando o resultado por meio da sucessão linear e determinada de passes triangulados (...) o gol tenderia a aparecer, dentro dessa cultura futebolística, como a consequência pragmática de ações dominadas muitas vezes por uma causalidade previsível e, ainda assim, efetiva” (Idem: 114-115).

A segunda é denominada “futebol como poesia” e, sendo típica dos sul-americanos, indica que

“o gol resultaria não de triangulações metodicamente concatenadas ou de cruzamentos com causa e efeito, mas de irrupções individualistas e de aproximações em ondas concêntricas, de cruzamentos paradoxais das causas com os efeitos, poderíamos dizer, cujo desenho intrincado dificilmente se deixaria reduzir a fórmula” (Ibidem: 116).

A diferença básica entre um e outro estilo é técnica, embora saibamos que o futebol permite a ambas as formas dominarem-se entre si, eventualmente e imprevisivelmente.

“Por ora, vale dizer que o jogo de futebol é a arena de um ‘diálogo’ polêmico e plural, corporal, não verbal, onde valem prosa e poesia, leveza e força, argumento e parábola, silogismo e eclipse. Batalha dos gêneros pela posse do significante e pelo seu transpasse em gol” (Ibidem: 120).

Tal diálogo de que nos fala Wisnik, por ser não verbal, tem sua unidade localizada nas palavras, ou no passe. É através do passe que o corpo fala, ao rolar a bola para o companheiro mais bem colocado. O transpasse ao gol precisa ser buscado aos poucos, em unidades breves, mas que têm alta funcionalidade. A prosa, um discurso mais duro e mais preso, representa um estilo de jogo mais pragmático e pensado, mais mecânico e previsível, mas que tem no posicionamento em campo e na troca de passes simples e para o lado, sua essência. Já a poesia é mais estética e imprevisível e alia os dribles desconcertantes e o molejo da cintura às tabelas rápidas e inventivas na busca pelo gol. Este, para Pasolini, seria a expressão poética maior no futebol, até mesmo porque uma única unidade (o jogador) pode apresentar uma espécie de monólogo, no qual não haveria diálogo, apenas admiração dos demais e desespero dos rivais, ao acompanhar a jogada sendo construída e não conseguir detê-la: o gol de Maradona na final da Copa de 1986, ante a Alemanha, é um dos mais belos exemplos deste monólogo. O drible está associado ao talento individual e à habilidade. Já o passe está ligado à esfera técnica e ao jogo coletivo, à conversa, portanto. Aqueles que mais se adaptam à função de ludibriar os adversários carregando a bola, livrando-se deste artefato em um segundo para, noutro, recebê-lo à frente, podem assumir-se e serem assumidos como verdadeiros objetos de desejo, confundindo-se o detentor da capacidade com o próprio ato de escárnio. As emoções, então, se multiplicam e paixões surgem e se deixam morrer, a depender de quem as suportam.

II.IV Crescimento

Juntando as óticas trabalhadas neste capítulo, pensemos no que pode significar o avanço de futebolistas entre as categorias com o correr da idade: a relação estabelecida entre estes e seu meio parece ser caracterizada por crescimento, mudança e

autoafirmação. Como podemos imaginar, futebolistas deste estágio têm seus corpos alterados muito rapidamente exatamente pela idade em que se encontram. Chamou-me a atenção, por exemplo, a diferença entre jogadores que vi no Campeonato Paulista sub 15 e, meses depois, no Sul-Americano da mesma categoria. Entre os atletas selecionados a força física exibida era muito maior, já que foram eleitos aqueles mais bem preparados do ponto de vista físico, também. Evidentemente, a esfera técnica foi levada em consideração.

Quando reencontrei Caio treinando em Penápolis, logo me lembrei do garoto franzino que carregava a bola com desenvoltura atípica para um jovem de quinze anos e que vestia a camisa 10 da seleção brasileira no Uruguai. Meses depois, mais maduro, havia crescido de tamanho, exibindo mais força e mais técnica quando em treinamento no CT de Itaguaí, defendendo o Vasco. E em 2014, mostrava-se já um adulto entre os profissionais do Penapolense: voz grossa, corpo torneado e dirigindo seu próprio automóvel. Não exibia espinhas no rosto, mas barba que já era feita, e as palavras de seu pai confirmavam que, àquela altura, o garoto havia se transformado substancialmente, num processo natural pelo qual, no limite, todos passamos.

Não é difícil imaginar que à medida que caminhamos pelos cenários observados, entre clubes e seleções, percebemos claras mudanças logo na aparência dos futebolistas acompanhados. Passou-se um tempo e quando retornei a Itaguaí, noutra exemplo, encontrei alguns garotos que logo reconheci, mas que pareciam diferentes. Estavam maiores, mais maduros, mais fortes, mais técnicos, mesmo poucos meses depois. É por isso que pretendo caracterizar a passagem deste tempo como um processo de crescimento dos futebolistas.

É como se víssemos a vida de um futebolista como uma folha em branco e que vai sendo preenchida ao longo do tempo, construída através de habilidades adquiridas e conhecimentos forjados. É história sendo escrita. De acordo com Guattari, “o saber é aquilo que é; não se pode passar sem ele para adquirir um mínimo de ‘tônus’, de consistência, face a um paciente ou face a uma instituição. Mas ele é feito essencialmente para ser desviado” (Guattari, 1992: 201). Um conhecimento adquirido representa um ganho, uma aquisição que soma ao todo, que cresce, um artefato que enriquece e torna mais robusta uma dada subjetividade. Segundo Ingold (2000):

“That is to say, they emerge [the forms of the artefacts] – like the forms of living beings – within the relational contexts of the mutual involvement of people and their environments. Thus there is, in the final analysis, no absolute distinction between making and growing, since what we call ‘making things’ is, in reality, not a process of transcription at all but a process of growth¹¹⁹” (Idem: 88).

Tal crescimento ou conhecimento é integrado ao indivíduo a partir de suas movimentações: *“for all of us, in reality, knowledge is not built up as we go across, but rather grows as we go along¹²⁰”* (Ingold, 2007: 102). Como já apontado nesta tese, a vida de nossos interlocutores pode ser concebida a partir da noção *ingoldiana* de linhas, linhas estas que tem seu final em aberto:

“lines are open-ended, and it is this open-endedness – of lives, relationships, histories and processes of thought – that I have wanted to celebrate (...) Indeed the line, like life, has no end. As in life, what matters is not the final destination, but all the interesting things that occur along the way. For wherever you are, there is somewhere further you can go¹²¹” (Ibidem: 169-170).

Temos, assim, aspectos objetivos e subjetivos que são medidos, esquadrinhados e, no limite, perseguidos pelos profissionais que acompanham futebolistas de base. Caso pensemos no tempo tomado pela etnografia realizada, durante os quase quatro anos não só os corpos dos jogadores sofreram mudanças como também o seu “jogar”: para o bem ou para o mal, melhorando ou piorando, subindo ou descendo de categoria, seguindo ou não dentro desse universo. Como são vários os personagens, estabelecemos um olhar mais distanciado e procuramos por fatores comuns: o que vemos é que todos crescem, agregando energia, força e diversos outros elementos a partir de distintas lógicas, não somente às que se relacionam ao que ocorre dentro de campo. Como um compósito, tais

¹¹⁹ Em tradução livre: “Isso quer dizer, elas emergem [as formas dos artefatos] – como as formas dos seres vivos – dentro do contexto relacional do mútuo envolvimento de pessoas e seus meios. Então não há, no limite, distinção absoluta entre fazer e crescer, desde que o que chamamos ‘fazer coisas’ é, na verdade, não um processo de transcrição mas, sobretudo, um processo de crescimento”.

¹²⁰ Em tradução livre: “para todos nós, na realidade, conhecimento não é construído de acordo com nossas idas por entre, mas ao invés, com nossas idas ao longo”.

¹²¹ Em tradução livre: “Linhas tem seu final aberto, e esta característica – de vidas, relacionamentos, histórias e processos de pensamento – que eu gostaria de celebrar (...) De fato a linha, como a vida, não tem final. Como na vida, o que importa não é o destino final, mas todas as coisas interessantes que ocorrem ao longo do caminho. Não importa onde esteja, há algum lugar adiante que você pode ir”.

forças forjam seres humanos com o passar do tempo e que, ao menos em relação ao que lhes cabe como profissão, como atividade cotidiana, lhes definem como futebolistas, desde que consigam se manter dentro deste universo:

“humans beings are not naturally pre-equipped for any kind of life; rather, such equipament (our body) as they have comes into existence as they live their lives, through a process of development. And this process is none other than that by with they acquire the skills appropriate to the particular kind of life they lead. What each of us begins with, then, is a developmental system¹²²” (Ingold, 2000: 379).

Desta maneira, o que trago aqui indica pensarmos que as mudanças pelas quais passam futebolistas à medida que caminham pelas categorias de base se dão sobre todo seu sistema. Sistema este que, à primeira vista, é visto e alocado em seus corpos. Como mostra este capítulo, é preciso estender tais mudanças ao todo que circunda estas vidas para que possamos captar melhor as influências que de fato concebem e moldam a formação de um jogador de futebol.

Capítulo III: Do que não é visto

Citamos na introdução desta tese que se pretende aqui desassociar a ideia de construção da *carreira* futebolística a eventos meramente sucessivos, pontuais e definidos. Outra categoria utilizada pelos próprios sujeitos do futebol de base é o termo *trajetória*, o que nos remeteria a outra representação linear que num primeiro momento se aproxima à agenda teórico-metodológica que trazemos, baseada sobretudo em Ingold (2007) e seu conceito de *linhas*. No entanto, as trajetórias que vimos ao longo do trabalho não podem ser caracterizadas como lineares se pensarmos numa linha como um conjunto de pontos sucessivos, ou seja, eventos que acontecem um após o outro e

¹²² Em tradução livre: “Seres humanos não são naturalmente pré-equipados para algum tipo de vida; ao invés, tal equipamento (nosso corpo) existe de acordo com a vida que é levada, através de um processo de desenvolvimento. E este processo é nenhum outro senão aquele através do qual eles adquirem as habilidades apropriadas ao tipo de vida particular que levam. O que cada um de nós começa com, então, é um sistema de desenvolvimento”.

podem ser traçados retilinearmente. Na verdade a gama de variações é muito densa, o que nos faz pensar e propor outra representação espacial, qual seja, algo que mais se parece a nós, junções de inúmeros caminhos ou linhas que impõem um determinado destino para esta ou aquela vida: “*Far from connecting points in a network, every relation is one line in a meshwork of interwoven trails*”¹²³ (Idem: 90). É através dos nós que podemos observar uma superfície sendo formada: “*the surface we perceive, however, is not the knot but the space taken up by it*”¹²⁴ (Ibidem: 62).

E a partir dessas superfícies que podemos enxergar os acontecimentos que vão ocorrendo e formando as vidas futebolísticas. Observando tais vidas o que vemos não seria a sucessão coerente de eventos encadeados ou motivados por alguma força externa, tal como já nos ofereceram algumas concepções sobre a história. *Carreira e trajetória* são noções que fariam mais sentido se analisássemos uma sucessão de eventos já encerrados, isto é, se estivéssemos tratando de futebolistas que já não jogam mais. Segundo Bourdieu, a noção de biografia seria uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (Bourdieu, 1996a: 189). Mas como observamos atletas que estão a construir suas vidas em aberto no mundo deste esporte, mobilizamos outras abordagens.

Os elementos “ocultos” que o título deste capítulo faz menção podem ser resumidos numa palavra: *acaso*. Assim, trago alguns exemplos de como o *acaso* seria o responsável, por assim dizer, sobre as movimentações de alguns futebolistas pelo mercado do futebol de base. Falo, portanto, para além de fatores mais intrínsecos ao desenvolvimento, formação e produção de jovens futebolistas, como preparo físico, técnica, talento, habilidade, força, comportamento, altura e peso, ou seja, fatores que são vistos e apontados pelos especialistas e demais envolvidos com o futebol e tidos como aspectos mais tangíveis da formação dos atletas. A prática, por exemplo, é selecionar jovens jogadores que apresentem níveis favoráveis em relação a esses fatores, de acordo com pré-requisitos definidos e esperados.

¹²³ Em tradução livre: “Longe de conectar pontos em uma rede, toda relação é uma linha num emaranhado de trilhas entrelaçadas”.

¹²⁴ Em tradução livre: “A superfície que percebemos, entretanto, não é o nó mas o espaço ocupado por ele”.

Trabalhar a dimensão do acaso e das probabilidades foi recurso utilizado, por exemplo, por autores como Lévi-Strauss (1985) no texto *Raça e História*, em que problematizou certas noções presentes no desenvolvimento das sociedades ditas históricas. Partindo do neodarwinismo (Goldman, 1999), Lévi-Strauss irá rechaçar concepções de história amparadas tanto na noção de evolução linear das técnicas (invenções) advindas do mero acaso quanto censurar a ideia de que a história se moveria por forças externas aos indivíduos, tal como propõem algumas filosofias da história. Sem querer levar essa discussão mais adiante, parece que ao se precaver tanto em relação a história dos historiadores quanto a filosofia da história o antropólogo abre diálogo para se pensar as historicidades e condutas das sociedades, cuja noção de acaso operaria como o domínio das experimentações, propiciadas pelos regimes de trocas e exercício da própria política como mecanismo fundamental da socialidade. A probabilidade de sucesso e fracasso de sociedades dependeriam, portanto, de suas condutas e do modo como investem sobre o patrimônio comum (técnico, moral, científico disponível e fruto dos regimes de troca).

No universo da crônica esportiva é Tostão quem especula sobre a sequência de fatores incomuns e surpreendentes que se passam no futebol: “A bola também entra por acaso” ou “negar sua presença [do acaso], no futebol e na vida é o mesmo que diminuir a enorme importância da ciência” (Folha de S. Paulo, 23/05/2012). O mesmo comentarista nos apresenta um caso específico da história deste esporte: um gol de placa que nem de longe parece ter sido marcado por *acaso*:

“ (...) No fim de semana, lembrei de outro craque, Maradona, ao ler a coluna de Ferreira Gullar, sobre a dialética entre a necessidade e o acaso, na cultura e na política. Valdano, companheiro de Maradona na conquista da Copa de 1986, hoje um pensador do futebol, disse, tempos atrás, no programa "Bola da Vez", da ESPN Brasil, que, logo após a vitória sobre a Inglaterra, perguntou a Maradona como ele fez um gol tão monumental. Maradona respondeu que, ao receber a bola em seu campo, ia passá-la, quando apareceu um inglês à sua frente. Teve de driblá-lo. Tentou, mais uma vez, dar o passe, e surgiu outro inglês, que também foi driblado. Assim, sucessivamente, driblou vários ingleses, inclusive o goleiro, para marcar o gol. Se não tivesse aparecido o primeiro inglês à sua frente, Maradona não teria feito o mais bonito e magistral gol dos Mundiais. É o acaso e a necessidade. Hoje, um jogo entre grandes equipes é cada vez mais técnico, mais concatenado, com muita troca de passes e posse de bola, até que a bola chegue a um craque. Aí, sem programação, tudo se decide, em um instante, um movimento de corpo, uma

respiração, um passe, um drible, uma finalização e um gol. Há um lugar-comum de que a história é sempre contada pelos fatos, pelos vencedores e que o "se" não entra em campo. Penso diferente. É o "se" que nos alerta e nos ensina sobre a incompletude humana e das coisas e sobre as inúmeras possibilidades que há em um lance e em todos os instantes de nossas vidas” (Jornal Folha de S. Paulo, 03/12/2014).

Ao ilustrar uma análise sobre algumas partidas da seleção brasileira olímpica (sub 23), disse Tostão:

“Várias circunstâncias de jogo facilitaram e prejudicaram o Brasil nos três amistosos, como o pênalti a favor, mal marcado, contra os EUA, e o primeiro gol, sem querer, do México. Nas duas situações, o jogo estava 0 a 0. É isso que chamo de acaso, detalhes frequentes e imprevistos, que podem mudar a história da partida, ainda mais entre times de nível técnico parecido. Erros técnicos, obviamente, não fazem parte do acaso” (Jornal Folha de S. Paulo, 06/06/2012).

Metáforas sobre o acaso são abundantes no domínio do futebol. O jornalista e ensaísta carioca Nelson Rodrigues criou um personagem em suas crônicas quando analisava o futebol brasileiro da primeira metade do século XX para dar conta daquilo que compreendia como imprevisibilidades e o indefectível “Sobrenatural de Almeida” aparecia em suas crônicas jornalísticas, uma espécie de fantasma responsável pelos gols e derrotas sofridas por seu time, o Fluminense. Ao se desligar de fatores mundanos e racionais para tentar explicar o que via em campo, Rodrigues colocava a culpa de seus sofrimentos numa entidade que, à primeira vista, parecia não existir.

Contudo, não se trata somente de tomar a dimensão do acaso como força misteriosa, tal como abundantemente o imaginário literário futebolístico nos faz entrever, na medida em que ele serve mesmo à especulação e ao manejo (das técnicas e dos jogos políticos) dos sujeitos em interação produzindo contextos diversos. Nesse caso, *acaso* se prestaria, como parece apontar autores como Lévi-Strauss, para a produção de eventos, o que ele denomina de “contribuição das culturas” (Lévi-Strauss, 1976: 87) que, abundantes, podem ser relacionados dentro de grandezas probabilísticas e indicar o modo como cada sociedade se viu diante de vários desafios de significação,

pois aquilo que uma sociedade menosprezaria como um evento importante é tomada por outra como crucial para seu desenvolvimento. Portanto não há evolução num único sentido ou num único lugar porque, sendo esparramada, está permanentemente sujeita aos jogos e interesses.

Trato aqui de noções nativas que apontam certamente para outra ordem de grandeza e escala, que guardam similitudes com as noções de progresso e evolução porque as categorias *carreira* e *trajetória* parecem evocar tais valores ocidentais mesmo em se tratando de observar jovens em formação entregues à eficácia simbólica de seus mecanismos ideológicos, tais como competência e meritocracia. Por quê jovens talentosos ficam pelo meio caminho e não alcançam o sonhado profissionalismo?

E mais uma vez mobilizando o sentido ingoldiano, carreiras e trajetórias seriam linhas emaranhadas que serviriam mais do que metáforas para pensar nessas redes intrincadas de relações que visam o apuro da técnica futebolística desses jovens, mas também emaranhado de relações de interesses e jogos de poder mobilizados em torno dessas promessas que farão de seus dons potenciais fontes de riqueza e prestígio de muitos outros atores no campo futebolístico.

III.1 Acaso e apadrinhamentos

Quando em processo de formação, desde ainda crianças, futebolistas são expostos a uma variada rede de influências, estímulos, eventos inesperados e, no limite, o que chamamos aqui de *acaso*. Outro famoso cronista e literato, Veríssimo (2011) aborda este tema quando descreve uma cena de bar na qual um homem faz uma autoanálise se tivesse feito um teste no Botafogo. Temos aqui sua reprodução:

“Vivemos cercados pelas nossas alternativas, pelo que poderíamos ter sido. Ah, se apenas tivéssemos acertado aquele número (unzinho e eu ganhava a sena acumulada), topado aquele emprego, completado aquele curso, chegado antes, chegado depois, dito sim, dito não, ido pra Londrina, casado com a Doralice, feito aquele teste... Agora mesmo neste bar imaginário em que estou bebendo pra esquecer o que não fiz – aliás, o nome do bar é imaginário – sentou um cara do meu lado direito e se apresentou:

– Eu sou você, se tivesse feito aquele teste no botafogo.

E ele tem mesmo a minha idade e a minha cara. E o mesmo desconsolo.

– Por quê? Sua vida não foi melhor do que a minha?

– Durante um certo tempo, foi. Cheguei a titular. Cheguei à seleção. Fiz um grande contrato. Levava uma grande vida. Até que um dia...

– Eu sei, eu sei... – disse alguém sentado ao lado dele.

Olhamos para o intrometido... Tinha a nossa idade e a nossa cara e não parecia mais feliz do que nós. Ele continuou:

– Você hesitou entre sair e não sair do gol. Não saiu, levou o único gol do jogo, caiu em desgraça, largou o futebol e foi ser um medíocre propagandista.

– Como é que você sabe?

– Eu sou você, se tivesse saído do gol. Não só peguei a bola como me mandei para o ataque com tanta perfeição que fizemos o gol da vitória. Fui considerado o herói do jogo. No jogo seguinte, hesitei entre me atirar nos pés de um atacante e não me atirar. Como era um herói, me atirei... Levei um chute na cabeça. Não pude fazer mais nada, Nem propagandista. Ganho uma miséria do INSS e só faço isto: bebo e me queixo da vida. Se não tivesse ido nos pés do atacante...

– Ele chutaria pra fora.

Quem falou foi o outro sócia nosso, ao lado dele, que em seguida se apresentou.

– Eu sou você se não tivesse ido naquela bola. Não faria diferença. Não seria gol. Minha carreira continuou. Fiquei cada vez mais famoso, e agora com fama de sortudo também. Fui vendido para o futebol europeu, por uma fábula. O primeiro goleiro brasileiro a ir jogar na Europa. Embarquei com festa no Rio...

– E o que aconteceu? – perguntamos os três em uníssono.

– Lembra aquele avião da Varig que caiu na chegada em Paris?

– Você...

– Morri com 28 anos.

Bem que tínhamos notado sua palidez.

– Pensando bem, foi melhor não fazer aquele teste no Botafogo...

– E ter levado o chute na cabeça...

– Foi melhor – continuou – ter ido fazer o concurso para o serviço público naquele dia. Ah, se eu tivesse passado...

– Você deve estar brincando.

Disse alguém a minha esquerda. Tinha a minha cara, mas parecia mais velho e desanimado.

– Quem é você?

– Eu sou você, se tivesse entrado para o serviço público.

Vi que todas as banquetas do bar à esquerda dele estavam ocupadas por versões de mim no serviço público, uma mais desiludida que a outra. As consequências de anos de decisões erradas, alianças fracassadas, pequenas traições, promoções negadas e frustrações. Olhei em volta. Eu lotava o bar. Todas as mesas estavam ocupadas por minhas alternativas e nenhuma parecia estar contente. Comentei com o barman que, no fim, quem estava com o melhor aspecto, ali, era eu mesmo. O barman fez que sim com a cabeça, tristemente. Só então notei que ele também tinha a minha cara, só com mais rugas.

– Quem é você? – perguntei.

– Eu sou você, se tivesse casado com a Doralice.

– E...?

Ele não respondeu. Só fez um sinal, com o dedão virado pra baixo” (Veríssimo, 2011).

O tema do *acaso* ainda ganhou outros contornos na literatura antropológica. Peirano (1995), por exemplo, mostra como a noção de acaso está relacionada às dimensões simbólicas no processo de reconstituição de carreiras intelectuais. Como trabalho aqui com histórias esportivas se pensadas a partir das categorias *carreira* e *trajetória*, seus argumentos são importantes para compreender o lugar que a noção de *acaso* assume e seu peso simbólico na condução de carreiras em formação.

Quando escrevia sua tese de doutorado, a autora entrevistou vários sociólogos (como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Antônio Cândido e Roberto Cardoso de Oliveira) e se surpreendeu com as explicações e os motivos que os levaram a se dedicar ao estudo deste ou daquele tema. A palavra *acaso* era sempre evocada a cada tentativa de reconstituição autobiográfica de suas carreiras acadêmicas: “Em outras palavras, não foi ‘por acaso’ que todos os autores entrevistados falaram do acaso, mas porque esta é

uma explicação socialmente aceita entre nós tanto quanto a bruxaria o é para os azande” (Idem: 128). E mais:

“assim como para os Azande a bruxaria é vivida, mas não declarada formalmente como doutrina, também as explicações teóricas que um dia deram conta da integração do negro na sociedade de classes, da dialética da fricção interétnica, do gosto artístico pela arte plumária etc. não foram de muita valia para explicar as trajetórias dos autores entrevistados. Estas não foram percebidas como totalidades significativas, mas como sequências pontuadas de eventos especiais – os acasos (...) Perceber o acaso desta maneira, é preciso enfatizar, não invalida explicações sociológicas mais globalizantes, psicológicas ou estilísticas, mas acrescenta uma nova dimensão a elas” (Ibidem: 129-130).

E a autora acrescenta:

“ver no acaso o resíduo permissível de ‘irracionalidade’ do nosso mundo acadêmico; ou, em outras palavras, os velhos ‘imponderáveis da vida real’ que não invalidam mas, ao contrário, enriquecem e dão aquela dimensão humana essencial à compreensão dos fenômenos sociológicos” (Ibidem: 131).

Quando um jovem futebolista inicia sua vida no mundo do futebol, ou seja, começa a treinar num clube com vistas atingir o profissionalismo, nunca se sabe quais suas reais condições e potencial. De momento, não se sabe como e onde se forjaram os primeiros aprendizados e é por isso que temos de considerar o futebol de base como um futebol pré-profissional mas, também, que possa existir um pré-futebol de base, um futebol que começou na rua, no quintal, no pátio da escola, na zona rural, entre outros lugares, e que já condiciona o futebolista a adentrar esse mundo do profissionalismo. A partir daí ele será alocado de acordo com a leitura que fará seu primeiro treinador, um olheiro ou o próprio pai.

Relato aqui alguns exemplos de como o *acaso* pode se mostrar de modo fundamental nas escolhas, nos caminhos tomados, nos passos seguidos e nos degraus supostamente avançados, ademais, condição necessária para se aferir o progresso vindo dos treinamentos, das relações e das condições oferecidas visando maximizar os desempenhos esportivos.

III.I.II Valinhos, Caio e suas andanças

A primeira história traz o meio campo Caio, que iniciou no Vasco da Gama e quem pude acompanhar desde 2011. Como vimos, o jovem esteve presente na seleção brasileira de base desde a categoria infantil. Em seu clube sempre foi visto como alguém de grande capacidade e futuro promissor. Todos no Vasco esperavam que Caio cumprisse as etapas, degrau por degrau, categoria por categoria, e um dia chegasse ao profissional e defendesse as cores do clube de São Januário. Mas problemas extracampo impediram que o garoto seguisse no clube considerado sua “casa” desde que tinha sete anos, quando foi levado pelo pai para jogar futsal. Entre o final de 2013 e início de 2014 Caio rompeu com o Vasco e seguiu rumo ao interior de São Paulo, para bem próximo da cidade onde eu vivia e desenvolvia a pesquisa. O garoto que sempre viveu no Rio de Janeiro com a família passou a morar em Penápolis, no centro-norte paulista, junto do pai e da mãe, que o acompanharam.

Foi através de um litígio jurídico, causado pela falta de pagamentos, que o atleta e os que o rodeiam decidiram por ir-se do Vasco. E foi por *acaso* que descobri seu paradeiro simplesmente porque já havia considerado que a pesquisa de campo no clube carioca havia acabado. Acompanhava de longe e lia notícias via imprensa especializada; um tanto surpreso, descobri que ele estava defendendo o Clube Atlético Penapolense (CAP), que à época fazia grande campanha no Campeonato Paulista 2014 – estava classificado para as quartas de final e preparava-se para disputar uma partida eliminatória contra o São Paulo.

Cheguei ao Centro de Treinamentos do CAP por volta das 9h30 de uma terça-feira em abril. O local fica no quilômetro dois da “Estrada do Mineiro” e se parecia a uma chácara que um dia estava distante da cidade e possivelmente servia para criação de animais e outras culturas agrícolas mas que, com a urbanização já se encontrava quase que dentro do perímetro urbano e estava rigorosamente adaptada ao propósito de se fazer futebol: campos desenhados, alojamentos e refeitórios construídos, estacionamento para carros e muitas sombras que serviam para abrigar-se do calor que faz em Penápolis na maior parte do ano. Enquanto explicava ao segurança do local e tentava contatar o diretor de futebol, Paulo Carvalho, que havia me assegurado a

permissão para estar ali, vejo o pai de Caio sentado sob a sombra de um grande quiosque lendo o diário esportivo “Lance!”. Ao aproximar-me e começar a falar, ele logo pareceu arredio e um tanto surpreso, algo já comum em minhas abordagens a familiares de jovens futebolistas. Parecia perguntar-se “Mas o que será que este tipo quer comigo? Por que está falando sobre o meu filho?”, enquanto eu lhe dizia que já havia estado no Uruguai (2011), Itaguá (2012), Argentina (2013) e Itu (2013), sempre acompanhando o futebol jogado por Caio.



Figura 27: Após uma partida da seleção brasileira no sul-americano sub 15, Caio (de chuteiras laranjas) caminha até o alambrado para conversar com o pai (sentado, de branco, em primeiro plano). Outros atletas também conversam com familiares. Rivera, Uruguai, 2011

Após o início um tanto reticente de tentativa de diálogo não demorou muito para que Valinhos, como é conhecido, começasse a falar com mais tranquilidade. Passou a me contar histórias e mais histórias sobre a vida de Caio, do Vasco, do futebol carioca e das seleções brasileiras de base. Levou o filho ao Vasco, seu clube de coração, quando ele tinha sete anos de idade. Quando viram o futebol jogado pelo garoto não o deixaram mais sair. Jogou pelo clube cruz-maltino até quase completar a maioridade e constantemente foi convocado para a seleção brasileira: em meados de 2013, por exemplo, Caio havia disputado mais partidas defendendo a seleção juvenil do que seu próprio clube. Eram dezesseis jogos com a camisa amarela e treze com a vascaína. Os números mostram que se tratava de um atleta promissor. No entanto, com salários atrasados e outras dívidas a serem pagas pelo clube ao atleta, o pai de Caio se viu obrigado a consultar advogados e entrou com uma ação na justiça para o desligamento legal do filho com o clube. Até aquele momento o caso havia passado por instâncias,

sujeito a inúmeros recursos favoráveis e desfavoráveis e o resultado final ainda não havia sido divulgado, mas o garoto seguia sua vida no interior paulista.

Valinhos disse que seu filho não tinha nenhuma intenção de regressar à antiga casa. Esta declaração era parte sua, parte do garoto: “Aquilo é uma zona. O Caio já falou que não volta mais pro Vasco. Se a justiça nos der ganho de causa, ele segue a vida dele. Agora se der vitória pro Vasco, vai ter que indenizar. Aí a gente indeniza e segue a vida. Mas ele não volta pro Vasco, não!”. Em seguida, explicita sobre os direitos federativos de seu filho: quando da assinatura do primeiro contrato profissional com o clube carioca, estabeleceu-se que o Vasco deteria 60% dos valores em uma possível transação; o DIS, do grupo empresarial Sonda, teria 15% e o próprio atleta ficaria com os 25% restantes. Vejamos que, neste caso, os deslocamentos do jovem futebolista pelo mundo do futebol foram todos pautados pela esfera legal: a partir do não cumprimento do contrato estabelecido entre clube e jogador, é dizer, após o clube ferir um acordo legal, o garoto e seu *staff* decidiram deixar o ambiente que, até aquele momento, era visto como sua casa.

Desde novembro de 2013 Valinhos estava em Penápolis. Alugou uma casa, paga pelo clube e desfrutava da vida interiorana no estado de São Paulo ao lado da mulher e do filho. A rotina era definida pelos horários de treinamentos e jogos impostos a Caio pelo CAP. Geralmente, acordava cedo para assistir ao treinamento que durava até próximo do meio-dia; às vezes almoçavam no CT do clube, às vezes a mãe de Caio os esperava em casa com o almoço pronto; havendo treinamento no período da tarde, retornava com o filho para o local; e viajava quando das partidas pelo Paulistão 2014. Sua rede de contatos no mercado do futebol foi o que levou a família até ali. Os R\$ 10 mil mensais que o Vasco tinha de pagar ao garoto não vinham sendo pagos, assim como as “luvas” de cerca de R\$ 300 mil prometidos quando assinaram contrato. Na negociação, o pai pediu que o valor fosse pago em dez parcelas de R\$ 30 mil; diante da recusa do clube, aceitou receber quinze parcelas de R\$ 20 mil. Acionou a justiça exatamente por não receber o acordado.

Caio acabara de completar dezoito anos. Ainda não tinha habilitação para dirigir, mas deixou o CT do CAP naquele fim de manhã, pós-treino, dirigindo um Hyundai Veloster branco, recém-comprado. O pai saiu logo atrás, num surrado VW Gol preto, acompanhando o filho a alguns metros de distância. Valinhos contou que o garoto

comprou o carro, vaticinando que “dessa vida nada se leva, vamo tudo para o pó, né?, tem que aproveitar um pouco também, mas com responsabilidade”.

O treinamento daquela manhã havia terminado havia cerca de uma hora. Durante aquele intervalo de tempo, ficamos conversando eu, o garoto e o pai até que em dado momento Caio não mais aguentou e se retirou para dentro do veículo – minha conversa com Valinhos teve início assim que cheguei, pela manhã, enquanto Caio treinava no gramado. Na tentativa de apressar a volta para casa, ligou o carro e pôs-se a escutar música em alto volume, como que demonstrando que já era hora de partir. Valinhos não parava de falar, falar e falar, até que, enfim, deixou-me, despedindo-se educadamente, e tomou a direção do seu carro. Esperou até que o filho passasse pela área do estacionamento onde havia deixado seu veículo e só então o seguiu.

Atentemo-nos à peculiaridade da cena: o carrão fora comprado com o dinheiro ganho pelo filho, jogando futebol. O pai, que parece administrar quase tudo, toma o “devido” cuidado para que o filho não cometa exageros, ao mesmo tempo que solta um pouco as rédeas para que o jovem possa aproveitar os dividendos surgidos a partir do que veem como um dom recebido (segundo Mauss, 2009).

O relato de Valinhos descrevia Caio para além das qualidades técnicas como futebolista, forjando a imagem de “um garoto abençoado, calmo, tranquilo. O Caio é bem tranquilo” e asseverava que ele nunca iria arrumar confusão ou andar com pessoas erradas. Ilustrou uma situação hilária para comprovar tal comportamento e que foi vivenciada por mim, coincidentemente, durante o Campeonato Sul-Americano sub 15 (Uruguai, 2011): alguns garotos da equipe subiram em cinco, de uma só vez, ao elevador do hotel em que estavam em Trinidad, durante a fase final do torneio. Havia uma recomendação expressa nas portas dos ascensores para que somente duas pessoas por vez os utilizassem. Ficaram presos e foi preciso chamar profissionais especializados para fazerem a retirada dos jovens futebolistas que, naquela noite, disputariam o jogo final e definiriam o título para o Brasil. No episódio, o meio campista Vinícius (Fluminense) teve um mal súbito e chegou a desmaiar.

Após a confusão ser desfeita e os garotos retirados cogitou-se, entre a comissão técnica, não escalar os jogadores envolvidos no pequeno ato de indisciplina. Valinhos disse que temeu pelo título se isso acontecesse, afinal, tratava-se de quase a metade do time titular. Flagrei a preocupação de alguns dos pais de atletas que estavam no Uruguai

naquela oportunidade, discutindo as possíveis consequências do tal ato de indisciplina na praça em frente ao hotel da equipe. Caio estava em seu quarto, descansando ao lado do amigo e atacante Valdir, e não participou. Ao escutar o pai contando a história, gargalhou com muito gosto.

Na sequência, Valinhos citou o caso de alguns outros atletas que não deram continuidade à carreira por problemas extracampo. Valinhos falou sobre o atacante Daniel Pessoa, que “vivia nas ruas de Manaus roubando e comprando drogas” e do também atacante Thales, que frequentava “todas as bocas de fumo que ficam em volta de São Januário”. Quando citei nome por nome a equipe juvenil titular do Vasco em 2012, numa das vezes que estive em Itaguaí, contou-me sobre o estado atual de todos eles: a maioria não estava mais no clube ou nem jogava mais futebol com vistas a atingir o profissionalismo.

Outro detalhe interessante abordado na conversa foi sobre a instabilidade do futebol de base. Em 2012 Caio havia acabado de retornar de uma excursão ao exterior com a seleção brasileira juvenil. Dois companheiros de clube, os acima citados Daniel e Thales, viviam momentos diferentes: o primeiro era o artilheiro da equipe no torneio disputado e era muito elogiado por todos no clube. Já o segundo era menos badalado e todos ali não esperavam que poderia se tratar, de fato, de um jogador de futuro. Menos de três anos depois e Daniel seguia nas categorias de base, disputando sua última Copa São Paulo, em 2015. Já Thales, com passagens pela equipe profissional – inclusive marcando gols e atuando como titular da equipe – figurava no grupo da seleção brasileira sub 20 que disputou o sul-americano da categoria no Uruguai (em janeiro de 2015). E Caio? De jogador de seleção desde os quinze, tentava, com muita dificuldade, um espaço entre os profissionais do Penapolense aos dezoito. Praticamente não atuou naquele ano, mas seguia treinando com afinco buscando seu espaço. Assim me contava seu pai.

Seguimos falando de outros atletas, como Vinícius, meio campo do Fluminense e também nosso personagem desde 2011. Ao exaltar o bom comportamento do filho Caio, Valinhos contou que o outrora parceiro de seleção sub 15 e sub 17 envolveu-se em um acidente automobilístico durante o carnaval de 2014, em Rio das Ostras-RJ. Internado no hospital àquela altura, o pai de Caio não estava seguro quanto à recuperação do talentoso meio campista, antigo companheiro e amigo de seu filho. Um

treinador das seleções de base do Brasil já havia exposto sua opinião sobre os problemas extracampo apresentados por Vinícius. Temos aqui sua reprodução:

“O Vinícius é o tipo de jogador que não joga mais comigo. É tecnicamente muito bom, no sub 15 ele resolvia, mas aqui no sub 17, não. Às vezes ele arrebenta no primeiro tempo e depois anda no segundo. É porque ganha muito dinheiro, aí a mãe é muito chata, o garoto se acha e não vinga”.

Mais uma vez vê-se que, com o passar do tempo, o quadro pode ser alterado por influência de diversos fatores que, como estamos tentando demonstrar, às vezes fogem da alçada dos que estão envolvidos diretamente com a produção e maximização dos talentos no contexto do futebol de base e aqui a esfera da produção desses atletas (mais do que uma metáfora econômica) esbarra na produção da vida que, alheia aos preceitos da evolução e do progresso técnico e moral unilaterais, tal como adverte Lévi-Strauss ao equacionar o progresso das culturas, impõem dilemas e circunstâncias mais complexas na condução das carreiras esportivas desses jovens.

Em 2011, então no sub 15, Vinícius fez um excelente campeonato sul-americano defendendo a seleção brasileira. Vestia a camisa 10 e foi muito elogiado pelos que acompanharam aquele torneio. Trazemos aqui um pequeno relato de campo quando desta competição, etnografada por este trabalho:

“É impressionante, por exemplo, a facilidade de domínio, controle e condução de bola e drible de Vinícius. Nesta partida contra os bolivianos (Brasil 6 x 1 Bolívia, dia 24/11/2011) ele fez uma jogada espetacular que arrancou aplausos da pequena torcida que via o jogo. Preso junto a linha lateral e marcado de perto pelo adversário, ele tentou lhe jogar a bola por cima, num lance de difícil execução, conhecido como “chapéu”, em um espaço curtíssimo e com a parte de fora do calcanhar direito. Já havia deixado o adversário para trás, mas a cobertura chegou a tempo de colocar a bola em escanteio. O mesmo pode se dizer do meio campo Caio: forte fisicamente, tem excelente controle de bola com o pé esquerdo e boa visão de jogo. Durante o Campeonato Paulista sub-15, como mote de comparação com os cariocas da seleção, não vi nenhum jogador com capacidade parecida. Acredito que a maior dificuldade do técnico brasileiro é tentar fazer com que esses jovens atletas utilizem toda essa qualidade técnica em prol do time. Eles insistem em jogadas individuais, dribles sem muita efetividade, mas, mesmo assim, lances muito ousados e um tanto plásticos. O excerto a seguir, publicado em um website especializado em futebol de

base, demonstra a grande capacidade para jogar futebol apresentada precocemente pelo meio campo Vinícius:

“[Campeão carioca sub-17 e vice-campeão carioca sub-15. O ótimo retrospecto do Fluminense em nível estadual passa, e muito, pelo bom futebol de Vinícius, desde o último ano apontado como a grande estrela da base tricolor. Seja pelo juvenil ou pelo infantil, o filho pródigo de São Gonçalo fez a diferença nas duas competições, ainda que tenha perdido a decisão do Sub-15. Nascido em 1996, Vinícius foi promovido para a categoria juvenil com um objetivo claro: enfrentar rivais mais fortes, propor novos desafios para a carreira e evoluir de forma mais rápida. O resultado dessa espécie de plano de carreira é aparentemente acertado, mas ele ainda precisa provar sua evolução em território internacional: ao lado principalmente do trio vascaíno Danilo-Caio-Valdir, é o nome a ser observado na seleção brasileira no próximo Sul-Americano Sub-15 – a estreia do Brasil é na sexta-feira. Por enquanto, Vinícius já tem provado que merece os comentários positivos. Promovido para o time sub-17 no Campeonato Carioca, conseguiu ser titular e obter destaque ao longo de boa parte do torneio. Se ainda falta aprimorar o envolvimento com o jogo e a finalização, o meia-atacante progrediu de forma natural mesmo contra garotos dois anos mais velhos. O drible fácil, a velocidade e a técnica apurada contribuíram para que o Flu chegasse até a decisão. Mas foi aí que, para tentar equilibrar forças contra o badalado time sub-15 do Vasco, que Vinícius voltou para a final infantil. No fim das contas, os vascaínos confirmaram o título com placar apertado, mas um dos melhores em campo, na finalíssima, foi ele mais uma vez. Apesar de não levantar a taça, Vinícius deixou os dois estaduais com a sensação do dever cumprido e a sensação de que, em 2012, pode se aproximar de sua primeira chance no grupo principal, possivelmente na temporada seguinte. Agenciado pela Traffic, Vinícius já é tratado como joia rara dentro do Fluminense. Em sua última lesão, segundo pessoas próximas, ele quebrou o protocolo e, em vez de se recuperar em Xerém, foi conduzido até as Laranjeiras para que pudesse contar com melhor estrutura. O Peter Siemsen, que costuma citá-lo como um dos grandes ativos econômicos do Flu para o futuro, já até lhe convidou para acompanhar as partidas em seu camarote no Engenhão. Mimos e luxos à parte, o ponto mais importante no que diz respeito a Vinícius é sua evolução especialmente a partir da convivência com o treinador Caio Couto. Ex-comandante da categoria sub-15, ele foi promovido para os juvenis no início do ano e foi quem, durante a temporada, auxiliou no crescimento da grande joia de Xerém. A meta é manter a curva ascendente, o que recomeça no Sul-Americano do Uruguai]¹²⁵”.

Em 2013, no sul-americano seguinte (já sub 17), Vinícius pouco atuou, entrando quase sempre no decorrer dos jogos. Perdera a posição de titular incontestável. Na sequência, não foi convocado para o período de treinamento e preparação da equipe que disputou o Mundial da categoria, em novembro. À parte o mau momento vivido dentro de campo, temos ainda o acidente automobilístico que, segundo contou-me Valinhos,

¹²⁵ Coluna do jornalista Dassler Marques no website <http://www.olheiros.net>. O site é especializado em futebol de base no Brasil e no mundo. O texto foi publicado no dia 15/11/2011, pouco antes do início da competição.

fez com que sua *entourage* já não depositasse tanta confiança em seu futuro como profissional da bola.

Valinhos emocionou-se e quase conseguiu segurar as lágrimas quando se pôs a falar sobre as dificuldades na busca pelo sonho do filho tornar-se futebolista profissional. Para levar Caio até São Januário eram necessários dois ônibus e mais uma caminhada de cerca de vinte minutos. Era preciso cruzar uma favela e Valinhos contou que chegava a tapar os olhos do filho para que não visse a violência das ruas da capital fluminense: eram corpos sendo carregados em carriolas, a serem desovados no rio que cortava o lugar. Com os olhos molhados e prestes a derramar lágrimas, afirmou: “É, eu já gastei sola de sapato com esse moleque”.

Pai e filho passaram a impressão de estarem bem adaptados à cidade de Penápolis. Caio se disse feliz por disputar a primeira divisão do Campeonato Paulista e Valinhos via com bons olhos que o filho tinha um bom lugar para trabalhar, treinar, manter a forma física e receber em dia. Disse também que ficou bastante surpreso quando conheceu a estrutura do CAP e deixou escapar que sua passagem pela pacata cidade do centro paulista é estritamente temporária. Como já visto, parecia manipular a ideia de *projeto*: “O Caio tá aqui dando um tempo, né. Enquanto isso vão aparecendo algumas coisas”, disse sobre o interesse de clubes brasileiros e estrangeiros no futebol do jovem atleta. Segundo o segurança do CT, Rubão, que assistia a todos os treinamentos diários e foi quem introduziu a conversa com o pai de Caio, o garoto iria para o FC Porto assim que o Campeonato Paulista terminasse, algo que poderia ocorrer já na semana seguinte àquela visita, quando a fase final começaria a ser disputada e, havendo uma derrota, encerrar-se-ia a participação do clube tricolor – o CAP tem três cores na camisa (azul, vermelho e branco). Valinhos confirmou-me ter ido ao norte de Portugal, havia pouco tempo, para ouvir propostas e conhecer as intenções do clube azul e branco no futebol de seu filho. Junto da mulher, também acompanhou o garoto quando Caio foi convidado para treinar no Arsenal FC, de Londres. Foram quinze dias passando frio, segundo confidenciou-me, e o retorno ao Brasil sem a aprovação buscada.

Valinhos não via com bons olhos os dirigentes de futebol: “como eu posso concordar com uma diretoria que tem um garoto muito bom, pronto para estourar, e não

paga R\$ 10 mil de salário? E vai lá e contrata o Douglas e paga R\$ 400 mil¹²⁶? Eu é que não vou deixar meu filho num lugar desses!”, disse um pouco exaltado, justificando-se por ter acionado a justiça contra o ex-clubes. Ele diminuiu a infraestrutura do Vasco diversas vezes, ao mesmo tempo que enalteceu as condições em Penápolis. “O Vasco paga R\$ 60 mil por mês ao Pedrinho Vicençote. E se um dia o Pedrinho pedir o lugar? O Vasco vai pra onde?” Em outro momento, ainda indicou de modo bastante ácido: “Tinha dia que o Caio não ía treinar. Faltava ônibus, não tinha condução pra ir pra Itaguaí. Eu mesmo já cansei de levar o Caio pra treinar em Itaguaí. E é longe pra burro. E vai por seu carro naquele buraco lá. É perigoso te roubarem o carro”, disse para o segurança, tentando ilustrar as condições da cidade do interior carioca que eu já conhecia. Presenciei fato semelhante quando fiz pesquisa de campo em Itaguaí. Houve dias em que algumas das três equipes de base (sub 15, sub 17 e sub 20) simplesmente não apareceram no CT-fazenda para treinar porque não havia ônibus para levar os garotos desde São Januário.

Naquele breve período o centro de treinamento ainda não estava completamente pronto, pois passava por reformas nos alojamentos e o clube não podia manter os atletas ali alojados. Assim, todos os dias se deslocavam desde o Rio de Janeiro até a cidade interiorana. Às vezes, como apontado, tal deslocamento não era possível de ser realizado e o treinamento ou não ocorria, ou ocorria em condições improvisadas em São Januário.

Após a participação do CAP no Campeonato Paulista 2014, o elenco foi quase todo desmanchado, pois o clube não teria outra competição profissional para disputar no ano. Em junho de 2014 anunciou-se que Caio, ainda em litígio com o ex-clubes carioca, havia conseguido a liberação judicial para assinar contrato com o Santos, onde treinou durante o restante do ano. A princípio, foi alocado na equipe sub 20, e esperava-se que subisse ao profissional o quanto antes. Índio seguiu, portanto, deslocando-se pelo cenário futebolístico nacional, subindo e descendo de categoria, na busca pelo profissionalismo. Seu pai o acompanhava.

Caio nunca teve agente e é seu pai que resolve todas as questões de fora do campo. Contou-me também que ajudava outros garotos do Vasco, sobretudo os que

¹²⁶ Douglas dos Santos, nascido em 18-02-1982, é futebolista profissional. No início de 2014, àquela época, atuava pelo Vasco, emprestado pelo Corinthians, clube que detinha seus direitos federativos.

vinham de outras regiões do Brasil para atuar no alvinegro carioca. Percebe-se, aqui, a presença da tal *família esportiva*, “articulada pelas relações que adquirem novos significados dentro do sistema futebolístico” (Spaggiari, 2014, p.393). Essa noção de família aparece de modo mais flexibilizada, digamos, muito mais baseada em relacionalidades (*relatedness*) (a partir de Carsten [Idem] e Machado [2006; 2014]) do que numa mera consanguinidade, como é o caso de Caio e seu pai, Valinhos. Eu mesmo passei pela experiência de ser, de alguma maneira, sugado para dentro das relações mais próximas entre meus interlocutores. Certa vez o preparador físico Mário, do São Carlos sub 19, em meio às comemorações pela classificação da equipe às oitavas de final (Copa São Paulo de Futebol Júnior – 2014), cumprimentou-me ao final do jogo com um abraço e disse: “Valeu, Júlio, você já é parte da nossa família”. Em outra, o treinador Tornado, do Vasco sub 17, antes um sujeito sisudo e de pouco papo comigo, passou a chamar-me por “primo” após alguns dias de convivência, dada minha presença constante em treinamentos, jogos e no ambiente do CT vascaíno em Itaguaí-RJ.

Como já dito, acompanhar treinamentos ou assistir às partidas de futebol de base nas arquibancadas de um estádio nos possibilita ver de perto a alimentação dessa relação entre futebolistas e familiares. Noutro breve exemplo, certa vez flagrei uma cena curiosa, na qual um jovem zagueiro do Cruzeiro encontrou-se com a família, separados pelo alambrado da Arena do Calçado¹²⁷, após uma partida da Taça BH 2012, em Nova Serrana-MG. Todos lamentavam não terem chegado a tempo de ver a partida que valia vaga na grande final (Grêmio 2 x 1 Cruzeiro). Marcão, zagueiro e capitão, fez um gol, mas sua equipe saiu derrotada. Seu pai, acompanhado da esposa, da filha, do amigo vizinho e da sobrinha, reclamava da distância entre Belo Horizonte e Nova Serrana e o trânsito enfrentado na rodovia para tentar chegar à tempo de ver a partida. Não conseguiram.

Em Itaguaí também tínhamos algo similar ao que Spaggiari (Idem) apresenta como os “pais do quiosque”, em referência ao grupo de familiares que sempre se reuniam para acompanhar os jogos dos filhos pelo Botafogo de Guaianazes, um time amador da zona Leste de São Paulo. No interior do Rio de Janeiro a reunião tomava lugar nas arquibancadas de um dos campos do CT vascaíno, aos finais de semana,

¹²⁷ Estádio Senador Zezé Perrella, com capacidade para cerca de 10 mil pessoas, em Nova Serrana-MG. A Taça BH (2012) foi disputada em oito cidades espalhadas pelo estado mineiro e a partir das semifinais as partidas foram concentradas na referida cidade e estádio – acompanhei também jogos da primeira fase em Belo Horizonte e das quartas de final em Pará de Minas.

quando havia jogo, ou então durante a semana, quando dos treinamentos, logo na entrada do lugar. Ficavam ali a contar histórias do futebol, discutir o andamento dos campeonatos profissionais e os cotidianos vividos pelos filhos/sobrinhos/netos.

Aqui, então, começam nossas outras duas histórias relacionadas ao *acaso*: elas trazem o volante Hugo e o atacante Valdir, ambos também do Vasco, ajudados que foram por Valinhos, quando se conheceram no ambiente de São Januário. Entre sorrisos, pai e filho contaram que ambos os companheiros sempre se mostraram fisicamente acima dos demais: segundo Caio, em determinados exercícios impostos aos futebolistas, ambos corriam de costas, sendo mais rápidos que os demais que corriam de frente. E que não se cansavam. Ficavam disputando para saber quem se cansaria por último e sempre venciam todos os demais do grupo.

III.I.III Hugo: o Gato de quatro anos

Hugo “Baiano”, um jovem vindo de Camacã-BA, “jogava os garotos longe numa dividida”. Era considerado muito forte e havia burburinhos que rondavam sua figura. Valinhos afirmou que, de início, mesmo com os comentários, não pensava que se tratava de um “gato”¹²⁸, mas o tempo tratou de contradizê-lo. O garoto teve problemas que dificultaram seus caminhos pelo mundo do futebol, embora um pouco mais grave porque, ao final, acabou abandonando o esporte. Hugo Baiano era da mesma geração de atletas vascaínos de destaque que entre 2011 e 2013 serviram a seleção brasileira de base, como Caio e Valdir, o protagonista de nossa terceira história, que contamos logo adiante. O vi pela primeira vez justamente em 2011, durante o Sul-Americano sub 15, antes de iniciar a pesquisa de campo no Vasco, portanto. Quando cheguei em São Januário e depois em Itaguaí, o garoto já não mais por lá estava.

O fato é que sempre se observou com desconfiança tamanha força física exibida por Baiano, um volante que quase nunca perdia a posse da bola. Também pudera: Hugo, na verdade Fabrício, tinha dezenove (nasceu em 1992) e não quinze anos, como apontavam seus documentos (de que havia nascido em 1996). Com a ajuda da imprensa esportiva, já que sua história ganhou certa notoriedade depois da revelação, descobri

¹²⁸ Gato é o termo utilizado no meio futebolístico para nominar atletas que alteram a idade e os documentos. Surgem de modo recorrente no futebol.

que passou a infância no interior da Bahia, trabalhando na roça. Aos treze anos, decidiu aceitar uma proposta extraordinária para ajudar a família. Seu pai havia sido baleado e estava paraplégico e a mãe, desempregada. Em 2006, ao vislumbrar a possibilidade de aliviar as dificuldades pelo pouco dinheiro arrecadado, decidiu alterar seus documentos e tentar a sorte no Rio de Janeiro com a ajuda de alguém que não se sabe ao certo. Foi aprovado no Vasco após alguns testes e sua farsa durou até 2012, quando confessou a adulteração. Viveu nos alojamentos de São Januário e lá firmou amizade com Caio, dentre outros. No clube a desconfiança era tratada de modo sigiloso – não se falava abertamente sobre seu caso – mesmo que muitas pessoas duvidassem de seus documentos: sua certidão de nascimento datava do ano de 2006, um tanto tardia, um sinal muito importante no futebol de base do Brasil. Em Itaguaí, no centro de treinamentos da base vascaína, procurei interpelar as pessoas e saber mais detalhes e nunca obtive uma resposta clara. Ninguém queria comentar sobre o caso, que começou a ser descoberto logo após a conquista do título do sul-americano sub 15 pela seleção brasileira. A campanha foi ótima e o Brasil conquistou o título com sobras. Após o término surgiram denúncias sobre possíveis trapaças extracampo, como a idade de alguns atletas, dentre eles Valdir e Hugo. O time brasileiro era visivelmente o mais alto e mais forte dentre todos no torneio. Como dito, acompanhei pela imprensa especializada o desenrolar dos fatos, mas só pude saber da verdade quando encontrei Valinhos e Caio em Penápolis. Somente aí pude conhecer a história verdadeira de Baiano.

Após a confissão, Baiano foi realocado para a categoria júnior (sub 20), sua devida posição. Mas machucou-se – rompeu o ligamento cruzado do joelho – e somente esteve apto para voltar ao futebol quando seu contrato já havia terminado. Após três meses sem vínculo e sem treinamentos, o Vasco decidiu dar outra chance ao atleta e ofereceu-lhe um novo contrato. O jovem chegou a figurar no elenco profissional do clube, sem grande sucesso, é dizer, sem continuidade. Sua história no futebol terminou aí: de promessa na categoria infantil ao fracasso quando atingiu o profissionalismo, tendo dado um salto muito grande pelo caminho que, ao final, derrubou-o por completo.

III.IV Valdir: o “Gato Oficial”

Presente nas seleções sub 15 e sub 17, titular do clube carioca e posteriormente negociado por um valor considerável (R\$ 750 mil) com o Clube Atlético Paranaense, o rápido e técnico centroavante Valdir também provocava algumas dúvidas nas cabeças daqueles que o acompanhavam – sobretudo dirigentes e funcionários do clube. Tais dúvidas pairavam sobre sua idade verdadeira. Valdir destacava-se entre os demais pela velocidade de raciocínio, técnica avançada e maturidade no trato com a bola e com os demais companheiros. Era como um líder dentro de campo. Trago um relato de meus cadernos de campo, quando observei o atleta em treinamentos e jogos-treino defendendo a seleção brasileira sub 17, em preparação para o Mundial da categoria:

“Outro detalhe que trago aqui é com relação ao jogar do atacante Valdir, que foi dos melhores da seleção no primeiro tempo daquele amistoso [Seleção Brasileira sub 17 1 x 1 Desportivo Brasil sub 20] e também durante toda aquela semana de treinamentos. Se abordarmos questões técnicas, Valdir parece sobrar frente aos rivais em diversos lances ainda que durante todo o primeiro tempo não tenha feito gol. Aí está a dificuldade deste esporte: o futebol é coletivo, no qual jogam juntos onze atletas que com os pés tentam guardar a bola dentro da meta e que, mesmo sendo detentores de qualidades técnicas e controle de bola extraordinários, por vezes são pouco efetivos no andamento do jogo por completo. Mesmo assim, em alguns lances Valdir faz muito bem seu papel: domínios de bola quando pressionado por até dois zagueiros; toques de cabeça que clareiam a jogada para o companheiro, estando de costas para a jogada recebendo bolas que geralmente vem de chutes da defesa e quase sempre muito ríspidas; e tomadas de corpo à frente do zagueiro mesmo quando a jogada parecia estar definida em prol do adversário. Há muito equilíbrio no futebol de base e uma simples jogada como as que cito acima, se bem realizada, pode fazer a diferença no resultado final da partida”.

Mais do que este destaque notado em campo, Valdir comprovava sua qualidade desde a categoria infantil: foi seguidamente artilheiro quando atuava em competições no estado do Rio de Janeiro defendendo seu primeiro clube, o Vasco. Em 2011 foi o máximo goleador e melhor jogador do Campeonato Sul-Americano sub 15, disputado no Uruguai. Após um litígio – ele e seu *staff* fizeram uma pedida considerada muito alta pelo Vasco, quando da tentativa de assinar o primeiro contrato profissional – transferiu-se para o Atlético Paranaense mediante pagamento de multa rescisória, onde alcançou o profissionalismo (em 2014 atuou por diversas vezes pela equipe profissional) e seguiu figurando na seleção brasileira, então juvenil (disputou o Sul-Americano e Mundial sub 17, ambos em 2013).

Diante de minha pergunta sobre suspeitas que também recaíam sobre o então atacante do Atlético PR, confessaram: “O Valdir também é gato. Mas é gato oficial, de dois anos. Ele é 94”. “Mas o que seria um gato oficial?”, perguntei a Valinhos. Contou-me, então, o peculiar caso do atacante. Valdir morava numa favela do Rio de Janeiro e o pai era traficante de drogas. A mãe vivia pelas ruas e o garoto foi, em boa parte do tempo, criado pela avó. Valinhos contou que houve uma situação na qual a polícia só não matou o pai porque ele estava com o filho no colo. Foi, então, preso. Após um dilúvio que destruiu boa parte das precárias moradias da favela onde Valdir vivia, quase tudo foi perdido, inclusive documentos pessoais. Quando a administração municipal do Rio de Janeiro, num plano de cidadania para atender famílias atingidas pelas chuvas propôs medidas emergenciais de atendimento à população, Valdir pôde reaver seus documentos. Estimou-se, então, uma idade para o garoto, que de nascido em 1994 passou a ser nascido em 1996, definindo assim, os caminhos que o atacante trilharia nos gramados do futebol.

Isso foi comprovado, segundo contam Valinhos e Caio, por exames laboratoriais pelos quais passam futebolistas quando defendem as seleções brasileiras de base. Eles chamaram de “maturação¹²⁹”. Valinhos disse que o exame de maturação de Baiano e Valdir já indicavam alterações para a idade apresentada: biologicamente não era possível que aqueles atletas tivessem a idade que seus documentos apresentavam. Assim como no caso de Baiano, ninguém no Vasco comentava sobre esta possível fraude. Tampouco no Atlético Paranaense, quando visitei o CT do clube em janeiro de 2014. Isso se deve ao fato de que os documentos do jovem futebolista eram “rigorosamente” legais. A tal falha ao atribuir idade ao garoto no momento em que reavia seus documentos era, segundo confidenciaram-me Caio e seu pai, a chave para entender a situação de certa maturidade do qualificado atacante.

Aqui temos mais um claro exemplo de como os deslocamentos pelo universo do futebol de base podem escapar às amarras dos controles impostos pelo Estado, que, em princípio, coordena e rege as leis deste esporte. Como dissemos no início deste trabalho,

¹²⁹ Exame que analisa material ósseo (principalmente de mãos e punhos) para medir a idade biológica ou nível de maturação biológica apresentada pelo jogador de futebol. Normalmente são medidos durante os estágios iniciais da adolescência e também durante o chamado “estirão do crescimento”. Dentro de um mesmo grupo de jovens é possível encontrar aqueles que apresentam desenvolvimento biologicamente mais avançado, ou seja, precoce, e outros que apresentam um quadro mais atrasado, caracterizado por um desenvolvimento tardio. Estudos apontam, inclusive, que pode haver diferença significativa entre jogadores que, embora nascidos no mesmo ano, apresentam-se em estágios diferentes se considerados aqueles que nasceram no primeiro ou no segundo semestre.

parece-nos claro que é preciso analisar a formação de jogadores de futebol de modo a seguir seus atores e verificar que na prática estão sujeitos a mais de uma lógica, que hora os aprisiona e regula suas movimentações, mas que também definem e indicam os caminhos a serem percorridos. No caso específico de Valdir, vemos que o próprio Estado tratou de alterar e definir seu futuro: foi o regimento da esfera legal que definiu, ou melhor, redefiniu sua verdadeira idade. Como o futebol de base é, em parte, regido por tais pressupostos, os caminhos que ele percorreu no decorrer de sua vida neste universo dependeram desta lógica, em boa medida.

III.I.V Apadrinhamentos no Vasco

Sabe-se e ouve-se que no mundo do futebol muitas vezes situações são definidas e concretizadas a partir de indicações, amizades, relações, laços e apadrinhamentos, é o que poderíamos definir aqui como os “acazos” dentro desse contexto, ou melhor, dinâmicas de relacionamentos, tal como já apontei ao mencionar a expressão “Futebol é relacionamento”, muito ouvida em diversos situações de pesquisa.

Entre uruguaio e argentinos escutamos algo parecido: “*Todo son relaciones*”¹³⁰. Apontamos também que para flagrar um caso desta natureza é preciso estar profundamente imbricado em tais amarras, o que nem sempre foi possível. Mas em alguns momentos pudemos observar, como na simples conversa com o pai de um futebolista.

Quando da primeira vez que estive em São Januário, ainda tentando estabelecer os primeiros contatos esperei por horas e mais horas sob as escadarias das arquibancadas do velho estádio, um lugar onde se localizam as salas e escritórios que comandam o futebol do clube. Tive duas reuniões com o então coordenador das categorias de base, Otávio Costa. Da primeira vez esperei ao lado de um pai que trouxe a filha de Minas Gerais, nos arredores de Juiz de Fora, para fazer testes no futebol

¹³⁰ O livro *Niños Futbolistas* (Meneses, 2013) ilustra uma série de negociações quando o autor vivenciou o cotidiano de clubes e escolinhas de futebol por todo continente sul-americano. A referida frase saía da boca dos personagens em inúmeras ocasiões.

feminino vascaíno. Ele simpático e papeador, flamenguista; ela, mais calada, apenas sorria timidamente, dezessete anos de idade¹³¹.

Otávio era alguém extremamente simpático e bem humorado, ou ao menos esbanjava disposição naquela manhã de terça-feira, março de 2012. Recebeu-nos os três juntos, de uma só vez, em uma acanhada sala, com ar-condicionado, é verdade, que ficava embaixo de uma das arquibancadas do campo. Para chegar até esta sala passamos por onde os atletas da equipe profissional estacionavam seus valiosíssimos automóveis. Eles treinavam no gramado naquele momento. Ao lado, numa quadra de futsal, jogavam garotos de cerca de oito anos de idade. Os “futebóis”, assim, ocupavam diversos espaços em São Januário.

O coordenador primeiro quis ouvir o pai da garota e tudo então ficou claro: ambos tinham um conhecido em comum – um tio da garota – que havia agendado um treino ou avaliação no Vasco. Entre sorrisos e piadas sobre o simpático zelador devidamente travestido com as cores e símbolos daquela casa, que entrou de supetão catando isso e aquilo e limpando o que via pela frente, ligou para que o responsável técnico por aquele tipo de avaliação comparecesse ao local em vinte minutos. Ao que parecia, seria atendido.

Na segunda reunião que tive naquela mesma sala vi um conselheiro do clube, que beirava os sessenta e cinco anos de idade, acompanhar um garoto de quinze junto de seu pai. O objetivo da pequena caravana era agendar a presença do jovem num teste no clube. O tal conselheiro esperou Otávio, que não havia chegado no horário combinado. Antes disso, porém, ficou dentro da sala principal do setor, o que demonstra seu trânsito no clube. Na saída, após longa conversa, ressaltou que não gostaria que o garoto, em caso de reprovação, recebesse a notícia sozinho. Isso deveria ser dito na companhia do pai, já que uma nota tão triste como aquela deveria ser partilhada e com o apoio do suporte talvez maior de um garoto nascido no ano de 1996. O pedantismo do senhor era tremendo e a forma com que ele demonstrava ser amigo de todos ali parecia ser tão falsa quanto. Ele citava nomes e rápidas histórias que havia passado no Vasco. Como da primeira vez, com o pai da garota mineira, Otávio confirmou-me receber aquele tipo de

¹³¹ O Vasco mantinha quatro equipes de futebol feminino: sub 15, sub 17, sub 20 e adulto. De acordo com o blog femininovasco.blogspot.com.br o clube era “o único dentre os grandes do Rio de Janeiro a investir em futebol feminino com uma equipe de profissionais qualificados em todas as categorias”. No website oficial do Vasco (<http://www.vasco.com.br>) o futebol feminino está alocado na seção de esportes olímpicos.

visita aos montes, diariamente. Em seguida, desabafou num tom cansado: “É garoto, futebol não é fácil, não”.

Tais episódios que abarcam a vida de futebolistas, seguramente de modo corriqueiro, nos fazem atentar-se para relações que lhes parecem distantes, mas que, como tentei mostrar, influenciam diretamente na circulação pelo universo do futebol. O *rodar* (Rial, 2008) é algo inerente à suas carreiras e esta condição também se faz presente, como já apontamos, a partir de outras esferas de influência, como as relações políticas dentro dos clubes, expressas pelos casos de apadrinhamento e redes de contato – entre agentes, clubes e pais de atletas – e também fora dos clubes, em “instâncias maiores” como no caso do acordo sobre atletas de base em litígio, quando aquilo que é decidido por dirigentes da alta cúpula de um clube pode decidir quando e onde um aspirante voltará a atuar pelos campos Brasil afora. Neste caso, diríamos que as instâncias que permeiam a vida de futebolistas se tocam, fazendo com que suas vidas esportivas estejam permanentemente sujeitas aos acasos das linhas que se cruzam, fazendo desse futebol de base um ambiente fluido, permissível e que não segue uma única lógica.

III.II Como vê um scout

O assunto proposto na seção anterior tem sua continuidade expressada aqui a partir da convivência do etnógrafo com alguns de seus interlocutores. No caso, trazemos neste capítulo o que foi visto de acordo com a inserção em uma competição sul-americana de seleções juvenis. Como relato a seguir, acompanhei de perto a mesma geração de jogadores brasileiros e uruguaios – com mais afinco, dentre outras nacionalidades – ao lado de dois *scouts*, figuras presentes neste ambiente do futebol de base e que tanto contribuem para a formação deste cenário etnográfico. Evidentemente, tive a companhia de outros personagens, como familiares, treinadores e agentes, mas o destaque dado aos *scouts* tem a intenção de elucidar como um quadro que se pinta de modo racionalizado e metrificado pode ser descolado desta realidade à medida que as vidas correm por este meio.

Em abril de 2013, então, seguindo o calendário sul-americano de competições de futebol de base, fui até a Argentina para acompanhar o XV Campeonato Sul-Americano sub 17. Aquela era a sequência do torneio de dois anos antes, o sub 15 no Uruguai. Ao preparar-me, percebi que as partidas seriam jogadas na região mais a oeste do território argentino, em duas cidades: a seleção brasileira jogaria a primeira fase da competição em Mendoza e, conseguindo a classificação, como de fato aconteceu, rumaria para a pequenina San Luis, capital do departamento do mesmo nome e que receberia, além do grupo A, a fase final. Estabelecido assim o roteiro, parti em viagem de pouco mais de um mês entre partidas, estádios, agentes, familiares e futebol de base sul-americano.

Mendoza é uma cidade de porte médio, a quarta maior da Argentina, e tida como importante pela região em que está localizada – bem próxima à cordilheira dos Andes, um lugar bastante árido. O clima fresco faz da região a maior produtora de vinhos e azeites do país. Em seu entorno vivem cerca de 1,2 milhão de pessoas: conurbada com a capital da província de mesmo nome estão Maipu e Godoy Cruz, cujo time de futebol homônimo disputa a primeira divisão do futebol argentino. Já Mendoza é representada pelo pequeno CS Independiente Rivadavia, que joga a segunda divisão e possui um estádio muito bem conservado e que segue à risca o receituário das *canchas* argentinas: gramado bem cuidado, arquibancadas próximas ao campo, tudo muito bem pintado, sinalizado e organizado.

A cidade é um polo turístico na região andina e oferece aos visitantes inúmeros passeios pelos arredores secos, porém belos. O parque General San Martín é dos maiores da América Latina: tudo ali plantado é fruto da intervenção humana, que canalizou a água que desce das montanhas geladas e alimenta os rios da região. Não fosse tal obra de engenharia quase nada cresceria ali, já que o clima prejudica o desenvolvimento de uma vegetação mais diversificada e colorida, exatamente aquilo que faz do parque um verdadeiro tesouro da cidade. A população aproveita-se do espaço diariamente, realizando inúmeras práticas corporais à margem do lago: caminhadas, corridas, bicicletas, patins, skate, etc. Leu-se nos jornais locais inúmeros eventos organizados pela administração municipal para que a população desfrutasse do espaço todos os dias da semana.

A região mais a oeste deste parque exibe o exuberante estádio Malvinas Argentinas. Trata-se de imponente construção que, se olhada dando-se as costas ao Parque San Martin vê-se o início da cadeia montanhosa dos Andes argentinos entre os holofotes e a cobertura metálica de um dos setores do campo, todo ele tricolor: laranja, azul e branco. Tem capacidade para receber pouco mais de 40 mil pessoas. Construído para a Copa do Mundo de 1978, hoje em dia recebe partidas da seleção nacional, competições internacionais e shows de música.

Desde a entrada do parque é preciso caminhar alguns quilômetros até alcançá-lo. Assim o fiz na manhã do dia 03 de abril de 2013 com vistas a aprender o caminho até o lugar que, naquela noite, receberia as duas primeiras partidas do torneio: o Uruguai enfrentaria os peruanos e os brasileiros, os chilenos. Para este primeiro compromisso ganhei um par de ingressos de alguém da administração do estádio que acompanhava os últimos retoques da organização do torneio naquela fresca manhã. Foi só perguntar onde poderia comprar as entradas para recebê-las de presente.

Como é comum neste tipo de competição, as arquibancadas estiveram quase vazias durante toda a primeira fase, ainda mais se levarmos em consideração o tamanho do estádio. O Malvinas Argentinas possui arquibancada geral atrás de cada uma das duas metas, o que implica dizer que dali é possível assistir às partidas em pé, já que os degraus entre um setor e outro são baixos e não permitem sentar-se. Há barreiras de metal que evitam as famosas “avalanches”, quando os torcedores nas arquibancadas se projetam até o nível do campo numa arriscada comemoração dos gols – no Brasil a torcida do Grêmio notabilizou-se por incorporar essa performance já há alguns anos; no novo estádio gremista, inclusive, um setor foi construído exatamente a permitir esta prática, mas logo na primeira partida, no entanto, a grade que delimita o fim do setor e o campo de jogo se rompeu, deixando alguns torcedores feridos. Na parte central há uma plateia descoberta e outra coberta, de onde vi a maioria das partidas do torneio.

Na primeira fase as rodadas eram duplas, isto é, apresentavam dois jogos seguidos. Como cada grupo era composto por cinco equipes, sempre alguém não atuava a cada rodada. Após a vitória do Uruguai sobre o Peru, por 2 a 0, vi o Brasil derrotar os chilenos pelo placar mínimo. A partir de agora apresento as partidas etnografadas durante a competição e alguns de seus detalhes táticos e técnicos. Num primeiro momento esta estratégia pode parecer improdutiva, mas o fato é que acreditamos que

acompanhar as partidas do futebol de base brasileiro e sul-americano com esta destreza permite fazer aproximações e distanciamentos que desvendam de que maneira as equipes são formadas e como enfrentam as variadas situações de jogo. Isso pode ser importante também quando analisamos alguns atletas em específico, já que alguns são nossos interlocutores mais próximos. Prestamo-nos, deste modo, a descrever os esquemas táticos utilizados, o posicionamento dos atletas em campo, as substituições e algumas jogadas específicas, bem como passagens, acontecimentos, eventos destacados que irão compor de modo ilustrativo a narração das histórias.

A equipe brasileira iniciou sua primeira partida posicionada da maneira como o treinador preconizava, ou seja, de acordo com o esquema tático 4-2-3-1. No referido posicionamento, Kenedy e Boschilia foram os meio campistas que atuaram abertos (e por vezes trocavam de lado), Vinícius como meia central e Valdir à frente. Caio jogou como volante, ao lado de Gustavo. Kenedy só deixou o lado direito uma única vez. Vinícius e Boschilia, estes sim, trocaram de posição ao longo de todo o primeiro tempo, uma característica específica desta equipe e a expressão de uma ideia de seu treinador. Alguns meses mais tarde, quando conversei com o treinador no período de preparação para o Mundial da categoria, ele afirmou pedir que seus pontas, os tais meio campistas que atuam pelos lados, trocassem de lado no decorrer da partida, confundindo a marcação e variando as jogadas de ataque, algo que realmente foi visto neste torneio. O Brasil marcou seu gol ainda na primeira metade do jogo com Kenedy, que se aproveitou de falha do zagueiro – não conseguiu cortar um cruzamento. O lateral esquerdo Ábner havia feito grande jogada pela ponta, cruzando desde a linha de fundo.

No geral percebi a equipe brasileira mais bem postada em campo que os chilenos. Foram melhores no cômputo total, mas a partir da segunda metade do segundo tempo sofreram com as investidas adversárias: os chilenos se mandaram ao ataque e os laterais não foram acompanhados pelos meio campistas brasileiros (primeiro Kenedy e Boschilia, depois Alisson e Carlos). Broncas e mais broncas do treinador foram ouvidas, aos montes. Os chilenos quase empataram e o Brasil não conseguiu fazer o segundo gol, algo alcançado pelos uruguaiois no jogo de abertura num jogo bem parecido.

Apenas nesta primeira rodada acompanhei os jogos do setor descoberto do estádio Malvinas Argentinas. Nas demais partidas procurei ingressos para a plateia coberta, já que lá se encontravam alguns dos personagens importantes que estão

presentes em competições deste tipo, como estamos descrevendo. Além dos familiares, temos os jornalistas que cobrem a competição em seus setores reservados e os agentes, de clubes ou de empresas. Eles preferem o lugar coberto pela maior comodidade e evitar possíveis problemas com o tempo adverso, muito embora se disse que em Mendoza chove somente durante vinte dias no ano, jamais em abril. Em San Luis, no estádio Juan Gilberto Funes, este setor do estádio serviu para aliviar o forte sol que marcou toda a fase final da competição, que apresentava três partidas a cada três dias, iniciando sempre às 15hs e indo até às 21hs, quando o último jogo se encerrava e já se sentia a temperatura bem mais amena junto com a necessidade de agasalhar-se. Neste setor também foi possível obter a ficha técnica oficial das partidas, com as escalações das equipes, quem estava suspenso e quem estava lesionado, os nomes dos árbitros que dirigiriam o confronto, etc. Assim que surgia o engravatado representante da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) entre as cadeiras os jornalistas e os agentes corriam em sua direção a buscar o material. Eu fazia o mesmo.

A próxima rodada indicava o encontro entre brasileiros e bolivianos. Reconhecidamente a equipe mais fraca entre os sul-americanos, aquele parecia ser um jogo no qual os de verde e amarelo não teriam grandes dificuldades. Ledo engano: o placar final apontou 3 a 1, mas o jogo foi tenso e muito disputado. Por vezes pensei que o Brasil não alcançaria a vitória.

Uma vez nas arquibancadas cobertas, assisti à partida bem próximo a alguns familiares de jogadores brasileiros. Estavam os pais e um tio de Caio, os pais de Carlos e sua irmã mais nova, e os pais de Vinícius, acompanhados por outros dois homens, sendo que um deles esteve no Uruguai dois anos atrás – tratava-se de seu agente. Durante todo o primeiro tempo a trupe permaneceu quase calada, talvez reflexo da atuação apática do time em campo. Num dado momento descii as escadas e permaneci bem próximo ao banco de reservas da seleção brasileira, no intuito de captar algumas das palavras do treinador a seus atletas em campo. Os familiares estavam naquele mesmo setor, embora mais acima, um tanto longe. Com o resultado adverso – a Bolívia marcou primeiro, eles passaram a gritar muito, incentivando e cobrando os garotos. Podiam ser ouvidos mesmo de longe, o que ficou claro pela expressão dos argentinos, que se divertiram com tamanha efusão e energia demonstrados. O estádio quase vazio fazia aquele coro soar ecoado.

O Brasil controlou as ações na maior parte do jogo, embora não de forma incisiva, e sofreu um gol no final do primeiro tempo após escanteio da direita. Foi escalado com Marcos; Auro, Lucas, Eduardo e Ábner; Gustavo, Caio; Boschilia, Vinícius, Alisson; Valdir (4-2-3-1). Boschilia atuou aberto do lado direito e pouco produziu na primeira etapa. Por vezes o Brasil se posicionava no que seria considerado um ousado¹³² 4-2-4, quando Vinícius avançava à linha dos atacantes, do lado esquerdo. A postura dos bolivianos em campo permitia a maior volúpia ofensiva por parte do Brasil. No intervalo, o treinador tirou Vinícius e Alisson, substituindo-os por Ewandro, que ocupou a faixa esquerda do ataque e Carlos, à direita. Boschilia foi recuado e atuou mais centralizado, melhorando muito seu desempenho. O treinador ainda sacou Valdir e colocou Kenedy, centralizado no comando de ataque. Era impressionante a força física exibida por este último, atacante do Fluminense, que marcou o segundo gol completando cruzamento de Ábner. O lateral esquerdo do Coritiba FC ainda fez o terceiro em um belo chute cruzado, pelo alto. O primeiro tento foi anotado por Boschilia, de falta, da entrada da área, um chute colocado.

Durante a partida, pela situação adversa no placar – perdia por 1 a 0 – foi possível ouvir, muitas vezes, gritos de “Vamo Brasil!” “Vai Brasil!” “É nossa Brasil!” “Atenção Brasil!”, indicando certo sentimento de equipe que representa a nação em campo. Isso era reforçado pelos gritos que vinham do banco de reservas e também dos familiares nas arquibancadas. Formava-se uma identidade que os agregava num único grupo, ainda que completamente separados e distantes uns dos outros: os jogadores correndo em campo, os companheiros sentados no banco e os familiares nas arquibancadas, todos a gritar. Os últimos, uniformizados com peças de roupas dos filhos, eram paparicados por garotos argentinos na casa dos dez anos de idade, reforçando o caráter do dom presente no futebol, ou neste futebol, digo neste estágio da carreira de um aspirante a futebolista profissional. Naquele momento eu já acompanhava a partida bem próximo aos familiares e pude constatar a admiração e a curiosidade de garotos para com aquelas camisetas oficiais da seleção brasileira, uma adoração de tipo *fenomenotécnica* ou *tecnocultura*, ideia explorada na seção I.V. Percebendo o parentesco, perguntavam quem eram seus respectivos filhos, seus nomes, onde jogavam. Ao final, desceram pela arquibancada até o nível do campo e chamavam

¹³² Ousado porque não é comum equipes inseridas no futebol atual organizarem-se de modo a posicionar até quatro jogadores em sua linha ofensiva. Em geral, o ataque é formado por até no máximo três jogadores – muitas colocam apenas um ou dois atletas nesta posição.

pelo nome os brasileiros a pedirem suas camisetas. Os futebolistas, que se encaminhavam aos vestiários, no entanto, não se sensibilizaram e negaram os pedidos sem aparente desconforto.

Nesta mesma segunda rodada da primeira fase, ainda em Mendoza, conheci um interlocutor que trouxe muitas questões para este trabalho. Trata-se do *scout* Uli Weiss, alemão de nascimento e latino-americano por adoção tendo em vista o tempo dispendido no continente, bem adaptado aos costumes segundo ele mesmo disse. Weiss aprendeu a falar *castellano* rapidamente, após acompanhar três competições importantes no continente: Campeonato Mundial sub 17 (México, 2011), Campeonato Mundial sub 20 (Colômbia, 2011) e Campeonato Sul-americano sub 17 (Argentina, 2013). Além disso, fez algumas observações em torneios de futebol de base no Chile, totalizando um período de três anos na América do Sul, ainda que de modo não ininterrupto. Ele trabalha para uma agência de jogadores e treinadores alemã chamada *Rogon Sportmanagement*¹³³, uma das grandes empresas de gerenciamento de carreiras esportivas no mundo que, com sede na Alemanha e no Brasil, envia olheiros – ou *scouts* – para diversos países com vistas a observar, escrever relatórios e, na prática, destrinchar como caminha a produção de jovens jogadores de futebol num cenário reconhecidamente frutífero: estamos falando da formação de jogadores de futebol em países como Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Colômbia e México.

Weiss é só mais um funcionário da *Rogon*. Sobre o trabalho dos *scouts* da empresa, é dito no *website* oficial:

“O pressentimento seguro de talentos é a base do trabalho dos olheiros da ROGON. Mas para que um talento se torne um profissional, exige-se mais. Apenas um quinto de todos os jogadores que, com 15 anos de idade, jogam no time juvenil de um clube da primeira liga, conseguem chegar ao setor profissional. A ROGON busca jogadores que tenham o talento e, sobretudo, a vontade de pertencerem aos melhores. Os olheiros da ROGON acompanham os jogadores jovens e os seus pais na fase mais importante de uma carreira profissional: isto é, antes que ela comece. Analisam, aconselham, incentivam, criticam e motivam. Para isso, observam, com regularidade, treinos e jogos. Mantêm diálogo com o

¹³³ *Rogon Sportmanagement* é uma agência de jogadores de futebol e treinadores. Possui duas sedes na Alemanha, outros três escritórios no Brasil, um nos Estados Unidos e um na Suíça. São mais de setenta atletas em todo o mundo com contrato com a empresa e a página oficial na internet está disponível em oito línguas diferentes. É considerada uma das maiores agências de todo o mundo.

jogador e com os seus pais e trocam idéias com o treinador do clube ou da seleção nacional de juvenis. Havendo a necessidade, eles têm acesso a orientadores de alimentação, diagnóstico de desempenho e função, psicólogos e médicos do esporte. O entrosamento estreito entre os pais e o clube do jogador é parte dos princípios mais importantes do nosso trabalho. Quem pretende mostrar o caminho para outros, deveria já tê-lo percorrido. Por isso, só poderá tornar-se olheiro na ROGON, quem puder basear-se na experiência de anos num clube da primeira liga, seja como treinador, olheiro ou profissional ativo”.

Weiss não foi jogador de futebol profissional. Ainda muito jovem, sofreu uma grave contusão no tornozelo direito e não conseguiu se recuperar satisfatoriamente a ponto de seguir jogando. Diz que se fosse hoje em dia era possível o retorno, mas naquele início de anos 1980... . Estudou, então, Ciências do Esporte na Universidade de Bayreuth¹³⁴ e dedicou-se a trabalhar com futebol de base no menor clube de Munique, o TSV 1860 Munique. Depois, tratou de investir na carreira jornalística e empenhou-se em um jornal especializado em futebol de base alemão. Contou-me que houve relativo sucesso nesta empreitada, na qual trabalhou por quase dez anos. Estressado por tantas obrigações e sentindo a saúde abalada, após consultar um médico ouviu que era necessária, naquele momento, uma pausa para descanso. Decidiu vender o jornal, o que lhe rendeu um bom dinheiro, segundo me contou, e partiu para uma viagem de descanso pela Ásia. Quando retornou decidiu-se pela função de *scout* e iniciou seu trabalho na *Rogon*.

A prática do *scouting* é algo muito comum no futebol dos últimos anos, diferenciando-se do trabalho dos olheiros, este sim muito mais absorvido às engrenagens deste esporte desde há muito tempo. Poderíamos dizer que o *scouting* é um pouco mais especializado, distanciando-se da atividade de olheiro basicamente pela metodologia aplicada. É algo que se dá sobre a própria equipe, mas também sobre os adversários, tanto no futebol de base quanto no ambiente profissional. Evidentemente os cuidados neste último são mais intensos, tendo em vista maior dedicação e maior estrutura para analisar partidas e armazenar dados. Na base, no entanto, essa prática também é vista: no São Carlos era trabalho do auxiliar técnico anotar as ações dos jogadores do time: passes, faltas, finalizações, jogadas pelos lados ou pelo centro, etc.

¹³⁴ Bayreuth é uma pequena cidade ao norte da região da Baviera, sudeste alemão. Tem cerca de 75 mil habitantes.

Depois, no intervalo e após as partidas, analisavam o que haviam visto para tentar solucionar problemas enfrentados durante e encontrar saídas para o próximo jogo. Vimos também como o Atlético Paranaense organiza uma espécie de rede de observações por diversas regiões do Brasil em busca de novos jogadores. Na Alemanha, de onde provém este nosso interlocutor, e na Europa, de modo geral, é algo já há muito tempo praticado. Diz Carles Planchart, auxiliar do treinador Guardiola, espanhol que nos ajuda a entender esta prática do futebol alemão: “*En Alemania, el scouting es considerado algo normal y no como si fuese espionaje. Entre los propios clubes a veces nos passamos partidos y lo consideramos totalmente normal*”¹³⁵ (Perarnau, *Ibidem*: 276).

Como dito no início, organizei-me inicialmente para acompanhar as partidas da primeira fase em Mendoza, grupo B, no qual figuravam Brasil, Peru, Uruguai, Chile e Bolívia. No grupo A estavam Argentina, Venezuela, Paraguai, Colômbia e Equador, hospedados em San Luis e arredores, distante cerca de cento e cinquenta quilômetros a leste de Mendoza, mais no interior do país e na província de mesmo nome que sua capital. Weiss percorria esta distância praticamente todos os dias, já que as partidas eram separadas em intervalos de dois ou três dias, nas duas sedes, para os dois grupos. Foi muito importante conversar com ele ainda em Mendoza, tantas foram as dicas de como “me virar” na pequena San Luis. Ele me alertava, naquela altura: “*San Luis es difícil. Muy chica, no hay casi nada para hacer*”¹³⁶. Repetidas vezes confessou-me que preferia que a fase final fosse disputada ali, na capital *mendocina*. O que mais lhe afligia era a dificuldade em arrumar um quarto na pouco estruturada rede hoteleira da cidade e aliar os horários de ônibus com as refeições diárias, já que as opções eram escassas.

Esta é uma prática comum da Conmebol quando organiza esses torneios de base. Escolhem-se cidades pequenas para divulgar um torneio de estirpe internacional, embora com pouco apelo midiático. A contrapartida vem na movimentação, ainda que não tão significativa, que um torneio destes pode trazer a uma pacata cidade do interior do cone sul. A mesma lógica foi seguida nos demais torneios acompanhados por Weiss, embora eles tenham sido um pouco maiores – dentre esses, campeonatos mundiais – o

¹³⁵ Em tradução livre: “Na Alemanha, o *scouting* é considerado algo normal e não como se fosse espionagem. Entre os próprios clubes as vezes trocamos vídeos de partidas e consideramos totalmente normal”.

¹³⁶ Em tradução livre: “San Luis é difícil É muito pequena, não há quase nada para se fazer”.

que aumenta o número de equipes participantes e, conseqüentemente, as sedes que recebem as partidas.

O Brasil já estava classificado para a fase final do torneio e na última partida, então, o treinador decidiu-se por escalar jogadores que não vinham jogando com regularidade. Dos titulares só atuaram o goleiro Marcos e o meio campo Vinícius. Durante o jogo entraram Kenedy, Auro e Alisson. Assim que o árbitro apitou encerrando a primeira etapa conversei rapidamente com os pais de Vinícius. Apresentei-me, expliquei o que estava fazendo ali e ambos foram simpáticos, especialmente ela, que foi só sorrisos durante minha abordagem. Os demais membros da caravana brasileira também estavam presentes, embora um pouco mais arredios às minhas abordagens. O Brasil venceu o Peru por 3 a 0, sem grandes dificuldades.

Reencontrei Weiss já em San Luis para a fase final do torneio. A província de mesmo nome fica mais ao centro do território argentino e se caracteriza por um lugar árido, seco e bastante tranquilo, onde há inúmeros lagos artificiais: a água represada e os vários parques servem como distração para os habitantes da região. A capital, embora localizada no pé de uma cadeia montanhosa chamada *Sierras Grandes*, é bastante plana, um lugar onde vivem 170 mil pessoas. Os jogos foram disputados a cerca de vinte quilômetros ao norte, na pequenina cidade de La Punta.

No primeiro jogo desta fase, numa tarde quente de domingo no estádio Juan Gilberto Funes, cheguei mais cedo para me preparar para os três jogos daquele dia. Logo vi Weiss acompanhado de um sujeito de cabelos compridos e um andar desengonçado. Era Lutz Pfannenstiel, também alemão e ex-goleiro profissional que atuou em todos os continentes durante a carreira. Segundo o Wikipedia, é o primeiro e único ser humano com esta marca. Ele fez questão de me mostrar isso em seu computador portátil com acesso à internet via satélite quando duvidei da afirmação de seu companheiro, que aos risos apresentava-me seu divertido amigo. Desde 2011 Lutz era *scout* do clube alemão TSG 1899 Hoffenheim¹³⁷ e assim definiu seu trabalho: “*Basically, I work buying and selling players*”¹³⁸. Ele não falava espanhol e dizia que dominava melhor o inglês que seu idioma nativo, o alemão. Nós nos tratávamos em

¹³⁷ Turn-und Sportgemeinschaft 1899 Hoffenheim, ou simplesmente Hoffenheim, é um clube de futebol da cidade homônima, sediado no sudoeste alemão e fundado em 1899. Desde 2008 disputa a primeira divisão do campeonato alemão, a Bundesliga.

¹³⁸ Em tradução livre: “Basicamente, eu trabalho comprando e vendendo jogadores”.

inglês. Com Weiss era utilizado o *catellano* e entre eles o alemão era sempre a língua escolhida, o que me deixava um tanto avoado. Numa conversa que reunia todos os três, utilizávamos o inglês.

Para aquela partida o treinador brasileiro mudou um pouco o time brasileiro, ainda que tenha iniciado com o esquema tático de sempre: o 4-2-3-1, com Marcos; Auro, Lucas, Léo Mendes, Ábner; Thiago, Caio; Carlos, Kenedy e Boschilia; Valdir. A diferença que aponto é com relação ao posicionamento do meio campo. Carlos começou à direita, Boschilia à esquerda e Kennedy pelo meio. O Brasil marcou seu gol com Valdir: após jogada de Kenedy e Boschilia pela esquerda, a bola sobrou para Caio de frente para o gol. Ele bateu forte e colocado, tentando deslocar o goleiro, que tocou na bola e a viu bater na trave; ainda viva na pequena área, foi empurrada para as redes pelo camisa 9 do Brasil. Com a arrancada, Valdir sentiu uma contusão no músculo posterior da coxa e foi substituído por Vinícius. O centroavante não atuou mais naquele torneio.



Figura 28: Brasil x Uruguai, Sul-Americano sub 17, San Luis, Argentina, 2013

Ao término da partida, quando me preparava para acompanhar o próximo embate, percebi a presença do treinador brasileiro nas arquibancadas. Decidi, então, interpelá-lo sobre a possibilidade de termos uma conversa. Ele se mostrou solícito e enviei-lhe um e-mail explicando minhas intenções, no mesmo dia. Consegui permissão para acompanhar um breve período de treinamentos da seleção sub 17 já em preparação para o Mundial da categoria somente em setembro daquele mesmo ano, ainda que não através da figura do treinador, que após aquele primeiro encontro mostrou-se muito

reticente às minhas aspirações. Impôs condições para as perguntas que gostaria de lhe fazer, justificando-se que seria preciso antecipá-las e enviá-las primeiro ao assessor de imprensa da CBF. Diante de minha recusa a este tipo de abordagem, o contato esfriou e só foi retomado mais adiante, através do coordenador geral das categorias de base da seleção, Roberto Valdemar.

O ex-goleiro alemão Lutz é figura bastante conhecida no universo do futebol. Além da função de *scout* ele atuava como comentarista da rede multimídia britânica BBC: nesta função já esteve presente em várias e importantes competições futebolísticas como Eurocopa, Copa do Mundo e UEFA Champions League. Foi auxiliar-técnico da seleção da Namíbia e após a saída do comandante principal dirigiu aquele time nacional por um ano, daí seus conhecimentos sobre futebol africano, onde também jogou profissionalmente. É figura com trânsito fluido no meio futebolístico europeu também. Foram incontáveis histórias sobre personagens conhecidos do futebol mundial, inclusive aquelas que versavam sobre o período no qual atuava profissionalmente. Agora com trabalhos fora das quatro linhas as histórias de encontros e reencontros com futebolistas, jornalistas, dirigentes e agentes seguiam. Ele sempre iniciava um “causo” cada vez que nos víamos.

Para que tenhamos uma breve ilustração: certo dia combinei com os dois alemães um almoço antes que Lutz deixasse San Luis¹³⁹. Quando cheguei ao café-restaurant encontrei Weiss lendo o jornal daquele dia e o ex-goleiro em agitada conversa no telefone. Ele falava em inglês com o representante do ex-atacante ucraniano Andryi Shevchenko¹⁴⁰, que à época fazia cursos e preparava-se para tornar-se treinador profissional. Negociava para que Shevchenko fosse até Hoffenheim conhecer a estrutura física do centro de treinamentos e aceitasse a proposta de trabalhar nas categorias de base de sua equipe. Ao que parece, a disputa pela escolha do ex-atacante se dava com outro clube alemão, o Bayer 04 Leverkusen e também com o time que revelou “Sheva”, o ucraniano FC Dynamo Kiev. Lutz acreditava que se conhecesse o local a proposta seria aceita no mesmo momento. Quando instado a falar sobre o CT de seu clube, ele me descreveu um lugar com construções num raio de quilômetros com

¹³⁹ Lutz partiu para Buenos Aires antes do término da competição, entre a penúltima e última rodadas da fase final. Eu e Weiss permanecemos mais alguns dias até que a última rodada fosse jogada.

¹⁴⁰ Andryi Shevchenko foi atacante da seleção ucraniana e de importantes clubes europeus, como Dynamo Kiev, AC Milan e Chelsea FC, entre os anos de 1994 e 2012, quando encerrou a carreira. Foi eleito o terceiro melhor jogador do mundo pela FIFA em 2004.

vários campos, alojamentos, refeitórios e centro médico no meio de uma floresta ao redor de Hoffenheim, pequena cidade que fica entre Stuttgart e Frankfurt, um lugar que recebe e contempla garotos entre doze e dezenove anos. A história mostra como o ex-goleiro tem acesso e relações estabelecidos com pessoas, clubes e seleções nacionais, não sem manter laços com a mídia especializada e também com ex-atletas, dirigentes, outros agentes, *scouts* etc. Lutz contou passagens sobre encontros com jogadores como Cafú, Aldair, Roberto Carlos, Zidane, David Beckham, Figo, Raúl e Zico, todos ex-atletas profissionais de renome mundial. Encontrou-os em eventos comerciais, reuniões administrativas e festas privadas.

Em San Luis, tomávamos o ônibus coletivo na esquina da *calle Bolívar y calle Rivadavia* eu, Weiss, Lutz e os demais argentinos daquela pequena cidade interiorana para ver um jogo de seleções juvenis a cada três dias. Em cerca de vinte minutos de percurso numa estreita rodovia via-se o estádio à direita, com a cadeia montanhosa que caracteriza aquela região ao fundo; na base, a pequena cidade de La Punta, na prática a municipalidade que administra o estádio.

Na segunda rodada da fase final o Brasil enfrentou o time venezuelano, certa surpresa para muitos dada a pouca tradição do país no esporte. A equipe comandada pelo ex-goleiro Roberto Dudamel conseguiu a classificação para o Mundial ao final do torneio sul-americano. Nesta partida, o treinador brasileiro mandou a campo a seguinte formação: Marcos; Auro, Lucas, Eduardo, Ábner; Thiago, Caio; Ewandro, Boschilia, Carlos; Kenedy (4-2-3-1). Iniciaram da maneira como eu e Weiss prevíamos, com Boschilia centralizado no meio de campo. Aos trinta minutos o jogador do São Paulo acertou um bonito chute de fora da área, no canto e sem chances para o goleiro, após boa combinação com Kenedy. Um dado curioso apontado pelo *scout* alemão: havia muitos canhotos na equipe titular do Brasil naquele dia: Eduardo, Ábner, Thiago, Caio, Boschilia, Ewandro e Kennedy, sete ao todo. Aos quinze minutos do segundo tempo o zagueiro brasileiro Eduardo tocou com a mão dentro da área e o juiz marcou pênalti. Jogada controversa e cobrança convertida: 1 a 1 no placar. Depois do gol tomado houve muita intranquilidade no time brasileiro, que não mais conseguiu criar jogadas e ainda foi sufocado pela seleção *vino tinto*¹⁴¹.

¹⁴¹ A expressão refere-se a cor predominante no uniforme da seleção venezuelana, muito assemelhada ao vinho característico da bebida fabricada a partir da uva de cor escura.

No referido gol sofrido pela equipe brasileira nesta última partida, um comentário de Lutz chamou-me a atenção. Logo após o lance atrapalhado do zagueiro Eduardo – tocou com a mão na bola ao tentar dominá-la dentro da área – o *scout* do Hoffenheim disse aos risos: “*I don’t believe it. Did you see what he has done? Everything that he does is awkward*”¹⁴². Já havia sentido certa má vontade com relação ao futebol do camisa 4 nos comentários que ouvia de Weiss e Lutz. Ambos não entendiam como o garoto do Internacional era titular da posição. Weiss inclusive propôs-me, em tom de brincadeira, que tentássemos adivinhar se o garoto era destro ou canhoto, tamanha insegurança demonstrada e certa falta de intimidade ao lidar com a bola. Isso, evidentemente, era a leitura que ambos faziam sobre o jogar do zagueiro. De fato, do que vimos nas partidas, o garoto não inspirou confiança em diversos jogos, ao contrário de seu companheiro Lucas Silva, seguro e sempre muito elogiado.

Em certa medida eu compartilhava a opinião dos dois especialistas, tanto que meses depois, pelas oitavas de final da Copa São Paulo 2014, o São Carlos enfrentou o Inter, período que estava acompanhando de perto o time paulista. Fui então questionado pelo treinador da equipe sobre como jogavam três atletas que já conhecia: além do zagueiro, Roberto pediu-me maiores detalhes sobre outro defensor, Léo Mendes, e sobre o atacante Alisson. Todos fizeram parte do elenco brasileiro no sul-americano etnografado. Talvez influenciado pelo que já havia visto, detalhei a insegurança apresentada pelo defensor. Pois Eduardo fez grande partida aquele dia e mostrou-se muito seguro. Ajudou sua equipe a bater o São Carlos e foram até as semifinais daquele torneio. O breve histórico de Eduardo, nascido em 1996, contradizia todos aqueles julgamentos: foi ao Mundial sub 17 2013 e seguiu sendo convocado até o Sul-Americano sub 20, já em 2015. Nesta categoria, por seu clube, já havia sido campeão brasileiro no final de 2013, então com dezessete anos, sempre como titular. E em 2014 foi alçado para a equipe sub 23 do colorado gaúcho e disputou o campeonato estadual profissional.

Lutz e Weiss trabalhavam juntos naquele torneio, embora cada um com seu objetivo claramente definido. O primeiro não procurava por um atleta específico naquele momento, pois se tratavam de futebolistas muito jovens. Sua equipe ocupava

¹⁴² Em tradução livre: “Eu não acredito. Você viu o que ele fez? Tudo que ele faz é esquisito”.

posição delicada na Bundesliga¹⁴³ e lutava contra o rebaixamento. Preocupado com essa situação, seu trabalho era mapear e escrever relatórios que indicassem uma possível contratação no futuro. Deveria, portanto, especular sobre a capacidade apresentada por aqueles jovens em campo e “marcá-los” como possíveis alvos que sofreriam investidas por parte de seu clube num futuro que, se não distante, àquela altura era imprevisível. Quando perguntado, respondeu que se encontrasse um grande jogador naquele torneio e recomendasse a seu clube, despenderiam não mais que 15% sobre o valor total do contrato do futebolista. Seria um “simples” investimento. Segundo me confidenciou, aqueles não eram jogadores preparados para jogar imediatamente na poderosa liga alemã; era preciso ainda esperar a natural evolução e desenvolvimento de suas carreiras para que um contrato oficial fosse então oferecido.

Lutz era mais afeito às tecnologias: mantinha ligado seu *tablet* com conexão à internet via satélite o tempo todo. Utilizava muito o *twitter* e *facebook* para se comunicar e contatar seus pares. Muitas vezes foi alvo de brincadeiras por parte de seu companheiro alemão por simplesmente não prestar devida atenção às partidas. Weiss confessou-me que após os jogos, quando retornavam ao hotel, Lutz insistia em ler suas anotações sobre o que foi visto em campo durante a tarde/noite. Weiss, ao contrário, era meticoloso e parecia estar mais dedicado. Fazia muitas anotações, detalhava lances e atuações dos jogadores, esquemas táticos utilizados e mudanças entre uma partida e outra. Não era tão afeito às redes sociais e confessou que mantinha um perfil no *facebook* havia apenas alguns meses. Por qual motivo?, lhe perguntei. “*És posible hablar com los chicos, saber sobre sus carreras, contratos y todo eso, quiénes son sus representantes*”¹⁴⁴.

Dos jogadores já conhecidos do último torneio sul-americano para esta faixa etária, lembrando que estamos observando os garotos nascidos entre 1996 e 1997, foram para a Argentina oito atletas que estiveram no Uruguai dois anos antes: o goleiro Marcos (Fluminense); os zagueiros Lincoln (Flamengo), Lucas Silva (São Paulo) e Léo Mendes (Internacional); os meio campistas Caio (Vasco) e Vinícius (Fluminense); e os atacantes Kenedy (Fluminense) e Valdir (Atlético Paranaense). Outros ainda haviam

¹⁴³ Na referida temporada (2012-2013) o Hoffenheim terminou a competição na décima sexta posição com 34 pontos. Para não ser rebaixado à segunda divisão foi preciso disputar um *playoff* (dois jogos, um em casa e outro fora) contra o terceiro colocado da série B, o FC Kaiserslautern. O Hoffenheim venceu ambas as partidas (3 a 1 em casa e 2 a 1 fora) e manteve-se na primeira divisão do futebol da Alemanha.

¹⁴⁴ Em tradução livre: “É possível falar com os garotos, saber sobre suas carreiras, contratos e tudo isso, quem são seus representantes”.

sido chamados mas foram cortados por lesão, como o lateral Anderson Foguete (São Paulo), o meio campista Danilo (Vasco) e o atacante Yan Peter (Internacional). Aqui um ponto importante a ser notado: num grupo de vinte e um atletas oito permaneceram no que se considera a elite do futebol infanto-juvenil jogado no Brasil. Estes futebolistas atuam por seus clubes durante a temporada regular de competições e, em períodos específicos, servem à seleção nacional em treinamentos e competições internacionais. Na seleção uruguaia, como comparação, nove atletas se mantiveram entre os convocados entre 2011, quando defendiam a sub 15, e 2013, já na sub 17¹⁴⁵. O número é quase o mesmo, o que indica o aproveitamento de atletas através dos anos e das diferentes etapas pelas quais passa um futebolista desse nível, por assim dizer. Importante notar que no país vizinho o número de jogadores revelados ano a ano é menor em quantidade se compararmos aos brasileiros – num raciocínio simples, dada nossa população que é quase sessenta vezes maior em números absolutos. No Uruguai, como demonstrado, há um trabalho minucioso de monitoramento dos atletas elegíveis à seleção nacional, trabalho que é facilitado pela disposição geográfica dos clubes uruguaiois – quase todos localizados na capital Montevideu e pela pequena população do país. No Brasil a rodagem é um pouco mais intensa, já que são muitos os clubes a serem observados e diversos os campeonatos disputados, rodagem esta, no entanto, que não se refletiu no grupo da seleção brasileira, que manteve quase o mesmo número de jogadores que a seleção uruguaia.

Falamos na introdução desta tese sobre a disposição da comissão técnica das categorias de base da seleção brasileira em organizar-se a ponto de tentar cobrir um leque maior de clubes e jogadores a serem observados. Trabalho iniciado em meados de 2011 sob a chefia de Ney Franco, à época coordenador desta seção do futebol da CBF. Ao assumir o comando da equipe profissional do São Paulo FC, Ney Franco deixou o cargo vazio por cerca de seis meses, até que no início de 2013 Alexandre Gallo foi escolhido para chefiar as três seleções de base do Brasil: infantil, juvenil e júnior. Em declarações à imprensa especializada, Gallo deixou claro qual era sua prioridade naquele ano: exatamente esta geração que então ocupava a posição de juvenis, já que em 2016 seriam eles a formar a base da equipe sub 23 que disputará os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e que tentará conquistar, pela primeira vez, a medalha de ouro para o

¹⁴⁵ Os atletas uruguaiois que se mantiveram na seleção desde 2011 são: Thiago Cardozo, Joel Bregonis, Fabrizio Buschiazzo, Gonzalo Latorre, Francis D’Albenas, Kevin Mendez, Facundo Silva, Elías Gonzalez e Marcio Benitez.

Brasil. Em outubro de 2013, após conseguir a classificação neste sul-americano, a seleção brasileira viajou até os Emirados Árabes Unidos para disputar o mundial da categoria. Foi eliminada pelo México nas quartas-de-final. Os uruguaios também caíram nesta fase, ante a seleção campeã do torneio – a Nigéria.

Aponto agora uma breve descrição desses jogadores que permaneceram no grupo da seleção brasileira seleção juvenil desde a categoria infantil. A percepção indica a visão do etnógrafo sobre o jogar dos atletas e como, de maneira geral, eles atuaram no período analisado (2011-2013), baseada tanto nas minhas próprias impressões, como aquelas alimentadas a partir da conversa com os que acompanhavam aquele grupo (membros de comissões técnicas dos clubes pelos quais alguns atletas atuavam, membros das comissões técnicas das seleções brasileiras de base, familiares e *scouts*). É preciso ressaltar que apenas alguns aspectos sobre este jogar são possíveis de serem retratados aqui, ainda que brevemente, e não sem estar viciados pelo olhar do pesquisador. Evidentemente, falta ao antropólogo o registro de uma dimensão da experiência nativa “que a antropologia não pode abordar simplesmente pela visão e pela linguagem, pois requer que o pesquisador esteja vinculado ao registro cinestésico pelo qual ele se dá a conhecer” (Sautchuk, Idem: 20), algo que nos falta. Ainda assim, seguimos.

- Marcos (13/04/1996), goleiro, manteve-se como titular da meta brasileira. É bastante alto, seguro e com boa capacidade de liderança – sempre ouvia o garoto falar com sua defesa várias vezes durante os treinamentos e jogos. Em 2013 foi alçado à equipe profissional e passou a treinar ao lado dos goleiros adultos que defendem sua equipe, o Fluminense. Sempre foi visto como muito seguro em treinamentos e competições que etnografei (essa era a visão de dirigentes, treinadores, treinadores de goleiros e *scouts* com quem conversei). Em linhas gerais, neste trabalho nos dedicamos a observar e analisar o desempenho e o desenvolvimento da carreira de futebolistas “de linha”, ou seja, aqueles que atuam entre os dez atletas que não podem utilizar as mãos. Os goleiros têm funções muito peculiares, pela posição que ocupam e restrições/permisões sobre o que podem ou não fazer, de modo que não temos a pretensão de analisá-los da mesma forma que os demais atletas “de linha”.

A etnografia nos mostrou como os goleiros são preparados de modo específico e completamente distinto dos demais. Mesmo assim, foi possível perceber a segurança

demonstrada por Marcos defendendo a seleção brasileira. Em todas as partidas acompanhadas neste sul-americano sub 17 nas quais tive a companhia de Lutz Pfannenstiel procurei pedir sua opinião sobre o desempenho dos goleiros. O ex-profissional do gol elogiou Marcos e considerou-o como um dos melhores da competição.

- Lincoln (03/07/1996), zagueiro, foi titular da defesa brasileira em 2011 e reserva em 2013. Continuava, então, a defender o CR Flamengo. Canhoto, seguro e com espírito de liderança: assim é o calmo zagueiro que foi capitão da equipe na última partida da primeira fase do sul-americano sub 17, quando o Brasil já estava classificado e o treinador optou por poupar a maioria dos jogadores que até então vinham sendo titulares. Em mais de uma oportunidade foi possível ver o treinador chamando Lincoln no banco de reservas para detalhar o posicionamento dos companheiros de zaga durante a partida. Ele apontava para Eduardo e Lucas Silva, os titulares, e conversava com o garoto expondo-lhe alguma situação de jogo específica.

- Lucas Silva (23/03/1996), zagueiro, manteve-se como capitão da seleção brasileira nas duas competições. Muito tranquilo e com bom cabeceio, é um zagueiro bastante técnico, o que implica dizer que ele geralmente “arredonda” as bolas que lhe chegam normalmente espirradas, ou seja, envoltas em reboliços e efeitos em torno de si mesma, fruto de disputas ríspidas entre os atacantes adversários e seus demais companheiros de defesa. Lucão, seu apelido na seleção, era o porta-voz do treinador dentro de campo, aquele que acalmava ou que inflamava os colegas de equipe quando preciso e o que recebia e transmitia as ordens vindas do banco de reservas.

- Léo Mendes (15/02/1996), zagueiro, foi reserva em ambos os torneios. Em 2011 o treinador Marquinhos Santos chegou a utilizá-lo na posição de volante, quando intentava retrair um pouco mais a equipe, apostando na boa capacidade de marcação do alto zagueiro. Em 2013 ele atuou por poucos minutos, sempre na zaga. Foi preterido por Eduardo, que não esteve no Uruguai em 2011, mas que desta vez formou a defesa titular ao lado do capitão Lucas Silva.

- Caio (28/02/1996), meio campo, vestiu a camisa 10 neste torneio e manteve-se como titular da seleção. Antes um clássico meio campista canhoto, aquele tido como responsável por “pensar” o jogo e armar a equipe, desta vez atuou na maioria das partidas de modo um pouco mais recuado, na linha de volantes, uma ideia que surgiu na

cabeça do treinador tanto pelas outras opções da equipe como pelas próprias características do atleta, que renderia mais atuando de frente para o gol, algo que um posicionamento mais retraído pode proporcionar. Função inédita para Caio, futebolista que acompanhei também nos clubes – Vasco da Gama e o Penapolense. O fato é que por diversas vezes no segundo tempo dos jogos Caio era deslocado de volta ao seu lugar natural, a posição mais centralizada no meio de campo da equipe. No geral ele não repetiu as boas atuações de dois anos antes e fez um torneio abaixo do que era esperado.

- Vinícius (28/09/1996), meio campo, era o camisa 10 em 2011 e que desta vez vestiu a 7. Iniciou o torneio como titular e aos poucos foi perdendo espaço, embora quase sempre tenha participado dos jogos. No sub 15 Vinícius esbanjava força física e preparo técnico a cada toque na bola. Muito superior aos marcadores, foi destaque daquela conquista. Em 2013 mostrou-se um pouco mais nivelado aos adversários, embora ainda sendo um atleta com boas capacidades técnicas, seja nos dribles, seja no conduzir/bater (n)a bola. Sua força física, no entanto, já não fez tanta diferença como quando atuava entre os infantis. Algumas vezes abusou das jogadas individuais e foi possível ouvir as broncas do treinador por tal comportamento durante as partidas.

- Kenedy (08/02/1996), atacante, foi talvez o atleta que apresentou a maior “evolução” em seu futebol. Embora esta palavra seja delicada e ao mesmo tempo perigosa, ela nos ajuda a entender os motivos que modificaram seu jogo: trata-se de um atacante que em 2011 pouco atuou, tendo marcado um único gol entrando no final de um jogo e que em 2013 foi titular, de início em sua posição – atuando aberto pelo lado direito, próximo a linha lateral – e depois como centroavante, centralizado. Anotou seis gols, o maior goleador do Brasil, e mostrou muitos atributos: como dito, atuou por diferentes posições no ataque, exibindo características de velocistas que atuam pelos lados do campo e faro de gol quando jogou mais centralizado. Também marcou um gol de falta durante a fase final, batendo de modo colocado, encobrindo a barreira. Após o torneio, foi movido para a equipe profissional do Fluminense por Abel Braga, então seu treinador. Vanderley Luxemburgo assumiu o comando da equipe em julho de 2013 e o garoto continuou entre os profissionais, inclusive entrando no segundo tempo em alguns jogos.

- Valdir (06/01/1996), atacante, foi o artilheiro e dono da camisa 9 no torneio sub 15 em 2011 e seguiu como titular do ataque brasileiro em 2013. Com o imbróglgio que envolveu sua saída do Vasco após aquela disputa no Uruguai, Valdir ficou alguns meses

sem jogar, impedido de atuar pelo seu novo clube, o Clube Atlético Paranaense. O treinador da seleção sub 17 então foi até Curitiba para checar de perto a situação do futebolista. Foi convocado e fazia bom torneio até machucar-se na primeira partida da fase final contra o Uruguai, o que significou, na prática, a titularidade de Kenedy como centroavante a partir dali. Valdir apresentou, novamente, boa técnica e bom posicionamento na área, características muito importantes para um atacante.

A terceira rodada do hexagonal final trazia o maior e mais aguerrido clássico sul-americano, Brasil x Argentina. O jogo foi disputado numa noite fresca de domingo e o estádio estava completamente lotado: foi possível perceber isso no decorrer das outras duas partidas, que foram jogadas como preliminares daquele grande encontro. A animação e energia das arquibancadas iam crescendo na mesma proporção que a lua cheia tomava conta do céu de San Luis, nascendo por detrás das montanhas da região. Um pouco antes, porém, tivemos o jogo Venezuela 2 x 1 Peru. Assistia junto a Weiss e Lutz quando o primeiro levantou-se e cumprimentou um amigo. O tipo se chamava Paolo, um argentino de nascimento que trabalhou por cinco anos no FC Barcelona e, à época, tinha a posição de *scout* do clube inglês Manchester City FC. Paolo era o responsável por acompanhar competições de futebol de base e analisar jogadores em seu próprio país, no Chile e também Uruguai. Eu o havia visto desde a primeira fase, em Mendoza, e suspeitava de sua real condição, se agente ou jornalista que cobria o evento. Quando Weiss lhe ofereceu um papel com as escalações das seleções que jogariam aquela partida, material oficial da Conmebol, ele desdenhou e justificou-se sobre venezuelanos e peruanos: “*No, estos no. Son todos malos*¹⁴⁶”, sobre a qualidade daqueles jovens futebolistas. Para Paolo, portanto, aqueles jovens jogadores não tinham condições de atuar num clube como Manchester City, que disputa duas das principais competições europeias – UEFA Champions League e Premier League¹⁴⁷ - e também não teriam como se desenvolver a ponto de atingir o subjetivo nível pré-estabelecido por aquele *scout*. Seu desdenho indicava certa soberba que não vi em Weiss, para quem cada jogo importava, e muito. Como já apontado, sua dedicação e atenção prestada aos futebolistas durante todas as partidas era notável e suas análises pareciam bastante completas e organizadas, como veremos na sequência deste capítulo.

¹⁴⁶ Em tradução livre: “Não, estes não. São todos ruins”.

¹⁴⁷ Premier League é o modo como a primeira divisão do campeonato inglês também é conhecida.

Para aquela partida o time brasileiro foi modificado mais uma vez: Gustavo voltou à equipe e entrou também o lateral esquerdo Matheus, que ainda não havia jogado; com isso, Ábner foi deslocado para a linha do meio de campo, do lado esquerdo. Tivemos a equipe, então, com Marcos; Auro, Lucas, Eduardo, Matheus; Gustavo, Thiago; Carlos, Caio, Ábner; Kenedy (4-2-3-1).



Figura 29: Brasil x Argentina, Sul-Americano sub 17, San Luis, Argentina, 2013

Logo no início foi possível perceber que o Brasil não teria sossego naquela noite: a empolgação era grande e o ânimo da torcida contagiava ainda mais os jogadores da casa. Bastava que um jogador de amarelo tocasse na bola para que vaias e mais vaias fossem ouvidas. Em dado momento, Lutz comentou: “você deve ser o único brasileiro no estádio, além dos atletas”. Num primeiro momento concordei com aquela afirmação, que fazia com que a situação dos jovens futebolistas em campo ficasse ainda mais difícil, pela falta de apoio e suporte do lado de fora do campo, para além dos companheiros no banco de reservas. Mas ao olhar alguns degraus abaixo, um pouco à direita, pude ver os pais de alguns dos jogadores que, não se importando com os gritos dos adversários e as vaias a eles direcionadas cada vez que se levantavam das cadeiras, tentavam empurrar os pupilos, mesmo não sendo escutados, em meio a um mar azul e branco de pequenas bandeiras agitadas ao vento. Como pude esquecer-me, mesmo por alguns segundos, do suporte primeiro e mais importante para quase todos os jovens aspirantes a futebolistas profissionais? Respondi, então, ao *scout* alemão: “Não sou o único, tem os pais dos jogadores”. Lutz concordou: “É verdade, você não está sozinho”.

Creio que a afirmação que melhor cabia àquele momento seria: “eles não estão sozinhos” e, evidentemente, não por minha presença, distante e quieta, mas a de seus pais, irmãos e tios, que de tão barulhenta e efusiva tornava-se próxima. No próximo capítulo falaremos sobre as diferentes maneiras de apropriação dos “espaços futebolísticos” e como essa percepção pode nos ajudar a mapear as movimentações de jovens atletas no universo do futebol.

A seleção começou o jogo um pouco assustada e retraída, cometendo muitas faltas, principalmente nas laterais. Nos últimos quinze minutos do primeiro tempo a equipe nada criou. Um 0 a 0 bastante *aburrido* (entediante). No segundo tempo, após algumas mudanças, o time deu sinais de reação e passou a incomodar o adversário. Carlos, mais uma vez, foi deslocado para o lado esquerdo, Caio parecia jogar do centro para a direita e Vinícius, do centro para a esquerda. Em meio aos gritos de “*vamos, vamos, Argentina, vamos, vamos, a ganar*” o jogo melhorou muito no segundo tempo. Algumas chances criadas para os dois lados, sendo que as argentinas foram mais claras. A partida seguiu equilibrada até o final, quando um defensor da equipe da casa ainda foi expulso e o árbitro encerrou o encontro: 0 a 0 com dois tempos bastante distintos.

Chegamos, então, a última rodada da fase final daquele sul-americano. A seleção brasileira enfrentou os peruanos com cinco jogadores lesionados e mais Ábner suspenso pelo acúmulo de cartões amarelos. Jogou com John Victor; Jéferson, Lucas, Eduardo, Auro; Gustavo, Thiago; Vinícius, Caio e Carlos; Kennedy (4-2-3-1). A equipe conseguiu controlar a posse da bola e dominou as ações na maior parte do jogo, embora sem criar chances claras de gol. Até os trinta minutos, por exemplo, havia dado somente um chute ao gol, com o atacante Kenedy. Ao mesmo tempo, o Peru não ameaçava a defesa brasileira. Ainda na primeira etapa o treinador brasileiro sacou Caio e colocou o atacante Ewandro, por opção. O meio campista do Vasco, de fato, não teve boa participação na competição e naquele momento o *scout* da Rogon confessou-me: “*Caio está fuera de mi lista*¹⁴⁸”, indicando que em sua opinião o garoto não seria recomendado para possíveis futuras transações. Logo à frente veremos com mais detalhes a apreciação geral deste *scout* sobre jogadores e o próprio torneio.

A primeira etapa foi realmente insossa: ambas as equipes pareciam desinteressadas no jogo. O Brasil controlava a bola, embora com pouca efetividade. Na

¹⁴⁸ Em tradução livre: “Caio está fora da minha lista”.

volta para o segundo tempo Jéferson inverteu sua posição com Auro e passou a jogar como lateral esquerdo. Aos oito minutos Kenedy faz um gol de falta: lado direito, pé esquerdo na bola, sobre a barreira, colocado mas com força. Um belo gol. O segundo veio somente aos quarenta minutos após centro para área de Jéferson e cabeçada de Ewandro, em projeção e já na linha da pequena área. Antes do final ainda houve tempo para o Peru diminuir o placar, finalizando o resultado em 2 a 1.

Acompanhar as partidas daquela competição juvenil ao lado de dois especialistas em futebol, profissional e de base, foi bastante interessante. O que procuravam observar e suas avaliações e seus olhares sobre o que se passava em campo enriqueceram a forma com que este trabalho analisou aquelas partidas. Houve reciprocidade nas conversas: assistimos a quase todos os jogos juntos e conversávamos muito. Lutz e Weiss me questionavam sobre os atletas brasileiros, se os conhecia e desde quando. Lutz, inclusive, propôs-me um questionário sobre os brasileiros que lhe chamaram a atenção. Durante uma das rodadas da fase final fez-me exprimir minhas impressões sobre alguns atletas, àqueles que a seus olhos fizeram um bom torneio (Marcos, Auro, Lucas Silva, Léo Mendes, Ábner, Gabriel Boschilia, Valdir, Caio, Ewandro, Carlos e Kenedy). Ele queria saber sobre suas posições ocupadas em campo, pontos fortes e fracos, se já jogavam nos times profissionais. Pareceu se importar com a parte técnica, questionando-me sobre suas qualidades na condução de bola, cabeceio, velocidade, força e se eram destros ou canhotos, bem como suas capacidades com a “perna ruim”, mas também importava-se com a parte física. Sacou seu *tablet* da mochila do companheiro e passou a digitar freneticamente minhas impressões sobre aqueles atletas. Tudo o que eu falava era escrito na máquina e as informações eram arquivadas para uma consulta futura.

Weiss não foi tão incisivo em suas perguntas como Lutz. Ele preferia acompanhar as partidas com seu inseparável binóculo e o caderno de anotações e sempre propunha comparações entre os estilos apresentados pelas diferentes seleções. Fazia referências às demais competições que havia observado na América Latina e pedia minha opinião sobre algumas jogadas específicas que se passavam dentro de campo. O fato é que conversávamos muito durante os jogos, trocávamos conhecimentos e noções sobre o que pensamos sobre futebol e fazíamos referências a lances parecidos que se passaram em outras ocasiões na história deste esporte.



Figura 30: Uli Weiss, acompanhando uma partida da fase final do Sul-Americano sub 17 ao lado de jovens garotos argentinos, San Luis, Argentina, 2013

Na rodada derradeira Weiss me propôs uma tarefa que mais parecia um desafio: estipular altura e peso para os atletas. Interessante sua preocupação que representa, na prática, a busca por pontos positivos e negativos em relação às características físicas dos futebolistas. Em geral as seleções não divulgam tais dados. É verdade que nesta idade os atletas crescem e ganham peso muito rápido, já que estão em fase de crescimento e desenvolvimento de seus corpos, no entanto, os números são tratados quase como segredos. Tentei por várias vezes consegui-los com membros da comissão técnica da seleção brasileira, sempre em vão. Desculpas foram dadas e a CBF passava a responsabilidade dos números aos clubes dos atletas, que alegavam sigilo. Com isso, nos restou a ingrata tarefa de tentar estipular centímetros e quilos com a ajuda de um binóculo, desde as arquibancadas do estádio Juan Gilberto Funes. Weiss comparava os atletas entre si quando de um escanteio, por exemplo, já que naquele momento os jogadores ficavam lado a lado e então era mais fácil estabelecer um padrão e inferir números.

Antes mesmo de questioná-los sobre o que consistia na prática, exatamente, aquele trabalho, procurei observar como agiam os *scouts* num dia de jogo. Durante a fase final da competição tínhamos rodada tripla, na qual as seis seleções se enfrentavam em busca do título e das quatro vagas para o mundial da categoria. Lutz não se mostrava tão interessado nas partidas quanto seu colega, principalmente porque, como apontado, ele não buscava contratar um atleta imediatamente. Tirava fotos e passeava pelo estádio.

Depois se apoiava nas observações do amigo, que fazia relatórios bastante completos, com muitas informações. Este tomava, de dentro da mochila, uma folha em branco que continha apenas um campo de futebol desenhado em cores suaves, quase imperceptíveis. A partir daí começava a posicionar os atletas de acordo com suas funções e áreas de atuação em campo, nome por nome. A cada ação ele anotava se aquela tinha sido uma participação positiva ou negativa: um bom chute, um bom passe, um bom domínio ou então um passe mal executado, um gol perdido, uma falha na defesa. Ao final de cada partida aquela folha outrora vazia exibia então um sem número de rabiscos, símbolos e pequenos excertos, em alemão e espanhol. De todo este trabalho resultava um relatório bastante completo sobre os torneios e os atletas, submetido a sua empresa.

Num dos encontros que tive com Weiss fora do ambiente da competição – num café em San Luis – ele comentou que trazia consigo um relatório sobre o Campeonato Mundial sub 17 2011, realizado no México. Eram mais de cem páginas de um documento que, segundo ele, se mostrava bastante completo, com o relato de todas as partidas observadas nos estádios – ele alugara um carro para percorrer o país vendo os jogos. Trazia as posições dos atletas e os esquemas táticos utilizados pelas equipes, as ações positivas e negativas, substituições, números das partidas, algumas estatísticas e uma análise geral de cada jogo¹⁴⁹, exatamente o trabalho que estava realizando naquele torneio. Além disso, atribuiu notas aos atletas de acordo com dez critérios diferentes: precisão do passe, qualidade de ambas as pernas, drible, único toque na bola quando pressionado, cabeceio, controle da bola, rapidez nas ações, produtividade nos duelos 1 x 1, inteligência e criatividade, posicionamento e antecipação. As notas iam de 1 a 6, sendo 1 (top), 2 (muito bom), 3 (bom), 4 (regular), 5 (moderado), 6 (mal) e 0 (sem nota). Weiss emprestou-me o relatório e pediu muito cuidado, já que aquela era a única cópia que trazia consigo na Argentina. Li e reli o documento e fiz algumas anotações, lhe devolvendo após dois dias.

¹⁴⁹ Neste caso tratava-se de um relatório que trazia informações sobre quase todos os jogos que foram acompanhados *in loco* pelo *scout*. Foram mais de vinte partidas espalhadas por todo território mexicano. Havia também informações detalhadas sobre as atuações dos atletas nesses jogos, dados estatísticos, impressões gerais e as características de jogo dos futebolistas. Ao final ainda classificava os atletas de acordo com suas possibilidades: se *top players*, foram apontados como passíveis de serem contratados imediatamente; se classificados um pouco abaixo, tratava-se de jogadores com muito potencial, mas que era preciso ainda esperar maior maturação e desenvolvimento de suas capacidades de jogar; e ainda uma terceira classificação, a qual trazia os atletas que possuíam algumas boas qualidades e sob os quais era preciso manter-se atento e acompanhando seu desenvolvimento, mas sem grandes esperanças sobre seu futebol no futuro.

No documento ele elegeu sua seleção do torneio, inclusive com os reservas e, em alguns casos, até uma terceira opção. Também apontou uma avaliação específica dos jogadores, a partir do que chamou de “*Apreciación del potencial y de la perspectiva*”¹⁵⁰, ou seja, propôs-se a especular sobre o futuro das carreiras dos jovens futebolistas. Exemplos: sobre Adryan (CR Flamengo), que fez um grande torneio, mas que depois não se destacou entre os profissionais, ao menos não como se esperava, escreveu:

“el mejor 10 de este mundial, muy constante, cinco goles, dos assistências. Desgraciadamente no jugó la semifinal contra Uruguay debido a la segunda amarilla. Su estilo de jugar hace pensar a Messi, perfecta técnica, flerte com los dos piés, actúa com rapidez extraordinária, efectúa los dribles com alta velocidade y com él balón pegado a los piés, buen sentido para el momento adecuado para pases hasta la punta, avanza bien cortando los espacios siempre buscando la pared. También en la defensiva atento y concentrado, sin embargo carece todavia de fuerza física”¹⁵¹.

Sobre Marquinhos, zagueiro que surgiu muito bem nas categorias de base do Corinthians e que depois confirmou as expectativas sobre seu jogar. Entre 2012 e 2013 esteve emprestado a AS Roma e já no primeiro ano de campeonato italiano alcançou a titularidade. Na metade de 2013, quando a temporada europeia foi encerrada e surgiam as já esperadas especulações sobre transferências de atletas, assinou contrato com o francês Paris Saint-Germain (PSG) por cerca de € 32 milhões. Escreveu o *scout* da Rogon:

“El mejor defensor central del mundial, más completo que todos. El zurdo casi no se equivoca, tampoco com la derecha. Com tranquilidad abre el juego, también com buenos pases rasos que filtran la defensa adversaria. El juego aéreo a nível mundial; en los duelos en la defensa busca el contacto y barre con astucia (impede muchos disparos); incluso cuando todo está todo perdido (0-3 Uruguay) se destaca como

¹⁵⁰ Em tradução livre: “Apreciação do potencial e da perspectiva”.

¹⁵¹ Em tradução livre: “O melhor camisa 10 do mundial, muito constante, cinco gols, duas assistências. Infelizmente não jogou a semifinal contra o Uruguai devido a suspensão por cartão amarelo. Seu estilo de jogo nos lembra Messi, técnica perfeita e utilização dos dois pés, atua com rapidez extraordinária, efetua os dribles em alta velocidade e com a bola junta aos pés, bom senso para passes laterais, avança bem cortando espaços e buscando a tabela. Também é atento na parte defensiva e concentrado, no entanto carece um pouco de força física”.

motor perpétuo com grand ansiedade de ganar, correcto, professional, mide sólo 180 centímetros. No obstante um jugador de fueraclase¹⁵²”.

Sobre Ademílson, que brilhou nas categorias de base do São Paulo e também na seleção brasileira:

“El aríete brilló com uma enorme efectividad (cinco goles, dos assistências), técnica fina, bien com ambos piernas (dos goles con izquierda), buen cabezazo. En el área controla com astucia a pesar de una marcación estrecha (1-0 Ecuador y 2-0 Japão: control perfecto, el segundo contato es gol), buen sentimiento para el espacio, actúa rápido y com varias fintas, siempre listo para recibir la pelota, se desmarca bien; con eficacia y sin egoísmo toca directo para los que vienen desde atrás, variado em la pared, único defecto: el trabajo defensivo. Un atacante perfecto¹⁵³”.

Após este torneio Ademílson figurou na equipe profissional de sua equipe, embora sem grande destaque. Costumava ser reserva e somente utilizado quando outros atletas não podiam atuar – por suspensão ou contusão.

Ao final do relatório Weiss trazia um resumo geral do torneio, falando sobre tática e individualismo, novidades, surpresas e decepções. E escreveu:

“Un torneo de alto nível, especialmente a partir de los octavos con jugadores que aparecerán de nuevo en el mundial 2014 en Brasil. Em las canchas de México un montón de jugadores supieron impresionar

¹⁵² Em tradução livre: “O melhor defensor do mundial, mais completo que todos. O canhoto quase nunca se equivoca, tampouco com a perna direita. Sai jogando com tranquilidade e com passes rasteiros que se infiltram na defesa adversária. Seu jogo aéreo tem nível mundial. Nos duelos na defesa busca o contato e trava com astúcia (impede muitos disparos ao gol); mesmo quando tudo parece perdido, como na semifinal diante do Uruguai (Brasil 0 x 3 Uruguay) se destaca como motor perpétuo com grande vontade de vitória, correto, profissional e mede apenas 1,80 metros. Mesmo assim, é um jogador fora de classe”.

¹⁵³ Em tradução livre: “O artilheiro brilhou com enorme efetividade (cinco gols, duas assistências), técnica fina, bem com as duas pernas (dois gols com a perna esquerda), bom cabeceio. Dentro da área controla a bola com astúcia mesmo com marcação apertada, boa noção de espaço, atua rápido e com muitos dribles, sempre pronto para receber a bola, se desmarca bem; com eficiência e sem egoísmo toca direto para os que vem de trás para fazer a tabela. Único defeito: a parte defensiva. Um atacante perfeito”.

*gracias a su técnica estupenda. Ojalá que puedan desarrollar su talento con ambición y que la gloria y el dinero no tengan una mala influencia*¹⁵⁴”.

O *scout* também me forneceu uma folha de avaliação que ele tinha de preencher e entregar como parte de seu relatório de observações a sua empresa de agenciamento de jogadores. Escrito em alemão e espanhol, o documento trazia uma série de informações sobre a visão que teve acerca do potencial e do real aproveitamento da participação de futebolistas em um torneio como este. Temos, a seguir, sua reprodução:

¹⁵⁴ Em tradução livre: “Um torneio de alto nível, especialmente a partir das oitavas de final, com jogadores que aparecerão no mundial do Brasil em 2014. Nos gramados do México muitos jogadores souberam impressionar graças a uma técnica estupenda. Oxalá possam desenvolver seu talento com ambição e que a glória e o dinheiro não tenham má influência”.

Spielerbeurteilung Feldspieler

Avaliação de jogador de campo



Name des Spielers - nome do jogador

Nationalität - nacionalidade

Geburtsdatum - data de nascimento

Scout - observador

Beobachtet am - observado no dia

Verein - clube

Live-Begegnung - jogo ao vivo Training - treino DVD / TV-Spiel - jogo ao tv Best of Video

Position - posição

Stammspieler - titular ja - sim nein - não

Einwechsellspieler ab Minute
reserva entrou aos minutos

Rechtsfuß Linksfuß Beidfüßig*
chuta com pé direito chuta com pé esquerdo chuta com ambos

(*): Wenn beidfüßig bitte stärkeren Fuß ebenfalls ankreuzen.
Se chutar com os dois pés, favor assinalar também o pé mais forte.

Alle nachfolgenden Positionen müssen mit Noten bewertet werden. (entsprechendes bitte einkreisen)

Todos os itens seguintes devem ser avaliados com notas (faça um círculo ao redor do que corresponder)

0 = keine Bewertung möglich 10 = absolute Spitzenklasse 9 = überragend 8 = stark 7 = gut 4 = Durchschnitt 2 = schwach
0 = não há como avaliar 10 = craque excepcional 9 = destacado 8 = forte 7 = bom 4 = média 2 = fraco

Körperliche Voraussetzungen - condições físicas		0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																		
Sprint 10m - corrida 10m		<input type="checkbox"/>																		
Sprint 20m - corrida 20m		<input type="checkbox"/>																		
Ausdauer - resistência		<input type="checkbox"/>																		
Beweglichkeit - mobilidade		<input type="checkbox"/>																		
Robustheit - robustez		<input type="checkbox"/>																		

Technische Voraussetzungen - condições técnicas		0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																		
Grundtechnik- fundamentos		<input type="checkbox"/>																		
Schusstechnik- técnica de chute		<input type="checkbox"/>																		
Flanken - cruzamentos		<input type="checkbox"/>																		
Passspiel - qualidade do passe		<input type="checkbox"/>																		
Kopfball offensiv- cabeçada ofensiva		<input type="checkbox"/>																		
Kopfball defensiv- cabeçada defensiva		<input type="checkbox"/>																		

Taktisches Verhalten - comportamento tático		0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																		
Anspielbarkeit- disponível para jogo		<input type="checkbox"/>																		
Positionsspiel - posicionamento		<input type="checkbox"/>																		
Spielübersicht - visão de jogo		<input type="checkbox"/>																		
Kombinationsspiel- combinações/labelas		<input type="checkbox"/>																		
Zweikampf offensiv- dribble / dividida ofensiva		<input type="checkbox"/>																		
Zweikampf defensiv- desarmamento / dividida defensiva		<input type="checkbox"/>																		

Sonstige Merkmale - outras características		0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10																		
Handlungsschnelligkeit- velocidade de reação		<input type="checkbox"/>																		
Präsenz / Persönlichkeit- presença / personalidade		<input type="checkbox"/>																		
Wille / Einsatzbereitschaft- vontade / garra		<input type="checkbox"/>																		
Kreativität- criatividade		<input type="checkbox"/>																		
Teamspieler - jogador de equipe		<input type="checkbox"/>																		
Zielstrebigkeit - determinação		<input type="checkbox"/>																		

aktuelles Ranking - ranking atual > 2,0 = BL-ungeeignet - jogador inadequado nível Bundesliga
 2,0 - 3,5 = BL-Ergänzungsspieler - jogador complementar nível Bundesliga
 4,0 - 5,5 = BL - Niveau - jogador nível Bundesliga
 6,0 - 7,5 = BL-Spitzenspieler - jogador excepcional nível Bundesliga
 8,0 - 10 = BL-Internationaler Topspieler - jogador excepcional classe Internacional nível Bundesliga

perspektivisches Ranking - perspectiva de ranking

Bemerkungen - observações

Figura 31: Folha de avaliação da agência de jogadores Rogon

Notemos os atributos observados:

- a) Condições físicas: corrida de 10 metros, corrida de 20 metros, resistência, mobilidade e robustez;

- b) Condições técnicas: fundamentos técnicos, técnica de chute, cruzamentos, qualidade do passe, cabeçada ofensiva e cabeçada defensiva;
- c) Comportamento tático: disponível para o jogo, posicionamento, visão de jogo, combinações/tabelas, drible e desarmamento;
- d) Outras características: velocidade de reação, presença/personalidade, vontade/garra, criatividade, jogador de equipe e determinação.

Analisemos, então, as quatro subcategorias elencadas pela empresa de agenciamento. Muitas se baseiam no conhecimento tácito que os observadores detêm de acordo com seus conhecimentos futebolísticos. Notemos que é exigido de um observador certa experiência no trato com futebolistas. Somente assim, de acordo com a *Rogon*, é possível obter uma apreciação mais detalhada e apurada sobre a capacidade de um jovem futebolista vir a ser profissional. Caso nos debruçemos sobre o que a agência considera como “condições técnicas”, por exemplo, deixamos a pergunta: como avaliar a “técnica de chute” de um jogador? E a “qualidade do passe”? Voltando às palavras de Weiss quando questionado sobre o meio campista brasileiro Caio, ele disse tratar-se de um bom jogador, mas que ainda lhe faltavam rapidez nas ações – principalmente nos passes – e qualidade para efetuar-los, já que a maioria de seus toques fazia com que a bola chegasse ao companheiro sem a exigida qualidade. Para ele, Caio passava a bola quicada na maioria das vezes, o que retarda uma jogada, já que o companheiro precisa dominar o artefato antes de dar seguimento ao jogo. Isso pode atrasar a armação de um ataque e prejudicar a busca pelo gol. Em relação às condições físicas, o olhar do *scout* deve procurar, de maneira geral, atributos que diferenciem os futebolistas entre si de acordo com tamanho (peso e altura), velocidade, resistência e constância durante toda a partida. Vimos como Weiss buscava medir o tamanho dos futebolistas com a ajuda de um binóculo, comparando um e outro jogador em escanteios, quando quase todos estão lado a lado. Lutz também fez questão de saber, quando instou-me a falar sobre os brasileiros da seleção sub 17, sobre a parte física (“*Is he strong? Do you think that he has toughness?*”¹⁵⁵). Isso, inclusive, pode ser fundamental para a sequência da carreira de um futebolista: às vezes o tamanho para certa idade e determinada posição não condizem com o que é esperado e um futebolista pode ser esquecido. Mas vejamos que

¹⁵⁵ Palavras de Lutz enquanto conversávamos. Em tradução livre: “Ele é forte? Você acha que ele tem força e determinação?”.

ambos se utilizam de critérios subjetivos para aferir tais características, pela falta de dados oficiais ou mesmo ferramentas mais detalhadas que lhes ajudassem na tarefa.

O comportamento tático talvez favoreça a observação mais tangível, já que, como vimos, este assunto tem sido cada vez mais explorado e inculcado desde o futebol de base, e isso vale para treinadores e atletas. São formas estabilizadas e esquadrihadas que nos apresentam um jogo metrificado, estabelecido e conhecido, mas que entrará em movimentação assim que a bola rolar. É até mesmo possível que clubes intensifiquem o diálogo sobre este assunto, congregando diferentes comissões técnicas e diretoria, a fim de estabelecer uma maneira única, ou esquemas de jogo (no geral, não mais que três) que serão treinados e colocados em prática quando de uma partida. A racionalização e estabilização seguem no caminho de se produzir uma forma geral de jogo, por entre as categorias, e à medida que futebolistas e treinadores circulam já sabem o que fazer e como proceder. Evidentemente a dificuldade é imensa para seguir um programa como esse num ambiente de tanta mobilidade e fluidez, especialmente em clubes – em ambientes de seleções esse processo ocorre mais constantemente, como vimos pelos exemplos da etnografia.

Seguimos com a análise. Temos as categorias “jogador de equipe” e “personalidade”. Não é possível medir isso sem conhecer o dia-a-dia dos atletas, assim nos parece. Ao observar uma partida pode-se, sim, inferir sobre quão comprometido é um atleta dentro de campo na ajuda aos companheiros para buscar a vitória. Mas e fora de campo, seara tão importante num ambiente futebolístico? Somente através de um contato mais próximo com o clube pelo qual o atleta joga, com a família e amigos, agentes e com o próprio jogador é possível traçar algum tipo de perfil e, assim, indicá-lo como possível boa contratação.

Como visto, o trabalho de um *scout* pressupõe a utilização de muitos números. Não somente, é claro, mas utiliza-se de diversos dados numéricos tomados como informação pura. Ao mesmo tempo, se propõem a analisar e definir fatores mais intangíveis como os que apresentei aqui. Há um certo choque entre as práticas que nos mostram uma característica peculiar do futebol de base porque ele opera por distintas áreas do conhecimento, baseando-se ora em aspectos mais mundanos e palpáveis, passíveis de medição e contabilidade, ora em fatores mais subjetivos e que escapam à objetivação e à prática. Basta que analisemos, no futuro, as projeções feitas – como as

do relatório de Weiss em um torneio de dois anos antes – e então é possível perceber como as coisas podem se mostrar diferentes com o passar do tempo.

As notas atribuídas a cada um dos atributos variava entre 0 (não há como avaliar) e 10 (craque excepcional), passando ainda pelas intermediárias 2 (fraco), 4 (média), 7 (bom), 8 (forte) e 9 (destacado). O relatório ainda trazia observações gerais que podiam ser apontadas pelo *scout* e também um ranking que hierarquizava os atletas de acordo com as notas atribuídas, além de uma perspectiva de ranking, ou seja, uma projeção feita por quem observa e especula sobre o futuro dos futebolistas.

Ao final daquele torneio sul-americano perguntei a Weiss quantos jogadores ele recomendaria a sua agência e de que modo o faria. Ele então revelou seus métodos, dividindo-os em três categorias: aqueles taxados com o número 1 seriam os melhores, os que recomendaria à sua agência que investissem dinheiro, até mesmo imediatamente. Entre todas as seleções, listou sete atletas nesta categoria: Kevin Mendez (Uruguai); Lucas Silva, Ábner e Carlos (Brasil); Sebastian Driussi (Argentina); Antonio Sanabria e Jesús Medina (Paraguai). Na categoria 2 estavam cerca de vinte atletas em que há que se observar e checar suas condições contratuais, mas não necessariamente investir dinheiro naquele momento. E mais outros dez jogadores na categoria 3, os quais, embora apresentassem qualidades, não eram tão confiáveis naquele momento a ponto de receberem propostas contratuais; havia que se esperar mais tempo. O meio campista brasileiro Caio, por exemplo, foi alocado nesta categoria.

Em 2014 reencontrei Weiss, desta vez no Brasil. Em viagem ao país por conta da Copa do Mundo, além de assistir a algumas partidas do mundial, o *scout* teve reuniões com representantes brasileiros de sua agência, a Rogon. Encontramo-nos e ele me atualizou sobre seus últimos trabalhos: desde o final de 2013 vivia na Colômbia, em busca de novos jovens futebolistas, viajando por todo o país. Confidenciou-me que trazia para a reunião os dados de cinco atletas, especificamente: eram dois nascidos em 1997, dois em 1998 e um em 1999. Descreveu-me seus respectivos “jogar”, suas posições em campo, altura e peso, detalhes peculiares e pontos fortes e fracos; elogiou-os, insuflando uma aparente esperança que iria convencer “*el jefe*”¹⁵⁶. Assim era a

¹⁵⁶ Com dito, Weiss se referia ao seu direto superior como *el jefe*, o chefe. Não usou qualquer outra expressão. Em viagem ao Brasil, mencionou reuniões em São Paulo e Rio de Janeiro com representantes da Rogon. Ao mesmo tempo, procurava ingressos para partidas, que somente lhe chegou às mãos uma única vez: nas oitavas de final, jogo disputado no Maracanã, no dia 28/06/2014, Colômbia 2 x 0 Uruguai.

maneira encontrada por Weiss para se referir a alguém que lhe era superior. Acredito que se tratava do diretor da empresa no Brasil. A sede fica em Ludwigshafen, Alemanha, mas existem outros escritórios, como filiais, espalhados por três continentes: são três escritórios no Brasil (um em Salvador, um no Rio de Janeiro e um em Porto Alegre), um em Miami, Estados Unidos, e outro em Chamertrasse, Suíça. *El jefe* poderia ser também o diretor geral para a América Latina. As sedes brasileiras são as únicas na região e a área de cobertura do trabalho exercido por Weiss está toda compreendida por onde se fala espanhol. Ele já trabalhou no Chile, no Equador e agora na Colômbia, e já acompanhou competições na Argentina, Paraguai e México. Tem mantido contatos diretos com os familiares dos cinco jogadores e relatou-me certa dificuldade em se aproximar dos que já possuem representantes, os chamados agentes. Ele e sua empresa dão prioridade àqueles desprovidos de contatos que os guiam pelo mercado do futebol, principalmente por questões financeiras: quando um futebolista já é agenciado por alguém fora de seu círculo familiar, isso indica maiores gastos financeiros para estabelecer um vínculo com o atleta, pois há uma pessoa que certamente buscará receber algo em troca do trabalho de cuidar, em alguma medida, do princípio de carreira do futebolista em questão. Tendo apenas a família por perto, tudo se torna menos complicado, de acordo com Weiss. Descreveu sua estada no país – estava na Colômbia desde novembro de 2013 – como muito satisfatória: adorava o povo colombiano e o contato com as pessoas. Vivia entre partidas de seleções e clubes, em maior medida, rodando por várias cidades do país, em diferentes regiões.

Como este trabalho se dedicou a observar diversos ambientes etnográficos, por assim dizer, pode-se contribuir para uma comparação entre o que é realizado em clubes, grandes e pequenos, e entre estes e agências de jogadores. Afinal, como diz Sahlins com certo cuidado,

“implícita ou explicitamente, a etnografia é um ato de comparação. Em virtude da comparação, a descrição etnográfica torna-se objetiva (...) ela acede a uma compreensão universal na medida em que faz incidir sobre a percepção de qualquer sociedade as concepções de todas as outras” (Sahlins, 2013: 23).

Sobre o que se sabe sobre a direção da empresa: em seu *website* oficial a empresa assim descreve seu comando: “Wolfgang Fahrian, ex-goleiro da seleção alemã e diretor executivo da *Rogon*, está entre os fundadores da assessoria profissional a jogadores na Alemanha. Ele foi um dos primeiros agentes de jogadores que foi licenciado pela federação alemã de futebol”. Fahrian foi goleiro profissional de futebol e atuou por clubes alemães entre os anos 1960 e 1976. Em dez oportunidades defendeu a seleção de seu país. Desde 2006 trabalha na *Rogon*.

O caráter cientificista de uns contrasta-se com a improvisação de outros. Vê-se, por exemplo, clubes e empresas que lançam mão de dados, informações, números e estatísticas para melhor entender o que um atleta é capaz de produzir em campo, individual ou coletivamente; e produzem-se avaliações, relatórios e dossiês que muitas vezes definem os caminhos que um futebolista percorrerá no mercado do futebol. De outro lado, improvisação, falta de recursos e infraestrutura para até mesmo alojar jovens futebolistas em testes ou treinamentos; alimentação e suplementação esportiva deficiente se comparada a outros cenários bem mais preparados. E, como vimos, fatores intangíveis, como a sorte e o acaso. O futebol, ainda assim, permite que esses diferentes universos se encontrem, se enfrentem e se choquem, produzindo relações. E, na base, isso parece ocorrer de modo incrivelmente intenso.

III.III O som do ambiente

Como temos visto ao longo deste trabalho, propomo-nos pensar sobre as diferentes e possíveis formas de se ocupar o mundo em que vivemos; se o esporte, como tantas outras maneiras de se “fazer” o mundo a partir de nossa perspectiva – a dos humanos – é tido como um artefato cultural, cabe a nós tentar construir um caminho para interpretar tal manifestação, em paralelo ao que outras áreas do conhecimento fazem. Seguindo este modo de análise, trata-se de pensar o mundo em que vivemos de modo a caracterizá-lo como sendo algo aberto, ou seja, sem fronteiras, sem dentro ou fora, um mundo que devemos considerar os movimentos, os fluxos, as idas e vindas que constituem a interação entre o ser humano e o meio em que vive. Além, então, de falarmos sobre como se sucedem alguns estágios e etapas na vida de um aspirante a futebolista profissional, propõe-se ter em mente a ideia de que existem distintas forças que interagem com aqueles que habitam o planeta, provocando sensações que modulam, influenciam e por vezes definem a direção que estas vidas tomam com o passar do tempo.

Peço licença ao leitor para seguir introduzindo algumas ideias vinculadas, sobretudo, a certa antropologia que tem se constituído no debate, e na supressão deste

debate, sobre a vinculação entre corpo e mente e entre organismos e meio ambiente. Ao agregar elementos biológicos ao social, Ingold (2000; 2007; 2009; 2011), por exemplo, propõe analisarmos a vida humana e de todas as outras coisas aliando ação e percepção, o que indica pensarmos sobre a base biológica do organismo e os estados mentais subjetivos que deste derivam. Ou seja, trata-se de considerar o embate entre o que acontece na esfera externa das matérias e substâncias e na esfera interna da mente e do próprio processo de significação. Entender tal projeto, no sentido de concebê-lo como uma “filosofia com gente dentro”, é entender a concepção do indivíduo como sendo resultado da interação com seu meio e que permanece por toda uma vida, sendo na prática a própria vida. O engajamento individual toma, assim, papel fundamental: “o comportamento social, então, não será visto como causado por genes, nem pela cultura, mas pelo agenciamento do organismo todo em seu ambiente” (Silva, 2011). A supressão do argumento antropológico tradicional, localizado sobretudo numa sócio-anthropologia francesa, indica deixarmos de lado a ideia da regulação e da autoridade moral *durkheimiana* que institui a vida e assumir uma posição que considera, também, o engajamento e a experiência como formas de habitar o mundo. Como nos indica Sautchuk (Idem), trata-se de pensar que

“no lugar de uma ecologia das trocas energéticas, que buscaria criar uma homologia entre as bases físicas da pirâmide alimentar e a ordenação simbólica do mundo, creio que se trata antes de uma ecologia da comunicação e da ação, onde o fator propriamente ecológico está dado no comportamento dos seres (humanos e não-humanos) uns face aos outros” (Sautchuk, Idem: 85).

Mas como é essa interação? Ingold (2011) diz que as ações que a caracterizam, isto é, entre as coisas que compõem o mundo e o próprio mundo, ou nosso próprio planeta, se dão no que ele chama de superfícies, como visto: são elas que intermediam a relação entre coisas, ou substâncias, e o meio, ou seja, é o “lugar” onde cargas de energia são refletidas ou absorvidas, vibrações passam por e também onde corpos se tocam. Ou melhor, encaramos este conceito como uma forma de conceber o espaço onde as ações, em nosso mundo, acontecem. De acordo com Deleuze (2005):

“o mundo é feito de superfícies superpostas, arquivos ou estratos. Por isso o mundo é saber. Mas os estratos são atravessados por uma fissura central, que reparte de um lado os quadros visuais, de outro, as curvas sonoras: o enunciável e o visível em cada estrato, as duas formas irreduzíveis do saber, luz e linguagem, dois vastos meios de exterioridade onde se depositam, respectivamente, as visibilidades e os enunciados” (Deleuze, 2005: 128).

Gostaria de chamar atenção, então, para a ideia de que tudo o que interage nestas tais superfícies faz parte de um mesmo rol de coisas: nestas superfícies vemos interfaces entre materiais de um tipo e de outro, e não entre um material e um não-material. Exemplos: pedra e terra; madeira e ar; ferro e água etc. Todos podemos sentir, de algum modo, a matéria de que é composta uma pedra, um pedaço de madeira, ou mesmo o vento que sopra gelado na face, por exemplo. Diferentes modos de interação que geram diferentes sensações, mas sempre entre uma coisa e outra, ambas materiais: “*Like all other creatures, human beings do not exist on the ‘other side’ of materiality, but swim in an ocean of materials*¹⁵⁷” (Ingold, 2011: 24).

Neste oceano surgem diversas propriedades, já que cada material expressa determinadas características, específicas e por vezes exclusivas. Não se pode determinar objetivamente todas estas características, mas se pode “experenciá-las” de modo prático à medida que nossas vidas correm. Desde o momento em que uma criatura nasce, ou qualquer outra coisa que existe em nosso mundo se forma, ela(s) sofre(m) alterações, se movimenta(m) e se mistura(m), muda(m). Oras, analisar todo este fluxo de propriedades requer que nos detenhamos, então, às histórias de vida dessas coisas e desses seres já que nada é fixo, tudo se choca e se altera, em maior ou menor grau: “*What we saw were not objects and surfaces, but materials in motions*”¹⁵⁸, diz Ingold (Ibidem: 131). Propomos, então, pensarmos nas movimentações das coisas que geram, por ventura, outras formações, protuberâncias, crescimento, acontecimentos e, no limite, vidas.

A reflexão aqui é sobre o que pode significar a interação entre ser humano e meio através de variadas formas, ou superfícies. O som, por exemplo, é uma delas. Como estamos imersos no mundo em que vivemos, devemos nos prender às diversas maneiras que se dão tais imersões de acordo com os diferentes sentidos: ver, ouvir,

¹⁵⁷ Em tradução livre: “Assim como todas as outras criaturas, os seres humanos não existem no outro lado da materialidade, mas nadam num oceano de materiais”.

¹⁵⁸ Em tradução livre: “O que vemos não são objetos e superfícies, mas sim materiais em movimento”.

sentir, cheirar, ingerir. Ingold postula a palavra “*weather*” para definir o lugar que os fluxos que ocorrem num determinado meio, o nosso. Proponho traduzi-lo como “atmosfera”, de modo a conceber, de uma maneira bastante geral, esse meio em que vivemos no planeta. Nossa atmosfera, aquilo que nos cercam, mas que não sabemos bem o que é ou como concebê-la.

Seguindo Deleuze e Guattari (1992), dentre outros, indico que a preocupação de uma análise que se quer fiel sobre aspectos ou superfícies do que consideramos “modernidade” tem de se dar sobre o que se passa “entre”, e não mais buscar um ponto de partida ou de chegada. Falamos, assim, de movimentos e falar em movimentos pressupõe pensarmos na energia que está presente:

“há um ponto de apoio, ou então se é fonte de um movimento. Correr, lançar um peso etc.: é esforço, resistência, com um ponto de origem, uma alavanca. Ora, hoje se vê que o movimento se define cada vez menos a partir de um ponto de alavanca. Todos os novos esportes – surfe, windsurfe, asa delta – são do tipo: inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, de uma coluna de ar ascendente, ‘chegar entre’ em vez de ser origem de um esforço” (Deleuze e Guattari, Idem:155).

O que proponho aqui segue exatamente esta proposição filosófica, ou seja, trato de analisar o futebol de base como sendo, também, um ambiente onde seus personagens se imergem na atmosfera. Proponho pensarmos na energia dos movimentos de acordo com todos nossos sentidos de maneira tal que abrimos o leque e verificamos como são influenciados por “forças” que, *a priori*, não aparecem. É baseado nessas ideias que este capítulo traz o papel do som no ambiente desse esporte.

Em geral o ser humano dá um peso muito grande à importância do ato de ver, de enxergar, de usar os olhos para criar e julgar o mundo em que vive. A tentativa se dá no sentido de aproximar esses modos sensoriais e perceber que eles devem ser pensados juntos e não colocados em polos opostos. O mesmo vale para o tato, o olfato e até mesmo paladar. Se o que vemos é um espaço completo e cheio de luz, por que não pensar que este mesmo espaço é composto também por sons? O que dizer então sobre as demais superfícies que podem ser tateadas e que nos atingem à medida que interagimos

com elas? É dessa maneira que seguimos essa perspectiva *ingoldiana* que indica que tais formas de sensação são como experiências:

“The sight, hearing, and touch of things are grounded in the experience, respectively, of light, sound and feeling (...) Rather than thinking of ourselves only as observers, picking our way around the objects lying about on the ground of a ready-formed world, we must imagine ourselves in the first place as participants, each immersed with the whole of our being in the currents of a world-in-formation: in the sunlight we see in, the rain we hear in and the wind we feel in. Participation is not opposed to observation but is a condition for it, just as light is a condition for seeing things, sound for hearing them, and feeling for touching them” (Ingold, *Ibidem*: 129)¹⁵⁹.

Nós, seres humanos, e o meio em que vivemos somos, assim, mutuamente constituídos: os significados se dão de acordo com a relação entre as pessoas e o mundo em que elas habitam. É aí que se encontram nossos corpos e percebemos como eles são tomados pela experiência de se ocupar um lugar no mundo, já que tais corpos estão fundidos e imersos nestas forças e nestes movimentos. A partir daí podemos pensar em como desenvolvemos habilidades, conhecimentos e identidades em relação ao nosso redor, no lugar onde nos encontramos à medida que o ocupamos.

É-nos permitido pensar, desta maneira, em muitas manifestações, fenômenos, práticas e costumes que formam a vida das pessoas. O esporte é somente um destes estratos e aqui, mais especificamente sobre o futebol, nos prendemos ao modo como a técnica é apreendida, o corpo é preparado e a mente é testada a manter-se focada num objetivo tão claro e definido quanto difícil de ser alcançado dada a concorrência acirrada e as poucas vagas existentes: tornar-se um futebolista profissional.

Passemos agora, então, a tentar descrever como estes conceitos teóricos se mostram ao olhar etnográfico, uma seara, digamos, mais prática. Descrever o que acontece no futebol de base, assim, mostra-se uma atividade um tanto peculiar desde o

¹⁵⁹ Em tradução livre: “A visão, audição e tato estão baseadas na experiência, respectivamente, de luz, som e sentido (...) Ao invés de nos concebermos como observadores, nos colocando ao redor de objetos que estão dispostos num mundo já formado, nós devemos nos imaginar primeiramente como participantes, cada um imerso em nossa própria existência em correntes de um mundo em formação: na luz do sol nós vemos, na chuva nós escutamos e no vento nós sentimos. Participação não é algo oposto a observação mas sua condição para isso, assim como a luz é condição para vermos coisas, sons para escutá-los, e tatos para tocá-los”.

primeiro jogo que se assiste. A começar pelo pouco interesse despertado: normalmente, são poucos os que se põem a ir ao estádio da sua cidade nos finais de semana pela manhã, geralmente, enfrentar algumas condições meteorológicas adversas, quem sabe, e presenciar um jogo um tanto “xoxo” que, a princípio, parece não motivar em nada nenhuma das proposições anteriores. Por isso, a grande maioria do público, diminuto é verdade, é composta pelos familiares dos jogadores. E dependendo do lugar em que se acompanha a partida, é possível ouvir não só o que dizem os poucos presentes, mas também as palavras e os gritos que vêm dos bancos de reservas e as conversas entre os atletas e destes com os árbitros. Atentar-se aos sons também pode ser interessante quando há bom público e, conseqüentemente, muito barulho, como na Copa São Paulo de Futebol Júnior (Copinha), na I Copa São Carlos de Futebol Júnior ou ainda em torneios internacionais, no caso os sul-americanos sub 15 e sub 17, todos etnografados por este trabalho, como estamos apresentando. Interessante notar que dentro de uma mesma competição a variabilidade de interesses que cada jogo pode despertar indica ser possível presenciar casa cheia ou vazia, não se sabe até pouco antes da bola rolar.

Sendo assim, e seguindo o que estamos propondo como linha teórico-metodológica, não podemos deixar de notar a forma como o ambiente proporciona pensarmos a apropriação do espaço a partir dos sons que se escutam numa partida de futebol, aqueles emitidos por seus vários personagens. Além disso, propomos também pensarmos de que modo os sons podem influenciar na construção e desenvolvimento do jogar de um jovem futebolista. Segundo Pistrick e Isuart (2013) citando Rippley (2007), “*sound (as well as vision and smell) and space mutually reinforce one another in our perception, ‘the qualities of a space affect how we perceive a sound and those of a sound affect how we perceive a space’*”¹⁶⁰. De modo específico, o que se propõe aqui é pensar o papel do som na apropriação e humanização de alguns espaços socioculturais do futebol, digamos assim. Seguindo ainda os mesmos autores, temos que: “*this point of view takes into account that sounds are an essential part of the affective and aesthetic*

¹⁶⁰ Em tradução livre: “Som (assim como visão e ocupação) e espaço se constroem mutuamente em nossa percepção, ‘as qualidades de um espaço afetam a forma como percebemos o som e aqueles sons que afetam como nós percebemos um espaço’”.

properties of a place and that they influence profoundly how we experience places sensually. Moreover, sound can convene a sense of community”¹⁶¹.

Para um começo de ilustração, recorro a alguns episódios flagrados pela pesquisa de campo empreendida durante a I Copa São Carlos de Futebol Júnior, em novembro de 2013, em São Carlos. Quatro equipes se enfrentaram por três dias, todos contra todos, com dois jogos por dia. Participaram a AD Portuguesa de Desportos, SE Palmeiras, AFE Ferroviária, além do próprio São Carlos.

Embora o nome do torneio indique a categoria Júnior (sub 20), o limite de idade imposto seguiu aquele que seria praticado dois meses depois na Copa São Paulo, sub 19. Tivemos, portanto, uma competição em caráter de teste para a próxima disputada, maior e mais tradicional. Particpei da organização como membro do *staff*¹⁶² composto por alunos da minha Universidade, a UFSCar. Os membros dessa equipe foram alocados em diferentes partes do estádio e cumpriram variadas funções: desde receber os alimentos doados na entrada pelos torcedores até funções de dentro de campo, como monitorar e ajudar as comissões técnicas das equipes e a arbitragem no decorrer dos jogos. A mim coube exatamente esta tarefa, ou seja, a de se responsabilizar por questões técnicas: acompanhei os jogos de dentro do campo, à beira da linha lateral, junto ao local que recebe o quarto árbitro, num espaço que fica entre os bancos que recebem os reservas. A função permitiu-me contato direto com as equipes, acesso aos vestiários e à direção do São Carlos FC.

Os jogos realizados foram os seguintes:

29/11/2013

São Carlos FC 2 x 4 AD Portuguesa

SE Palmeiras 4 x 0 AFE Ferroviária

30/11/2013

¹⁶¹ Em tradução livre: “Esse ponto de vista considera que os sons formam parte essencial das propriedades afetivas e estéticas de um lugar e como eles influenciam profundamente a forma como nós tomamos um lugar de modo sensível. Mais que isso, sons podem convocar um sentido de comunidade”.

¹⁶² A equipe contou com nove alunos de diferentes cursos de graduação e pós-graduação da UFSCar. As atividades realizadas foram basicamente em relação aos bastidores e logística que surgiam à medida que a competição foi acontecendo. A diretoria e a coordenação de futebol do São Carlos FC ficaram responsáveis pela parte técnica e organizacional do torneio.

São Carlos FC 3 x 2 AFE Ferroviária

SE Palmeiras 2 x 2 AD Portuguesa

01/12/2013

AFE Ferroviária 0 x 3 AD Portuguesa

São Carlos FC 3 x 0 SE Palmeiras

Com os resultados, a AD Portuguesa sagrou-se campeã, com o São Carlos FC em segundo, SE Palmeiras em terceiro e AFE Ferroviária em quarto lugar. O meio campista e personagem deste trabalho, Willian Dias, do São Carlos FC, foi o artilheiro da competição com quatro gols marcados. Além dele, estiveram presentes alguns outros jogadores que acompanhamos desde o início desse trabalho, ainda em 2010, como o zagueiro Caíque e o atacante Lucas Torres (Lucão). Importante notar que mesmo com a interrupção das atividades das categorias de base do clube durante parte desta pesquisa estes atletas permaneceram vinculados ao São Carlos: Willian, por exemplo, tinha contrato até janeiro de 2014, na prática até o final da edição de número 45 da Copa São Paulo de Futebol Júnior. Nesse período esses atletas disputaram diversos campeonatos em diferentes categorias, inclusive no time profissional (Campeonato Paulista da série A2, A3 e Copa Federação Paulista de Futebol), indicando, uma vez mais, os deslocamentos e as movimentações no ambiente futebolístico do Brasil; Lucas Torres e Kennedy, em outro exemplo, foram emprestados ao gaúcho Grêmio quando as atividades das equipes de base do São Carlos estavam paradas.



Figura 32: Palmeiras x São Carlos, I Copa São Carlos de Futebol Júnior, São Carlos, 2013

Chamo atenção aqui para a inovação no olhar empreendido sobre o futebol de base. Acompanhar àquelas partidas de dentro de campo e com a função de estar a todo tempo em contato com os diferentes personagens deste trabalho – desde diretores e coordenadores, passando por membros das comissões técnicas e chegando até aos atletas – enriqueceu nossa percepção, assim nos parece, tendo em vista o rendimento que dialogar, escutar, atender e ajudar os interlocutores em suas atividades corriqueiras proporcionaram às observações em campo. Da arquibancada não se escuta tudo o que se passa no gramado, efetivamente: não se houve os atletas jogando e disputando cada jogada, discutindo entre si; não se escuta os diálogos entre estes e o árbitro, bem como deste com seus assistentes; as broncas e orientações dos treinadores, o trabalho dos chamados gandulas e dos maqueiros, da imprensa, dos policiais.

Ao longo de toda esta pesquisa buscou-se aguçar os sentidos e afinar a percepção e procurar circular pelos diferentes “espaços futebolísticos” e tentar perceber como os personagens se apropriam dos lugares nos estádios – vestiários, gramado, salas de direção, arquibancadas, lavanderia, cozinha e refeitório, academia, alojamentos. Algumas barreiras nos foram impostas, obviamente: não se pode circular por todos os lugares desejados, sempre. Em algumas competições somente foi possível acompanhar desde as arquibancadas, como torcedores comuns; em outras, dada a inserção da pesquisa etnográfica, até mesmo um local tido como “sagrado” como o vestiário foi permitido frequentar, ver e sentir os acontecimentos; durante esta I Copa São Carlos uma nova visão foi proporcionada a partir do local ocupado: dentro de campo, junto à

linha lateral, ao lado dos personagens que compõem uma partida; quando acompanhei a preparação da seleção juvenil do Uruguai para o Mundial da categoria, em outro exemplo, caminhei ao redor do gramado do *Complejo Deportivo Celeste* durante os amistosos contra a seleção peruana e pude ver e escutar o trabalho de ambas as comissões técnicas e como os familiares dos jogadores assistiam àqueles embates preparatórios mas que, ali, tomavam características de jogos oficiais e, portanto, encarados de modo muito sério.

O fato de atuar em casa numa partida, ou seja, no estádio que se conhece e, muitas vezes, no local onde se treina diariamente pode influenciar na maneira como os atletas se comportam em campo. É mais um fator a ser observado durante o processo de formação de jovens futebolistas. Não importa o nível ou o cenário em que pensamos: se durante a I Copa São Carlos de Futebol Júnior, no estádio Luisão; se durante o Campeonato Carioca sub 17 e a atmosfera do centro de treinamentos do Vasco da Gama em Itaguaí, onde os garotos viviam alojados e treinavam diariamente; ou mesmo num ambiente inicialmente desconhecido, como Rivera e Trinidad, no Uruguai, ou Mendoza e San Luis, na Argentina, quando dos campeonatos sul-americanos infantil e juvenil: com o passar dos dias e dos jogos vai-se acostumando com o estádio, o campo, os vestiários, o próprio ambiente desde as arquibancadas, seja para o etnógrafo, seja para os etnografados.

Mas mais do que os sons e os barulhos ouvidos nos estádios, procura-se também analisar e tentar medir o grau de influência que o ambiente proporciona ou de alguma maneira interfere na apreensão das capacidades objetivas e subjetivas pelos futebolistas, principalmente durante as partidas. Em agosto de 2013 acompanhava um jogo do Campeonato Paulista sub 20¹⁶³ um detalhe chamou a atenção logo que cheguei, antes do apito inicial, mas que ressoou em algum momento do segundo tempo, quando acompanhava as movimentações do outro lado do campo. Um membro da comissão técnica do time da casa gritou com um dos zagueiros antes de um escanteio adversário: “olha o vento, atenção com o vento”. O ar soprava forte no sentido a favor do ataque rio-clarense e era preciso ainda maior atenção por parte dos defensores naquele momento.

¹⁶³ São Carlos FC 2 x 0 Rio Claro FC, dia 10/08/2013, estádio Luís Augusto de Oliveira (Luisão), em São Carlos-SP.

Na segunda etapa, com o vazio do estádio, era possível perceber a trilha sonora produzida pelo lixo arrastado pela brisa, acumulado desde a noite anterior, quando os profissionais fizeram o clássico regional contra a Ferroviária, pela Copa Paulista 2013¹⁶⁴, e pelas faixas de impedimento colocadas pelo policiamento para evitar um dos setores da arquibancada, interditado. O sossego era tamanho que o árbitro da partida fez piada comigo quando o jogo parou rapidamente, por contusão de um atleta, próximo à linha lateral: “amigo, você é mesmo corajoso. Assistir a esse jogo daí, sozinho? Pode reclamar comigo à vontade!”.

Naquele momento eu era o único presente daquele lado do estádio: todos os outros estavam na arquibancada coberta, protegendo-se do sol, do outro lado. A quase ausência de barulho permitiu-me ouvi-lo conversando com os atletas e explicando suas marcações; conversava também com os treinadores após reclamações que vinham dos bancos de reservas e a todo momento confirmava uma marcação com seus auxiliares. Só foi possível ouvir todos esses eventos porque o silêncio reinava naquela região do estádio Luisão.

Caso nos dirigirmos a outros cenários observados podemos perceber mais diferenças. Em San Luis, por exemplo, o estádio Juan Gilberto Funes estava abarrotado numa noite de domingo em abril quando do clássico Argentina x Brasil, pelo Campeonato Sul-Americano sub 17 2013. Muito barulho se ouvia e viam-se quase todos os presentes – cerca de 20 mil pessoas – agitando pequenas bandeiras em azul e branco. Cada vez que um atleta brasileiro tocava a bola, ouvia-se uma vai estrondosa até que a seleção argentina recuperasse o artefato. Não podemos deixar de considerar aqui que de alguma forma esta atmosfera influencia no comportamento dos atletas em campo, para o bem ou para o mal, argentinos ou brasileiros. E quanto ao mais famoso silêncio da história do futebol, provocado pelo segundo gol, marcado por Ghiggia, na final da Copa do Mundo de 1950? Os uruguaios venceram o Brasil por 2 a 1 e calaram os quase 200 mil presentes, culminando num episódio marcado para sempre na história do futebol brasileiro: o *maracanazzo*.

¹⁶⁴ São Carlos FC 1 x 2 AFE Ferroviária, dia 09/10/2013, estádio Luís Augusto de Oliveira (Luisão), em São Carlos-SP.



Figura 33: Torcida argentina em partida válida pelo Sul-Americano sub 17, San Luis, Argentina, 2013

Como propomos, buscamos caminhar pelo que a sensibilidade e a percepção aguçada podem nos proporcionar. Durante o evento teste da Copa São Carlos de Futebol Júnior, o ambiente das categorias de base na região de São Carlos esteve contemplado por duas equipes – a AFE Ferroviária é de Araraquara – e também com relação à arbitragem, organizada por árbitros federados desta região. Dessa forma, vemos como as histórias de vida daquelas pessoas podem se misturar: numa das partidas flagrei o quarto árbitro, ao se preparar para realizar uma substituição na equipe grená, conversando com um atleta da equipe araraquarense. O garoto lhe perguntou:

- O senhor não apita mais na várzea?
- Apito sim, mas estava contundido, operei o calcanhar, fiquei parado seis meses.
- Ah tá. Nossa, porque aquilo lá tá uma roubalheira só!

O diálogo indica a presença de personagens que, naquele momento, enquadravam-se no cenário do futebol de base paulista, mas que em outro, quase que sem amarras, perambulavam pelo futebol de várzea, outro ambiente que, embora distinto, também faz parte da formação da carreira dos jogadores e juízes, como estamos propondo. Ambos se conheciam deste outro lugar e se reencontraram ali durante aquela competição.

Seguindo a ideia de localizar os personagens hora dentro, hora fora de campo – este trabalho por vezes apresenta as coisas de modo a separá-las entre um ambiente mais de dentro do jogo e outra mais externo, e dessa forma incluindo e realocando os

personagens desse esporte aqui e ali – o fato é que tais coisas precisam também ser concebidas como co-partícipes de um mesmo plano, um mesmo estrato onde se dão os acontecimentos.

Trazemos, então, parte do que foi visto durante a 45ª edição da Copinha, em janeiro de 2014. Partimos de um espaço, como já afirmei, “sagrado” no futebol: o vestiário. Este caráter não é assumido em eventos cotidianos, como durante a semana de treinamentos e preparação para os jogos. Mas no dia de uma partida o vestiário é, sim, um lugar de interditos, primeiro porque não é facilmente acessível: é preciso certa inserção num ambiente de um clube para viver o que se passa naquele recinto, um lugar que acolhe rituais, pessoais ou coletivos, que expressam manifestações de fé, devoção e entrega religiosa. Não é raro notar, mesmo com a forte presença de outras religiosidades em que se condena a idolatria, tais como denominações pentecostais, a existência de um pequeno altar, localizado num canto e ocupado por imagens de santos.

No estádio Luisão este se encontra sob o solo, localizado na parte subterrânea de uma área entre o campo de jogo e o local onde estão parte das arquibancadas. Dali se ouve, por exemplo, um pouco do barulho que os torcedores fazem desde o local de onde assistem ao jogo. O ar que adentra o túnel desde as escadas vem lá do campo e traz consigo o som das arquibancadas. Parte deles, é verdade. Ainda que de modo suavizado, dali já é possível sentir o clima que se encontrará minutos mais tarde, ao subir ao gramado. Quando a porta é fechada, na busca pelo silêncio que aumenta a concentração – a tão procurada paz mental antes de um confronto esportivo – escuta-se quase somente o som produzido dentro daquele recinto: os atletas vestindo os uniformes e cantando músicas de incentivo ou relaxamento, seja de modo individual por intermédio dos aparelhos digitais e fones de ouvido, seja de modo coletivo, pelos alto-falantes do aparelho de som que lança no ambiente alguma canção famosa que todos eles apreciam.



Figura 34: Túnel que liga os vestiários ao gramado do estádio Luisão, São Carlos, 2014

Normalmente trata-se de um tema popular, que é tocado incessantemente nas rádios diariamente, sempre presente nas listas pessoais daqueles atletas; e a julgar pelo gosto popular, trazem letras que expressam a subjetividade em histórias de conquistas ou sofrimentos amorosos. Aquilo os motiva ou os relaxa – digo isso a partir de suas expressões corporais – e entre uma peça de uniforme vestida e outra, a preparação do pré-jogo vai sendo finalizada. Outro barulho onipresente é a batida com eco emanado da bola de couro quando se choca com a parede, que devolve o artefato ao chutador quase com a mesma força que a recebeu. Pancadas e mais pancadas com os pés, joelhos e cabeçadas são distribuídos por todos os atletas pelo ambiente, que não deixam de conotar um “brincar” com a bola, o objeto mais cobiçado do recinto, enquanto alongam os corpos equilibrando-se em si mesmos.

É também no recinto do vestiário que membros da comissão técnica intentam, através do barulho, excitar ainda mais os jovens futebolistas. O preparador físico, ao retornar do aquecimento que fora realizado em campo, bate com toda a força a porta de metal, assustando até mesmo quem flagrou a cena, tamanho estrondo. Na sequência, põe-se a gritar com efusão, chamando os jogadores aos estiramentos e a “acordarem”, como se todos já não estivessem despertos o suficiente. Na verdade, não estão. Nunca estão de todo preparados. É por isso que pensar os sons ajuda a percepção de como é buscada a máxima concentração para realizar as atividades em campo. Tais atos contagiam o outro e parece que uma cadeia de energia é estabelecida e reforçada a cada segundo, por distintas ações; “não deixa cair!”, “vamos!”, “não para!” são algumas

frases de efeito que ecoam pelo pé direito alto daquele salão do antigo e acanhado estádio. À propósito, Mauss já atentara para a significação dos sons:

“todas essas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem. Esses gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas é preciso dizê-las porque todo o grupo as compreende” (Mauss, [1921](2001: 332).

Após vestirem-se, é hora da reza, a oração que antecede muitas partidas, senão todas disputadas em gramados brasileiros. Depois dessa profusão de imagens e gestualidades fragmentadas, porém muito expressivas porque eficazes, todos se abraçam e então se inicia uma tradicional cantoria, bastante característica da base são-carlense. O capitão Willian é que puxa o ritmo que, tão logo tem início, contagia a todos: jogadores, comissão técnica e dirigentes presentes. Seguem cantando, cada vez mais forte, até a boca do túnel, o último momento antes de subirem as escadas e encontrarem o campo de jogo. Assim dizia a letra:

“eei, ôô, eei, ôô
eu tenho uma mania que virou uma tradição
de nunca me entregar e nem cair no chão
eu jogo no São Carlos com amor no coração
e honro essa camisa com raça e união”

Notemos a letra da música cantada pelos jogadores da base são-carlense. Elas indicam certo pertencimento ao clube, uma identificação que se distancia, consideravelmente, do que se vê no cenário profissional. Jogadores deste futebol não costumam entoar canções que tragam na letra uma profunda identificação com o clube, nem durante o pré-jogo, nem ao término de um campeonato conquistado, como fizeram também os garotos do Vasco, em semelhança ao que vimos em São Carlos, ambos ambientes de base. No clube carioca a letra costumeiramente cantada em uníssono diz:

“De todos os amores que eu tive és o mais antigo
Vasco minha vida, minha história, meu primeiro amigo
Quem não te conhece me pergunta por que te segui
Eu levo a cruz de malta no meu peito desde que nasci
E eu não paro, não paro não
A cruz de malta, meu coração
Vasco da Gama, minha paixão
Vasco da Gama, religião”

Fica claro que neste ambiente há dose considerável de identificação e laços subjetivos e emocionais estabelecidos entre clube e jogador. Muitas vezes um futebolista atua no mesmo clube desde onze, doze anos de idade. Ao transitar pelas categorias vai criando vínculos e raízes dentro do clube, através dos funcionários, dirigentes, torcedores e a própria inserção da família nestas relações, já que estão sempre presentes. Toda esta rede de laços se amarra de modo muito tenso, mas que ao mesmo tempo, por inúmeros possíveis fatores, pode se romper a qualquer momento. Entre infantis, juvenis e juniores pode-se perceber algum sentimento de paixão dos atletas para com a camisa que vestem a cada dia, o que não é minimizado no ambiente profissional onde tais relações e adesões são marcadamente ditadas por outras lógicas, tais como as mercadológicas.

No gramado, então, os sons se multiplicam. A ideia de espaço aqui utilizada, assim, é aquela que o considera não como uma dimensão abstrata, mas como palco da coexistência de relações sociais em todas as escalas geográficas, por assim dizer. Alterando a configuração espaço-temporal através da qual concebemos um jogo de futebol, percebemos que faz algum sentido pensar no ambiente como sendo algo complexo e num outro sentido que não o comum, que tende a minimizar o papel do barulho, ou de modo mais geral, do som, na percepção dos acontecimentos que se dão numa partida. Indica-se que o som tem papel ativo na construção de nosso meio espaço-temporal, ou seja, na produção do significado de lugar entre os seres humanos:

*“sounds mobilize feelings of belonging and nostalgia, they may transmit a (virtual) idea of home, and they may fill a place with ideas about the past, the present and the future. They are even capable of creating evocative mindscapes with reference to physical realities (...) sounds, in this sense, already participate in making more flexible our notions of locality, authenticity, belonging, identity and nationality”*¹⁶⁵ (Pistrick e Isuart, Idem).

No caso específico do São Carlos FC a ideia de nos dedicarmos aos sons ao redor parece ainda mais pertinente pelo fato de os jogadores morarem ali mesmo, logo ao lado do vestiário, sob aquelas arquibancadas. Os alojamentos situam-se a poucos metros e sentimentos como nostalgia e pertencimento, e mais, a noção de casa, como na passagem acima, tornam ainda mais nítido a influência exercida pelos sons produzidos no pré-jogo. No Vasco isso também pode ser percebido, já que os garotos jogavam como que no quintal de casa: também são apenas alguns metros que separavam os alojamentos do campo onde o clube mandava seus jogos, no Centro de Treinamento de Itaguaí. Tudo ficava dentro de um mesmo complexo, a fazenda alugada onde funcionava o futebol de base do alvinegro carioca.

Já em campo o barulho da torcida é o que mais se pode escutar durante o jogo, como bem mostrou Toledo (1996). Isso vale mesmo se o estádio estiver vazio, pois aí é que se pode escutar com ainda mais clareza o que gritam pais, mães, irmãos, além do treinador, de um dirigente a cobrar mais empenho e mesmo dos torcedores incentivando ou xingando. Num São Carlos x Palmeiras que valia a classificação para a segunda fase da Copinha (em janeiro de 2014) – senão a mais importante, a competição mais acompanhada do futebol de base brasileiro – o atacante Luciano chegou aos vestiários para descansar no intervalo um tanto nervoso. Parecia já saber das broncas que viriam do treinador Roberto. Durante quase toda a primeira etapa a marcação pelo lado esquerdo da defesa da equipe da casa, de responsabilidade do próprio Luciano e de seu companheiro Lucas Franco, esteve frouxa, causando muito problemas. Roberto cobrou o garoto que, ainda assustado e esbaforido e tentando descansar, justificou-se: “Professor, eu não ouvia nada. Eu não ouvia nem o Lucas do meu lado, quanto mais o senhor! A torcida deles tá fazendo muito barulho lá!”. Lá era onde os torcedores

¹⁶⁵ Em tradução livre: “Sons mobilizam sentimentos de pertencimento e nostalgia, eles podem transmitir uma (virtual) ideia de casa, e eles podem preencher um lugar com ideias sobre o passado, o presente e o futuro. Eles ainda são capazes de evocar noções mentais de espaço/lugar com relação às realidades práticas/materiais (...) sons, neste sentido, já participam na concepção mais flexível de nossas noções de localidade, autenticidade, pertencimento, identidade e nacionalidade”.

palmeirenses, adversários naquele dia, concentravam-se, exatamente do lado oposto dos bancos de reserva onde se encontrava o treinador. Desesperado pelas falhas dos atletas e tentando corrigir a situação, Roberto se esforçava para se fazer ouvir a muitos metros de distância, sem sucesso, abafado pelos cânticos e batuques dos bumbos. Aquela era, e de fato foi, uma partida fundamental para a equipe da casa na competição. O empate conquistado a muito custo no final valeu a classificação para a segunda fase, levando a equipe até as oitavas de final – quando foi eliminado pelo então campeão da categoria, o gaúcho Internacional. A campanha realizada foi muito acima das expectativas e o bom trabalho rendeu frutos para diversos jogadores – três deles assinaram contrato profissional e disputaram a série A3 do Campeonato Paulista 2014 – e também para o treinador, que de auxiliar técnico dos profissionais tornou-se o comandante principal no restante do semestre no citado torneio. Os erros cometidos naquela primeira etapa, completamente envolta em “barulho alviverde”, poderiam ter sido evitados se as instruções de Roberto fossem ouvidas pela dupla Luciano/Lucas Franco? Não sabemos.



Figura 35: Visão do túnel de acesso ao gramado do estádio Luisão, de onde assisti algumas partidas da Copa São Paulo de Futebol Júnior (2014), sempre ao lado do roupeiro Toninho. No banco de reservas somente podem ficar jogadores inscritos e membros da comissão técnica (roupeiro não se encaixa neste perfil. Antropólogos tampouco). São Carlos, 2014

No segundo tempo, jogando bem ao lado do banco de reservas de sua equipe, Luciano e seu companheiro se acertaram, assim como toda a equipe. O domínio palmeirense deixou de reinar em campo e, ainda que tenham marcado um gol, a segunda etapa mostrou-se um confronto muito mais equilibrado. O São Carlos, então, seguiu no torneio, classificando-se em primeiro lugar na chave.

Na fase seguinte a equipe teve de deixar sua casa e seguir para o norte, rumo a Novo Horizonte, cidade que receberia o confronto contra os paranaenses do Coritiba. O jogo estava marcado para as 14hs e fazia muito calor no noroeste paulista. No micro-ônibus cedido pela organização do torneio a caminho do estádio, os jogadores do São Carlos cantavam em uníssono letras de *funk* carioca parodiadas de modo a achincalharem algum colega de equipe, tudo numa divertida brincadeira que contagiava até mesmo alguns membros da comissão técnica: eles não podiam evitar as risadas. Ninguém podia. A cada esquina eram estranhos os olhares dos pedestres destinados àquele barulhento coletivo pela pequena cidade interiorana.

Mais uma vez encontrou-se um estádio quase vazio, já que a equipe da casa, o Novorizontino, havia sido eliminada exatamente pela equipe alviverde, que então passou a ser o adversário a ser batido. Todos em Novo Horizonte torceriam pelo São Carlos naquela tarde, como ficou bem claro logo ao chegarmos à cidade. A partida foi bastante dura e terminou empatada em 2 a 2. Seguindo o regulamento, teríamos a famigerada disputa de pênaltis. Ao final, extasiados pela emocionante vitória e mais uma classificação garantida, houve muita comemoração nos vestiários. Entre cantorias e berros, gargalhadas e desabafos, o goleiro Guilherme confessava ter recebido uma ajuda bastante peculiar do *gandula*¹⁶⁶, situado logo atrás de sua meta, que narrava para o arqueiro são-carlense os lados em que os atletas do Coritiba bateriam as cobranças.

¹⁶⁶ Gandula é o responsável por buscar as bolas que saem do gramado. A origem do termo vem do Vasco da Gama, que contratou um atacante argentino chamado Bernardo Gandulla em 1939. Ao não se adaptar ao estilo de jogo brasileiro e querendo mostrar serviço, o atacante, que pouco entrava nas partidas, punha-se a buscar as bolas que deixavam o campo de jogo, inclusive quando a posse de bola pertencia ao adversário.



Figura 36: Coritiba x São Carlos jogam pela Copa São Paulo de Futebol Júnior (2014), estádio Jorjão, Novo Horizonte, 2014

Os paranaenses jogaram todas as três partidas ali, naquele estádio, e na véspera daquele confronto ali treinaram também. Como é comum em competições que prescrevem a disputa de penalidades máximas após empate no tempo normal, os jogadores treinaram uma série de cobranças no dia anterior. E o gandula, que tudo havia acompanhado, ajudou Guilherme na hora H. Segundo as palavras do jovem arqueiro, ele acertou quase todos os palpites. Ainda atônito e não crendo nas palavras sussurradas pelo buscador de bolas, Guilherme somente passou a aceitar as dicas a partir da terceira cobrança. Surtiu efeito e a classificação foi obtida após uma defesa e um outro erro de um “coxa branca”. A bola foi na trave, mas Guilherme acompanhou de perto o viajar do artefato; como se diz, “o goleiro estava nela”, estava no canto narrado pelo gandula, proporcionado pelas intenções acionadas e pelo silêncio do estádio Jorjão¹⁶⁷.

Na sequência, pelas oitavas de final, o São Carlos voltou para casa e recebeu os então campeões brasileiros sub 20, o colorado gaúcho de Porto Alegre. Um jogo duríssimo que terminou com derrota dolorida pelo gol sofrido no final da partida. A eliminação destruiu muitos sonhos alimentados por uma campanha tão inesperada quanto firme, na qual a equipe de Roberto Santana sofreu poucos gols e só foi batida uma única vez, exatamente neste último jogo. O ambiente desolador, silencioso e, em alguma medida, fúnebre dos vestiários após o jogo contrastou-se com os outrora momentos felizes, de êxtase e alegria vividos naquele mesmo recinto sagrado. Não se

¹⁶⁷ Estádio Jorge Ismael de Biasi, inaugurado em 22/03/1987, tem capacidade para cerca de 18 mil pessoas.

ouvia músicas, não se ouvia gritos, não se ouvia nada além do choro contido e das palavras que alguns sussurravam nos ouvidos de outros na tentativa de reerguerem-se, todos.

Mudamos de cenário. Vamos para Argentina, mais especificamente para o extremo oeste do país, onde se localiza a cidade de Mendoza, sede do XV Campeonato Sul-Americano sub 17. As primeiras rodadas eram duplas, de modo que a cada dia tínhamos dois jogos em sequência para ver. Nestas partidas o público era bem modesto e o estádio Malvinas Argentinas, um colosso para mais de 40 mil pessoas, ecoava os gritos até mesmo do seu outro lado. Sentado no extremo oposto da localização do banco de reservas da seleção brasileira, acompanhei Brasil x Chile¹⁶⁸ ao lado de alguns poucos torcedores peruanos, que haviam assistido à derrota de sua seleção para os uruguaios na partida de abertura. Dali pude escutar quase todas as palavras proferidas pelo treinador a seus comandados, pelo quase silêncio nas arquibancadas e também pela posição ocupada. A todo momento o treinador brasileiro passava alguma instrução a seu capitão, o zagueiro Lucas Silva¹⁶⁹: “Lucas, a equipe parou de jogar”; “Lucas, 38 minutos já”; “Pede para o Auro [lateral-direito] segurar um pouco mais, Lucão” foram algumas das muitas instruções ouvidas e executadas pelo capitão da seleção brasileira. Dali também vi, um pouco, e ouvi, muito, alguns torcedores brasileiros a incentivar os atletas em campo. Mais uma vez, a posição ocupada proporcionava escutar tudo que falavam, e tenho certeza de que isso também era válido para os atletas e comissão técnica. A partir da rodada seguinte, no entanto, as entradas para as partidas indicavam o lado oposto das arquibancadas, de modo que não foi mais possível ouvir o treinador brasileiro. Embora nestas partidas estivesse bem próximo ao banco de reservas, o treinador dava agora as costas para as arquibancadas, falando em direção ao campo e a seus atletas, o que impedia a captação dos sons proferidos.

¹⁶⁸ Brasil 1 x 0 Chile, jogo realizado em Mendoza, Argentina, no dia 03/04/2013, pela primeira rodada do XV Sul-Americano sub 17.

¹⁶⁹ Lucas Silva foi alçado à equipe profissional do São Paulo logo após o término desta competição. Então com dezessete anos, era visto como possuidor de liderança perante os companheiros – não à toa era geralmente escolhido como capitão das equipes que defende, no clube e na seleção. No final do mês de julho e início de agosto de 2013 atuou como titular em partidas amistosas da equipe profissional do São Paulo FC pela Europa – Copa Audi (contra Bayern de Munique e Milan), Copa Eusébio (contra o Benfica) e Copa Suruga (contra o Kashima Antlers). Em 2014 seguiu no grupo profissional do elenco são-paulino com contrato assinado até 2019.



Figura 37: (Figura 26): Brasil x Chile jogam pelo Sul-Americano sub 17. Na foto, vemos alguns personagens: Caio (10), Ábner (6) e Vinícius (7), além do treinador à beira do campo e um grupo de familiares brasileiros no alto, nas arquibancadas, vestidos de amarelo e com bandeiras do Brasil. Mendoza, Argentina, 2013

Deste lado do estádio, no entanto, foi bem fácil de escutar os gritos daqueles torcedores que havia encontrado desde o outro jogo, desde o outro lado. Eram familiares dos jogadores brasileiros que acompanhavam todo o torneio viajando pela Argentina. O grupo era formado por cerca de nove pessoas, entre pais, mães, irmãs e tios, além de um agente. Sempre se sentavam próximos uns aos outros, devidamente uniformizados com peças de uniforme da seleção adquiridas pelos filhos jogadores, o que os identificava mesmo de longe. Mas o que mais chamava atenção era o barulho causado pela sua torcida. Gritos de incentivos surgiam durante toda a partida. Cobranças também vinham, tanto para os filhos como para a comissão técnica. Na partida em que os brasileiros enfrentaram os bolivianos¹⁷⁰ a equipe verde-amarela apresentou um futebol muito apático na primeira etapa. Talvez pela aparente fragilidade do adversário, o que pode ter contribuído para que os jogadores atuassem de modo mais desatento, acreditando que a vitória poderia ser definida a qualquer momento. O fato é que bastou começar o segundo tempo para se ouvir cobranças mais ríspidas vindas dos familiares dos jogadores: “Como é que é, hein, vamos amarelar para a Bolívia, meninos? Tá muito mole isso aí, viu!” gritava a mãe do meio campista Vinícius. Seu filho jogava, à época,

¹⁷⁰ Bolívia 1 x 3 Brasil, jogo realizado em Mendoza, Argentina, no dia 09/04/2013, pela terceira rodada do XV Sul-Americano sub 17.

no Fluminense e podíamos ouvir seu pronunciado sotaque carioca desde dois anos antes, no Uruguai, quando do Sul-Americano sub 15 – Vinícius também figurava naquele grupo do selecionado infantil e eu estive nas arquibancadas em Rivera e Trinidad, durante a primeira e fase final, respectivamente, assim como vários outros familiares dos atletas que, àquela época, tinham no máximo quinze anos de idade. O indefectível “Vai Brasil!” ressoava-me nostálgico, então. Mais gritos continuavam a ecoar pelo Malvinas Argentinas e o segundo tempo foi bastante diferente: muita disposição nas jogadas, velocidade nos ataques e três gols marcados. A cobrança parecia ter surtido efeito.

Neste mesmo torneio e ainda durante a primeira fase, na qual o público era pequeno se comparado ao visto na fase final¹⁷¹, sempre ouvia gritos vindo de um setor específico das arquibancadas quando o goleiro brasileiro Marcos, do Fluminense, fazia alguma intervenção na partida. Foi preciso um pouco de atenção e astúcia para rastrear aqueles berros fortemente carregados de um sotaque típico do nordeste brasileiro: era Eduardo Bahia, preparador de goleiros da seleção, que elogiava seu pupilo a cada boa defesa (“Boa, Marcão”), a cada reposição de bola realizada (“Bela batida, Marcos”) e a cada saída de bola bem efetuada (“Olho no atacante deles, Marcão”). Goleiros são especialistas e tratados de modo bastante peculiar: para tanto, trabalham em separado na maior parte do tempo de treinamento e são preparados por um profissional também específico. Daí o cuidado e a atenção dispensada por Eduardo ao jovem arqueiro brasileiro. As palavras eram escutadas porque permitidas pelo pouco barulho produzido no setor dos torcedores, de onde eu assistia aos jogos. E, no geral, goleiros costumam falar mais que atletas de outras posições, outra peculiaridade. Vêm mais sons dos goleiros do que de um atacante, por exemplo, muito porque estão a observar o jogo por mais tempo – não participam tanto como um jogador de linha – desenvolvendo essa capacidade; também porque precisam evitar que sua equipe sofra gols e, para isso, conversar e orientar os companheiros torna-se uma necessidade.

¹⁷¹ Como dito no capítulo anterior, a primeira fase foi disputada em duas cidades do oeste Argentino: Mendoza, que recebeu o grupo B (composto por Brasil, Chile, Uruguai, Bolívia e Peru) e San Luis, que recebeu o grupo A (composto por Argentina, Colômbia, Paraguai, Venezuela e Equador) e também a fase final. Por ser a dona da casa, os jogos da seleção argentina sempre receberam bons públicos. A fase final também apresentou jogos com boa presença de torcedores, especialmente por ser a parte mais decisiva da competição – que dava vaga para o Mundial da categoria aos quatro primeiros colocados – e por ser disputada na pequena cidade de San Luis (cujo estádio Juan Gilberto Funes tem capacidade para 15 mil pessoas), um tanto carente de eventos internacionais, como disseram os habitantes daquela região durante a competição.

Gostaríamos de ressaltar, ainda, que embora estejamos aqui tratando do futebol de base e, por vezes, mais especificamente sobre o jogar de alguns atletas, o fazemos quase sempre sobre atletas de linha. O lugar ocupado por goleiros representa uma espécie de *terrain vague*, como que terras de ninguém, onde a imprecisão é onipresente, no sentido de se tratar de “um domínio onde se fabula com a parca sujeição de umas poucas regras” (Carneiro da Cunha, 2009: 60), regras estas, ou conhecimentos estes, que simplesmente nos escapam por não termos quase vivência neste terreno. Néilson Rodrigues imortalizou no domínio da literatura esportiva a peculiaridade da função de goleiro, ao prosar sobre Barbosa¹⁷²:

“O problema do arqueiro, porém, não se resume ao desgaste físico. Não. Ele sofre um constante, um ininterrupto desgaste emocional (...) Ele traz consigo uma sensação de responsabilidade que, por si só, exaure qualquer um. Amigos, eis a verdade do futebol: o único responsável é o goleiro (...) Um atacante, um médio e mesmo um zagueiro podem falhar. Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol e, numa palavra, a derrota. Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta, da derrota. O gol de Gigghia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado ‘frango’ de Barbosa” (Vasconcellos [Org], 2010: 58).

Assim que a partida começava era possível ver Eduardo subir correndo as escadas, devidamente uniformizado com as cores do selecionado brasileiro, a procurar por um lugar próximo à linha de fundo da meta ocupada pelo seu pupilo. Dali, com uma prancheta e caneta em mãos, anotava tudo que se referia às ações do goleiro entre um grito e outro. Na fase final da competição, entretanto, com o estádio em San Luis mais cheio – especialmente no clássico contra os donos da casa – Eduardo e outros membros da comissão técnica juntavam-se no centro das arquibancadas, ocupando um espaço que lhes foram reservados pela organização do torneio. Não se ouvia mais o preparador

¹⁷² Moacir Barbosa Nascimento (27/03/1921) foi goleiro profissional entre 1940 e 1962, tendo jogado por sete clubes e defendido a seleção brasileira em dezessete partidas. Era o goleiro titular do Brasil na Copa do Mundo de 1950, disputada no país. Ficou marcado pelo segundo gol sofrido na final, diante do Uruguai, que definiu o placar adverso em 1 x 2. Todo o episódio da derrota da seleção brasileira em casa, no que seria o primeiro título mundial, é até hoje conhecido e lembrado como *Maracanazzo*.

ajudar e manter contato direto com seu arqueiro. Era como se Marcos, em alguns confrontos da fase final, jogasse sozinho, sem o som que o guiava, o acompanhava e o incentivava, algo que seus demais companheiros mantinham pela sempre ativa voz de seu treinador.

Ponto aqui, mais uma vez, que falar sobre futebol de um modo geral e não dedicar espaço ao que confere clima e peso emotivo num jogo torna a análise mais pobre ou não tão afortunada, digamos. Aqueles que vão a um estádio, mesmo que pela primeira vez – e talvez para estes isto seja ainda mais claro – sentem o peso de um jogo logo ao adentrar o recinto. Há sons que fazem do jogo um espetáculo único, principalmente pelo movimentar dos torcedores e, claro, esta sensação cresce proporcionalmente ao número de presentes. São conhecidos os estilos de torcer e os lugares onde essa prática atinge níveis extraordinários, inclusive extravasando alguns limites impostos pelo futebol de espetáculo. Um caso que apresentamos agora e que retrata bem como os sons são percebidos num ambiente futebolístico ajuda a pensar, ainda mais, na questão de como diferentes estratos podem balizar a vivência em práticas rotineiras, como o futebol.

A Inglaterra, notadamente conhecida como o berço deste esporte, tem alguns dos campeonatos mais antigos do futebol mundial, estádios centenários e histórias emblemáticas desde há tempos. A tradição que o futebol tem e mantém ao longo dos anos na ilha britânica, ou seja, a forma peculiar que se deu a inserção do futebol inglês no futebol mundial, digamos assim, construindo histórias com forte arremedo em toda a sociedade europeia, faz dos seus campeonatos motivo de grande interesse em diversos lugares, para além de suas fronteiras. De fato, o futebol inglês parece arrastar, nos dias de hoje, multidões mundo a fora, ainda que por meios virtuais.

Nos estádios, em consonância, a presença dos torcedores é maciça: a liga inglesa ocupa o segundo lugar entre as ligas europeias em média de público em dias de jogo: foram 36.589 pessoas na temporada 2013-14¹⁷³. Tamanho interesse expressa a boa adaptação à concepção mercadológica do futebol de espetáculo atual. Desde o início dos anos 1990 nota-se uma grande mudança no modo como as coisas se organizaram na Inglaterra. Após um período de baixa entre as grandes ligas da Europa – punições em

¹⁷³ Fonte: <http://www.espn.com.br> (consultado em janeiro de 2015), a partir de estudos feitos pela Pluri Consultoria. A liga alemã (Bundesliga) é a liga europeia com maior média de público: 43.173 torcedores por jogo, na mesma temporada.

nível continental por episódios relacionados à violência, má qualidade dos estádios, fuga de grandes jogadores para outras ligas europeias – uma profunda mudança se iniciou com um câmbio na maneira de se fazer futebol como um todo: a racionalização da ocupação dos espaços do futebol foi repensada, assim como uma série de outras medidas, algumas inclusive radicais, tomadas como forma de se refazer o futebol no país. O episódio trágico ocorrido em Sheffield, no estádio Hillsborough – num jogo entre Liverpool e Nottingham Forest em abril de 1989 pelas semifinais da Copa da Inglaterra – foi o marco para que a mudança, de fato, tivesse início. Ficaram feridos mais de 700 torcedores e 96 morreram, a maioria esmagados no alambrado e pisoteados pela massa em fúria que não cabia no espaço reservado pela organização da partida. A partir do Relatório Taylor várias medidas foram colocadas em prática, obrigando os clubes de todo o país a se adequarem a uma nova maneira de se conceber o futebol jogado na ilha britânica.

Trazemos aqui uma breve passagem do livro “Febre de Bola”, de Nick Hornby, que nos conta suas aventuras por estádios britânicos entre os anos 1960-70-80, acompanhando seu time, o Arsenal FC. O trecho ilustra bem o processo de modernização dos estádios ingleses e a relação deste com a atmosfera produzida durante uma partida de futebol. Ele conta suas primeiras percepções de quando passou a acompanhar as partidas do seu clube de coração de um outro setor do estádio e, na sequência, as diferenças que sentiu quando a configuração dos estádios foi alterada quase por completo:

“Adorei as diferentes categorias de ruídos: aquela mais formal, ritual, quando os jogadores subiram pro campo (os nomes gritados um a um, começando pelo jogador preferido da galera e só parando quando ele acenasse pra nós); o rugido espontâneo e informe, se alguma coisa excitante estivesse acontecendo no gramado; o vigor renovado da cantoria depois de um gol ou de uma sequência consistente de ataques (E até ali se podia ouvir, entre os mais e menos alienados, os resmungos típicos de arquibancada, quando as coisas iam mal). Depois do início assustado, comecei a amar aquele movimento, ser lançado na direção do campo e sugado de volta pro lugar. E adorei o anonimato: ninguém ia me desmascarar, no fim das contas. Passei dezessete anos naquele lugar. O setor norte já não existe mais. O Relatório Taylor, pós-Hillsborough, recomendou que os estádios de futebol passassem a ter cadeiras em todos os setores, e os clubes todos decidiram atender à recomendação. Em março de 1973, eu estava no meio de uma multidão de 63 mil pessoas num desempate da Copa da Inglaterra contra o Chelsea; públicos desse tamanho não são mais possíveis, nem no Highbury, nem em qualquer dos estádios ingleses, com exceção de

Wembley¹⁷⁴ (...) hoje parece o último jogo do tipo, representativo da memória do que foi a experiência de ver futebol um dia: holofotes, chuva incessante e um rugido enorme e constante que durava a partida inteira. É triste, claro; as plateias dos jogos até conseguem, ainda, criar uma atmosfera eletrizante, mas jamais serão capazes de reviver o clima de antigamente, pro qual eram necessárias vastas multidões e um contexto em que pudessem se transformar numa única entidade reagindo a um só tempo.

Mais triste, no entanto, foi a maneira como o Arsenal decidiu reorganizar o estádio. Gastei 25 pences pra ver o jogo com o Ipswich; o pacote pra sócios prevê que, de setembro de 1993 em diante, um lugar no Setor Norte passe a custar no mínimo 1100 libras mais o preço do ingresso, o que, mesmo considerando a inflação, me parece um pouco demais. Um plano assim pode fazer sentido pro clube, do ponto de vista financeiro, mas torna inconcebível que o futebol no Highbury volte a ser o que foi um dia.

(...)

Parte do prazer que se tem num grande estádio de futebol é uma mistura de parasitismo com passividade, porque, a menos que faça parte do Setor Norte, ou do Kop, ou do Stretford End¹⁷⁵, o torcedor que está ali depende de outros pra que o clima no estádio seja criado; e clima é um dos ingredientes fundamentais da experiência do futebol. Esses setores gigantesco de arquibancada são tão vitais pros clubes quanto os jogadores, não apenas porque é dali que são puxados os cantos de incentivo, nem simplesmente porque boa parte do dinheiro arrecadado vem destes torcedores (embora tais fatores não deixem de ser importantes), mas porque sem esse pessoal ninguém se daria ao trabalho de comparecer ao estádio” (Hornby, 2013: 109-110-111).

Em 1992, então, declarou-se aberta a Premier League (PL), a liga profissional de futebol do país. Os clubes se juntaram, a própria federação se organizou e então passaram a comercializar um dos campeonatos mais rentáveis do mundo, principalmente com o advento televisivo, a comunicação em massa e a velocidade da internet na produção, reprodução e troca de informações.

Pois bem, passou-se de um cenário com gramados horríveis (o conhecido clima inglês não é o mais propício para a manutenção de belos gramados, especialmente até 1980, embora a tecnologia empregada hoje em dia tenha alterado essa situação), futebol um tanto medíocre (a Inglaterra foi campeã mundial em 1966, mas até meados dos anos

¹⁷⁴ Highbury é o antigo estádio do Arsenal FC. Inaugurado em 1913, foi a casa do clube londrino até 2006, quando foi demolido. O Arsenal mudou-se para o recém-construído Estádio Emirates. Wembley é o mais lendário dos estádios ingleses, construído em 1923 e demolido em 2003. Em seu lugar foi construído o novo estádio Wembley, com capacidade para 90 mil pessoas, e é administrado pela FA, a Federação Inglesa de Futebol. Na prática, é a casa da seleção inglesa, que manda ali seus jogos.

¹⁷⁵ Respectivamente, esses são os nomes das arquibancadas que recebem o público mais exaltado e barulhento nos estádio do Arsenal, Liverpool e Manchester United.

1990 passou por um período crítico em termos de resultados e exuberância futebolística), mas muito público (Hornby mostra como os estádios ingleses, no período analisado, estavam quase sempre cheios, especialmente os maiores), para um dos lugares mais desejados por jogadores, torcedores, jornalistas e todo o restante da comunidade futebolística ao redor do globo. Por quê? A Premier League é atualmente uma das maiores ligas de futebol do mundo: é riquíssima (a receita dos clubes na temporada 2010-2011 superou a incrível cifra de £ 2,5 bilhões), vende seus direitos televisivos para inúmeros países (é transmitida em mais de 200, para um público de mais de 600 milhões de pessoas), o número de grandes jogadores atuando em seus clubes é igualmente alto e os estádios apresentam, além de gramados praticamente perfeitos, excelente trato aos torcedores¹⁷⁶.

No entanto, atualmente está em discussão na Inglaterra alterar o modo como esse futebol de espetáculo vem sendo organizado, realizado e mantido por lá. O tratamento destinado aos torcedores, que agora compram entradas para lugares reservados, individualizados e, em geral, cobertos, os serviços prestados nos estádios em relação à segurança, entretenimento e conforto e, em consequência, o perfil dos frequentadores de estádios tornou tudo menos efusivo, muito diferente do que víamos até o final da década de 1980 e, ainda hoje, em outras ligas europeias – se extrapolarmos, veremos o mesmo em outros continentes.

O sentimento apontado é de que os estádios ingleses vêm perdendo emoção e calor ao longo dos anos de Premier League, no entanto. Antes, tínhamos uma liga com jogos recheados de “*noise, pageantry and atmosphere*”¹⁷⁷. O fato de os estádios oferecerem mais segurança, higiene e serviços alimentares encarece o preço dos ingressos, fidelizando torcedores mais velhos, principalmente (a média de idade de um torcedor adulto na PL é de 41 anos de idade¹⁷⁸); e boa parte dos ingressos é vendida para corporações que realizam eventos nos camarotes e inflam a renda dos clubes mas que, em contrário, trazem pessoas não tão interessadas nas partidas.

Temos, portanto, questões como gentrificação dos torcedores, preços dos ingressos, cadeiras cobertas e individualizadas, tudo isso influenciando e, em alguma

¹⁷⁶ Fonte: <http://www.espn.com.br> (consultado em janeiro de 2015).

¹⁷⁷ “*Atmosphere and fan’s role in Premier League games becoming a concern*”, artigo publicado pelo jornal The Guardian em 16/11/2013. Consultado no mesmo dia.

¹⁷⁸ Dados consultados no artigo citado na nota anterior.

medida, condicionando a atmosfera dos estádios a algo menos barulhento e mais calmo. Parece um teatro e não um campo de futebol, dizem¹⁷⁹. O mesmo artigo traz declarações de alguns personagens importantes sobre a questão: André Villas-Boas, à época treinador do Tottenham¹⁸⁰ disse após uma partida: “*We didn’t have the support we should have done. There was so much anxiety from the stands, the players had to do it alone*”; e José Mourinho¹⁸¹, do Chelsea: “*We know Stamford Bridge [estádio do Chelsea] is not a very hot atmosphere, not a very strong atmosphere normally, and we accept that*”.

Em relação ao Brasil, com a realização da Copa do Mundo em 2014, alguns novos estádios foram construídos e os demais que receberam partidas dessa competição foram remodelados de modo e seguir um padrão imposto pela FIFA que os categoriza como “arenas de futebol”, ou seja, lugares previamente desenhados, pensados e construídos para receberem estritamente partidas de futebol. É preciso ainda esperar para ver como será o clima ou a atmosfera produzida nesses locais e se será muito diferente do que vemos nos demais antigos estádios brasileiros. Já há algum tempo inúmeros destes proibiram a entrada de torcedores portando instrumentos musicais, bandeiras com mastros e até mesmo recursos sonoros e visuais, como fogos de artifício, o que em si já altera o andamento de uma partida por tudo aquilo que é produzido nas arquibancadas. A individualização das cadeiras e serviços prestados aos que vão a um estádio desses – como lojas que comercializam produtos ligados ao futebol, restaurantes e estacionamentos – certamente fará desses novos estádios um lugar diferente, em contraponto ao que se vê no restante do país, em rincões onde a Copa passou longe. Como dito, foram somente doze arenas a receber partidas do mundial, um número que atesta a distância entre o futebol de espetáculo proposto pela entidade que comanda o futebol em escala global e o restante do futebol jogado no país, como o futebol de base.

Portanto, tais ideias apresentadas acima nos levam a concluir, por agora, que não se pode separar as distintas maneiras de se perceber o nosso redor. À medida que nossas vidas correm, utilizamo-nos de nossos diferentes sentidos para apreciar, apreender,

¹⁷⁹ O estádio Old Trafford, do Manchester United, por exemplo, é conhecido como “Theatre of the Dreams”, ou “Teatro dos Sonhos”.

¹⁸⁰ Luis André de Pina Cabral e Villas-Boas, treinador português, foi técnico do Tottenham Hotspurs FC na temporada 2012-2013. Em tradução livre: “Nós não tivemos o suporte que deveríamos ter tido. Havia muita ansiedade nas cadeiras, os jogadores tiveram de fazer tudo sozinhos”.

¹⁸¹ José Mário dos Santos Mourinho Félix, treinador português, foi técnico do Chelsea FC entre 2004 e 2007 e desde 2013 até hoje. Em tradução livre: “Nós sabemos que Stamford Bridge não tem uma atmosfera quente, normalmente não tem uma atmosfera forte, e nós aceitamos isso”.

sentir e se relacionar com o meio. Como dito, em geral dedicamos muita atenção ao que os olhos veem e nos esquecemos, ou não percebemos, como pode ser muito mais questionador e enriquecedor sentir, cheirar, tatear e ouvir as coisas do mundo. E, claro, ver as coisas do mundo. “Experenciar” o que está ao nosso redor e notar como nos adaptamos, como aprendemos, como conhecemos e como questionamos indica pensarmos que os sentidos utilizados são inseparáveis.

Muitos desses jovens futuros profissionais jogam no quase silêncio ou no ritmo de seus familiares que tentam, em vão, simular os sons feéricos vindos das arquibancadas dos estádios, e embora os campeonatos sejam oficiais não dão conta de simular todas as variáveis e situações que encontrarão no regime profissional. Desse modo os jogos da base guardariam essa peculiaridade que parece impor mesmo aos jogos oficiais a aparência de um laboratório e experimento.

III.IV “Transver” o mundo

“(…) O olho vê, a memória revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”
(Manoel de Barros)

Assunto tratado, vimos como o *acaso* e eventos inesperados, que num primeiro momento não parecem tão importantes podem, ao final, definir substancialmente os rumos que a vida de um futebolista pode tomar. De acordo com o suporte fornecido pela teoria antropológica, o “se” pode aparecer em diversas esferas, seja como recurso simbólico ou explicação suplementar para dar conta dos incontroláveis e dos inesperados, como sugere Peirano (Idem), seja no plano das condutas que sugerem a noção de probabilidade tal como assinala Lévi-Strauss, que permitem que as escolhas ganhem em imponderabilidade no transcurso da história (seja coletiva, das culturas, ou aqui no caso trajetórias e carreiras individuais).

Mas atentemo-nos para os personagens de nossas histórias tentando estender o significado que um evento aleatório pode ter na vida dos futebolistas, analisando como acontecimentos que se passam dentro de campo e que, exatamente por este caráter, são

concebidos como não casuais, mas rotinas pré estabelecidas, fruto da preparação, elementos tangíveis e mensuráveis, portanto, que podem escapar da esfera exclusiva da racionalidade fortemente sugerida pela noção de treinamento ou mesmo pela noção de esporte, sobretudo quando contrastada a noção de jogo.

Tratamos também de como jogar futebol na base é uma atividade tida como trabalho. Treinar os corpos, prepará-los, cuidá-los, mantê-los, preservá-los. Há responsabilidade imposta por dirigentes, treinadores, pais, companheiros e pelo próprio atleta. Muitas vezes o salário recebido, ou ainda uma simples ajuda de custo, reforça este sentimento de obrigação, algo que é assumido pelos jovens futebolistas. Lembro-me de ver nos vestiários logo antes de uma partida em São Carlos o goleiro reserva Guilherme colocar uma bola no meio da roda formada por todos os seus companheiros e pedir a palavra, ao silêncio de todos: “Esse é o nosso ganha-pão [disse ao segurar a bola com uma das mãos]. Nós escolhemos essa profissão e é daqui que nós tiramos nosso sustento. Vamo pra cima, porra! Já começou!” e, aos gritos, tentou incentivar ainda mais os já pilhados companheiros.

O meio campo Willian Dias, talvez o mais experiente daquele grupo, gritou em seguida: “Eu passei o ano novo no DM [Departamento Médico]. Todo mundo aqui viu, não viu? Eu to querendo essa porra!¹⁸²”. Noutra manhã de treinamentos não consegui encontrar o zagueiro Rodolpho entre o grupo de atletas que corria em volta do gramado. Quando questionei o preparador físico da equipe, fui informado que o garoto havia sido liberado para viajar até Ribeirão Preto para o velório e enterro de sua mãe. Já doente havia um tempo, não resistiu e faleceu em meio à preparação de seu filho para uma das competições mais importantes do futebol de base brasileiro – a Copa São Paulo de Futebol Júnior. No dia seguinte Rodolpho corria atrás dos atacantes do time titular em treinamento coletivo. Seu semblante não denunciava um momento de tamanha tristeza. No primeiro jogo da competição, alguns dias depois daquele fatídico episódio, o garoto chorou copiosamente quando da última reunião no vestiário, momento importante antes de subir ao campo e enfrentar o adversário em busca de um espaço no mundo do futebol. Parecia recordar o fato, mas estava pronto para o trabalho ao incentivar os dois titulares que iniciariam aquela partida ocupando exatamente um lugar que ele desejava.

¹⁸² Willian Dias havia sofrido uma contusão no ombro esquerdo ao cair de mau jeito durante um treinamento ainda no final de dezembro. Como indica sua fala, passou a virada do ano em tratamento, em busca de estar apto para a estreia. Willian disputou todos os cinco jogos da equipe no torneio com uma proteção na região machucada, sempre sob olhares e cuidados atentos do fisioterapeuta.

Neste capítulo trago algumas observações de eventos do dia a dia desta equipe sub 19 do São Carlos e como algumas dificuldades que surgem são enfrentadas e superadas. Falamos, assim, de atividades e acontecimentos rotineiros no cotidiano de um clube: um simples movimento, um gesto, um olhar, um passe, um deslocamento e um gol. São estes, a partir de agora, nossos próximos assuntos. Diz Tostão, ex-jogador profissional e atualmente comentarista de futebol, sobre as inúmeras possibilidades apresentadas por este esporte:

“ (...) Não dá para ter certeza sobre o que vai acontecer antes de a bola rolar. Gostaria de ser um arqueólogo do futebol para tentar saber o que ocorre antes do fato, antes do gol, no silêncio, na trama dos bastidores, pelo menos para chegar à conclusão que tudo, ou quase tudo, surge no momento” (Jornal Folha de S. Paulo, 11/12/2013).

Passo agora a descrever, baseado no que observei durante a pesquisa de campo, como se dá parte do aprendizado a que são expostos jovens futebolistas. Pretende-se mostrar que nem tudo aquilo que é esperado por aqueles que concebem o futebol (sejam dirigentes, especialistas da imprensa e profissionais) é, de fato, pré-concebido e racionalizado, ao menos não da maneira como futebolistas são cobrados para que tenham e exibam suas esperadas qualidades. O *acaso* interfere substancialmente, assim como dificuldades que surgem no dia a dia. São fatores que se relacionam tanto às questões intrínsecas ao “dentro do campo” – ao jogo treinado e ao jogo jogado – quanto ao “fora de campo” – sorte/azar e acaso.

Aqui misturamos as superfícies e tentamos suavizar a forte dicotomia entre jogo e esporte tão presente na literatura sociológica, sobretudo na antropologia de inspiração damattiana, que pondera sobre as categorias sorte e azar como constitutivas da fatura cultural e do modo como o futebol é apreendido no Brasil como constitutivos do domínio do jogo: “jogo a serviço de todo um outro conjunto de valores e relações sociais” (DaMatta, 1982: 26). Minha objeção seria onde o futebol não se prestaria a outros valores sociais? Da Matta parece apequenar ou purificar a dimensão do esporte onde a noção de jogo estaria aparentemente ausente (Inglaterra e EUA, por exemplo), circunscrito somente no domínio da técnica a serviço do coletivismo: “Neste sentido o

futebol praticado no Brasil deve ser visto não só como um esporte (como uma atividade individualizada com conotações específicas)”¹⁸³ (DaMatta, Id., Ib.).

A Copa São Paulo de Futebol Junior é talvez o torneio do futebol de base no Brasil de maior apelo e que chama muita atenção do público em geral. Realizada sempre no mês de janeiro, sua final é disputada no dia vinte e cinco, data do aniversário da cidade de São Paulo. Acompanhei diversas edições deste torneio, desde mesmo antes de começar esta pesquisa, em 2010. A edição de 2014 foi a quadragésima quinta da chamada “copinha”. Na prática, a contenda é tão especial por alguns motivos peculiares: é o único torneio disputado quando os elencos profissionais dos clubes estão em férias ou, quando muito, em pré-temporada, preparando-se para as atividades que, efetivamente, somente tem início da metade do primeiro mês do ano para frente; soma-se a isso o fato de ser disputada no verão e também em período de férias escolares; a entrada é gratuita e são mais de cem equipes divididas por todo o estado de São Paulo – nesta edição foram vinte e seis cidades-sede, cada uma com quatro equipes. Além disso, recebe cobertura da imprensa esportiva, que transmite muitos jogos e repercute as rodadas dia após dia.

A cidade de São Carlos recebe os jogos da competição há vários anos, sendo uma das sedes mais importantes. Além da primeira fase, quando a equipe da casa recebe outras três para que disputem seis jogos ao todo, São Carlos costuma exercer o papel de cidade-sede até as fases finais¹⁸⁴. Além de manter a observação em torneios de futebol de base, o principal motivo para que este trabalho mantivesse os olhos sobre a competição e, mais especialmente, sobre o clube da casa, era o fato de poder ver de perto alguns jogadores que eram nossos personagens desde os primeiros anos de trabalho, o então longínquo biênio 2010-2011. Naquela oportunidade, ao acompanhar o Campeonato Paulista sub 15 e sub 17, vimos a participação de alguns jogadores que em 2014 faziam parte do elenco sub 20 do São Carlos. Ainda que não estejamos tratando da idade-recorte principal desta pesquisa, qual seja, atletas nascidos em 1996-1997, alguns

¹⁸³ “Parece, pois, que, nos Estados Unidos e na Inglaterra, o domínio do esporte tem muito a ver com um realce no controle do físico e na coordenação de indivíduos para formar uma coletividade. Tudo, enfim, que conduz a uma luta pelo controle do mundo exterior ou do que vem de fora. Ao passo que, no Brasil, o esporte é vivido e concebido como um jogo. É uma atividade que requer táticas, força, determinação psicológica e física, habilidade técnica, mas também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino” (DaMatta, Idem: 25).

¹⁸⁴ Em 2014 o estádio Luisão recebeu partidas da copinha até a fase de quartas de final, quando se enfrentaram Internacional e Fluminense.

jogadores nascidos em 1994 e 1995 foram acompanhados desde quando no infantil ou juvenil. Agora nos juniores, alguns já possuíam contrato profissional assinado e experiência em campeonatos Brasil afora. O meio campista Willian Dias é um destes: com passagens pelo elenco profissional, foi o capitão da equipe sub 19 que fez bom papel no difícil torneio nacional, chegando até a fase de oitavas de final ao ser derrotado pelo então campeão nacional da categoria, o Internacional¹⁸⁵.

Depois de um período em que estive ausente do ambiente do clube são-carlense, tudo então recomeçou numa segunda-feira, dia 16/12/2013. O clube era gerido, à época, por um grupo de pessoas completamente diferente de alguns anos atrás quando iniciei minhas observações de campo por lá, o que já de antemão obrigava a conceber de outra forma aquela nova situação etnográfica. No entanto, as portas foram mais uma vez abertas sem grandes percalços, muito porque já conheciam meu trabalho e também pela participação na organização da I Copa São Carlos de Futebol Júnior. Desta vez o primeiro contato foi com Fábio Garcia, diretor de *marketing*, mas também o famigerado “faz tudo” no clube. Na prática era o responsável por “correr atrás da grana”: havia acabado de chegar de uma reunião numa fábrica de produtos destinados ao mercado dos animais de estimação, os pets. Pedia R\$ 25 mil para que a marca estampasse seu logo no peito da camisa do clube durante a temporada seguinte, leia-se durante a disputa da série A3 do Campeonato Paulista – entre fevereiro e maio.

Através de Fábio consegui conversar com Roberto Santana, jovem treinador da equipe, que me recebeu muito bem, ouviu minhas aspirações e não colocou um só obstáculo para que eu acompanhasse de perto seu trabalho na formação da equipe que disputaria a competição que então se aproximava. Na verdade, a equipe já estava formada: os vinte e cinco atletas a que cada clube tem direito de inscrever na Federação Paulista de Futebol já estavam contratados e concentrados sob as arquibancadas do estádio Luisão, local onde ficam os alojamentos dos atletas. Roberto chegou, conheceu seu auxiliar técnico também já contratado, mas ainda pôde escolher seu preparador físico – o “amalucado” Mário, com quem havia trabalhado tanto como jogador como treinador em outras oportunidades.

¹⁸⁵ Em dezembro de 2013 o Internacional venceu o Palmeiras por 2 a 0 e sagrou-se campeão brasileiro sub 20.

Após esta breve conversa, tomei a programação em mãos e percebi que teríamos treinamento já no dia seguinte. Inicialmente marcado para as 16hs, a atividade teve início, de fato, às 17hs. Quando cheguei, encontrei alguns jogadores soltando pipa no pátio do estádio, o pátio de “casa”, portanto. Pelas risadas, pareciam se divertir. Gargalhavam ao mesmo tempo que mantinham os olhos voltados para o artefato mantido pelo vento e guiado pela linha do carretel. Fiquei dentro da sala da diretoria acompanhado por Fábio e Ramos, supervisor de futebol, o outro “faz tudo”, companheiro do primeiro, na prática os dois braços de trabalho do futebol do São Carlos.

No horário marcado subimos ao campo, eu e Fábio. Encontrei os demais membros da comissão técnica reunidos e à espera. Alguns jogadores conversavam e brincavam próximos, outros jogavam futevôlei do outro lado. Aos assovios do preparador físico correram obedientes e elogiados pelo treinador Roberto Santana por não pisarem no gramado, àquela altura em manutenção. Ouvei do treinador o elogio ainda ao lado do preparador de goleiros Brasília e do roupeiro, que no dia seguinte casaria o filho, “um sujeito puro”, segundo confessou, mas que era alvo de brincadeiras por uma suposta despedida de sua solteirice armada pelos companheiros de trabalho. O hilário Toninho era alguém com muita experiência no futebol: perguntou se eu conhecia Olídio, “um médio volante forte e alto, mas que sabia jogar”, ex-Grêmio São-Carlense, o clube extinto da cidade. Sua simpatia foi conquistada no exato momento que eu confirmei conhecer o tal volante, e ainda descrevi brevemente seu jogar. Dalí em diante Toninho, ou o “seu” Toninho, como os garotos o chamavam, foi sempre muito solícito e amigável.

Antes do início das atividades daquele dia o preparador físico perguntou ao treinador: “vai resenhar com eles antes?” Recebida a negativa o preparador pode, então, iniciar seu trabalho, que aquele dia foi estritamente de acompanhamento das atividades físicas. Os atletas percorreram um circuito de oito estações de exercícios, cada um exigindo específica manipulação e solicitação das partes do corpo. Tudo foi atentamente explicado pelo preparador físico, um sujeito muito concentrado e detalhista, um tanto engraçado. Eu diria excêntrico. Mário também me recebeu muito bem e ao final do dia perguntou-me, mais especificamente, do que se tratava meu trabalho e o porquê de minha presença ali, sempre muito interessado.

No dia seguinte tínhamos atividades em dois períodos, manhã e tarde, ambas fora de casa: “amanhã saímos duas vezes, né professor?”, perguntou o roupeiro ao treinador, para confirmar o trajeto que se realizaria. Com o campo em reformas e dividindo o espaço do estádio com o elenco profissional, praticamente toda a preparação da equipe para a Copa São Paulo foi realizada em campos pela cidade, algo que já havia vivenciado em outras edições da competição.

O treino estava marcado para as 9h30 no campo Alberto Martins, na Vila Jacobucci, um bairro residencial e um tanto afastado do centro e também do estádio Luisão, de onde a delegação partia todas as manhãs, de ônibus cedido pela prefeitura. Ao chegar logo percebi a qualidade do gramado daquele campo municipal, que não parecia apto a receber as atividades de uma equipe de futebol de base – havia muitos buracos, o terreno, no geral, estava irregular, havia também diferentes tipos de grama misturados e a falta de trato era evidente (em algumas regiões o gramado estava roçado, em outras não). Alguns garotos que moravam no bairro ocupavam uma das duas grandes áreas, pouco se importando com as condições – empinavam pipas – enquanto os jogadores do São Carlos alongavam e aqueciam os corpos na outra região, observados por Roberto Santana, seu auxiliar Neto e o preparador físico Mário, além do roupeiro Toninho. O sol já se mostrava imponente no céu azul de verão, embora a resistente brisa fresca da manhã amenizasse a sensação de calor.

Antes mesmo que eu introduzisse o assunto do gramado, ouvi Roberto dizer: “sem condições, já mudei todo o trabalho”. A comissão técnica havia preparado uma atividade, mas ao chegarem e notarem o estado, foi obrigada a repensar o que seria feito. Após o aquecimento, todos foram reunidos no centro e lhes foi exigido muita suavidade nos movimentos, já que qualquer passo corria o risco de ser mal executado e, conseqüentemente, uma contusão a menos de vinte dias do início do torneio poderia acabar com as chances de disputá-lo.

Na sequência o treinamento apresentou uma peculiaridade da atividade daquele dia, a bola alta, tentando evitar, assim, o contato do artefato com o chão irregular: os laterais cruzavam bolas para a área e os demais somente podiam finalizar com a cabeça – a bola necessariamente teria que chegar à área pelo ar, portanto. Roberto assistia tudo ao lado e elogiava quando de uma jogada bem feita. Em dado momento, alertou seus atletas: “procurem ficar atrás da linha da bola. Não fica à frente da linha, senão vai

dificultar para acertar o tempo de bola”, ensinava o treinador a seus aspirantes, utilizando-se da noção de linhas para ilustrar e clarear a percepção de seus comandados na relação com o objeto principal deste esporte.

Depois, chutes a gol com a bola partindo também do alto, levantada pelo auxiliar Neto. Três chutes com a perna direita, três com a perna esquerda, ratificando a escolha da comissão técnica pela interação dos corpos com a bola via aérea, já que no chão o perigo era iminente e a dificuldade de execução dos movimentos, onipresente. Fazamos um esforço para compreender o que pode significar a alteração do treinamento por conta das condições do gramado? Um clube como o São Carlos nem sempre possui infraestrutura física para expor seus atletas de base – no caso, sub 19, e naquela oportunidade – a um campo com gramado satisfatório para a prática desse esporte.

A comissão técnica teve de alterar a atividade programada e pensar numa forma de instruir os atletas a apreender determinadas práticas recorrentes ao jogo mesmo com as dificuldades apresentadas. Na prática, relacionar-se com aquele campo inóspito foi o trabalho daquela manhã: pensar em como encaixar o pé na bola com o objetivo de fazer com que ela chegasse ao companheiro pelo alto, na altura de sua cabeça. Ou então esperar pelo lançamento do auxiliar técnico, que erguia bolas e mais bolas à espera de serem golpeadas pelos pés dos jogadores antes que tocassem o chão.

Recorremos, então, ao que diz uma pequena parte da teoria antropológica, por vezes apresentada aqui bem próximo ao que se considera como filosofia. Bateson (1987), por exemplo, propõe pensar da seguinte maneira quando concebemos o mundo em que vivemos: “*we create the world that we perceive, not because there is no reality outside our heads (...) but because we select and edit we see to conform to our beliefs about what sort of world we live in*”¹⁸⁶ (Idem: VII). Esse tal mundo em que vivemos é concebido, de acordo com este autor, seguindo subdivisões, estratos da cultura que nos rodeiam e formam nossas vidas. Os esportes – no nosso caso o futebol – são apenas um destes estratos: são “*merely abstractions which we make for our own convenience when we set out to describe cultures in words*”¹⁸⁷ (Ibidem: 64). O que o autor está tentando expor é a ideia de que o conceito de cultura pode ser visto não somente pela interação

¹⁸⁶ Em tradução livre: “nós criamos o mundo que percebemos não porque não há realidade fora de nossas mentes (...) mas porque nós selecionamos e editamos o que vemos de modo a se conformar com o que acreditamos sobre o tipo de mundo em que vivemos”.

¹⁸⁷ Em tradução livre: “meramente abstrações com as quais nós formamos nossa própria interpretação quando nós nos dedicamos a descrever culturas em palavras”.

de distintos grupos, mas, também, quando os indivíduos de um mesmo grupo interagem entre si; por exemplo, no caso de uma criança que apreende o mundo ao seu redor desde os primeiros anos de vida, ou então no caso de jovens futebolistas em processo de aprendizagem sobre como jogar.

Todo esse constructo que está se chamando aqui de cultura é subdividido por Bateson e assim apresentado: aspectos de unidade, aspectos afetivos, aspectos econômicos (produção de bens materiais), aspectos cronológicos e espaciais, considerando, entre outras coisas, o equilíbrio entre diferentes grupos dentro de uma mesma cultura e a reciprocidade entre esses grupos. O autor está na verdade tentando estabelecer parâmetros e/ou unidades de análise que devem ser buscadas quando de uma observação sobre uma comunidade ou um grupo. Em suas palavras, apresenta o que seria o *ethos* cultural: “*the expression of a culturally standardized system of organization of the instincts and emotions of the individuals*”¹⁸⁸ (Idem: 108). Em outro momento, diz Bateson:

“Um ser humano chega ao mundo com potencialidades e tendências que podem ser desenvolvidas em várias direções, e é perfeitamente possível que indivíduos diferentes tenham potencialidades diferentes. A cultura em que ele nasce enfatiza algumas de suas potencialidades e suprime outras, além de atuar seletivamente, favorecendo os indivíduos mais bem dotados com as potencialidades preferidas na cultura e discriminando os que apresentam tendências estranhas. Dessa maneira a cultura padroniza a organização das emoções” (Bateson, 2008: 169).

Então, até aqui, Bateson propõe que empreendamos um olhar diferenciado sobre nosso próprio objeto, inclusive se valendo de considerações e métodos de outras ciências. Seguindo sua análise:

“*Samuel Butler’s insistence that the better an organism ‘knows’ something, the less conscious it becomes of its knowledge, i.e., there is a process whereby knowledge (or ‘habit’ – whether of action, perception or thought) sinks to deeper and deeper levels of mind. This phenomenon (...) is also relevant to all art and all skill (Idem: 134-135) (...) similarly with skill, the fact of skill*

¹⁸⁸ Em tradução livre: “A expressão de um sistema cultural padronizado que organiza as emoções e os instintos dos indivíduos”.

*indicates the presence of large unconscious components in the performance*¹⁸⁹” (Bateson, 1987: 137).

O que intentava o treinador Roberto com aqueles exercícios com bolas aéreas, à parte o fato de que foram as condições ruins do gramado que o fizeram escolher aquela atividade? Inculcar em seus atletas uma capacidade específica e inerente ao jogo:

*“With almost no exceptions, the behaviors called art or their products (also called art) have two characteristics: they require or exhibit skill, and they contain redundancy or pattern. But those two characteristics are not separate: the skill is first in maintaining and then in modulating the redundancies”*¹⁹⁰ (Ibidem: 147).

Parece-nos claro que tais ideias se aproximam ao arrazoado teórico que tem caracterizado este trabalho, sobretudo quando apoiados em Ingold. Falamos em formas, substâncias, materiais e concepções que as aproximam e as diferenciam. Ainda segundo Bateson: *“The mental world – the mind – the world of information processing – is not limited by the skin (...) the map is different from the territory”*¹⁹¹ (Ibidem: 460). O que o autor intenta com tais assertivas? Que nossas experiências não representam exatamente o que é nosso mundo. Nossas percepções produzem mapas, noções e experiências e, aí sim, é onde se encontra o nosso mundo. Todos os fenômenos que nos atingem são como aparições, ou seja, as coisas que se passam em nossas vidas nos aparecem à medida que vivemos e concebemos tudo aquilo que nos cerca. Diz Ingold: *“life, in this view, is a*

¹⁸⁹ Em tradução livre: “A insistência de Samuel Butler indica que quanto mais um organismo sabe algo, menos consciente é esse conhecimento, isto é, há um processo pelo qual o conhecimento (ou hábito – ação, percepção ou pensamento) afunda-se em níveis cada vez mais profundos da mente. Esse fenômeno é também relevante para as artes e habilidades em geral (...) de modo similar, habilidades indicam a forte presença de componentes inconscientes na performance”.

¹⁹⁰ Em tradução livre: “Quase sem exceções, o que se considera por arte ou seus produtos (também considerados como arte) possuem duas características: eles exigem ou exibem habilidade, e eles contêm redundância ou padrão. Mas essas duas características não estão separadas: a habilidade é, em primeiro lugar, manutenção e, depois, modulação de redundâncias”.

¹⁹¹ Em tradução livre: “O mundo mental – a mente – o mundo que processa informações – não é limitado pela pele (...) o mapa é diferente do território”.

*movement towards terminal closure: a gradual filling up of capacities and shutting down of possibilities*¹⁹²” (Ingold, 2011: 3).

Para o projeto antropológico que se propõe analisar vidas, o autor pretende segui-las de perto: *“to follow what is going on, tracing the multiple trails of becoming, wherever they lead. To trace these paths is to bring anthropology back to life*¹⁹³” (Ibidem, p.14). Daí o método de se procurar “seguir empiricamente o caminho do próprio processo cultural” (Silvano, 2002: 3 *apud* Marcus, 1995: 97).

Seguindo:

*“The individual mind is immanent but not only in the body. It is immanent also in pathways and messages outside the body; and there is a larger mind of which the individual mind is only a subsystem. This larger mind is comparable to God and is perhaps what some people mean by ‘God’, but it is still immanent in the total interconnected social system and planetary ecology*¹⁹⁴” (Bateson, 1987: 467).

Daí a ideia de tentar aproximar o que diz Bateson ao futebol praticado por jovens futebolistas. Num primeiro momento pode parecer um tanto arbitrário, mas acreditamos que faz sentido tentar interpretar o modo como futebolistas concebem seus mundos de acordo com o que vivenciam em seus cotidianos e, para diferenciarmo-nos aqui do que foi apresentado no capítulo II.I, dentro de campo, ou seja, falamos de eventos estritamente relacionados ao processo de apreensão de práticas futebolísticas – fenômenos inerentes ao jogar. Este processo é, substancialmente, subjetivo e relacional ao mesmo tempo. Em mais um exemplo dado por Bateson: pensemos na dor causada por um pisão no dedo do pé; a dor começa num lugar e termina em outro e, para percebê-la, criamos uma imagem composta por componentes elementares: *“my image of his stepping on my toe reconstructed from neural reports reaching my brain somewhat*

¹⁹² Em tradução livre: “Vida, de acordo com esta visão, é um movimento que se direciona a um fim: um preenchimento gradual de capacidades e fechamento de possibilidades”.

¹⁹³ Em tradução livre: “Seguir o que está acontecendo, traçando as múltiplas trilhas do tornar-se, não importa onde elas nos levem. Traçar esses caminhos é trazer a antropologia de volta à vida”.

¹⁹⁴ Em tradução livre: “A mente de um indivíduo é imanente mas não somente no corpo. É imanente também nos trajetos e nas mensagens concebidos fora do corpo; e há uma mente ainda maior do qual a mente de um indivíduo é apenas um subsistema. Essa mente maior é comparável à idéia de Deus e é talvez o que as pessoas concebem como sendo ‘Deus’, mas que ainda é imanente e conectada a um sistema social total e a uma ecologia planetária”.

*after his foot has landed mine*¹⁹⁵” (Bateson, 1988: 31). Quando o treinador Roberto Santana indicava, através da fala, o que queria de seus atletas – que batessem na bola com os pés de modo a não deixá-la tocar o solo, ou seja, era preciso atingi-la ainda no alto – não era possível visualizar, ao menos com os olhos, onde bater na bola; eles sabiam de antemão, mas o movimento exigido e as circunstâncias não permitiam a visualização completa do que queria o treinador, configurando-se, assim, uma experiência e um ato que eram, antes, subjetivos: “*The processes of perception are inaccessible; only the products are conscious and, of course, it is the products that are necessary*”¹⁹⁶ (Ibidem: 32). Como indica Sautchuk (Idem), precisamos pensar na aplicação de atributos humanos a um mundo não humano. Antes de ser um processo adaptativo, temos uma construção, por parte dos futebolistas, de suas próprias individualidades (futebolistas forjando-se como futebolistas) a através da relação consigo mesmo, com os companheiros e com o meio ao redor.

É nesse momento que colocamos a seguinte proposição: diz-se que grande parte do que é trabalhado nas categorias de base de clubes de futebol é tido como algo racionalizado visando o esporte jogado em alto rendimento, pensado e medido segundo parâmetros previamente definidos. Mas, ao menos o que vimos em campo, a prática distancia-se substancialmente disso. Nem sempre as coisas acontecem de acordo com o esperado e nem sempre os processos de aprendizagem aos quais são submetidos os futebolistas são acessíveis. Como visto, aquilo que é praticado no dia a dia é que precisa ser visto e encarado como etapas de um único processo que, de fato, não se inicia quando o garoto chega ao clube e não termina quando este deixa as categorias de base e adentra o mundo profissional.

Bateson também considera que a combinação de informações apreendidas e captadas por nós – estendamos essas considerações aos futebolistas em formação – resultam em algo além de um simples processo de adição. O todo é muito maior que a soma das partes porque a combinação dessas partes é de outra natureza, qual seja, algo mais próximo a um processo de multiplicação ou fracionamento, a criação de um

¹⁹⁵ Em tradução livre: “a imagem reconstruída pela minha mente de alguém pisando no meu dedo do pé alcança meu cérebro de alguma forma logo após o pé deixar de tocar meu dedo”.

¹⁹⁶ Em tradução livre: “Os processos de percepção são inacessíveis; somente os produtos são conscientes e, é claro, são os produtos que são necessários”.

produto lógico. Este processo é denominado pelo autor como sendo “*a momentary gleam of enlightenment*”¹⁹⁷ (Ibidem: 91).

Não há, como já dito, um limite que nos separa do mundo em que vivemos. A concepção que nos surge, ou que fabricamos – na falta de uma palavra mais adequada – está baseada no conceito de “explorar”: “*what happens is much more like an incorporation or marriage of ideas about the world with ideas about the self*”¹⁹⁸ (Ibidem: 150). Ao explorar, segundo o autor, temos duas possibilidades, ou o que ele chama de “*double description*”:

*“for a change to occur, a double requirement is imposed on the new thing. It must fit the organism’s internal demands for coherence, and it must fit the external requirements of environment (...) The possibilities for change are twice fractioned (...) Broadly, the internal requirements of the body will be conservative. Survival of the body requires that not-too-great disruption shall occur”*¹⁹⁹ (Ibidem: 154-155).

Faço agora um breve parêntese para falar um pouco mais sobre esse tal “momento de iluminação” de que trata Bateson. Vejamos como este aparece no futebol de base de acordo com o que foi visto pela etnografia. Mudamos de cenário rapidamente, mas mantemos o argumento.

Durante A I Copa São Carlos de Futebol Júnior (2013), realizada um mês antes da “copinha”, acompanhei os jogos desde dentro do campo, exercendo, como já assinali, uma função junto à organização do torneio. Como já apontado, ficava entre os bancos de reservas, no local onde fica o quarto árbitro e resolvia possíveis problemas que surgiam na organização da partida: era como o elo de ligação entre os atores (jogadores, treinadores e árbitros de um lado, organização e dirigentes de outro). Num jogo entre AFE Ferroviária x AD Portuguesa havia diversos fotógrafos cobrindo a

¹⁹⁷ Em tradução livre: “um brilho momentâneo de iluminação”.

¹⁹⁸ Em tradução livre: “o que acontece é muito mais uma certa incorporação ou casamento de ideias sobre o mundo e ideias sobre o eu”.

¹⁹⁹ Em tradução livre: “para que uma ideia seja concebida, uma dupla exigência é imposta no que se concebe como novo. É preciso que esteja de acordo com as demandas internas do organismo para haver coerência, e é preciso estar de acordo com as exigências externas do meio (...) As possibilidades para que haja concepção são duplamente fracionadas (...) Amplamente, as exigências internas do corpo serão conservadas. A sobrevivência do corpo exige que uma ruptura muito grande não deva ocorrer”.

competição para diferentes veículos de comunicação: rádios, televisões, portais de notícias na internet, jornais da cidade e região. Num dado momento um deles se aproximou e comentou comigo:

- “Tá vendo aquele cara de camisa preta lá do outro lado, na arquibancada? Ele pediu pra eu fazer umas fotos do camisa 10 da Portuguesa. Você sabe o nome dele?”

O fotógrafo recebeu a tarefa de registrar momentos da atuação do meio campista Jurandir, conhecido como “Nescau” entre os companheiros de time. Ele fez boa competição, no geral, e ajudou sua equipe a conquistar o título do torneio com boas atuações. O “cara de camisa preta” que estava do outro lado de onde ocorreu o diálogo era um agente de futebol que veio desde São Paulo para acompanhar o torneio. Tinha interesse, segundo confessou-me o fotógrafo, em levar Nescau para outra equipe da capital paulista. O fato é que o jovem jogador teve boa atuação nos jogos disputados e naquele em especial havia marcado um gol e contribuído para a vitória de sua equipe diante da Ferroviária, na terceira e última rodada da competição. O tal agente esteve presente também na rodada anterior, a segunda, e viu, em parte, as boas atuações do camisa 10 do time luso-brasileiro. Colocamos, então, a seguinte proposição: não é possível pré-determinar quando um futebolista de base vai se destacar e fazer com que sua vida, e porque não a dos que o circundam, seja alterada bruscamente pela assinatura de um bom contrato, ou simplesmente um convite para atuar em outro clube, tido como maior e/ou melhor. Seguir jovens atletas por diferentes competições nos permite inferir que a qualquer momento um novo deslocamento lhe seja proposto, um novo caminho seja aberto pelas circunstâncias e interações proporcionadas pelos jogos da vida, mesmo nesses regimes profissionais supostamente mais objetivados e calculistas.

Alguns minutos depois do diálogo travado com o fotógrafo, acima relatado, Nescau recebeu a bola um pouco atrás da linha do meio de campo e, percebendo o goleiro adversário adiantado, desistiu do contra-ataque e tentou um lance inusitado e difícil de ser concretizado: um chute desde a linha que divide o campo, na tentativa de encobrir o goleiro. O lance foi plasticamente muito bonito e arrojado. A bola parecia tomar o rumo certo e só não morreu no fundo das redes porque foi antes desviada pelas mãos do jovem arqueiro e colocada para escanteio. Naquele exato momento vi Nescau lamentar-se profundamente com aquele “quase golaço” e seus companheiros de equipe, em campo e no banco de reservas, aplaudiram e incentivaram a tentativa de modo

bastante efusivo; a torcida presente ao estádio vibrou e gritos foram ouvidos, o que tornou o lance ainda mais emocionante; e o agente, sentado nas arquibancadas, sacou o telefone celular do bolso e passou a fazer anotações, muito provavelmente algo relacionado com a qualidade e ousadia exibida pelo jovem futebolista, seu alvo de interesse naquele dia.

Em outro exemplo, trazemos uma comparação entre dois cenários, quais sejam, a base e o profissional. Quando Lucas fez um grande gol durante uma partida (o atacante do São Paulo FC à época²⁰⁰ recebeu a bola um pouco à frente da linha do meio de campo, carregou-a por alguns metros, driblou três adversários em progressão ao gol e, antes que o quarto lhe alcançasse, bateu forte, no alto, sem chances para o goleiro, que apenas esboçou uma reação²⁰¹) ele assim o justificou: “Fui passando e quando vi o goleiro, chutei. O que importa é a vitória, o empenho, a superação. É complicado explicar o que passa na cabeça, é um dom de Deus. Vem na cabeça e o corpo responde²⁰²”.

Agora passemos a outro cenário, digamos, a outro estágio: numa típica manhã de final de março em Itaguaí-RJ, garotos da equipe juvenil do Vasco da Gama corriam atrás da bola num treinamento coletivo. Em determinado momento, o já apresentado atacante Daniel Pessoa, então artilheiro do Campeonato Estadual da categoria, recebeu a bola de costas para o gol, girou rápido sob a marcação e arriscou um chute de média distância. A jogada foi esteticamente bonita e, na teoria (do futebol), ele fez tudo certo, ou quase tudo: com o corpo ereto e bem postado, anteviu o lance, já sabendo o que faria assim que a bola lhe chegasse aos pés, junto com a marcação; efetuou a finta com perfeição e – tudo isso com um só toque na bola – arrumou o corpo para o chute; o disparo saiu forte, “em cheio”, como se diz, e ainda quicou à frente do goleiro, o que dificultou ainda mais a defesa pela alteração de altura, direção e força sofrida pela bola com o impacto no chão; mas como o artefato não tomou a direção do canto da meta, local mais difícil para a defesa, foi agarrada pelo companheiro. O gol não saiu, mas tão logo terminada a jogada, ouviu-se o treinador Tornado gritar de longe: “Que coisa linda, garoto!” Essa foi a jogada mais elogiada em todo o treinamento daquele dia.

²⁰⁰ Lucas defendeu o São Paulo FC entre 2009 e 2012, do juvenil ao profissional. Desde janeiro de 2013 atua no clube francês Paris Saint-Germain (PSG). Sua transferência registrou o pagamento de cerca de R\$ 110 milhões.

²⁰¹ Oeste FC 2 x 3 São Paulo FC, jogo realizado em Presidente Prudente pelo Campeonato Paulista da série A1, em janeiro de 2012.

²⁰² Declaração dada à imprensa esportiva após a partida. Grifos meus.

Nos dois casos descritos, podemos identificar a existência de uma noção cara aos fenômenos esportivos e um de nossos objetos de estudo: o dom de se jogar. Trata-se de dom ou de trabalho? Esta pergunta traz uma necessidade: para respondê-la é preciso notar que este dom não apresenta as mesmas características nos dois cenários. No primeiro, Lucas justifica uma bela jogada e um bonito gol a uma graça tomada por divina, algo sobrenatural e lhe outorgado de fora e que lhe foi destinado e recebido quando nasceu. Ele não pensou em fazer a jogada; ela simplesmente aconteceu, como se algo o tivesse levado a carregar a bola com desenvoltura e volúpia incomum aos seus adversários e a passar por eles com certa facilidade, arrematando-a no final, colocando-a bem longe do alcance do goleiro. Já no segundo, o jovem Daniel, ainda aspirante à futebolista profissional, demonstrou boa capacidade para o exercício deste esporte, algo trabalhado diariamente e naquele contexto tomado como um experimento fruto dos treinamentos. No lance descrito não houve graça divina, mas muito suor, força e técnica empregada na jogada, mesmo que seu desfecho não tenha sido ideal. O elogio do treinador atesta tamanho esforço, reconhecendo a dimensão mais objetiva ali executada.

Ainda que pese a diferença descomunal entre os dois cenários – a saber, Lucas já era profissional e atuava por um dos maiores clubes do futebol brasileiro, além de receber mais de R\$ 100 mil mensais somente em salários e Daniel, com dezesseis anos de idade, ainda um amador no esporte que apenas treinava naquele dia, também num grande clube brasileiro – ambos demonstram a presença, ou a posse do dom futebolístico. Como apontou Damo (Idem; 2008), os jogadores de futebol parecem deter dois tipos de dons, e cada um é acionado ou colocado em prática sob diferentes pontos de vista. O dom/dádiva é uma representação nativa e de outra ordem que não natural, seria algo inato e herdado pelo jogador, qualidade que nasce com ele, que “está dentro de você”, para utilizar uma expressão de Wacquant (2002). O dom/talento está atrelado a algo adquirido ao longo da vida do atleta e desenvolvido durante toda sua carreira. A ele se agregam outras noções, como *habitus*, capital futebolístico e técnica, e esse termo é mais utilizado pelos profissionais formadores de jovens jogadores de futebol. Como mostra o pequeno excerto acima, Daniel e todos os seus companheiros repetem chutes, passes, piques e lançamentos todos os dias e, ao final de suas carreiras amadoras, deixarão para trás o período de aprendizado e atingirão o nível profissional, onde seu dom será possivelmente reconhecido e valorizado, o que ainda não acontece, pelo menos não da forma como poderia ser.

O que quisemos apresentar nestas linhas trata o dom futebolístico de modo a se distanciar um pouco desta visão²⁰³. É preciso reconhecer a importância e a presença da noção de talento e dádiva no meio futebolístico, amador e profissional, tão usados, mas aqui elas se apresentam de forma mais diluída. Explico: propusemos alhures²⁰⁴ que o dom futebolístico pode se mostrar de modo multifacetado e agregado a três noções diferentes: a noção de talento, que se prestaria ao “algo”, “jeito”, “coisa a mais” que um jovem precisa ter para se tornar um futebolista profissional e que seria arraigado por diferentes capitais, sobretudo futebolísticos e simbólicos, e pela técnica e destreza exibidas; a noção de valor, que surge pela associação entre o talento e a valorização buscada, principalmente, pela *entourage* do futebolista (familiares, amigos e agentes); e a noção de carisma, que seria uma legitimidade mais intangível e difícil de ser medida, mas facilmente verificada na figura pessoal dos futebolistas. Nesta etnografia, no entanto, observamos um quadro no qual o dom é acionado de diferentes perspectivas, por diferentes interlocutores – família, agentes, dirigentes de clubes, treinadores, especialistas e os próprios atletas – em diferentes momentos. Não se trata de se separar o dom/dádiva e o dom/talento. Não se pode dizer que alguns atores falam somente em dádiva ou em presente de Deus e outros somente em talento, capacidade técnica e habilidade. O dom parece responder também por uma fluidez e, por isso mesmo, difícil traçar ou estabilizá-lo a partir de uma única demanda, identificando-o aqui e ali. Tarefa difícil descrevê-lo, mas não encontrá-lo: “*the gift (...) does not merely represent social relations, it constitutes them; it is the social relation*”²⁰⁵ (Lambek, 2013: 147).

O que se viu em campos pelo Brasil e pela América do Sul nos leva a interpretar esta representação de acordo com o transcurso de seus detentores à medida que suas vidas correm. Não se trata, portanto, de um atributo técnico ou de uma graça recebida de alguma entidade cosmológica, apenas, mas, no limite, da própria história de vida dos jogadores. Evidentemente, surgem aqui e acolá variadas interpretações sobre este fenômeno, por todos aqueles que estão, de alguma forma, envolvidos, que tem ou tiveram, em algum momento de suas vidas e em maior ou menor intensidade, “contato” com o dom de um jogador de futebol. Desde um inicial processo de troca podem emergir novas formas de transferência exatamente porque se observa também mudanças

²⁰³ Distanciamos-nos, também, da visão proposta por Godelier (2001) e Gíglío, Morato, Stuchi e Almeida (2008).

²⁰⁴ Para mais detalhes, ver Palmiéri (Idem).

²⁰⁵ Em tradução livre: “O dom (...) não é meramente representação social, ele a constitui; ele é a relação social”.

no meio social daqueles que estão ali mobilizados. O que quero dizer é que a noção de dom no futebol é construída aos poucos, desde que o praticante começa a jogar futebol, seja lá onde for, até que isso o leve ao nível profissional – e é sobre este possível fim que nos debruçamos a observar. Neste percurso, muitas coisas acontecem, muitos “acazos” interpõem práticas contíguas e o dom “sofre” transformações e interpretações variadas, é visto de outros modos, é “transvisto”, reinterpretado e vai sendo moldado por todo o caminho, de diferentes maneiras, na interação com diferentes atores, o que resulta em diferentes relações.

De fato, procuramos mostrar aqui que o dom futebolístico, por vezes tido como uma propriedade, tem a potência de alterar a forma com que as pessoas o interpretam: “*its value shifts*”²⁰⁶ (Graeber, 2001: 41). O próprio parentesco pode servir como base para entendermos, por exemplo, como algo circula em transações e é dividido entre o círculo social de diferentes maneiras, desde que estejamos atentos à variabilidade que os conceitos como afinidade e consanguinidade podem tomar em determinados grupos sociais (Widlok, 2013). Lembremo-nos da frase dita por Carlinhos, pai de Matheus Índio: “É, eu já gastei sola de sapato com esse moleque”. Tal prática indica pensarmos em outra economia que não a que rege o mercado. Diz Bourdieu, sobre certa economia do dom:

“A economia do dom, ao contrário da economia do “toma lá, dá cá”, baseia-se em uma denegação do econômico (em sentido estrito), em uma recusa da lógica da maximização do lucro econômico, isto é, do espírito de cálculo e da busca exclusiva do interesse material (por oposição ao simbólico), que está inscrito na objetividade das instituições e nas disposições. Ela se organiza visando a acumulação do capital simbólico (como capital de reconhecimento, honra, nobreza etc.), que se efetua, sobretudo, através da transmutação do capital econômico realizada pela alquimia das trocas simbólicas (trocas de dons, de palavras, de desafios e réplicas, de mulheres etc.), e que só é acessível a agentes com disposições adaptadas à lógica do “desinteresse” (disposições que podem encontrar sua realização no “sacrifício supremo”, aquele que consiste em “dar a própria vida”, em preferir a morte à desonra — “é melhor morrer do que...” — ou, no contexto do Estado moderno, em “morrer pela pátria”) (Bourdieu, 1996b).

Para concluirmos, fiquemos com outra breve citação de Graeber que indica como devemos enxergar algumas das relações sociais tratadas neste trabalho: “*I think we have to place ourselves back in that original traditions: one that understands human*

²⁰⁶ Em tradução livre: “Seu valor é alterado”.

*beings as projects of mutual creation, value as the way such projects become meaningful to the actors, and the worlds we inhabit as emerging from those projects rather than the other way around*²⁰⁷” (Graeber, 2013: 238).

É dizer que precisamos nos atentar para o universo que é criado pelos nossos nativos e de que modo eles significam esse mundo, já que é daí que as relações vão se tramam continuamente não visando um tecido previamente concebido ou representado necessariamente mas, simplesmente, tramado. Um futebolista de base, ao apreender as técnicas necessárias ao desenvolvimento dentro deste esporte está na prática a “transver” seu mundo. O neologismo “transver” é aqui mobilizado com o seguinte significado: “transver” significa ver além ou empreender um olhar subjetivo, que passa de través ou obliquamente. Nem sempre é possível enxergar tudo aquilo que se apresenta e em alguns momentos, precisamos alterar o foco ou mesmo buscar os demais sentidos na tentativa de absorver algo que nos aparece. Como indica Bateson, nem sempre os processos podem ser apreendidos, mas apenas o produto final. É por este motivo que proponho pensar que futebolistas de base “transveem” o mundo em muitos momentos quando em campo. No limite, é a partir deste processo, digo desta ação, que se repetem incontáveis vezes durante toda sua vida como futebolista de base, que galgam espaços movimentando-se por entre as categorias em busca do profissionalismo. Por este caminho vão surgindo interpretações sobre seus feitos e eles vão agregando mais e mais relações, pessoas, conhecimento e capacidade. Assim eles crescem ao mesmo tempo que se fazem.

Considerações Finais

Todo esse processo de formação de jogadores, toda essa movimentação de milhares de jovens por entre as categorias em direção ao profissionalismo parece ser influenciada, como vimos, por esferas ou instâncias maiores e mais intangíveis, subjetivamente inalcançáveis. Como já analisado alhures (Elias e Dunning, Idem; Tilly, 1996; Hobsbawm e Ranger, 1997) o surgimento dos esportes modernos, futebol como conhecemos hoje incluso, se deu em meados do século XIX muito ligado à

²⁰⁷ Em tradução livre: “Eu penso que devemos nos colocar de volta naquela tradição original: a de que entende os seres humanos como sendo projetos de mútua criação, valor como forma de que esses projetos tenham significado aos atores, e os mundos que habitamos como surgindo desses projetos ao invés de outros lugares”.

consolidação do Estado-Nação. Assim, é lógico considerar que o futebol que vemos e inflamos nos dias de hoje é um esporte tido como de alto nível e fortemente controlado pelos braços do Estado. Do que tentamos mostrar nesta tese, essa assertiva não se encaixa completamente ao que foi visto em campo.

Vejam os mais um exemplo que parece estar muito distante de nossa análise – o futebol na Amazônia peruana – mas que nos ajudará na elucidação do quadro proposto. De acordo com Walker (2013), em “*State of Play: the political ontology of sport in Amazonian Peru*”, a capacidade mais interessante e importante que o futebol tem é a de transformar a universal propensão humana para o jogo em um sistema de regras e prescrições formais que, concomitantemente, facilitaria a apropriação e o redirecionamento da energia das pessoas pelo Estado. Assim, “*the State is less an apparatus than a set of practices and processes that create new spaces for the exercise of power*”²⁰⁸, (Idem: 384). Tais efeitos incluem práticas como a produção de novos limites e jurisdições de acordo com atores mais individualizados ou subjetivados, todos moldados em um público indiferenciado, ou seja, são vistos como parte de um mesmo estrato. De acordo com esta visão, o autor propõe pensarmos o futebol na Amazônia peruana como instrumento de transformação da ontologia política local. Entre os Urarina²⁰⁹, diz ele, temos uma sociedade que se caracteriza por apresentar suas identidades como individuais e processuais ao invés de coletivas e categóricas. A ênfase da vida social, assim, está no informal e na intimidade e não nas regras e na obediência. O futebol entre os Urarina segue exatamente tais pressupostos por ser jogado sempre depois do dia de trabalho, descalços e a contagem dos gols é sempre realizada por diferença, deixando de lado o placar total. O ambiente amazônico também confere clima peculiar ao jogo. Além disso, não há coordenação tática como normalmente conhecemos, tampouco diferenciação entre os setores do time (defesa, meio de campo e ataque), o que dá a impressão de que os jogadores parecem atuar de modo autossuficiente, aproximando-se do seu modo de conduzir-se politicamente.

O autor então relata o que viu em uma situação específica, num campeonato que envolveu alguns povoados de distintos vilarejos da região e que se distanciou, e muito,

²⁰⁸ Em tradução livre: “o Estado é menos um aparato do que um conjunto de práticas e processos que cria novos espaços para o exercício do poder”.

²⁰⁹ Urarina é um povo ameríndio habitante de uma região amazônica do Peru denominada Loreto (a maior em território, com terras baixas, fronteira com Equador, Colômbia e Brasil – pelos estados do Amazonas e Acre). Estão localizados no norte do país, entre os rios Chambira, Urituyacu e Corrientes.

da prática cotidiana que ele vivenciou entre seus nativos: foi organizado pelo Estado peruano, a língua oficial foi o espanhol e as regras seguidas e a dedicação demonstradas em campo pelas equipes tornou o jogo muito diferente do que foi visto entre seus nativos.

O futebol entre os Urarina, numa primeira instância, apresenta-se como um rito (“*play*”), tendo a dança como epítome, sendo livre e não tão refém de regras – por exemplo, não há um fim pré-determinado: os jogos podem começar e terminar influenciados, por exemplo, pela luz do dia ou pelo cansaço físico dos praticantes. Numa segunda instância, este futebol assume outras características, aproximando-se mesmo de um jogo (“*game*”), ou seja, regado e controlado pelos braços do Estado, como mostrado no torneio envolvendo diferentes vilarejos: “*virtually everywhere, there is a tendency for ‘play’ to turn into ‘game’ and ‘game’ into ‘spectacle’, allowing the energy and vitality of youth to be appropriated by others, yoking them to a political project*”²¹⁰, (Ibidem: 395).

Se entre os Urarina o futebol foi visto controlado por distintas óticas, assim nos parece ocorrer também com o futebol de base no Brasil. Como dissemos na introdução desta tese, o futebol de base parece ser controlado, também, por lógicas outras que não somente àquelas que gravitam em torno do Estado. Evidentemente, não foge completamente a esse controle, mas muito do que lhe dá forma e entendimento procede dessa maneira. O futebol é um esporte há tempos racionalizado, medido e metrificado, controlado de acordo com práticas esquadrihadas e racionalizadas. Seria uma espécie de “espaço estriado”, para utilizar uma expressão de Deleuze e Guattari (1997). A prática, no entanto, se mostra como um estrato que mais se assemelha ao “espaço liso”, na medida em que, no primeiro caso, mede-se o lugar a fim de ocupá-lo, mas, no segundo, ocupa-se sem medi-lo. Seria algo mais permissível, então. No geral, muitos trabalhos que se dedicaram a analisar o futebol até agora o fizeram, assim nos parece, de modo a medir o espaço e somente depois preenchê-lo²¹¹: como não pensar assim quando vemos análises táticas, posicionamento dos jogadores em campo, preparação física rigorosamente controlada, estudo de regras e etc. Proponho outra via, qual seja, observar

²¹⁰ Em tradução livre: “Virtualmente em qualquer lugar, há uma tendência para que o ‘rito’ se transforme em ‘jogo’ e o ‘jogo’ em ‘espetáculo’, permitindo que energia e vitalidade de jovens sejam apropriadas por outros, prendendo-os a um projeto político”.

²¹¹ Cito aqui Saldanha (1971), Guedes (1977), Araújo (1980), DaMatta & Allii (1982), Giulianotti (2002), Ruggi (2009), Giulianotti (2002), Toledo (2002), Galeano (2004), Paoli (2007), Melo (2010), Thiengo (2011), Correia (2013) e Paula (2013).

como o espaço é ocupado de forma livre para tomá-lo da maneira que apetece às forças e, dessa maneira, indicar que as duas lógicas, na verdade, se sobrepõem e coexistem. O próprio capitalismo indica que os processos assim podem funcionar, ou seja, fora dos laços do Estado: “dir-se-ia que o capitalismo desenvolve uma ordem econômica que poderia passar sem o Estado” (Deleuze e Guattari, Idem: 152).

As práticas recorrentes muitas vezes fogem completamente a este controle estatal. Mesmo que tenhamos leis e regulamentações jurídico-legais inerentes ao cotidiano de clubes e atletas, vemos que a prática se dá bem longe deste controle, como o tal “acordo de cavalheiros” realizados por clubes brasileiros em meados de 2012²¹². Foi feito porque há um vazio legal que permite que clubes tomem de outros atletas que ainda estão sem vínculo ou estão com vínculo, mas um vínculo baseado na palavra e não na lei. Estão sem vínculo exatamente porque o futebol de base existe antes deste vínculo: antes dos dezesseis anos de idade – a *maioridade futebolística* – já existem milhares de futebolistas que estão a percorrer clubes e estádios, campeonatos e treinamentos, testes e peneiras; já existem agentes a procurá-los e propor-lhes acordos, já existem familiares que os acompanham, apoiam e inflamam o caminhar neste universo. Caminhos já existem e já estão sendo trilhados, portanto.

Há controles de outras ordens que não o legal, jurídico e estatal. E para que possamos entender estes controles e como esse futebol funciona, precisamos mudar o foco da análise. Diz Foucault:

“Em vez de orientar a pesquisa sobre o poder para o âmbito do edifício jurídico da soberania, para o âmbito dos aparelhos de Estado, para o âmbito das ideologias que o acompanham, creio que se deve orientar a análise do poder para o âmbito da dominação (e não da soberania), para o âmbito dos operadores materiais, para o âmbito das formas de sujeição, para o âmbito das conexões e utilizações dos sistemas locais dessa sujeição e para o âmbito, enfim, dos dispositivos de saber” (Foucault, 2005: 40).

A configuração deste poder, assim, pode dar vida a uns ou então deixar outros morrerem, ainda que indivíduos sejam detentores, a princípio, de outros poderes que mais ou menos os ajudam a caminhar neste universo. Basta lembrarmos aqui da história

²¹² Apresentado na introdução desta tese.

contada no preâmbulo: o garoto William nem ao menos teve a chance de mostrar se era ou não capaz de seguir sua caminhada pelo futebol de base. Também precisamos nos atentar para a fragilidade das legislações esportivas, ora aplicadas, ora não, principalmente no que diz respeito aos direitos de crianças e adolescentes no sistema futebolístico e os deveres de clubes quando cuidam de e lidam com garotos tão jovens. As histórias contadas na seção que trata do *acaso* também nos mostraram como as coisas de fato acontecem na vida real do futebol de base. A metodologia utilizada pelos *scouts* durante competições oficiais elucida como são subjetivos os fatores analisados e como muitas vezes os atletas observados e que correm pelo gramado estão sujeitos a certa boa vontade que lhes passa muito longe. E, para finalizar o argumento, os processos de aprendizagem da prática futebolística muitas vezes não estão de acordo com a ótica racional empregada em clubes de futebol: em muitos momentos é preciso improvisação, adequação e apreensão de uma lógica outra que passaria por uma capacidade de “transver” o mundo, de subjetivar e sensibilizar o universo a que são apresentados.

Seguimos com os argumentos de Foucault:

“Dever-se-ia tentar estudar o poder não a partir dos termos primitivos da relação, mas a partir da própria relação na medida em que ela é que determina os elementos sobre os quais incide: em vez de perguntar a sujeitos ideais o que puderam ceder de si mesmos ou de seus poderes para deixar-se sujeitar, deve-se investigar como as relações de sujeição podem fabricar sujeitos (...) Enfim, em vez de conceder um privilégio à lei como manifestação de poder, é preferível tentar localizar as diferentes técnicas de coerção por ele empregadas” (Ibidem: 319-320).

Tendo no futebol de base um cenário que coloca juntos clubes de tamanhos diferentes, que apresentam distintas configurações com relação a arregimentar pessoas ao seu redor e que “fazem” futebol de diversas maneiras, seguindo métodos que os distanciam uns dos outros, como mostramos aqui, o futebol de base é influenciado, de maneira geral, por diferentes lógicas que se sobrepõem. Na prática, somente uma delas é vista, a do Estado, a do regulamento que parece ser onipresente. Da parte que nos cabe, aqui, temos então uma breve percepção sobre como tem se construído, ao menos em parte, o futebol de base no Brasil entre os anos 2010-2014, suas lógicas de

funcionamento e, a partir disso, como se dão alguns dos processos gerais de formação de jovens futebolistas.

Procurou-se aproximar-se de uma concepção baseada muito mais numa “ecologia esportiva”, ou seja, aquela que busca analisar a interação entre os organismos que são observados e/ou com seu ambiente. Trata-se de um trabalho, portanto, com jovens futebolistas e sobre jovens futebolistas e que precisou se deslocar a todo momento: seja na perseguição aos interlocutores e sua já referida perspectiva de movimentação pelo futebol de base, seja nos dois campos realizados – o próprio campo etnográfico e o escritório. A dificuldade residiu, como bem já apontou Strathern (1999), em espelhá-los e fazê-los conversar. Se consegui, o que aqui foi expresso diz respeito exatamente à junção daquilo que foi observado no momento da observação e que ainda não eram informações, ou ao menos não tinham este sentido àquela altura. Aproximar esses dois campos, quem sabe sobrepô-los, indica que “*any ethnographic moment (...) denotes a relation between immersion and movement*”²¹³ (Idem, Ibidem: 6).

Na verdade a ideia é a de que o universo não é uno, mas subdividido em diversas superfícies onde as coisas acontecem. Dentro e fora de campo, procuramos descrever os acontecimentos baseados, então, no que vimos exatamente nesses lugares: falamos de técnica, de tática, de preparo físico e psicológico, de preparo e controle dos corpos e mentes e de como todo esse aparato pressupõe a existência de uma comunicação entre os atores. À medida que caminham, futebolistas vão recebendo estímulos, interagem com inúmeros outros personagens, manipulam forças e são por elas manipulados e desenvolvem práticas singulares de experiências. Dentro e fora de campo, também viu-se que estão sujeitos a ações que lhes fogem do controle, lhes escapam das rédeas e que por isso mesmo parecem problematizar as concepções de *projetos, carreira e trajetória*. Ao trazer fatores que parecem, a priori, alheios a todo o processo, propôs-se novas formas de se apreender o mundo em que vivem, junto da ideia de “experenciar” para produzir significado e, conseqüentemente, história.

Muito do que é apreendido nesses cenários futebolísticos se dá através de mecanismos subjetivos. Mais uma vez, as coisas parecem fugir a uma ótica que se mostra num primeiro momento como sendo racionalizada, otimizada e científica, cada

²¹³ Em tradução livre: “Qualquer momento etnográfico (...) denota a relação entre imersão e movimento”. O que aqui escrevo também está baseado numa palestra proferida pela Prof. Dra. Tânia Stolze Lima, intitulada “O campo e a escrita”, à convite do PPGAS-UFSCar, no dia 11/11/2013, em São Carlos.

vez mais, mesmo se levamos em consideração clubes muito pequenos e de estrutura precária. É por isso que trago a ideia de que o momento, o “se”, o “aquilo” pode sim ter importância e acabar por indicar um caminho a ser seguido. E, no deslocamento e na concomitante construção desses caminhos, interpretações vão se sobrepondo, laços vão sendo formados e histórias vão sendo contadas de diferentes maneiras, a depender de quem as opera.

As vidas dos futebolistas de base, assim, são como linhas que tem o final em aberto justamente porque aqui não se viu final já que as coisas estavam e ainda estão ocorrendo. Linhas que podem se tocar e se entrelaçar, formando nós e superfícies onde, de novo, as coisas tomam lugar. No limite, esses futebolistas crescem ao agregar elementos justamente quando percorrem os caminhos inerentes a seus mundos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA Prado, Décio. “Tempo (e espaço) no futebol”. In: **Seres, coisas, lugares. Do teatro ao futebol**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

ARAÚJO, Ricardo. B. **Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão**. Dissertação de Mestrado, PPGAS-Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro, 1980.

BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. New Jersey: Jason Aronson Inc, 1987.

_____ **Mind and Nature: a necessary unity**. New York: Bantam New Age Books, 1988.

_____ **Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas**. São Paulo: Edusp, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BITTENCOURT, Fernando G. **No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-UFSC, Florianópolis, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. (coord.) **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996a.

_____ Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom. In: *Mana*, Vol.2, N.2, Rio de Janeiro, 1996b.

_____ **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Londres: Cambridge University Press, 2003.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Cultura com asas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

COELHO, Paulo. V. **Bola fora: a história do êxodo do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2009.

CORNELSEN, Elcio. “**Futebol de prosa**” e “**futebol de poesia**”: a “**linguagem do futebol**” segundo Pasolini. Belo Horizonte: Caligrama, 2006.

CORREIA, Carlos A. J. **A bola entre as canetas**: trajetória e projeto em relatos orais de jovens atletas do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, PPGE-UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

COSTA, Carlos. E. **Vida Universitária: política, esportes e festas**. Uma análise antropológica da sociabilidade estudantil contemporânea. Dissertação de mestrado-PPGAS-UFSCar, São Carlos, 2007.

_____ **Ikindene Hekugu**: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu. Tese de Doutorado, PPGAS-UFSCar, São Carlos, 2013.

DA MATTA, Roberto (Org). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei. **Do Dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed. Anpocs, 2007.

_____ 2008. “Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.23, n.66, São Paulo.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 1992.

_____ **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE & GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vols. 1,2. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____ **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vols. 4,5. São Paulo: Editora 34, 1997.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FLORENZANO, José P. **Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro**. São Paulo: Musa Editora, 1998.

- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____ **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____ **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____ **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____ **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L& PM, 2004.
- GELL, Alfred. **Art and Agency: an anthropological theory**. New York: Oxford University Press, 1998.
- _____ **The Art of Anthropology: essays and diagrams**. London: The Athlone, 1999.
- GIBSON, Owen. Atmosphere and fan's role in Premier League games becoming a concern. **The Guardian**, Londres, 16-11-2013.
- GÍGLIO, Sérgio, MORATO, Márcio; STUCCHI, Sérgio; ALMEIDA, José J.G. “**O dom de jogar bola**”. In: *Horizontes Antropológicos*, vol.14, n.30, Porto Alegre, jul/dec, 2008.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GODELIER, Maurice. **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GOLDMAN, Marcio. **Alguma Antropologia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- GRAEBER, David. **Toward an Anthropological Theory of Value: the false coin of our dreams**. New York: Palgrave, 2001.
- _____ **It is value that brings universes into being**. In: *Hau: Journal of Ethnographic Theory* 3, 2013.
- GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.
- _____ **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed.34, 1992.

GUEDES, Simone. **O futebol brasileiro. Instituição Zero.** Dissertação de Mestrado, PPGAS-Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.

HANNERZ, Ulf. “**Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**”. In: *Mana*, vol.3, n.1 abr. Rio de Janeiro, 2007.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o problema do ser – O caminho do Campo.** São Paulo: Livraria duas cidades, 1969.

_____ **Ser e Tempo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge & LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria.** Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HORNBY, Nick. **Febre de bola.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.** São Paulo: Perspectiva, 1993 [1938].

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill.** New York: Routledge, 2000.

_____ **Lines: a brief history.** New York: Routledge, 2007.

_____ **Being Alive: essays on movement, knowledge and description.** New York: Routledge, 2011.

_____ 2012. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, pp. 25-44, jan/jun.

_____ 2013. “Making, Growing, Learning”. In: *Educação em Revista*, vol.29, n.3, *Belo Horizonte*.

_____ 2009. INGOLD, Tim. Lines: a brief history. New York: Routledge, 2007. Resenha de TEIXEIRA, R.H. In: *Horizontes Antropológicos vol.15, n.31, Porto Alegre, jan/jun 2009*.

KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue” Um encontro com Donna Haraway. In: **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LAMBEK, Michael. **The value of (performative) acts.** In: *Hau: Journal of Ethnographic Theory* 3, 2013.

LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997 [1979].

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultura, 1985.

_____ **A Antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LUZURIAGA, Juan C. **El Football del Novecientos: orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay (1875-1915)**. Montevideú: Ediciones Santillana/Fundación Itaú, 2009.

MACHADO, Igor J. R. *Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o “parente ausente” no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares*. Goiânia, Paper apresentado na ABA, 2006.

_____ (Org) **Valadares em Família: experiências etnográficas e deslocamentos**. Brasília: ABA, 2014.

MAGNANI, JOSÉ G. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca. (orgs.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**, 2000.

MARCUS, George. **Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final no século XX ao nível mundial**. Revista de Antropologia. São Paulo: FFLCH-USP, v.34, 1991.

_____ **Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography**. In: *Annual Review of Anthropology, Palo Alto, California, vol.24, pp. 95-117*, 1995.

_____ **Experimental forms for the expression of norms in the ethnography of the contemporary**. In: *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 3, 2013.

MAUSS, Marcel. **Manual de Etnografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

_____ A Expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos, 1921). In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2001, pp.325-333.

_____ **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____ “Dom, contrato, troca”. In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MELO, Leonardo B.S. **Formação e Escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, PPGEF-UGF, Rio de Janeiro, 2010.

- MENESES, Juan Pablo. **Niños Futbolistas**. Barcelona: Blackie Books, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PALMIERI, Júlio C. J. **Quanto vale um talento? Uma análise antropológica sobre a valorização e circulação dos jogadores de futebol profissional no mercado esportivo**. Dissertação de mestrado, PPGAS-UFSCar, São Carlos, 2009.
- PAOLI, Próspero B. *Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos*. Tese de Doutorado, PPGEF-UGF, Rio de Janeiro, 2007.
- PAULA, Márcio A. **Acaso, destino e revelação: um estudo sobre circulação, projetos familiares e trajetórias na formação de jogadores de futebol**. Dissertação de Mestrado, PPGAS-UnB, Brasília, 2013.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- _____. Antropologia no Brasil (Alteridade Contextualizada). In: MICELI, Sérgio (org), **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**, vol. 1, Antropologia. São Paulo: Editora Sumaré (Anpocs), 1999.
- PERARNAU, Martí. **Herr Pep**. Barcelona: Córner, 2014.
- PINHEIRO FILHO, Fernando. **A mente do Todo: o encontro da sociologia Durkheimiana com a questão do tempo**. ANPOCS: Mimeo, 1996.
- PISTRICK, Eckehard & ISNART, Cyrill. Landscapes, soundscapes, mindscapes: introduction. **Etnográfica** (revista do Centro de Rede de Investigação em Antropologia), vol.17 (3), pp.503-513, 2013. Disponível em <<http://etnografica.revues.org/3213>>
- REYES, Andrés. **El próprio fútbol uruguayo**. Montevideo: Palabrasanta, 2002.
- RIAL, Carmem. 2003. **Jogadores Brasileiros na Espanha: emigrantes, porém...** Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, v. LXI, p. 163-190.
- _____. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. In: *Horizontes Antropológicos*. Vol.14, no.30, Porto Alegre, 2008.
- _____. “Porque todos os rebeldes” falam português: a circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje”. In: CARMO, Renato Miguel e SIMÕES, José Alberto (org). **A produção das Mobilidades - Redes, Espacialidades e Trajectos**. Lisboa, ICS. pp.203-224, 2009.

RUGGI, Lenita O. **Sonhos em Campo: transferências internacionais de futebolistas brasileiros**. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra (Portugal), Coimbra, 2009.

SAHLINS, Marshall. **Esperando Foucault, ainda**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SALDANHA, João. **O Futebol**. Rio de Janeiro: Bloch Editores AS, 1971.

SANTOS, Claudemir. J. **Futebol se aprende na escola: novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano**. Dissertação de Mestrado, PPGCSO-UFSCar, São Carlos, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein (Trad). São Paulo: Cultrix, 1995.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2007.

SILVA, Regina Coeli Machado. 2011. “**A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?**”. In: *Horizontes Antropológicos*, vol,17, n.35, Porto Alegre, jan-jun, 2013.

SILVANO, Filomena. **José e Jacinta nem sempre vivem nos mesmos lugares: reflexões em torno de uma experiência de etnografia multi-situada**. Lisboa: Cosmos, pp. 53-79, 2002.

_____ **Antropologia do Espaço**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana**. Tese de Doutorado, PPGAS-USP, São Paulo, 2014.

STEIL, Carlos A. & CARVALHO, Isabel C.M. (Orgs.) **Cultura, Percepção e Ambiente: diálogos com Tim Ingold**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

STRATHERN, Marilyn. **Property, subsance and effect: anthropological essays on persons and things**. New Jersey: The Athlone Press, 1999.

_____ **O Efeito Etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: CosacNaify, 2014.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

THIENGO, Carlos R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências de Rio Claro-UNESP, Rio Claro, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

_____. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique & COSTA, Carlos Eduardo (Orgs.) **Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome/FAPESP, 2009.

VASCONCELLOS, Jorge (Org). **Recados da bola: depoimentos de doze mestres do futebol brasileiro**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Edições 70, 1987.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003a.

VELHO, Otávio. & KUSCHNIR, Karina. (Orgs). **Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003b.

VERÍSSIMO, Luis F. **Em algum lugar do paraíso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

WACQUANT, Loic. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WALKER, Harry. **State of play: the political ontology of sport in Amazonian Peru**. In: *American Ethnologist*, vol. 40, n.2, pp. 382-398 (ISSN:0094-0496; online ISSN: 1548-1425), 2013.

WIDLOK, Thomas. **Sharing: allowing others to take what is valued**. In: *Hau: The Journal of Ethnographic Theory* 3, 2013.

WISNIK, José M. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

